**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

DOUGLAS DE OLIVEIRA CALIXTO

Memes na internet:

Entrelaçamentos entre Educomunicação, cibercultura e a ‘zoeira’ de estudantes
nas redes sociais

**São Paulo
2017**

DOUGLAS DE OLIVEIRA CALIXTO

Memes na internet:

Entrelaçamentos entre Educomunicação, cibercultura e a ‘zoeira’ de estudantes nas redes sociais

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação.

Área de concentração: Interfaces Sociais da Comunicação.

Linha de Pesquisa: Comunicação e Educação.

Orientação: Prof. Dr. Adilson Odair Citelli

**São Paulo
2017**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Calixto, Douglas de Oliveira

Memes na internet: Entrelaçamentos entre Educomunicação, cibercultura e a 'zoeira' de estudantes nas redes sociais / Douglas de Oliveira Calixto. -- São Paulo: D. O. Calixto, 2017.

233 p.: il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Orientador: Adilson Odair Citelli

Bibliografia

1. Memes 2. cibercultura 3. Educomunicação 4. comunicação 5. educação I. Citelli, Adilson Odair II. Título.

CDD 21.ed. - 302.2

CALIXTO, Douglas O. **Memes na internet:** entrelaçamentos entre Educomunicação, cibercultura e a 'zoeira' de estudantes nas redes sociais. Dissertação apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação, 2017.

Aprovado em: ____/____/____

Banca examinadora.

Prof. Dr. Adilson Odair Citelli, PPGCOM/ECA/USP, Orientador.

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Dedicatória

À vó Georgina Calixto (*in memoriam*),
pelas últimas palavras
que direccionou a mim:
“estuda e passa”.

Agradecimentos

Ao professor Adilson Citelli, pela parceria e orientação, mas, sobretudo, por ter me formado pesquisador. Sem a sua condução, esse trabalho não seria possível;

À profa. Dra. Gisela Castro e ao Professor Claudemir Viana, pelo debate e orientações, na banca de qualificação, que me permitiram um novo olhar sobre o objeto de pesquisa;

Ao CNPq, pelo apoio financeiro com a concessão da bolsa de mestrado;

À profa. Dra. Cristina Costa, pelo apoio durante o período de realização do PAE;

Aos amigos e às amigas do grupo de estudo Comunicação e Educação: Adilson Citelli, nosso coordenador, Sandra Falcão, Eliana Nagamini, Ana Luisa Zaniboni Gomes, Helena Corazza, Michel Carvalho, Lisa Rodrigues e Suéller Costa. Muito obrigado pelo ciclo de aprendizagem e pelas calorosas discussões sobre o tema da aceleração social do tempo. E também ao amigo Rogério Pelizzari, pelas horas e horas de conversa e troca de experiências que ultrapassaram o grupo de estudo e também o âmbito acadêmico;

Ao prof. Ismar de Oliveira Soares, por me ajudar a construir uma trajetória na Educomunicação;

Ao Núcleo de Comunicação e Educação da ECA-USP, que, na presença do coordenador prof. Claudemir Viana, me possibilitou inúmeras oportunidades de crescimento e amadurecimento;

Aos professores, às professoras e aos funcionários e às funcionárias da ECA-USP, pela atenção e cuidado com o meu curso de mestrado.

Aos amigos e às amigas da ABPEducom (Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação), pela confiança ao me eleger diretor de Comunicação;

Aos professores da EMEF Julio Marcondes Salgado André Jonatas e Carolina Cuofano, pela atenção e disposição fundamentais à execução deste trabalho. E, claro, aos estudantes que participaram da pesquisa e foram peça fundamental na construção do conhecimento;

Aos amigos e às amigas, companheiros de várias jornadas, desilusões, risos e aprendizados. Não é preciso dizer nomes, pois nos encontramos com os olhares.

À equipe da Aula Pública Opera Mundi/TVT, pelo trabalho conjunto e pelos grandes momentos de comunicação livre e democrática.

À minha família que sempre acreditou no meu potencial e fez esse sonho possível: Marta, Clodoaldo, Rosângela, Rosilene, Sueli, Esther, Sérgio e Leandro, assim como os agregados desse tão carinhoso grupo. Da mesma forma que considero a dupla Guerra-Monteiro minha família;

À minha esposa Júlia Guerra Monteiro, companheira, amiga e parceira de todos os momentos. Obrigado, por tudo.

Epígrafe

E ser dialógico, para o humanismo verdadeiro,
não é dizer-se descomprometidamente dialógico;
é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é
não manipular, é não “sloganizar”. Ser dialógico é
empenhar-se na transformação constante da
realidade.

(FREIRE, 2015, p. 51)

Resumo

CALIXTO, D.O. **Memes na internet:** entrelaçamentos entre Educomunicação, cibercultura e a "zoeira" de estudantes nas redes sociais. Dissertação (Mestrado) — Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Este trabalho investigou a relação de alunos do ensino fundamental com os memes na internet. Apropriados em larga escala por crianças e adolescentes e circulando de forma intensa nas redes sociais, as montagens e remodelagens dos memes — conhecidas na linguagem digital como “zoeira” — passaram a ocupar lugar de destaque no cotidiano juvenil. A partir de pesquisa de campo realizada na Escola Municipal Julio Marcondes Salgado, zona norte da cidade de São Paulo, desenvolvemos estudo qualitativo sobre as funções dos memes — uma das principais expressões narrativas da internet —, discutindo as representações e os sentidos atribuídos pelos discentes a esses novos produtos culturais. Também apresentamos, como parte dos resultados, uma proposta de gêneros e subgêneros para categorizar como os memes se estabelecem enquanto linguagem. Com um prisma teórico articulado entre os estudos de Educomunicação, cibercultura e o cotidiano juvenil, o objetivo é discutir o que são os memes, como eles sintetizam as mudanças em trânsito na sociedade contemporânea e, consequentemente, os possíveis desdobramentos da nova realidade comunicacional no universo escolar.

Palavras chave: memes na internet, Educomunicação, cibercultura, redes sociais

Abstract

CALIXTO, D. O. **Memes in the Internet:** interlinkages between Educommunication, digital culture and the interaction of young students in social networks. Master Thesis - School of Communications and Arts of the University of São Paulo, São Paulo, 2017.

This work investigated the relationship of young students with memes in digital culture. Appropriated on a large scale by children and adolescents and circulating intensively in social networks, memes became a central element in youth routine. From a field research carried out at the Julio Marcondes Salgado Municipal School, north of the city of São Paulo (Brazil), we developed a qualitative study on the functions of memes — one of the main narrative expressions on the Internet —, discussing the representations and meanings attributed by the students for these new cultural products. We also present, as part of the results, a proposal of genres and subgenres to categorize how memes works as a language. With a theoretical prism articulated between the studies of Educommunication, cyberculture and youth culture, the objective is to discuss what memes are, how they synthesize the changes in transit in contemporary society and, consequently, the possible unfolding of this new communicational reality to the educational routine.

Keywords: memes in the internet, Educommunication, cyberculture, social networks

Lista de imagens

Imagem 1 - Meme publicado por pós-graduandos da USP.....	25
Imagem 2 - Meme de Richard Dawkins.....	45
Imagem 3 - Quadro Amor Desarmado.....	53
Imagem 4 - Meme “Meu Deus, me solta”.....	53
Imagem 5 - Meme “Fazendo prova de matemática”	54
Imagem 6 - Meme “Quantos dedos eu tenho”	54
Imagem 7 - Esquema de uma Raiz, metáfora das Redes Radiculares.....	59
Imagem 8 - Esquema de um Rizoma, metáfora das Redes Digitais.....	59
Imagem 9 - True to Size, Heather Phillipson.....	64
Imagem 10 - Meme debocha do ex-deputado federal Eduardo Cunha.....	76
Imagem 11 - Meme com o personagem “professor Girafales”	77
Imagem 12 - Declaração da Primeira Guerra Memeal.....	81
Imagem 13 - Estudante em interação com os memes durante o Encontro I.....	103
Imagem 14 - Estudantes interagem com os memes durante o Encontro I.....	124
Imagem 15 - Meme “Willy Wonka Irônico”	129
Imagem 16 - Meme selecionado pela estudante Iasmin Reis.....	142
Imagem 17 - Meme selecionado pela estudante Maria Eduarda.....	143
Imagem 18 - Meme selecionado pela estudante Letícia Almeida.....	143
Imagem 19 : Meme selecionado pela estudante Maria Rita.....	144
Imagem 20 : Meme selecionado pelo estudante Marco Cipriano.....	147
Imagem 21 : Meme selecionado pela estudante Joyce Cristina.....	148
Imagem 22 : Imagem do álbum Chico Buarque de Hollanda (1966).....	149
Imagem 23 : Meme selecionado pelo estudante Marco Cipriano.....	150

Imagem 24: Imagem selecionada pela estudante Marina Rosa.....	150
Imagem 25: Meme selecionado pela estudante Beatriz Santos	161
Imagem 26: Meme selecionado pela estudante Iasmin Reis	162
Imagem 27: Meme selecionado pela estudante Letícia Almeida.....	162
Imagem 28: Meme selecionado pela estudante Weiny Macedo.....	163
Imagem 29: Meme selecionado pela estudante Maria Eduarda.....	170
Imagem 30: Meme selecionado pelo estudante Marcos Cipriano.....	171
Imagem 31: Meme selecionado pela estudante Joyce Cristina.....	171
Imagem 32: Meme selecionado pelo estudante Gilberto Rodrigues.....	172
Imagem 33: Meme selecionado pela estudante Beatriz Santos.....	172
Imagem 34: Meme selecionado pela estudante Letícia Almeida.....	180
Imagem 35: A origem da linguagem dos memes.....	190
Imagem 36: Origem da linguagem dos memes, exemplo 2.....	190
Imagem 37: Meme selecionado no Encontro II.....	192
Imagem 38: Meme “Neymar e a Efigie representativa da República”	193
Imagem 39: Frame retirado do meme “Michel Treme”	195
Imagem 40: Meme “minha cara de Anitta”	196

Sumário

Introdução.....	1
1. Considerações Iniciais: a construção do objeto.....	5
1.1 Intencionalidade educacional.....	15
2. Objeto de pesquisa.....	17
2.1 Objetivos.....	19
2.2 Formulação do problema.....	20
2.3 Hipóteses.....	22
3. Por que memes são objeto de interesse da Educomunicação?.....	25
3.1 Mediações: a inter-relação entre comunicação e educação.....	34
3.2 A comunicação na educação.....	38
3.3 Educomunicação e os desafios atuais.....	40
4. O que são memes?.....	45
4.1 Memes são virtuais? O ciberespaço e a cibercultura.....	56
5. Memes e sociedade contemporânea.....	64
5.1 Capitalismo artista: sedução, afetos e neoliberalismo.....	66
5.2 Aceleração temporal: o terreno de circulação dos memes.....	69
6. Polegarzinhas: a cultura juvenil no contexto contemporâneo.....	81
6.1 Sociabilidades na internet.....	92
6.2 Filtro bolha e esgotamento do plural.....	97
7. Metodologia.....	103
7.1 Amostragem.....	108
7.2 Procedimentos metodológicos.....	124
7.2.1 Encontro I: o que são os memes ?.....	125
7.2.2 Encontro II: as diferenças entre os memes.....	126
7.2.3 Encontro III: Memes na roda de Conversa.....	128
8. Descrição e Interpretação dos dados.....	129
8.1 Descrição dos Encontros com os estudantes.....	130
8.2 Análise dos dados coletados nos Encontros.....	137
8.2.1 Categoria de análises e as representações.....	138
8.2.1.1 Memes do cotidiano.....	141
8.2.1.2 Memes do afetos.....	159
8.2.1.3 Memes da zoeira.....	170

8.2.1.4 Rodas de Conversa: diferenças entre os grupos.....	182
9. Proposta de categorização do gênero (e subgêneros) meme.....	186
Conclusão.....	198
Referências.....	202
Glossário comentado.....	208
Anexos.....	217
Anexo I: Termo de autorização entregue aos responsáveis.....	217
Anexo II: Formulário de hábitos de mídia – Encontro Introdutório.....	218
Anexo III: Imagens (PrintScreen) da organização no Google Drive.....	219

Introdução

Em meio a uma das mais severas crises da história, um ramo no Brasil parece não sofrer qualquer tipo de objeção na ampliação de ativos: as fábricas de memes. Pode soar como delírio ou peça de ficção, mas não é: organizados em sistemas de cooperativa, produtores de memes no país cresceram tanto nos últimos anos que alcançaram o status de “fábrica”. Como funcionam as linhas de produção?

Pessoas de diversas regiões organizam mutirões para coletar e fazer montagens e paródias sobre os mais variados assuntos. São milhares de usuários da internet produzindo diariamente memes sobre celebridades, *subcelebridades*¹ ou pessoas anônimas, atletas, animais de estimação, clássicos do cinema e da literatura, games, novelas — brasileiras e internacionais (sim, há equipes prontas para traduzir idiomas estrangeiros para o português!). Em síntese: tudo pode virar meme.

Para organizar essa produção geral, “as fábricas” estipulam horários e escalas de trabalho, promovem grupos de discussão e, sobretudo, fazem publicações sistemáticas em plataformas como Facebook, Twitter e Instagram. Tudo acontece on-line com a chancela de mediadores, que convidam novos membros e também podem expulsar maus produtores — geralmente *trollers*², especializados em prejudicar o andamento das atividades.

Reportagem da BBC Brasil³ mostra como o grupo “South America Memes - Máquina de Memes Aberta” se organiza nas redes sociais para mapear o número de compartilhamentos da página, que geralmente alcança os milhares e, algumas vezes, milhões. Eles também mobilizam patrocínios para as publicações, gerando capital e remuneração aos “operários”.

¹ Na linguagem digital, subcelebridades são sucesso absoluto de audiência, sendo objeto frequente das paródias dos memes. Na contramão de astros de *Hollywood* ou atores “globais”, subcelebridades são pessoas comuns ou artistas que não estão em evidência pública, mas que, por alguma razão — geralmente engraçada —, se tornam assunto das mensagens dos memes.

² A expressão em inglês remete a usuários da internet que se utilizam das redes sociais para prejudicar ou atrapalhar o andamento das relações. São pessoas que se organizam para interromper, falar mal de algum determinado segmento ou simplesmente irritar os demais usuários, com provocações e xingamentos. Tanto é que, na linguagem digital, “trollar” se tornou um verbo designativo para ações de avacalhamento ou “encheção de saco”.

³ Com o título “Fábrica de memes: como brasileiros profissionalizaram criação de vídeos e fotos que bombam nas redes”, reportagem do jornalista Felipe Souza da BBC Brasil discute como a indústria dos memes se consolidou no Brasil. Disponível em: <<https://goo.gl/ibewYX>>. Acesso em 30 de abril de 2017.

Claro, a comparação entre as fábricas de memes com o sistema produtivo brasileiro — que, por sua vez, no plano material, é vítima da tragédia política no país — nada mais é que uma alegoria para compreender como as redes sociais na internet passaram a ocupar lugar decisivo na contemporaneidade. Tratados em certas ocasiões como elementos rasos e triviais, os memes — o produto mais significativo das interações nas redes — se tornaram parte da cultura contemporânea, passíveis até da construção de “fábricas”.

O interesse em discutir o assunto dentro da inter-relação Comunicação e Educação se deve a uma razão central: apropriados em larga escala pelos jovens, os memes representam uma das principais expressões narrativas do ciberespaço. Conectar-se às redes sociais implica inevitavelmente se defrontar com algum tipo de montagem ou recorte memeeal. E, no Brasil, os números são expressivos: pelo menos 23 milhões de jovens interagem com as redes sociais, significando que as mensagens, as brincadeiras, provocações e as dinâmicas que circulam nas montagens e remodelagens dos memes permeiam o cotidiano de crianças e adolescentes. Logo, não apenas em “fábricas”, mas também nas escolas e no cotidiano juvenil, as dinâmicas construídas no ciberespaço se tornaram uma realidade factível. E muitos dos jovens brasileiros são, provavelmente, os “operários” da produção de memes.

Na esteira da nova realidade comunicacional, crescem indagações sobre a relação entre humanos e não-humanos e possíveis desdobramentos para o universo escolar. Até onde real e virtual se entrelaçam? É possível construir uma fábrica nas redes sociais? O que há de social nas dinâmicas dos memes? As máquinas irão substituir as relações “olho no olho”? São frequentes as questões referentes às transformações em trânsito na sociedade em razão da presença das tecnologias no cotidiano, sobretudo para o universo da educação.

O objetivo da presente dissertação é discutir tais indagações a partir de uma investigação sobre os **memes na internet**. No **entrelaçamento** de ideias e preceitos que transitam entre **Educomunicação, cibercultura** e a **cultura juvenil**, buscamos explorar como os estudantes do ensino fundamental se relacionam com as montagens e as remodelagens dos memes e as consequências ao cotidiano. Para tal, apresentaremos os resultados da pesquisa de campo realizada na Escola Municipal Julio Marcondes Salgado, na zona norte da cidade de São Paulo. No local, organizamos dois grupos de referência, formados por nove discentes integrantes do projeto educ comunicativo “Rádio JMS” e nove discentes que não participam do projeto. Buscamos compreender os significados e as representações que os estudantes atribuem aos memes.

Antes dos procedimentos metodológicos e da análise de dados, trataremos de questões teóricas relacionadas aos mecanismos de comunicação que operam no interior da sociedade contemporânea. Com esse prisma, o objetivo é situar a construção do objeto de pesquisa, passando pelas considerações iniciais até chegar às hipóteses e aos objetivos (capítulos 1 e 2). Na sequência buscamos responder por que os memes na internet são relevantes para compreender os desafios contemporâneos da Educomunicação (capítulo 3) e o que são, afinal, os memes na internet (capítulo 4). Também iremos discutir como os memes sintetizam as mudanças em trânsito na sociedade contemporânea (capítulo 5) e como a cibercultura — local de circulação dos memes — impõe novas dinâmicas à cultura juvenil (capítulo 6).

Com essa organização, teremos um aporte teórico-metodológico (a ser discutido no capítulo 7) capaz de nos orientar a etapa de apresentação e análises de dados (capítulo 8). No capítulo 9, faremos uma proposta para a criação de gêneros e subgêneros de memes. Por fim, na conclusão, apresentaremos uma síntese dos principais tópicos discutidos no decorrer do trabalho.

Um adendo: assim como as palavras *subcelebridade* e *trollers*, outras expressões típicas da linguagem digital aparecerão na dissertação. Algumas constam no dicionário da língua portuguesa e outras são criações livres ou neologismos feitos nas redes sociais. Seja como for, temos notas de rodapé capazes de esclarecer os significados e os sentidos das expressões. Da mesma forma, nos elementos pós-textuais, além das referências e dos anexos, consta um glossário ilustrado e comentado de algumas ideias que merecem melhor esclarecimento. A expectativa é que os interessados nos estudos postos na interface Comunicação e Educação possam ambientar-se com o universo temático dos memes sem delongas. Tomamos o cuidado para não prejudicar a leitura com exageros de notas feitas no rodapé. Só o fizemos quando necessário, como, por exemplo, para explicar — e contextualizar — como uma fábrica de memes pode integrar uma dissertação de mestrado.

Outro esclarecimento importante: nos últimos capítulos, apresentaremos dados e exemplos que exigem superar os limites físicos do papel. Como forma de melhor demonstrar elementos significativos ao nosso argumento, ofereceremos códigos em “QR Code” e links para que os leitores possam acessar o conteúdo por meio de computadores e/ou celulares. Ou seja, pela novidade da temática dos memes em uma pesquisa científica, em alguns momentos, será necessário esforço para abrir links e referências externas ao corpo desta dissertação. Também tomamos cuidados para que, na impossibilidade de acesso à internet, a leitura não

seja prejudicada pelo exemplo externo. Vejamos, como isso irá funcionar:

Link para acesso: <https://goo.gl/YPuLAa>

Para ler o **QR Code** acima, basta ter no celular um aplicativo de leitura desse tipo de código. Há diversas opções para download no Google Play ou na Apple Store⁴. Na impossibilidade de acesso via QR Code, basta digitar o **link para acesso** no navegador (Internet Explorer, Mozilla Firefox ou Google Chrome, por exemplo). Para todos os efeitos, o meme apresentado acima não tem qualquer vínculo com a pesquisa e cumpre, apenas, a função de exemplificar como a dinâmica de imagens externas à dissertação será apresentada.

Concluídos os esclarecimentos, iniciamos os trabalhos com o processo de construção do nosso objeto. Torcemos para que, com as análises e as conclusões da pesquisa, possamos oferecer um contributo aos interessados no tema dos memes na internet e também para aqueles que buscam referências sobre Educomunicação e cibercultura.

⁴ Para os que não estão habituados ao QR Code, basta acessar os aplicativos Google Play ou Apple Store no celular e fazer o download de softwares de leitura de QR Code. No seguinte link é possível acompanhar um vídeo tutorial de como ter o aplicativo no celular: <https://goo.gl/wwReJ6>

1. Considerações iniciais: a construção do objeto

Em julho de 2012, o paulistano Daniel Alcântara publicou um vídeo nas redes sociais com o seguinte título: *Perdi meu amor na balada*. "Foi amor à primeira vista. Não acreditava nisso, mas aconteceu. Eu, burro, perdi o pedaço de papel que ela me deu com o telefone. Queria pedir ajuda de vocês para encontrá-la". Esta foi a mensagem publicada por Daniel no Youtube⁵. O jovem conheceu Juliana em um bar em Pinheiros, zona oeste de São Paulo, e se apaixonou. Triste pela perda do lembrete com o contato da moça, clamou por ajuda aos usuários da internet para reencontrar a nova paixão.

A reação foi imediata e intensa: comovidas com a história, milhares de pessoas, sobretudo adolescentes, passaram a compartilhar o vídeo com o objetivo de encontrar Juliana. Em comentários no Facebook e no Twitter, houve tentativas de investigar fotos e publicações no local onde o par se encontrou. Alguns tentaram enviar e-mails massivos para *mailings* de clientes que costumavam frequentar baladas na região de Pinheiros. A casa de shows onde tudo aconteceu foi entupida de mensagens, telefonemas e e-mails de pessoas anônimas à procura de informações.

O fato viralizou⁶ nas redes sociais e, em menos de 24 horas, muitas pessoas compartilharam a angústia de Daniel em encontrar Juliana. Então, a surpresa. Preocupada com a proporção que o caso tomou — alguns chegaram a publicar vídeos emocionados, chorando e pedindo por mais ajuda na investigação —, a Nokia, empresa do ramo de telecomunicações, veio a público anunciar que, na verdade, Daniel Alcântara era um ator e o vídeo *Perdi meu amor na balada* fazia parte de uma peça publicitária para divulgar um novo modelo de telefone.

O que era espírito de colaboração e comoção, em poucas horas, se transformou em fúria e ódio. Enganada, a multidão, que há pouco ajudava Daniel, se virou contra ele e a Nokia. Foram organizados abaixo-assinados e petições para denunciar a propaganda abusiva. Fóruns e chats on-line discutiam os limites éticos da ação. Nos meses (e anos) seguintes, a peça publicitária da Nokia foi objeto de estudo de cursos de Comunicação para discutir os

⁵ Depoimento registrado no vídeo “Perdi meu amor na balada”, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=EEvoIBYU8-0>> Acesso em 22 de março de 2017.

⁶ A palavra não consta no dicionário da Língua Portuguesa. No entanto, integra o cotidiano da linguagem digital: remete ao termo viral e significa fazer com que algo seja compartilhado por um grande número de pessoas.

limites do marketing digital.

Em síntese, a empresa foi notificada pelo Procon de São Paulo a responder se *Perdi meu amor na balada* era abusiva. O Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar) também instaurou investigação para analisar se a campanha infringiu regras. Em setembro do mesmo ano, a Nokia venceu ação movida pelo Conar sob a justificativa de que o vídeo era uma técnica de comunicação legítima, afinal "os filmes foram criados para circular na internet"⁷. Se condenada, a empresa teria que desembolsar R\$6 milhões em indenizações. Mas foi absolvida.

O objetivo de apresentar o caso é trazer à tona duas variáveis fundamentais ao nosso objeto de pesquisa: (1) com as novas possibilidades de comunicação instantânea e assíncrona, organizada em redes rizomáticas, vivemos uma nova fase de sociabilidades que permitem relações descentralizadas e horizontais, capazes de mobilizar multidões em torno de interesses em comum. Tal fato contemporâneo, como *Perdi meu amor na balada*, não aconteceria há 20 anos, pois os mecanismos técnicos de produção e circulação simbólica não permitiriam a ação compartilhada e colaborativa do público. A internet abre possibilidades inéditas de interação e inserção em redes com oportunidades de deslocamento no eixo tempo/espço. Mesmo que fosse possível fazer um anúncio no rádio ou convocar ajuda dos telespectadores, com a internet, lidamos com relações horizontais e participativas no ciberespaço, permitindo que casos como a peça publicitária da Nokia aconteçam; (2) em razão desse tipo de reconfiguração nos meios técnicos, que permite relações híbridas entre on-line e off-line, lidamos com uma nova realidade comunicacional que tem desdobramentos decisivos nas sociabilidades contemporâneas, sobretudo junto aos jovens. Afinal, são eles que experimentam de forma mais intensa as ofertas das redes sociais.

A justificativa da Nokia "os filmes foram criados para internet" suscita, em última instância, a existência de um novo ambiente para práticas sociais, com regras e dinâmicas peculiares, afinal *Perdi meu amor na balada* não faria sentido se fosse transmitida no rádio, na TV ou em algum jornal impresso. Na internet, há um impulso por compartilhar e interagir, possibilitando que os indivíduos sejam protagonistas dos processos comunicativos. São eles que discutem e ressignificam conteúdos, produzem narrativas e participam ativamente,

⁷ Alguns meses após o vídeo "Perdi meu amor na balada", o processo contra a empresa foi arquivado em 13 de setembro de 2012. Com o título "Nokia vence caso "perdi meu amor na Balada, notícia do portal Exame explica em detalhes a ação. Disponível em: <<https://goo.gl/ZHAJsu>>. Acesso em 21 de março de 2017.

curtindo e comentando publicações.

Nesse sentido, emerge uma nova modalidade comunicacional que permeia as relações produtivas contemporâneas, resultantes da interação híbrida entre sistemas técnicos e humanos. Ou ainda:

Hoje temos ferramentas de comunicação flexíveis o suficiente para corresponder a nossas capacidades sociais, e estamos testemunhando a ascensão de novas maneiras de coordenar a ação que tiram partido dessa mudança. Essas ferramentas de comunicação receberam vários nomes, todos variações em torno de um tema: “software social”, “mídia social”, “computação social” etc. Embora haja algumas distinções entre esses rótulos, a ideia essencial é a mesma: estamos vivendo em meio a um extraordinário aumento de nossa capacidade de compartilhar, de cooperar uns com os outros e de empreender ações coletivas, tudo isso fora da estrutura de instituições e organizações tradicionais. (SHIRKY, 2012, p. 23)

As ações coletivas e o que Shirky (2012) classifica como o “aumento extraordinário de nossa capacidade de compartilhar e cooperar” acontecem rotineiramente nas redes sociais. Há diversos casos semelhantes ao de *Perdi meu amor na balada* que mobilizam centenas (e, a depender do objeto de interesse, milhares ou milhões) de pessoas a participar e interagir com conteúdos que circulam em sites como Facebook, Twitter e Whatsapp. Uma das evidências desse processo é a recente inserção da palavra “internet” no jargão jornalístico para designar movimentações massivas em torno de algum acontecimento. Como resultado, a afirmativa “a internet não perdoa” frequenta diariamente os principais sites de notícia. Como isso funciona?

Para além de sistemas técnicos que interligam a rede mundial de computadores, “internet” passou a representar a ação integrada dos sujeitos ou o conjunto de usuários que, diariamente, se organiza para remodelar, parodiar, julgar ou classificar notícias e informações que circulam no ciberespaço. Algumas reportagens publicadas entre 2016 e 2017 exemplificam⁸ como a expressão, em forma metonímia, se tornou a síntese do conjunto de indivíduos que se organiza e passa a discutir, referenciar e produzir paródias e montagens coletivas em torno de algum acontecimento: (1) “Internet não perdoa garotos-propagandas de

⁸ Apresentamos as reportagens produzidas em importantes veículos de comunicação on-line entre os anos de 2016 e 2017 com o objetivo de ilustrar como a expressão “internet” designa o movimento de participação dos indivíduos nas redes sociais nos dias atuais. Não temos a pretensão de desenvolver categorias ou sistematizar o assunto. São apenas exemplos da utilização do termo em grandes veículos da imprensa que nos ajudam a sustentação de nosso argumento.

frigoríficos"⁹, (2)"Oscar 2017 erra o anúncio de Melhor Filme e a internet não perdoa. Veja os memes!"¹⁰, (3) "A internet não perdoou o chique de Garotinho na ambulância"¹¹, (4)"Internet não perdoa Claudia Cruz após prisão de Eduardo Cunha"¹², (5)"Áudio de Temer vaza e a internet não perdoa: veja os memes"¹³

“Não perdoar”, no caso, significa uma das marcas da interação entre usuário em rede e que, na linguagem digital, se convém classificar como “zoeira sem limites”. Esta, em suma, é uma forma de, a partir de alguma situação ou notícia que circula na internet, criar e compartilhar intervenções cômicas a respeito de um determinado tema. São, no geral, montagens e criações livres, que geralmente se manifestam em forma de **memes**.

Antes de seguir com as considerações iniciais, devemos categorizar qual é a nossa compreensão sobre o assunto, uma vez que memes e zoeira se entrelaçam e são, mutuamente, elementos constitutivos do nosso trabalho. Trata-se de uma abordagem inicial, uma vez que nos capítulos 8 e 9 discutiremos o assunto amplamente.

Na classificação dicionarizada¹⁴, a palavra feminina zoeira exprime — entre outros tópicos que não servem para nossa classificação, como, por exemplo, quando remetem aos sons produzidos por insetos — (1) "aquilo que se faz com a intenção de ser engraçado, de provocar risos"; (2) "desordem; excesso de alvoroço; falta de ordem"; (3) “ação ou efeito de zoar; zoadá”; (4) "Gritaria, som que não se consegue distinguir".

No entanto, entre os usuários de redes sociais, zoeira designa as interações que buscam provocar, ironizar, brincar ou parodiar situações do cotidiano. A ausência de limites, por sua vez, indica que não há fronteiras para o impulso por deboches e sátiras na internet: do cenário

⁹ Reportagem publicada no blog ‘Hashtag’, da Folha de São Paulo, em 17 de março de 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/VVV9Gk>> Acesso em 23 de abril de 2017.

¹⁰ Reportagem publicada no portal R7, da Rede Record, em 27 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/pop/oscar-2017-erra-o-anuncio-de-melhor-filme-e-a-internet-nao-perdoa-veja-os-memes-02032017>> Acesso em 15 de março de 2017.

¹¹ Reportagem publicada no blog ‘Hashtag’, da Folha de São Paulo, em 18 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/7o6a4N>> Acesso em 23 de abril de 2017.

¹² Reportagem publicada no blog ‘Pop! Pop! Pop!’, da Revista Veja, em 21 de outubro de 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/XUf9y5>> Acesso em 23 de abril de 2017.

¹³ Reportagem publicada no blog ‘de Jamildo’, do UOL, em 12 de abril de 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/5wkHjX>> Acesso em 23 de abril de 2017.

¹⁴ No decorrer da construção de nosso projeto de pesquisa, utilizamos a plataforma Dicio - Dicionário Online de Português. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/>>

político em Brasília ao cotidiano da escola, tudo é passível de se transformar em piada. Nesse sentido, classificamos zoeira como a forma de participação entre usuários das redes sociais que, ao se valer da cultura de compartilhamento (LEMONS, 2015) e se apropriar de sistemas técnicos e produtos culturais (RECUERO, 2014a), criam e ressignificam conteúdos — que podem ser imagens, vídeos, notícias de portais da internet — a fim de produzir sentidos, sobretudo de ironia, deboche e brincadeira.

Temos a preocupação de definir zoeira, dentro da perspectiva dos estudos sobre ciberespaço, para não naturalizar a expressão como um fato dado e imutável. Até porque, funcionando em uma lógica de redes, muitas vezes, sob a justificativa de ser apenas uma brincadeira, a ação dos usuários de internet ajuda a proliferar discursos de ódio e violência simbólica. Não se trata, portanto, de uma mera brincadeira.

Pelo contrário, ao mencionar zoeira, referenciamos às dinâmicas da internet que surgem a partir das novas modalidades de interação, como destacado por Shirky (2012). Uma piada não é apenas uma piada, e um meme não é apenas uma brincadeira quando inseridos num contexto de partilha simbólica. Logo, a criação desses produtos não é obra do acaso e não existe em si mesma: integra os jogos de linguagem que compõem a trama cultural, como iremos apresentar nos próximos capítulos ao discutir o conceito de ecossistema comunicativo.

Também faremos adiante uma definição mais criteriosa dos conceitos de cultura de compartilhamento e participação em redes. Inicialmente, enfatizamos que a interação no ciberespaço deve ser problematizada e, quando tratamos da zoeira, não mencionamos algo menor e sem importância. O foco — que perpassa todas as etapas de nosso trabalho — é superar a naturalização de conceitos para contextualizar nosso objeto de pesquisa — que se relaciona decisivamente com a realidade contemporânea de expressões como “a internet não perdoa” e “a zoeira não tem limites”.

Voltamos às nossas considerações: o cenário comunicacional de transformações que apresentamos, sobretudo no que se refere às dinâmicas feitas na internet, gera tensões que motivam e produzem angústias de várias naturezas. Por exemplo, como pesquisadores da Sociologia ou da Psicologia ou até mesmo do Direito reagem a um fenômeno instigante do tipo *Perdi meu amor na balada?* E os pesquisadores das Ciências da Comunicação?

No meu caso, a atuação como jornalista, que produz diariamente conteúdo para redes sociais, fez repensar os limites de minha profissão frente ao cenário contemporâneo de transformações nas formas de ser e estar no mundo. O que fazer diante de episódios como a

peça publicitária da Nokia?

Meu desejo,¹⁵ desde o ingresso no curso de jornalismo da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Bauru em 2008, foi de usar a comunicação como uma ferramenta de transformação social. Na cidade do interior paulista, pude trabalhar como tutor de rádio escolar no projeto Mais Educação¹⁶. Além disso, desenvolvi uma série de reportagens direcionadas aos problemas sociais e educacionais da cidade, no período de estágio no jornal Bom Dia. Como estudante de Comunicação Social e com outras atividades extracurriculares, procurei propor modelos alternativos de comunicação. Tinha a convicção de que para superar o viés tradicional, que limita a participação do público a mero espectador, era necessário fazer algo diferente.

Também morei por um ano e sete meses nos EUA, onde, além de ser atleta universitário pelo Lassen College (Susanville, Califórnia), desenvolvi o meu projeto experimental para a conclusão do curso de jornalismo, na UNESP¹⁷. Durante as eleições presidenciais de 2012 — tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (desenvolvido em coprodução com a minha esposa Júlia Guerra Monteiro), verifiquei nas ruas de Califórnia como as redes sociais e as ferramentas disponíveis na internet haviam se transformado num aspecto central para a vida política norte-americana.

Havia na ocasião o entusiasmo com o movimento *Occupy Wall Street* e a ascensão do Twitter como ferramenta para enfrentar a mídia tradicional e conservadora. Nos EUA, tive contato com a comunicação no exercício pleno da democratização de vozes por meio das redes sociais. Eram milhares de jovens decididos a bloquear qualquer avanço conservador por

¹⁵ Assim, como nas considerações iniciais, na fase de interpretação de dados também aparecerão expressões escritas na primeira pessoa do singular. Trata-se de um recurso intencional para, em momentos específicos — sobretudo nos encontros com os estudantes —, pontuar que há um sujeito pesquisador frente aos dados e às observações feitas no decorrer do trabalho. Nesse sentido, tomamos os devidos cuidados para não confundir a leitura com tensões verbais entre primeira e terceira pessoa.

¹⁶ "O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas", de acordo com a descrição do site do MEC. Disponível em: <<https://goo.gl/eG0LE4>>. Trabalhei no ano de 2010 na Prefeitura de Bauru em duas unidades de ensino como tutor de jornal escolar.

¹⁷ Entre 2011 e 2012, eu cursava a minha segunda graduação, no Lassen College, ainda sem ter me formado. Meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado via videoconferência em novembro de 2012. Com o título "Americanismos: uma outra perspectiva das eleições de 2012 nos EUA", foi a primeira vez na história da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP que um trabalho foi apresentado à distância, com os alunos em outro país. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/118459?locale-attribute=es>>. Acesso em 25 de abril de 2017.

meio de ações coletivas nas plataformas digitais.

Convencido que havia conhecido uma forma diferente de fazer comunicação, voltei para o Brasil decidido a usar a perspectiva de trabalho aprendida, ou seja, planejar a experiência com a internet em favor de projetos de transformação social. Foi assim que começou minha experiência no site de notícias internacionais Opera Mundi. Desde a análise e estratégia para redes sociais até as reportagens sobre refugiados e a conjuntura geopolítica, o Opera — como é assim chamado entre os jornalistas — permitiu entre 2013 e 2015 que eu trabalhasse intensamente com a linguagem digital.

Uma das atividades mais importantes nesse período foi a criação do projeto Aula Pública Opera Mundi. Desenvolvido inicialmente com a TV UNESP, o projeto é, desde 2015, realizado em coprodução com a Rede TVT (TV dos Trabalhadores). O objetivo é apresentar ao público uma análise aprofundada e interativa sobre geopolítica, realizando debates em espaços abertos e públicos. Geralmente a imprensa tradicional reserva poucos segundos ou poucas páginas às discussões sobre Relações Internacionais. Na Aula Pública, aliando o conhecimento de especialistas com a participação de um público amplo e plural, a proposta é explorar outras entradas do noticiário, fugindo da cobertura convencional. Além de inovar na narrativa na área de relações exteriores, o projeto utiliza ferramentas multimídia para cumprir também o seu papel educacional.

No decorrer dos anos, constatei que, em algum nível, Aula Pública estava inscrita na inter-relação entre Comunicação e Educação. Afinal, a essência do projeto é produzir uma aula aberta ao público que, após a edição, se torna um produto midiático para ser compartilhado e reproduzido na TVT e nas redes digitais. Foi nesse sentido que surgiu o desejo de compreender quais eram os fundamentos desse outro fazer comunicacional. A angústia em estudar os processos comunicativos e educativos na Aula Pública despertou o interesse de aprofundar o conhecimento teórico sobre **Educomunicação**. Na verdade, foi um reencontro.

A história inicia-se no ano de 2003, quando tinha 13 anos de idade. Fui um dos alunos da rede municipal de São Paulo que participou do programa Educom.Rádio¹⁸. Na ocasião,

¹⁸ O projeto desenvolvido entre 2001 e 2004 atendeu 455 escolas da Prefeitura de São Paulo, levando propostas educacionais desenvolvidas pela ECA-USP, sob coordenação do prof. Ismar Soares. O artigo das pesquisadoras Cláudia Lago e Patrícia Horta "Educom.Rádio: uma política pública que pensa a mudança da prática pedagógica, publicado no site do NCE" explica os detalhes do funcionamento do projeto. Disponível em: <<https://goo.gl/J1Ev41>>. Acesso em 18 de março de 2017.

enquanto cursava o 8º ano da EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Assad Abdalla, tive uma experiência intensa com o conceito. Por meio de atividades radiofônicas, pude exercitar a comunicação dentro do âmbito da escola, produzindo *teasers*, vinhetas e composições para rádio. Lembro-me das atividades que produzíamos para exercitar a descentralização de vozes — professores e alunos trabalhavam juntos em metodologias horizontais — e praticar um modelo democrático de educação. Para jovens da periferia, como eu, aquela experiência era inédita: ser protagonista e compreender que podemos fazer a nossa voz ser ouvida.

Evidentemente que era muito jovem e não pensava em termos acadêmicos o que ali acontecia. Mas, sem nenhum tipo de pretensão messiânica ou ingenuidade, é possível afirmar que a experiência no Educom.Rádio deixou uma forte convicção de que, enquanto sociedade, devemos trabalhar para que todos possam ter acesso à comunicação livre e democrática.

Muito cedo, percebi a importância da Comunicação para a Educação e, claro, da Educação para a Comunicação. Na recente carreira de jornalista, atuei majoritariamente com pautas, projetos e reportagens que giram em torno da defesa dos direitos sociais e humanos e em favor da promoção da cidadania. Muito dessa perspectiva nasceu no Educom.Rádio — que, vale o registro, foi decisivo para a escolha da carreira de jornalista, enquanto ainda jogava futebol nas ruas de Itaquera, bairro onde morava.

Em 2014, passado mais de uma década do Educom.Rádio e trabalhando intensamente a produção do programa Aula Pública, havia uma inquietação que ajudou a construir a presente dissertação: ao mesmo tempo que as redes digitais abrem oportunidades de democratização do conhecimento, os discursos de ódio e a polarização ideológica ficam cada vez mais acirrados. Ao mesmo tempo que é possível produzir e circular informações relevantes para a compreensão da realidade, há um sentimento de que o superficial e o senso comum imperam no ciberespaço.

A percepção era de que as interações em redes, como em *Perdi meu amor na balada* e tantas outras que acontecem diariamente na internet brasileira, eram mais complexas e impunham desafios que o fazer jornalístico não era capaz de superar. Um impasse surgiu: num mundo altamente influenciado pela presença das tecnologias digitais, não basta criar estratégias de interação ou engajamento orgânico¹⁹. Não basta colocar o Facebook e o Twitter

¹⁹ Interação e alcance orgânico são palavras que fazem parte do jargão dos profissionais das redes sociais. São, em síntese, estratégias para potencializar o alcance das ações em rede, geralmente feitas com o objetivo de envolver mais usuários da internet nos processos comunicativos. Trazemos as duas expressões para evidenciar

na sala de aula ou também em um projeto de mídia alternativa numa perspectiva instrumental. É necessário esclarecer e transformar consciências, ou seja, educar enquanto comunica. Ou melhor, educomunicar.

Procurando um norte, encontrei respostas nos estudos relacionados à interface Comunicação/Educação, sobretudo nos trabalhos realizados na ECA-USP. Foi assim que a minha pesquisa começou a ganhar corpo para ser apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação ECA-USP, em setembro de 2014.

Fui aprovado no processo seletivo e, sob orientação do Prof. Dr. Adilson Odair Citelli, venho pesquisando como esse fenômeno recente de participação e compartilhamento em rede sociais adentra o universo escolar. Diversas áreas do conhecimento buscam compreender os desdobramentos de uma época cuja mídia ocupa papel central na vida social. Este também é o nosso objetivo, mas enfatizando como essa nova realidade comunicacional se insere no contexto de jovens estudantes.

Com o avanço de sites como Facebook, Twitter, entre outros, cidadãos de diferentes idades, regiões e nacionalidades se reúnem em torno de um interesse comum, mesmo separados por inúmeras barreiras – geográficas, econômicas e sociais. A circulação de informação e conhecimento é rápida, dinâmica e incessante. Tratar o fenômeno das redes como um novo meio de comunicação, apenas com características distintas de outros meios, como rádio ou TV por exemplo, pode ser um deslize perigoso, como demonstramos com o exemplo da Nokia. As redes digitais, na verdade, reorientam práticas e reconfiguram padrões de sociabilidade. Logo, o caminho que se abre são novas formas de ser, conhecer, comunicar e produzir.

Neste contexto, o problema que se apresentou durante a construção do objeto de pesquisa é como os jovens reagem a esse turbilhão de informações e entrelaçamentos que produzem aquilo que chamamos de “zoeira sem limites” e o seu mais expressivo produto: **os memes**. A escolha deste produto cultural para investigar como jovens estudantes se relacionam nos dias atuais não foi uma decisão fácil. Ora, como todo fenômeno recente que emerge das dinâmicas no ciberespaço, há carência de investigações científicas mais sólidas, e as referências ainda são poucas. Como explicar em termos acadêmicos expressões como “zoeira sem limites”, “perdi meu amor na balada”, “a internet não perdoa” e, sobretudo, os

que, sem um planejamento humanizado, que visa esclarecer e educar, trabalhar com interação e alcance orgânico assume uma perspectiva meramente instrumental. É o que buscamos superar quando trabalhamos com Educomunicação.

jogos de linguagem que compõem um meme? Como associar questões complexas como estas aos estudos postos na interface Comunicação e Educação? O número elevado de interrogações indicam as dúvidas que nos espreitam. Todavia, além de ter o sentimento de que é factível tratar de um tema pouco explorado e, em certa medida, pouco compreendido entre os pesquisadores da Educomunicação, a razão de ter insistido em estudar processos comunicativos contemporâneos é a alta penetração que eles têm entre os estudantes. Entre dúvidas e incertezas, existe a convicção de que, com um estudo qualitativo para descrever e interpretar as dinâmicas que os jovens desenvolvem com os memes, é possível oferecer um contributo para que os sistemas de ensino possam compreender a amplitude das sociabilidades que os jovens vivenciam no cotidiano. Como iremos demonstrar no decorrer do trabalho, os memes carregam elementos preciosos para estudar, em um nível específico e sintético, os discursos e as dinâmicas sociais que circulam no contexto juvenil.

O principal desafio de construir uma pesquisa sobre memes é transitar pela diversidade de autores que tratam do assunto sem cair em ecletismos. Parto do pressuposto que, nas redes sociais, imperam o efêmero e a alta velocidade de informações. Logo, é na fluidez e nas mudanças que encontramos a singularidade e a especificidade da pesquisa. Em se tratando de redes sociais, investigar e descrever algo sólido ou inteiramente constituído não nos parece possível frente às mutações constantes que são resultado da presença cada vez maior dos jovens na internet. A multiplicidade de autores que apresentaremos nos ajuda a compor um modelo explicativo abrangente e transdisciplinar para os fenômenos que trabalhamos, pois estes estão em alta amplitude de mudanças. Assumimos os riscos de fazer da dúvida e das incertezas nossos combustíveis. Melhor o desafio de uma abordagem complexa a escolher um aporte imutável e fechado.

Apenas uma coisa é imutável: a responsabilidade acadêmica. Portanto, ao adentrar no universo da percepção dos jovens sobre memes, acreditamos que se faz necessário deslocar o olhar para as transformações e os hibridismos, que opiniões generalizantes e consensuais não dão conta de explicar na totalidade.

Aqui uma diferenciação: não desejamos tornar os memes algo maior do que eles realmente são. Frente a uma realidade social marcada por desigualdades e total descaso com grande parte da população, os sistemas de ensino são obrigados cotidianamente a lidar com questões de indisciplina e violência, resultantes da tensão social que os discentes são submetidos. Eis o grande desafio de nossos tempos: construir uma educação inclusiva, capaz

de reduzir, pelo menos em nível educacional, o abismo cultural e social que atinge milhões de crianças e adolescentes. Ora, como se preocupar com memes quando há centenas de escolas no Estado de São Paulo sem recursos para prover papel higiênico ou garantir uma refeição de qualidade aos alunos?

Acredito que uma coisa não exclui a outra. Logo, assim como indisciplina e violência, as sociabilidades que surgem no novo contexto comunicacional fazem parte dos desafios posto aos sistemas de ensino. Caminhar pelas ruas de São Paulo nos permite entender como os meios de comunicação e as mensagens que por eles circulam integram a totalidade da vida social atual: mesmo em barracos e vielas, onde porventura possa faltar o pão, não faltam antenas de TV e celulares com acesso à internet, ao Whatsapp e ao Facebook. Nos rincões das grandes cidades, compartilhar nas redes está se tornando algo tão fundamental quanto o encontro de olhares. Em qualquer lugar da capital paulista, mesmo na periferia, é possível encontrar uma rede *Wifi* com acesso à internet. E, hoje, um amor perdido na balada pode se tornar mais relevante para os usuários da internet que os problemas sociais e econômicos enfrentados no cotidiano das cidades.

1.1 Intencionalidade educ comunicativa

O objetivo de expôr, mesmo que brevemente, algumas questões pontuais da carreira como jornalista, assim como as experiências com o Educom.Rádio e a Aula Pública, é enaltecer que as páginas que seguem e o trabalho de categorização do nosso objeto passam por uma intencionalidade educ comunicativa. Trata-se, em última instância, de um elemento afetivo que move a construção do objeto. Nosso objetivo é tensionar e articular uma tradição intelectual, que inter-relaciona Comunicação e Educação, com a realidade social que apresentamos inicialmente: as percepções de jovens estudantes sobre os memes no ciberespaço, produto resultante das transformações em trânsito na sociedade contemporânea.

Trabalhar com Educação (grafado com E maiúsculo, como referência à emergência dessa nova área de estudos) parece um caminho sem volta, pois o sentimento é de compromisso e responsabilidade com educadores e profissionais que me garantiram a oportunidade de sair da periferia de São Paulo e experimentar os diálogos entre Comunicação e Educação, desde o Educom.Rádio até a pós-graduação.

Reconheço no neologismo um denominativo de uma nova área de conhecimento que

está se constituindo a partir das relações indissociáveis entre Comunicação e Educação. Com o Educom.Rádio, faço parte da primeira geração de estudantes do ensino público paulistano formados sob esse prisma. Com o Imprensa Jovem e outros projetos resultantes da Lei Educom²⁰, hoje são centenas de estudantes que trabalham diariamente com o conceito.

Por isso, ao iniciar os estudos acadêmicos, trago comigo o compromisso de representar diversas gerações de estudantes que, de alguma forma, tiveram — e continuam tendo — a vida influenciada pelos estudos e pelas práticas educacionais. Mais que isso: na condição de diretor de Comunicação da ABPEducom (Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação), eleito para gestão 2016-2019, colaboro no fortalecimento tanto dentro da universidade, adotando teorias e métodos de trabalho estabelecidos dentro da nova área, quanto fora do ambiente acadêmico, em atividades profissionais, inclusive processos de formação em ambientes formais, informais e não formais.

Um esclarecimento sobre o assunto: reservamos um capítulo inteiro para definir o nosso entendimento sobre o que é Educomunicação e por qual razão estudar memes se torna relevante para a nova área do conhecimento. Portanto, tivemos a responsabilidade de separar o que é um trabalho acadêmico e o que é uma intencionalidade, afinal a produção científica exige métodos, referências teóricas e análises.

Arrisco dizer que o eixo norteador do trabalho está fundamentado no livro do Prof. Dr. Adilson Citelli *Comunicação e Educação: a linguagem em movimento* — a obra seminal para pensarmos a inter-relação entre as duas áreas. Além de orientador, o trabalho do prof. Adilson também foi uma referência fundamental para categorizar conceitos e articular uma tradição intelectual posicionada na interface Comunicação e Educação.

A tensão e o diálogo entre todos esses fatores possibilitaram a construção do objeto de pesquisa, que, agora, passamos a apresentar, explicando objetivos, problemas e hipóteses. Na sequência, temos os capítulos que organizam o quadro teórico de referência para, enfim, chegarmos aos procedimentos metodológicos e à pesquisa de campo, com depoimentos e categorização de memes.

²⁰ Lei nº 13.941, de 28 de dezembro de 2004, que institui o Programa EDUCOM: Educomunicação pelas ondas do rádio, no Município de São Paulo, e articula ações educacionais na cidade, como o referido projeto Imprensa Jovem.

2. Objeto de Pesquisa

A presente dissertação busca compreender as **percepções de jovens estudantes sobre a circulação de memes na internet**. A partir do referencial teórico inscrito na inter-relação entre Comunicação e Educação, utilizamos os dados coletados na pesquisa para **propor categorias e gêneros — e consequentemente subgêneros — de memes**.

Tivemos uma preocupação central: não limitar a investigação à influência das mídias na escola ou como usar tecnologias na sala de aula, temas recorrentes quando trabalhamos com Educomunicação. A especificidade do estudo é, a partir dos memes, desenvolver análise sobre dinâmicas e representações que os estudantes constroem na interação em sites como Facebook, Whatsapp, Instagram e outros. Este é o nosso objeto de pesquisa.

No início do período de mestrado, a motivação era buscar respostas sobre como as redes sociais ocupam papel central nas mudanças experimentadas por crianças e adolescentes. Até então, trabalhávamos com a categoria **redes sociais na internet**. Percebemos que tratávamos de um tema aberto e abrangente, reduzindo as chances de uma abordagem criteriosa sobre como os estudantes se relacionam nos dias atuais.

A opção pelos memes foi feita após as entrevistas iniciais — realizadas no ano de 2015 com professores e estudantes da EMEF Julio Marcondes Salgado — identificarem que essa manifestação cultural é a principal forma de expressão entre jovens nas redes digitais. Na ocasião, os depoimentos apontaram que não lidávamos com imagens aleatórias e sem nexos, mas sim com produtos culturais que sintetizam sentimentos, desejos e expressões que os estudantes compartilham junto aos pares.

Com os memes, conseguimos um objeto delimitado, pouco explorado em termos acadêmicos e que, cada vez mais, ganha importância no cotidiano. Difundidos em larga escala nas redes sociais, eles são uma das principais expressões narrativas na internet e carregam o traço marcante da contemporaneidade: a cultura de compartilhamento (LE MOS, 2015a). Para Shifman (2014), tratar de memes é adentrar ao território de uma nova forma participação que emerge na sociedade contemporânea. Isso significa, em última instância, que temos uma metáfora sobre as novas sociabilidades construídas no ciberespaço. Descrever e interpretar os dados referentes aos memes possibilita um olhar em profundidade sobre a inserção desses objetos na cultura juvenil.

Em termos gerais — apenas como introdução ao objeto, uma vez que iremos definir nos próximos capítulos —, os memes são enunciados em forma de fotografias, remodelagens de imagens, textos e vídeos compostos por inúmeras linguagens que objetivam parodiar ou refletir situações do cotidiano. Com brincadeiras, críticas e provocações, ressignificam mensagens e conteúdos, gerando novos sentidos à narrativa feita no ciberespaço.

Categorizar esses produtos culturais, defendemos, abre caminhos para compreender as relações que os jovens estão desenvolvendo. Como consequência, a definição em gêneros oferece elementos para interpretar — o que é fundamental à dissertação — as dinâmicas que, de forma híbrida com as tecnologias, crianças e adolescentes criam (e recriam, remodelam e assim por diante). Chegar ao objeto de pesquisa foi resultado da constatação de que essa linguagem integra intensamente o convívio entre os estudantes: círculos de amizades, relações entre pares, provocações entre grupos distintos e até mesmo jogos de paquera são dinamizados rotineiramente por mensagens embutidas nos memes.

Nesse sentido, acreditamos que, com um estudo qualitativo, podemos oferecer contributo para que os sistemas de ensino possam ter respostas — mesmo que modestas, em nível de mestrado — sobre a amplitude das sociabilidades que os jovens constroem no mundo contemporâneo.

Definimos o universo da pesquisa em dois grupos de alunos da EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Julio Marcondes Salgado: (1) dentro de um projeto desenvolvido sob os preceitos da Educomunicação, a Rádio JMS (abreviação para Julio Marcondes Salgado), que, por consequência, tem uma mediação intensa de educadores que trabalham na perspectiva das pesquisas realizadas na interface Comunicação/Educação; (2) com outro grupo de estudantes, na mesma unidade de ensino, que não participa de um projeto específico de Educomunicação. Na tensão e no diálogo entre os dois grupos, buscamos condições para apresentar análises comparativas das percepções de estudantes sobre memes.

A escolha da EMEF Julio Marcondes Salgado Filho foi feita por duas razões principais. (1) Ainda na etapa inicial, ao pesquisar o termo Educomunicação no site Facebook em busca de referências, a página Rádio JMS aparecia com muito destaque nos resultados. Foram identificados diversos trabalhos feitos pela equipe, com ênfase às entrevistas com músico Emicida e o ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad. Inquieto com a qualidade dos produtos compartilhados pela Rádio JMS, sobretudo do ponto de vista jornalístico, procurei a coordenação de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação (SME) da

cidade de São Paulo para entender como uma equipe do Imprensa Jovem alcançava tanto êxito na confecção de blog, entrevistas (com o então prefeito da maior cidade do país e um astro do hip hop nacional) e redes sociais.

Nesse diálogo, encontramos a segunda razão: (2) o coordenador de Educomunicação da SME Carlos Lima explicou que a Rádio JMS configurava-se como uma atuação pioneira sobre atuação em redes sociais. Localizada na região zona norte da cidade de São Paulo, o projeto que reúne alunos do ensino fundamental vinha há pelo menos dois anos apresentando uma compreensão complexa de como funcionam as redes sociais e como apropriá-las como espaço de expressão. Isso nos motivou a ir até a escola para investigar a dinâmica de trabalho dos discentes.

Interpelados — durante entrevistas iniciais realizadas no segundo semestre de 2015 — sobre o que costumavam fazer e que tipo de conteúdo costumavam compartilhar, fiquei impressionado com a capacidade de interlocução dos entrevistados ao responder o que as redes sociais representam. Para alunos do ensino fundamental, foi surpreendente a complexidade como inter-relacionavam as dinâmicas feitas no ciberespaço para o cotidiano off-line. As menções aos memes nas respostas mostraram que a zoeira e as montagens memeais seriam um rico material de análise para entender a inserção das tecnologias no cotidiano juvenil.

Em consonância com os tópicos acima apresentados, partimos para a investigação de campo com os seguintes objetivos:

2.1 Objetivos

Objetivo Geral

Temos dois objetivos centrais: (1) a partir da análise e interpretação de dados referentes à pesquisa feita com os estudantes sobre como eles percebem a circulação de memes na internet, apresentar uma proposta de (2) categorização e organização dos memes em gêneros e subgêneros. Como resultado da investigação de campo realizada com dois grupos de estudantes da EMEF Julio Marcondes Salgado, oferecer caminhos e alternativas para que os sistemas de ensino possam ter respostas aos desafios impostos pela centralidade que as redes sociais na internet ocupam no cotidiano de jovens estudantes. Em termos gerais,

a partir da compreensão do que são os memes e o que eles representam no cotidiano juvenil, nossa proposta intenta discutir as relações e as associações que estudantes desenvolvem nas redes sociais e quais são as possíveis consequências para o convívio no off-line.

Objetivos Específicos

(1) Propor novas categorias de análise para discutir a circulação de memes na internet. Entendemos que muitos dos estudos sobre o assunto ainda se concentram em investigar tópicos como “replicadores”, “vírus da cultura”, “viralização” entre outros sem levar em conta como esses novos produtos culturais integram as dinâmicas formativas da sociedade contemporânea. O objetivo é discutir o assunto dos memes dentro de uma perspectiva sistêmica, preocupada com a natureza dos ecossistemas comunicativos e, consequentemente, como as novas formas de ser e estar no mundo adentram o universo escolar.

(2) Pesquisadores de diversas áreas do conhecimento buscam respostas para explicar os fenômenos associados às redes sociais na Internet. Embora a Educomunicação, sobretudo no âmbito da ECA-USP, tenha expressiva produção acadêmica sobre as relações de tecnologia, mídias e educação, ainda carece um estudo específico sobre memes.

(3) Ao adotar o método qualitativo, buscamos refletir sobre um universo particular de expressões e interações entre estudantes. Não há a pretensão de descrever a relação entre jovens e memes no Brasil. Em contrapartida, a perspectiva qualitativa nos permite adentrar, descrever e interpretar em profundidade que tipo de percepção os estudantes têm sobre os memes.

2.2 Formulação do problema

Há poucos estudos sobre o que os memes na internet representam para as dinâmicas sociais. Em termos da inserção desses produtos culturais no cotidiano de crianças e adolescentes, o número de pesquisas é ainda menor.

Com a crescente presença das tecnologias digitais no cotidiano, passamos a viver um momento histórico de transformações na sociedade e, como resultante, a educação formal é

uma das instituições que experimenta de forma mais intensa os impasses criados pelas novas modalidades de comunicação. Não apenas na escola, mas em todos níveis da vida social, a mídia passou a desempenhar papel decisivo nas sociabilidades, nos modos de ver, perceber e produzir. Consideramos que há um problema central: ainda há pouca compreensão sobre como os produtos culturais que circulam no ciberespaço integram as dinâmicas formativas e os espaços de expressão de crianças e adolescentes.

Para responder esse problema, não podemos pensar as redes na internet como um espaço desconectado das dinâmicas feitas no espaço físico. O ciberespaço surge das interações entre os atores sociais numa relação híbrida com as máquinas e os sistemas técnicos. Local de circulação de memes, o ciberespaço, portanto, é entendido em nossa pesquisa como um ambiente técnico apropriado pelos sujeitos interagentes, configurando-se para uma prática social (RECUERO, 2014a).

Ao adotar essa abordagem, temos um olhar sistêmico, afastado de dualismos que separam tecnologias e humanos, criando propostas ora otimistas ora pessimistas. Compreender a percepção sobre memes e fenômenos relacionados às redes sociais na internet nos ajudará a discutir como as reconfigurações da sociedade têm incidência frente aos estudantes.

Visto que 79% dos jovens brasileiros com acesso à internet interagem ativamente em redes sociais (CGI, 2016), compreender o que a principal expressão narrativa — os memes — representa no novo contexto comunicacional, de trocas rápidas e incessantes em redes digitais, torna-se fundamental. Nesse sentido, tivemos a preocupação de contextualizar nosso objeto com as mudanças em trânsito na sociedade, afinal os memes contém características dos tempos atuais: as rápidas e as aceleradas formas de produzir informação, “curtir”, comentar e compartilhar.

Evidentemente que a categoria redes sociais na internet é um amplo e abrangente campo de estudos, com diversas frentes de entrada, sobretudo no que diz respeito à apropriação das tecnologias no universo escolar. No entanto, a particularidade dos memes, em que a produção simbólica, os discursos e as representações se entrelaçam de forma mais intensa, ainda não costuma ser objeto de atenção, sobretudo no contexto escolar. Tratados em certas ocasiões como objetos rasos e sem importância pelo discurso do senso comum, os memes, na verdade, carregam elementos para compreender a trama cultural contemporânea. Portanto, o próprio entendimento do que é um meme carece de uma definição mais precisa.

Essa é razão para desenvolver categorias e uma proposta de gênero a respeito do tema.

Outro problema: a presença dos jovens nas redes sociais na internet não significa que eles tenham domínio pleno da dimensão cultural e social da utilização das tecnologias e, conseqüentemente, os desdobramentos para o convívio off-line. Sem orientação e mediação, os memes podem assumir uma perspectiva funcionalista, focada em efeitos e resultados, e afastada de uma abordagem cidadã, focada nas relações sociais. Mais do que isso, se tornam naturalizados como um fato dado, numa perspectiva de “contágio viral”, como iremos argumentar adiante. Nosso estudo busca exatamente o contrário: os memes e suas respectivas mensagens, acreditamos, devem ser problematizados, contextualizados e reconhecidos no contexto escolar como um produto cultural de real importância às sociabilidades que os jovens constroem nos dias atuais.

Ou seja, nossa preocupação gira em torno de que tipo de envolvimento os jovens têm com as redes sociais. Elas ajudam ou atrapalham? Que tipo de vivências e experiências se dão com a partir do encontro com os memes? Como despertar um olhar crítico para esses processos? Entender, explorar e navegar por esse universo de memes e interações feitas com eles é um passo importante para o desenvolvimento das respostas que pretendemos dar com nosso trabalho.

2.3 Hipóteses

A vida social passou a reorganizar as suas dinâmicas de acordo com novos mediadores e possibilidades que as redes digitais permitem. Portanto, a nossa hipótese é de que os sistemas de ensino, e conseqüentemente os jovens estudantes, convivem sob a influência da circulação de memes na internet. Isto é, mesmo que não sejam discutidas ou utilizadas na sala de aula, as mensagens, as provocações e a zoeira embutidas nos memes estão presentes no cotidiano, sendo comentadas, discutidas e referidas. Mais do que mensagens engraçadas ou divertidas, as ideias que circulam no ciberespaço promovem valores e fazem parte da construção de identidades e comportamentos. Logo, a indagação que emerge é como os sistemas de ensino, responsáveis pela formação dos sujeitos sociais, lidam o novo contexto comunicacional. Não basta “constatação e lamento”. “Precisamos compreender como essa mesma sociedade dividida está sendo transformada pela centralidade das tecnologias e dos

sistemas de comunicação" (MARTÍN-BARBERO, 2011, p.125). Essa definição nos permite levantar as hipóteses da pesquisa, que buscamos comprovar com dados empíricos, a saber:

(a) Compreender a percepção de estudantes sobre os memes nos permite encontrar caminhos para uma nova abordagem sobre a relação entre os jovens e as redes sociais na internet. A opção pelos memes, adentrando o âmbito das representações e associações feitas nessas produções culturais, oferece uma análise que fuja de determinismos tecnológicos. Nossa investigação busca superar abordagens funcionalistas — que, em algumas ocasiões, buscam um viés totalmente de mercado — a respeito do contato cada vez mais intenso dos jovens com plataformas como Facebook, Whatsapp, Instagram e Twitter.

(b) As mensagens que circulam nos memes entram nos âmbitos dos afetos e das sensibilidades. Com as montagens na web e as intervenções sobre o cotidiano, os atores sociais estão fazendo circular nas redes elementos da cultura que eles próprios criam e ressignificam. Desenvolver categorias e gêneros — e respectivos subgêneros — nos permitirá compreender o funcionamento das mensagens e das trocas simbólicas entre estudantes dentro da trama cultural, altamente marcada pela linguagem digital contemporânea.

(c) Conhecer representações e expressões associadas aos memes permitirão que educadores e sistemas de ensino possam trabalhar com novas abordagens frente aos impulsos contemporâneos relacionados à internet. Adentrar em um território específico, que supera a categoria geral “tecnologias digitais”, nos possibilita um olhar mais próximo de como as relações se dão no dia a dia, como os jogos de linguagem são formados, sem a generalização da afirmativa “os jovens já nascem mexendo no Facebook”. Com um estudo qualitativo, com uma espécie de lupa para um problema específico, é possível superar a naturalização do que as redes sociais representam aos estudantes.

A partir das nossas hipóteses, algumas indagações nortearam o desenvolvimento do objeto de pesquisa e orientaram a construção do quadro teórico de referência, tais como:

a) Por que os memes devem ser objeto de atenção da Educomunicação?

- b) O que são os memes? E como se inserem no ciberespaço?
- c) Por que, rápidos e compartilhados aos milhares, os memes representam as mudanças em trânsito na sociedade contemporânea?
- d) Como a escola, uma das responsáveis pela formação dos estudantes, se posiciona e interpreta esses processos?

Antes de seguirmos a nossa pesquisa, as questões metodológicas e a categorização de memes, é necessário um referencial para responder essas indagações. Na verdade, trata-se de um quadro teórico que nos permitiu ter um olhar sistêmico sobre o nosso objeto. As análises e a interpretação dos depoimentos que encerram o trabalho passam obrigatoriamente pelo nosso entendimento das questões mencionadas acima. Organizamos os tópicos a serem respondidos nos capítulos que seguem.

3. Por que memes são objeto de interesse da Educomunicação?

Imagem 1 - Meme publicado por pós-graduandos da USP

Fonte: Facebook (2017). **Legenda:** Meme retirado da página de pós-graduandos da USP em fevereiro de 2017

A imagem acima é um meme. Foi compartilhada em um grupo de pós-graduandos da USP, no Facebook. Os memes geralmente funcionam assim: em forma de deboche ou crítica, referenciam ou parodiam situações do cotidiano. Nesse caso, uma menção às dificuldades de concluir uma tese acadêmica — que, suspeitamos, parece ter levado a personagem aos suspiros finais.

Há diversas formas de construir e circular esses objetos nas redes sociais. E iremos discutir o assunto quando apresentarmos os dados da pesquisa de campo. Mas, além de caçoar das corriqueiras reclamações de mestrandos e doutorandos, apresentamos esse meme por uma particularidade: ele pertence ao universo da vida adulta. Diversos sujeitos, que não são necessariamente crianças e adolescentes, produzem e compartilham nas redes digitais.

Por exemplo, o Coletivo Erro99, da cidade de Campinas, decidiu oferecer em abril de 2017 o curso 'Capturando Memes'. Voltado a profissionais da área de fotografia e

fotojornalismo, os participantes pagam até R\$250,00 para explorar a linguagem e "olhar com atenção para esse uso livre, popular e absurdamente criativo da fotografia e imaginar caminhos para a construção de trabalhos fotográficos potentes e inovadores em rede"²¹.

Todavia, mesmo com alta penetração entre adultos, sendo passível até de uma proposta de curso, o terreno mais fértil para a proliferação de memes está entre os jovens. Nas redes sociais, há milhares de páginas que aglutinam milhões de indivíduos para temas relacionados ao cotidiano juvenil. Poucos minutos conectados à internet são o suficiente para encontrar crianças e adolescentes compartilhando e produzindo, com intensidade, habilidades e frequência muito maiores que os adultos possuem.

No geral, são montagens feitas com textos e imagens, interdiscursivas, que referenciam situações do cotidiano, celebridades de televisão, rádio, web e assim por diante. Tal produção exige um domínio abrangente da linguagem digital e não é obra do acaso. O mais instigante é pensar que o fazem com extrema destreza e sem orientações ou guias feitos pelas escolas. Como conseguem tal façanha?

A hipótese que orienta a nossa argumentação — e nos ajuda a responder o problema — é que, mesmo que não discutidos em sala de aula, os memes, assim como outras manifestações que surgem no ciberespaço, fazem parte da cultura que esses jovens compartilham e, conseqüentemente, carregam para o convívio na escola. Eles criam e recriam significados, circulando informações que fazem parte da rotina. Aprendem (e ensinam) o funcionamento desses produtos culturais no impulso de socialização e participação junto aos pares. Estar no mundo passa, portanto, pelas interações com os memes e as redes sociais, afinal, em última instância, ninguém quer ficar por fora.

Quando desligam o celular ou são proibidos de utilizá-los na sala de aula, as ideias e as representações que circulam na internet continuam presentes, pois não há separações entre on-line e off-line, ligado ou desligado: as relações entre tecnologia e jovens são híbridas, como uma espécie de extensão dos corpos. Aprender como fazer e compartilhar um meme é consequência natural para quem experimenta incessantemente essa modalidade de interação, que alguns autores já classificam como *onlife*²².

²¹ A citação foi retirada do programa oficial do curso. Disponível em: <<http://www.festivalherculeflorence.com.br/capturando-o-meme/>> Acesso em 24 de março de 2017.

²² O filósofo Luciano Floridi, em parceria com um grupo de pesquisadores europeus, lançou em 2013 a publicação *The Onlife Manifesto*. Para os autores, não há mais sentido a utilização dos termos on-line e off-line, pois as tecnologias digitais integram a totalidade das relações humanas contemporâneas. O termo *onlife* sintetiza

Por mais que pareça uma associação improvável — afinal, reconhecemos, há uma estética que desperta um certo estranhamento, sobretudo entre adultos —, os conteúdos e as mensagens embutidas nos memes são parte das sociabilidades contemporâneas e, inevitavelmente, integram a trama cultural vivenciada por esses jovens. Ou seja, as redes digitais se tornaram um aspecto decisivo à sociabilidade de crianças e adolescentes. Compreender a ascensão de uma nova forma de participação no contexto juvenil é, sem dúvida, um passo importante para intervenções educativas e para transformação da realidade social.

Malgrado o risco de criar generalizações e dualismos — sobretudo quando pensamos nas desigualdades brasileiras, que impedem que parte da juventude tenha acesso aos bens simbólicos que circulam nas redes sociais —, acreditamos que as possibilidades de comunicação instantânea e deslocamento no eixo espaço/tempo criaram formas inéditas de brincar, provocar, compartilhar, paquerar e, na expressão corriqueira entre adolescentes, “curtir as redes”. Isso significa que, para além de produtos midiáticos desenvolvidos na lógica emissor-receptor, lidamos com um cenário de interações com os meios técnicos, que não correspondem aos modelos, digamos assim, “tradicionais”.

As afirmativas “os jovens só pensam no celular”, “não querem mais estudar e mal sabem escrever, pois só querem ficar nas redes sociais” e — para registrarmos um exemplo mais radical — “essa geração está totalmente perdida” são frequentemente evocadas por diferentes setores da sociedade para reagir às mudanças nos processos comunicativos que atingem o cotidiano infanto-juvenil.

Entre as reações mais frequentes, de um lado, profissionais da educação indagam sobre qual é a função que redes sociais podem ter na escola. Por outro, comunicadores discutem os impactos da mídia na sociedade, sobretudo sob a nova geração de estudantes. Surge a dúvida: compreender a influência das tecnologias na vida social e, no nosso caso específico, sobre memes e jovens estudantes, é um trabalho para a Comunicação, para a

- e, em certa medida, provoca - a ideia de que é necessário superar os conceitos de 'conectado' e 'desconectado' para se ater, enfim, ao tipo de apropriação e dinâmicas sociais que nascem no contexto de hiperconectividade. No entanto, como explica o artigo de Michel Carvalho no livro *Comunicação e Educação e os desafios da aceleração social do tempo* (CITELLI, 2017), o conceito de hiperconectividade deve ser contextualizado com as realidades sociais ao qual se aplica. Considerando as perversas desigualdades que assolam o mundo, há uma parcela considerável da população mundial impossibilitada de ter acesso 'onlife' às tecnologias digitais. Embora, concordemos com Floridi que o limite entre estar conectado ou desconectado está cada vez menor, tendo resultantes decisivas às sociabilidades contemporâneas, adotamos a utilização dos termos on-line e off-line pois a conexão integral, como já referido, ainda é um passo distante para grande parte da população mundial, sobretudo nas periferias.

Educação ou para qual campo do conhecimento?

Como já destacado, diversas áreas tentam investigar as consequências das novas formas de ser e estar no mundo em razão dos avanços tecnológicos. No entanto, no caso específico da inserção dos mecanismos de comunicação no contexto escolar, a Educomunicação assumiu protagonismo nas pesquisas acadêmicas e também na atuação profissional. Não à toa, portanto, o título da dissertação carrega o termo.

Ao suscitar o conceito — logo no título —, buscamos um aporte estratégico que pensa os movimentos híbridos que integram (e, claro, também tensionam) comunicação e educação, em um mundo altamente influenciado pelas mensagens e os bens simbólicos que circulam na mídia. Esse referencial nos oferece a oportunidade de compreender as dinâmicas entre estudantes e tecnologias a partir de uma perspectiva sistêmica, distanciada de polarizações, que “não se reduz a fragmentos, como, por exemplo, a eterna discussão sobre a adequação da utilização das tecnologias no âmbito escolar” (BACCEGA, 2011, p. 34). Citelli (2011) categoriza qual é “o ponto”, ou seja, qual é o critério para a escolha do referencial.

Este é o ponto: a comunicação transformou-se em dimensão estratégica para o entendimento da produção, circulação e recepção dos bens simbólicos, dos conjuntos representativos, dos impactos materiais — afinal estamos falando, também, de uma indústria que faz computadores, vende celulares, televisores de alta definição etc. Tal conjunto de sistemas e processos está provocando profundas transformações sociais, de algum modo promovendo impactos diretamente na vida dos homens e mulheres do nosso tempo, quer velando, quer revelando ou desvelando informações e conhecimentos. À totalidade desses circuitos de retroalimentação envolvendo desde o plano da produção material, passando pelas estratégias de composição e circulação das mensagens, chegando aos jogos coenunciativos, podemos chamar de ecossistema comunicativo — conceito utilizado, em sentido próximo, por autores como Mario Kaplún, Jesús Martín-Barbero, Pierre Lévy, Adilson Citelli e Ismar Soares. (CITELLI, 2011, pg.62)

A partir das diferentes abordagens da área (CITELLI, 2004; 2015; 2016; CITELLI; COSTA, 2011; MARTÍN-BARBERO, 2014; SOARES, 2011a; 2011b) que de alguma forma dialogam ou se complementam, buscamos orientar nosso trabalho e justificar por que pesquisar memes na internet é objeto de interesse à Educomunicação.

O neologismo, fusão das palavras comunicação e educação, sintetiza a aproximação e o diálogo permanente que marca as duas áreas do conhecimento. Essa proposta prevê que, com o papel estratégico da comunicação, em seus vários níveis, incluso, portanto, o contexto

da educação, a nova área do conhecimento e de práticas sociais deve ser vista na sua integração e hibridicidade.

Pesquisas desenvolvidas na academia, sobretudo na Universidade de São Paulo²³, evidenciam como a inter-relação entre comunicação e educação vem se consolidando com uma área de relevância. São diversas investigações sobre a apropriação dos meios de comunicação nos espaços educativos — formal, não-formal e informal — e, consequentemente, os desdobramentos para os sistemas de ensino.

Há também no decorrer das últimas décadas uma série de relatos de experiências de educadores e comunicadores que se aproximaram para promover intervenções em busca de novos parâmetros de participação e transformação social através da utilização da mídia. Em síntese, a prática social reconhecida como educomunicativa vem sendo desenvolvida na coexistência entre o saber científico e o saber popular (MESSIAS, 2011). O que significa que as relações entre comunicação e educação são vistas sob diversos olhares a partir do mesmo fenômeno: a inter-relação entre os dois campos, com diferentes frentes de entrada, seja na inserção da tecnologia na sala de aula, seja na gestão da comunicação nos espaços educativos, no estudo das linguagens que habitam o cotidiano escolar, na cobertura da imprensa sobre a educação ou na leitura crítica dos meios.

Claro, há peculiaridades e diferenças históricas entre os dois campos em questão. Não teríamos espaço e tempo nesta dissertação para retomar a construção e o desenvolvimento de cada área em específico. O que enfatizamos é que a aproximação se tornou decisiva em um mundo cujo os meios de comunicação têm papel crucial não apenas no cotidiano escolar, mas na própria constituição das sociabilidades. Há, portanto, uma nova dimensão, uma nova área de intervenção nas dinâmicas sociais, ao qual denominamos Educomunicação, em que comunicar exige em algum nível educar. E, sem dúvida, educar exige comunicar. A

²³ Pesquisa do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da USP, coordenada pelo professor Ismar Soares, investigou o perfil de educomunicadores na América Latina e suas respectivas áreas de intervenção. O estudo tornou-se uma referência fundamental quando se discute o conceito de Educomunicação, pois ressemantizou o neologismo Educomunicação para designar um campo emergente de intervenção social na interface comunicação/educação. Além disso, a ECA-USP publica desde a década de 80 a *Comunicação & Educação*, uma das revistas que organiza sistematicamente os pesquisadores e os assuntos mais relevantes da área. O orientador do presente trabalho, Adilson Odair Citelli, além de coordenar um grupo de estudos sobre o assunto e ter diversos livros publicados, é uma das referências teóricas da área da Educomunicação. Na tensão e no diálogo entre os referidos autores, entre outros como, para nos atermos a alguns exemplos, Maria Aparecida Baccega, Cristina Costa, Elza Dias Pacheco e Maria Immacolata Vassalo Lopes, a Educomunicação teve papel protagonista no crescimento e na difusão do conceito no âmbito da ECA-USP.

categorização implica mais bem definir: como a comunicação adentra o território da educação?

A comunicação prevê interação e trocas simbólicas dentro da trama cultural. Esta ideia não é tão óbvia quando pensamos que a comunicação é comumente confundida com a mídia, ou seja, com produtos midiáticos e seus respectivos instrumentos de emissão e recepção. Na abordagem que propomos, que pressupõe a comunicação dentro da cultura, numa relação ecossistêmica, o substancial é compreender como a educação se relaciona com os processos comunicacionais contemporâneos e a teia de significados que emergem a partir das linguagens digitais.

Os conteúdos, as disciplinas, o discurso escolar e até mesmo a prática docente passam pelo encontro com o universo cultural dos estudantes, que, nos dias atuais, é altamente influenciado pelos memes, redes sociais e o que referimos como novas modalidades comunicacionais. Ao tratar da comunicação na educação numa perspectiva cultural, propomos: ao invés de sujeitos passivos, os jovens devem ser vistos como sujeitos produtores de sentido. Ou ainda:

Por isso dizemos que a comunicação está imersa na cultura. É uma prática cultural que produz significados, ou seja, a partir do que está e já é naquela cultura, ressemantizam-se os significados em cada ato de comunicação. Implica sempre emissão e recepção, resultando na construção de sentidos novos, renovados — ou sentidos reconfigurados —, produzidos nesse encontro. Cada produto, cada programa dos meios de comunicação, será produzido e interpretado, entendido a partir de referências culturais (BACCEGA ; GUIMARÃES, 2006, p. 410)

A cultura contemporânea é altamente influenciada pelos mecanismos de comunicação, ou seja, ao trabalhar com Educomunicação, devemos considerar a centralidade que a mídia passou ocupar nas dinâmicas formativas, nas relações no interior da escola e, claro, na formação dos sujeitos. Com as redes sociais, crianças e adolescentes criam (e recriam) significados e assumem papel protagônico na produção e circulação de sentidos.

Trataremos especificamente sobre o lugar do sujeito no capítulo 6, mas, para retomar a discussão sobre o nosso entendimento sobre Educomunicação, é imperioso categorizar: a multiplicidade de abordagens epistemológicas é uma das marcas da inter-relação comunicação e educação. Prova disso é que a ECA-USP recebeu, em agosto de 2016, centenas de profissionais e pesquisadores do Brasil e do mundo para discutir as diferenças teóricas para o

conceito²⁴. Nos Congressos da Intercom, maior evento de Comunicação Social do Brasil, também é possível notar na exposição de trabalhos e papers no Grupo de Trabalho Comunicação e Educação que há múltiplas referências para analisar os fenômenos relacionados à interface comunicação e educação, e que alguns autores contestam a pertinência do conceito Educomunicação.

Portanto, é imperioso destacar que há diferentes frentes de entrada para tratar das relações que tensionam Comunicação e Educação. No nosso caso, o trabalho é orientado pela perspectiva sistêmica que busca compreender o objeto de pesquisa pelo olhar do ecossistema comunicativo, presente nos autores destacados por Citelli. Ou seja, o intuito é reconhecer que não lidamos apenas com a mídia, no sentido instrumental, mas sim a partir das relações que integram

as dinâmicas formativas, com tudo o que possa ser carreado para o termo, envolvendo desde os planos de aprendizagem, de agudização da consciência ante a produção de mensagens pelos veículos; de posicionamento perante um mundo fortemente editado pelo complexo industrial dos meios de comunicação” (CITELLI, 2011, p. 9).

Este é o ponto da presente dissertação e, portanto, como compreendemos a Educomunicação. É também a perspectiva teórica que nos conduzirá à análise e à categorização dos memes. Pensar em ecossistema comunicativo, que perpassa a obra dos referidos autores, pressupõe que a mídia ocupa o papel de agência de socialização, sendo decisiva para nossa apreensão de realidade. Ela está onipresente, pois os bens simbólicos que circulam nas (multi)mídias têm influência sob as instituições e a vida social. Não lidamos com instrumentos que funcionam como emissores de mensagens, feitos para atingir, impactar ou chegar aos receptores. Num ecossistema, os meios de comunicação são um elemento que compõem a trama cultural.

²⁴ Realizado entre os dias 29 e 31 de agosto de 2016, o 'Seminário Educomunicação na Práxis Social: Perspectiva Epistemológicas, na Europa e no Brasil' reuniu pesquisadores que trabalham na interface Comunicação/Educação. Foram apresentadas diferentes propostas teóricas para as práticas e as pesquisas da área da Educomunicação, comprovando que há uma multiplicidade de abordagens epistemológicas para responder a indagação O que é Educomunicação. Na ocasião, escrevi no blog do NCE uma reportagem com os principais pontos destacados no encontro. Disponível em:

<<http://nce-usp.blogspot.com.br/2016/09/resultados-do-seminario-educomunicacao.html>>

A tecnologia também garante aos meios sua presença não só na edição do mundo, mas também a presença dessa edição nos contextos sociais de alunos, professores, cidadãos em geral, independentemente de eles possuírem ou não aparelhos da mídia, uma vez que essa edição está presente nos interstícios da cultura que ela própria ajuda a construir, resultando novas sensibilidades. Para dar conta dessa complexidade, o campo da comunicação/educação obriga a inclusão de temas como mediações, criticidade, informação e conhecimento, circulação das formas simbólicas, ressignificação da escola e do professor, recepção, contextualização sociocultural da realidade, consumo/consumidor, entre muitos outros (BACEGGA, 2011, p. 35.).

A separação entre homem e técnica cria dualismos que costumam trazer à tona afirmativas como “o impacto da mídia na vida social” e “as máquinas assumiram o papel do homem”. Uma abordagem sistêmica, preocupada em temas como mediações, criticidade, informação e conhecimento, como aponta Bacegga (2011) evita esse tipo de posicionamento, pois prevê que os atores sociais só existem na relação mútua com a técnica. É na transformação intermitente de ambos que a sociedade se desenvolve.

Logo, a discussão sobre tecnologias — e, conseqüentemente, os produtos culturais, como os memes, que emergem a partir delas — não deve ser reduzida ao seu caráter instrumental, pois as redes digitais se tornaram extensões da vida social. O Facebook só é Facebook na relação entre humanos e não-humanos. Só há Whatsapp com trocas de mensagens entre os atores sociais. O meme da **Imagem 1**, que debocha das peripécias da vida acadêmica, só circula e faz sentido a partir da relação de consciências e os jogos de linguagem entre aqueles que o compartilham.

E, cada vez mais, desligar o Facebook ou ficar sem acesso aos conteúdos dos memes se tornaram um problema. A sensação, constatada em várias etapas de nossa pesquisa, é de alguma parte do organismo humano não tivesse funcionando. Da mesma forma que é impossível conceber a humanidade sem livros, filmes, ferramentas, carros, mesas, cadeiras e tantas outros produtos que nascem do entrelaçamento humano com as técnicas. Na abordagem do ecossistema comunicativo, as tecnologias são parte integrante da cultura. Define Lévy:

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido material — e menos ainda sua parte artificial — das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. Acrescentemos, enfim, que as imagens, as palavras, as construções de linguagem entranham-se nas almas humanas, fornecem

meios e razões de viver aos homens e suas instituições, são recicladas por grupos organizados e instrumentalizados, como por circuitos de comunicação e memórias artificiais (LÉVY, 2010, p. 22).

Separar as relações e interações entre atores sociais e tecnologias não faz sentido, uma vez que habitamos um mundo em que os bens simbólicos circulam nos meios de comunicação, transformando nossas vidas. A resultante é uma sociedade cuja a própria cultura é tecida pela mídia.

Podemos dizer que, a cibercultura — assunto que iremos categorizar no próximo capítulo — é amplamente influenciada pelas mensagens, as trocas simbólicas e as interações feitas sob a presença das tecnologias digitais. Esse novo contexto é o local de atuação da Educomunicação, pois, como já referido, mesmo que não frequente a escola, os memes, as redes sociais e as produções que surgem via ciberespaço têm implicações diretas aos estudantes e ao universo escolar. Não há proibição de diretores, professores e coordenadores que seja capaz de impedir que as mensagens e a estética dos memes influenciem como os jovens se relacionam. Ou ainda:

Dizer que os termos “comunicação” e “educação” aproximaram-se bastante em nosso tempo significa reconhecer, quando o campo de reflexão é escola, que as experiências videotecnológicas, já estão nas salas de aula, malgrado sob a forma de uma “não-presença”, pois tanto as crianças como os professores vivem num espaço social mediatizado por mensagens televisivas, radiofônicas, jornalísticas, etc., capazes de provocar alterações nos comportamentos, criar referências para o debate público, influenciar na tomada de decisões, além de revelar, muitas vezes, os próprios limites do discurso pedagógico. (CITELLI, 2004, p. 140).

Enfatizar a crescente importância de manifestações culturais contemporâneas, como no caso dos memes, não significa naturalizar a inserção delas no universo escolar. Tomada nesse sentido, restaria aos sistemas de ensino apenas adaptar-se ou simplesmente incorporar os memes como um fato dado. Pelo contrário, nosso objetivo não é cultivar ou rejeitar as novas dinâmicas do atual cenário: o intuito é compreender e analisar a inserção da comunicação na educação. Essa opção tem um percurso histórico e uma tradição intelectual que devem ser categorizados em nosso argumento.

3.1 Mediações: a inter-relação entre comunicação e educação

A ligação entre comunicação e educação foi feita, historicamente, pela preocupação sobre os possíveis efeitos da mídia entre os cidadãos. No começo do século XX, com a ascensão dos meios de comunicação de massa, havia temor sobre manipulações e danos que os produtos culturais — que circulavam pela televisão, rádio e afins — poderiam causar na conduta e no comportamento das pessoas. Sob influência das teorias funcionalistas da comunicação²⁵, essa ideia foi amplamente difundida e, até os dias atuais, encontra ecos entre vários setores da sociedade, incluindo a educação. Além disso, a possível influência dos meios de comunicação na produção e circulação do conhecimento foi objeto de atenção de educadores. A indagação era como a mídia poderia deturpar ou influenciar a formação dos atores sociais: teria os meios de comunicação legitimidade para ensinar? Não são obra do acaso as frequentes referências e discussões sobre o "impacto das mídias na educação".

Aqui vale um parêntese do termo impacto, na obra de Pierre Lévy (que usaremos de forma abrangente para categorizar o conceito de ciberespaço). O autor contesta a pertinência da palavra para analisar a relação entre homens e tecnologia. Com a expressão, explica Lévy (2010), sugere-se que os atores sociais estão condicionados a uma posição passiva, como uma vidraça, esperando o choque das tecnologias que, como pedras, voam em nossa direção. Tomada nesse sentido, 'impacto' exige a ação de algo em movimento, dinâmico, rumo a outro objeto que, passivamente, só cumpre o papel de esperar os efeitos do choque. Ora, como tentamos demonstrar, sabemos que a constituição das mídias é interligada à ação humana, inexistente se vista de forma independente, sem estar associada aos movimentos híbridos e

²⁵ Simplificando, até para não nos alongarmos sobre o assunto, o termo se refere à teoria da comunicação que enfatiza a análise de como o público é atingido pelos meios de comunicação. Também referida como teoria hipodérmica ou bala mágica, essa perspectiva de trabalho prevê que a comunicação é bem feita quando o público alvo tem o comportamento planejado frente à mensagem. De caráter linear e instrumental, no eixo emissão-recepção, o modelo funcionalista foi desenvolvido em larga escala entre o começo e meados do século XX, sobretudo pelo *Mass Communication Research*, nos Estados Unidos (ARAÚJO, 2013). Há muitas entradas de discussão em relação à teoria funcionalista, porém, trazemos essa perspectiva de trabalho para pontuar a influência do pensamento que condiciona, dentro das sociedades de massa, os meios de comunicação como potentes e soberanos frente a uma audiência passiva e vulnerável. O modelo proposto por Harold Lasswell exemplifica como se constitui o modelo funcionalista: quem (emissor), diz o quê (análise de conteúdo), através de que canal (estudo dos meios) e com que efeito (análise de audiência).

transformações mútuas com humanos. Logo, não somos vidraças, e a tecnologia não impacta no homem. Pelo contrário, ela transforma e é transformada. Apenas na inter-relação entre as partes há vida social e, claro, é possível conceber as tecnologias.

Nada deve ser tomado ao pé da letra, de forma literal, e o termo impacto pode ter variáveis para todos os gostos. O que chamamos atenção (e que irrita particularmente quando vemos a utilização do termo na imprensa) é que, quando remetido ao sentido de passividade frente à ameaça do impulso das inovações tecnológicas, a expressão “impacto” designa uma dimensão catastrófica que pouco ou nada esclarece sobre a presença das mídias no cotidiano.

Voltamos ao raciocínio inicial: seja pela preocupação sob os efeitos da mídia na infância, a utilização dos meios de comunicação, da educação para comunicação, as duas áreas do conhecimento sempre se aproximaram no decorrer da história.

Na América Latina, a partir da década de 1970, a discussão se fortaleceu em torno de nomes como Paulo Freire, Mário Kaplún, Guillermo Orozco-Gómez e Jesús Martín-Barbero. Salvo a peculiaridade e o contexto da produção intelectual de cada autor, ao propor a relação entre comunicação e educação, eles argumentam sobre a necessidade de um novo modelo comunicacional no interior dos sistemas de ensino. Ou seja, as áreas devem ser trabalhadas de forma relacional, sem polarizações, o que implica a renovação do entendimento sobre o que é comunicação, deslocando o eixo emissor-receptor para o relacional-ecossistêmico. A mudança frente aos métodos funcionalistas é fundamental, argumentam, para uma nova pedagogia, que, de forma paralela, desloca o eixo vertical da escola, de um sujeito detentor do conhecimento — o professor — a um receptor sem conhecimento — o aluno.

Lopes (2011) explica que as pesquisas de recepção contribuíram de forma decisiva para esse entendimento. Com um modelo alternativo às ideias de efeitos, aos usos e às gratificações, a perspectiva latino-americana “propõe organizar as tentativas interdisciplinares e de multimétodos numa malha teórica compreensiva, respondendo às demandas de complexidade e de crítica, tendo em vista a atual conjuntura internacional nesta área do conhecimento” (2011, p. 46).

A partir de uma revisão dos estudos culturais, as pesquisas de recepção passaram a reconhecer os receptores como produtores de sentido. O que significa uma abordagem diferente daquela surgida no início do século XX — que influenciou muitos as pesquisas de Educação para os Meios — que privilegiava as análises em relação aos emissores da mensagem e aos possíveis efeitos sobre as audiências — metodologia de trabalho que tinha

como principal referência os teóricos da Escola de Frankfurt.

Em síntese, este termo suscita às teorias desenvolvidas pelos autores — os mais expoentes — Walter Benjamin, Theodor Adorno e Max Horkheimer, na Universidade de Frankfurt. Chamada de Teoria Crítica, essa perspectiva de trabalho desenvolveu o conceito de Indústria Cultural ao analisar, a partir de uma ótica marxista, a cultura de massa, a homogeneização e possíveis processos de alienação via meios de comunicação. Entre o começo e meados do século XX, os estudos de Frankfurt — no qual também é possível citar Herbert Marcuse — tiveram grande influência entre pesquisadores da comunicação. No entanto, com os estudos culturais e outras perspectivas de trabalho mais focadas nos receptores enquanto produtores de sentido, as ideias de manipulação e alienação passaram a ser revistas.

Para dar conta da trajetória da Teoria Crítica, seria necessária uma ampla análise da perspectiva teórica dos referidos autores, afinal, embora pertencessem à Escola de Frankfurt, tinham diferentes perspectivas analíticas para os fenômenos comunicativos (RÜDIGER, 2013). Todavia, expandir essa categorização não se faz necessária em nosso argumento. O que salientamos, mesmo de forma reduzida ao apontar intelectuais como Marcuse, Benjamin, Adorno e Horkheimer, é como os conceitos de Indústria Cultural e alienação foram fundamentais para o desenvolvimento das teorias da comunicação, sobretudo na aproximação com a Educação para os Meios, uma das principais intersecções entre Comunicação e Educação no decorrer do século XX.

A proposta dos Estudos Culturais em relação à perspectiva analítica da Escola de Frankfurt marca uma mudança sobre a ênfase dos processos comunicativos: o fundamental é como as pessoas interpretam e criam significados a partir da recepção dos produtos culturais. O foco, portanto, está mais ligado à construção de identidades e às ressignificações dos conteúdos transmitidos pelos meios de comunicação. E as mensagens que circulam nestes devem ser vistas dentro de um contexto de mediações que interferem na recepção: o ecossistema comunicativo, que, numa sociedade em que a mídia é parte integral da cultura e das relações sociais, “está se transformando em alguma coisa tão vital como o ecossistema verde, ambiental” (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 125).

Não se trata de ignorar o processo de emissão-recepção, pois a leitura dos conteúdos integra o jogo de linguagem produzido pelos meios de comunicação. São estes os responsáveis por fazer a produção simbólica circular na sociedade contemporânea em larga

escala. O que a perspectiva dos estudos culturais propõe é uma postura ativa dos receptores, que também produzem sentido a partir da trama cultural onde estão inseridos. Logo, só há recepção e, consequentemente, comunicação, na totalidade da vida social.

Ao analisar a inter-relação entre mídia e sociedade contemporânea, Thompson (2009), sociólogo e analista dos estudos culturais, afirma que a recepção deve ser vista como uma forma de ação. O autor destaca que os produtos da mídia são recebidos, interpretados e incorporados de forma complexa, dentro da singularidade individual, compondo, enfim, o processo comunicativo.

Quando os indivíduos codificam ou decodificam mensagens, eles empregam não somente habilidades e competências requeridas pelo meio técnico, mas também várias formas de conhecimento e suposições de fundo que fazem parte dos recursos culturais que eles trazem para apoiar o processo de intercâmbio simbólico (THOMPSON, 2009, p. 29)

Portanto, ao reconhecer a importância do intercâmbio simbólico nos estudos culturais, a relação dos receptores com os meios de comunicação deve ser entendida como mediatizada. Ou seja, essa relação nunca é direta, vertical e unilateral, mas resultado de uma ação multilateral e multidimensional, realizada entre várias mediações (LOPES, 2011). Podemos classificar estas como os fatores econômicos, sociais, de classe, gênero, culturais e assim por diante que podem influenciar como uma determinada mensagem é interpretada e ressignificada pelos receptores. Entre o fato e a recepção, há uma série de agentes e filtros, como quem narra, sob qual perspectiva e como essa mensagem é recebida. Discutir mediações, portanto, é deslocar o aspecto aparentemente mágico da emissão-recepção e se concentrar no contexto que irá determinar as negociações de sentido na recepção.

A circulação de memes na internet ilustra como os processos comunicativos pertencem ao âmbito de mediações e negociações de sentido na recepção. Pouco importa quem produz, transmite ou recebe um meme: a real valorização está nas remodelagens, representações, apropriações e compartilhamentos que os usuários da internet fazem. Podemos ir além: com a internet e as relações estabelecidas em redes rizomáticas, até mesmo a ideia de recepção — num sentido mais próximo de emissão-recepção — passa por ressignificações. Ora, num espaço — o ciberespaço — onde todos os sujeitos têm a mesma potencialidade de emissão, funcionando de forma radicalmente horizontal, não é possível

identificar com precisão quem emite e quem recebe. Para não se ater a indefinição sobre quem é produtor e receptor, alguns autores já designam o termo *prosumer*.²⁶

Antes de prosseguir, devemos dizer que nosso objetivo não é reduzir os estudos e as teorias do campo da Comunicação. Buscamos indicar alguns aspectos que ajudam a compreender o caminho que nos traz ao conceito de ecossistema comunicativo. Logo, com a abordagem dos estudos culturais e sua inserção nas pesquisas de recepção na América Latina, o objetivo é enfatizar em que medida ou autores e as respectivas teorias desempenharam papel fundamental na aproximação com a Educação. Evidentemente, não é possível uma total integração dos dois campos de estudo, mas consideramos que é nessa tensão que surge um aporte para uma pesquisa sobre memes. Essa é a razão para trazermos, a partir de agora, autores que tiveram contribuição para essa linha de trabalho.

3.2 A comunicação na educação

Freire (2015) discute como a comunicação deve ser vista de forma relacional. No diálogo e na transformação de consciências — na perspectiva do autor, fatores decisivos para superar a instrumentalidade da mídia — que a comunicação deve se entrelaçar com a educação. Em outros termos, a comunicação necessita ser compreendida a partir de metodologias que pressupõem os processos midiáticos em favor das relações sociais. Isso significa que, no ato comunicativo — fundamental à condição humana —, não deve existir um ser detentor do conhecimento que despeja sua visão de mundo sob aqueles que não o possuem. Superar dicotomias é adotar uma postura relacional que é “próprio do homem frente ao mundo, que é estar nele e com ele, como um ser do trabalho, da ação, com que transforma o mundo” (FREIRE, 2015, p. 112). Em suma, é a dialogicidade do qual nos fala o autor do clássico *Pedagogia do oprimido*: não há comunicação quando, em uma relação, um sujeito transforma outro em depositário de informações.

A ideia de que os processos comunicativos devem estimular a participação e o diálogo são preceitos que marcam a inserção da comunicação na educação. Como afirma Aparici

²⁶ Junção das palavras *producer* e *consumer*, o termo *prosumer* foi designado por Alvin Tofler para caracterizar os sujeitos da contemporaneidade que são, ao mesmo tempo, consumidores e produtores de conteúdo. Da mesma forma que o termo Onlife, adotamos a utilização da palavra com precaução, haja a vista que o termo suscita uma abordagem de mercado em que, os usuários da internet, além de consumirem, agora também produzem. O fato de produzir não exclui automaticamente o que consideramos uma abordagem funcionalista e instrumental.

(2014), “muitos dos princípios de Paulo Freire” (2014, pg. 32) deram origem ao pensamento educacional, na América Latina.

Na esteira do pensamento freiriano, Mário Kaplún afirma que devemos superar a visão redutora atribuída aos meios de comunicação. "Isso implica considerar a comunicação não como um mero instrumento midiático e tecnológico, e sim, antes de tudo, como um componente pedagógico" (2011, p. 175). O autor mostra como a comunicação pode ter sido transformadora dentro do ensino formal, o que representa reconhecer o papel estratégico do "diálogo como componente necessário da ação educativa" (2011, p. 178). Para ele, a redução da comunicação à informação fragmentada em uma totalidade — ou seja, a própria sociedade — transforma as tecnologias em *incomunicação*. Ou seja, sem a revisão da perspectiva instrumental de que as máquinas e os encantos do ciberespaço resolvam automaticamente problemas da escola, não é possível uma nova educação.

Orozco-Gómez (2011) atenta aos riscos da adesão acrítica às promessas de modernização do ambiente escolar. Para ele, os vínculos entre comunicação, educação e tecnologias — tríade responsável pelos grandes desafios contemporâneos — devem ser vistos numa articulação como as novas possibilidades de linguagem e a democratização do conhecimento, a fim de formar "interlocutores capacitados para uma recepção e produção comunicativa ao mesmo tempo múltipla, seletiva e crítica" (2011, p. 159).

Entre uma das variáveis do trabalho do pesquisador está a discussão sobre o papel do comunicador popular. Ele critica uma ideia que, amplamente, marcou os sistemas de ensino na América Latina: os meios de comunicação não têm legitimidade para ensinar. Para se opor a essa ideia, Orozco-Gómez (2011) afirma que a ênfase dos processos comunicativos deve estar na malha de significados entre sujeitos e meios de comunicação. Ou seja, a pesquisa deve se debruçar em como os sujeitos interagem com as mensagens da mídia, assim como a influência de mediadores na recepção. Esta prevê assimilação, empatia, rejeição e negociação sob um conteúdo.

Para Martín-Barbero (1997), o receptor produz sentido, e o cotidiano é o espaço primordial da pesquisa. Assim, a comunicação se torna, em detrimento de uma perspectiva instrumental e 'midiática', uma prática social. Eis a síntese da perspectiva de trabalho dos pesquisadores latino-americanos:

A comunicação se tornou para nós questão de mediações mais que de meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimento mas de

reconhecimento. Um reconhecimento que foi, de início, operação de deslocamento metodológico para rever o processo inteiro da comunicação a partir de seu outro lado, o da recepção, o das resistências que aí têm seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.28).

Ao mesmo tempo que os teóricos latino-americanos reuniam esforços para reconhecer a importância da recepção e dos mediadores no processo comunicativo, outro elemento fez parte da construção da inter-relação entre comunicação e educação: as organizações sociais que trabalharam no âmbito da educação popular e da comunicação comunitária. São dezenas de projetos e intervenções que reuniram profissionais e cidadãos naquilo que nas últimas décadas se convém chamar de mídia-alternativa. Esse movimento vem na esteira do contexto histórico de ascensão das pesquisas de recepção na América Latina. Os anos de 1970 e 1980, principalmente, foram marcados pela valorização da cultura popular e das lutas sociais por transformações econômicas frente aos regimes autoritários. Era necessário nesse contexto uma abordagem teórica correspondente ao protagonismo dos sujeitos frente à mídia. Para Soares (2014), os movimentos sociais cumpriram papel fundamental na inter-relação entre comunicação e educação:

A sociedade civil criou a Educomunicação e a academia a sistematizou. É o que temos reiterado, inúmeras vezes. Isso significa dizer que o conceito não nasceu em consequência da aplicação de resultados de pesquisas à realidade social, mas emergiu das práticas de agentes comunitários que, nos meados do século XX, buscavam soluções para seus problemas de comunicação. Uma vez identificada e sistematizada, foi possível à academia propor a prática educomunicativa a diferentes âmbitos sociais, entre os quais o midiático e o educativo. (SOARES, 2014, pg. 136).

3.3 Educomunicação e os desafios atuais

Nos últimos anos, a nova realidade comunicacional, que permite manifestações como *Perdi meu amor na balada* e as “fábricas de memes”, impõe desafios para pensar comunicação e educação. Com as mudanças significativas nos mecanismos de produção e circulação simbólica, há reconfigurações na forma como as redes sociais e manifestações contemporâneas, incluso os memes, adentram a escola em comparação a veículos como TV, jornal e rádio. Para Martín-Barbero (2014), o movimento se caracteriza por “deslocalizações e

destemporalizações” em razão da crescente presença das tecnologias digitais.

Menos ligadas ao conteúdo que aos modos de elaboração e compreensão, a aprendizagem escapa agora também das demarcações de idade e das demais delimitações temporais que facilitavam sua inscrição em um só tipo de lugar, agilizando seu controle. A educação continuada ou a aprendizagem ao longo da vida, exigida pelos novos modos de relação entre conhecimento e produção social, as novas modalidades de trabalho e as reconfigurações dos ofícios e profissões, não significam o desaparecimento do espaço-tempo escolar. Mas as condições de existência desse tempo, e de sua particular situação na vida, se veem transformadas radicalmente não só porque agora a escola tem que conviver com saberes-sem-lugar-próprio, mas porque inclusive os saberes que nela se ensinam encontram-se atravessados por saberes do ambiente tecnocomunicativo regidos por outras modalidades e ritmos de aprendizagem que os distanciam do modelo de comunicação escolar. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 83).

Na mesma direção que Martín-Barbero e a partir de reflexões sobre as mudanças experimentadas na educação formal no contexto contemporâneo, Citelli (2015) aponta que os “processos de comunicação, as redes digitais, as mídias móveis, passaram a desempenhar papel decisivo para a vida associada, deixando o lugar de instrumentos ou veículos para se constituírem em tecnologias digitais” (CITELLI, 2015, p. 73). Para o autor, os vínculos entre a educação e a nova realidade comunicacional, resultado do impulso veloz das tecnologias digitais, devem ser refletidos a partir das mediações de um olhar ecossistêmico na organização da vida contemporânea.

Não há sentido prosseguir em dualismos do tipo tecnofobia contra tecnofilia, pois os arranjos ecossistêmicos entre maneiras de ser e estar e os mecanismos expressivos tanto se delineiam como se re-configuram nas dinâmicas que marcam a cultura. Assim como a revolução industrial criou as suas marcas econômicas, sociais comportamentais, valorativas, e de organização das escolas, também a chamada alta modernidade vem provocando a maturação de novas sociabilidades e, consequentemente, requisitando outras maneiras de situar a educação formal no interior dos descentramentos tecnocomunicativos (CITELLI, 2015, p. 73).

Setton (2014), que discute a inserção da mídia na escola, dialoga com as perspectivas de Martín-Barbero e Citelli, indicando que as maneiras como nos posicionamos frente ao mundo e como orientamos nossas ações sofreram transformações com a incessante influência dos meios de comunicação no cotidiano. Para a autora, somos cada vez mais interpelados pela cultura da mídia, que “compõe o imaginário e a vida prática de todos” (SETTON, 2014, p.

23), especialmente os jovens e o universo escolar, que convivem de forma mais intensa com as mudanças.

Para a autora, a influência dos meios de comunicação não pode ser reduzida à mera manipulação ou distorções na formação dos estudantes, o que rotineiramente, ela afirma, acontece. A mídia deve integrar a teia de relações que estabelece frente ao cotidiano escolar, nas sociabilidades e na percepção de realidade. Os produtos culturais contemporâneos — e, claro, podemos incluir os memes —, para Setton (2014), são responsáveis pela circulação e produção de linguagens que integram à vida social, com implicações diretas às formas de se relacionar com a realidade.

O objetivo ao mencionar os referidos autores é ter uma visão abrangente da tradição intelectual que nos orienta sobre como a comunicação adentrou o território da educação. Evidentemente as citações são indicativos da orientação teórica de cada um. O reducionismo não objetiva transformar em fragmento o trabalho dos teóricos, mas sim enaltecer, mesmo que brevemente, a proximidade em torno do conceito de ecossistema comunicativo, que conduziu a construção de nosso objeto de pesquisa.

Ora, pensar os movimentos em redes digitais é para a Educomunicação, portanto, entender as plataformas digitais como espaço de relações sociais. Logo, um estudo sobre memes no contexto infanto-juvenil implica compreender que tratamos das dinâmicas culturais dos jovens sob novos parâmetros comunicacionais, com novas modalidades temporais e de espaço que reconfiguram o cotidiano de todos (SETTON, 2014).

Para Citelli, trabalhar com Educomunicação frente ao cenário contemporâneo exige uma compreensão mais abrangente sobre a nova realidade comunicacional, geradora de novos “processos constituidores de sentido”:

Trata-se, em última instância, de instaurar uma prática de busca e entendimento dos processos constituidores dos sentidos, algo comprometido com o encontro das estruturas significativas, sejam elas de puro deleite, prazer difuso provocador de riso, sobriedade analítica ou mesmo a necessária resposta social que pede a participação e envolvimento transformadores. (CITELLI, 2004, p. 17).

Os memes na internet constituem um das principais expressões do que Citelli classifica como processos constituidores de sentido. Tratamos de um elemento significativo para analisar as dinâmicas que reconfiguram a forma como jovens interagem *com e nas*

tecnologias. Apropriados em larga escala, os memes sintetizam o momento histórico de transformações em que comunicação passou a tensionar em termos de produção, circulação e recepção dos bens simbólicos. Tratar de memes é, em última instância, investigar esse território de transformações e analisar que tipo de apropriação esses jovens estão desenvolvendo.

Tal mudança metaforiza a crescente importância da comunicação enquanto agência socializadora. A comunicação, como nunca antes na história da humanidade, passa a ser desenvolvida velozmente e intensamente dentro da internet, tendo os atores sociais como protagonistas dos processos comunicativos. É o novo contexto que privilegia o “usuário comum” — termo que será explicado na definição sobre o que é cibercultura.

Não se trata de cultuar as novidades do mercado digital em que todos podem consumir e produzir. Assim como não pretendemos descartar ou, pior, condenar a tradição e os métodos do universo escolar em favor dos memes. O que buscamos é a compreensão das contradições e dos jogos de linguagem que compõem as representações e as percepções presentes nas redes sociais e que passam a integrar o cotidiano da escola.

Partimos da premissa que a Educomunicação, como tentamos demonstrar, não serve apenas para ensinar a usar o Facebook em sala de aula ou como criar estratégias de engajamento e alcance orgânico nas redes sociais — o que seria uma apropriação instrumental dos processos comunicativos. O propósito é, a partir da utilização dos meios técnicos, sejam eles quais forem — do WhatsApp à fita cassete —, propiciar o uso consciente e crítico para buscar transformações no mundo. Isso não pode ser confundido com tecnofobia ou aversão às possibilidades oferecidas pelas novidades.

Negar ou demonizar o jogo de representações e linguagens que circulam nas redes sociais ou numa poderosa tecnologia que surge na próxima semana, fazendo sucesso avassalador entre crianças e adolescente — um bom exemplo é o fenômeno Pokémon Go²⁷

²⁷ Em meados de 2016, o lançamento do jogo para celulares Pokémon Go no Brasil causou alvoroço entre jovens, pais e sistemas de ensino. Configurado para que os jogadores caçassem — via GPS — os pequenos objetos virtuais pelas ruas das cidades, o game despertou reações raivosas sobre as possíveis manipulações e ameaças que os jovens poderiam sofrer. Evidentemente há implicações socioculturais que devem ser discutidas, como, por exemplo, a privacidade e utilização de informações dos usuários ao navegar pelas cidades. Ou seja, até onde vai o limite dos interesses do capital financeiro frente às relações sociais. No entanto, e esse é motivo para citarmos Pokémon em nosso trabalho, condenar sumariamente o game e as crianças e os adolescentes por caçarem Pokémons é desperdiçar a oportunidade de compreender que tipo de apropriação os jovens estão fazendo da tecnologia. No jogo de linguagens, que vai do Pokémon Go a rodar peão nas ruas, é que os jovens constroem a própria cultura. Demonizar, seja qual for o processo, é jogar fora o bebê junto com a água do banho. Com o título 'Pokémon e o sequestro do desejo', reportagem da Carta Capital ilustra bem o episódio marcante do ano de 2016. Disponível em :<<https://goo.gl/QZJoMC>>. Acesso em 12 de abril de 2017.

—, é negar a produção simbólica que circula entre esses jovens. A possibilidade de melhores resultados passa, arriscamos dizer, pela compreensão da negociação de sentidos e da sintonia com aquilo que faz parte do cotidiano dos estudantes, ou seja, esse novo cenário comunicacional.

Os memes cumprem um papel fundamental nesse sentido, pois, sendo uma das expressões mais significativas produzidas na interação on-line, carregam em seu interior alto poder de síntese, como se fossem micronarrativas, apresentando, a partir de suas características de reprodução, discursos, representações e percepções das ideias que circulam na sociedade. São afetos e a própria trama cultural que circulam nas montagens e deboches memeais. Temos aí um material importante para compreender as dinâmicas contemporâneas.

Definida a ênfase de nosso trabalho em termos de Comunicação e Educação, passamos a discutir como os memes têm resultantes diretas às sociabilidades contemporâneas. Para isso, definimos três categorias para melhor esclarecer: (1) o que são memes e qual a inserção destes no ciberespaço; (2) os memes como produto da sociedade contemporânea; e (3) cultura juvenil e o que significam os memes para as sociabilidades coetâneas.

4. O que são memes?

Imagem 2 - Meme de Richard Dawkins

Fonte: Google (2016). **Legenda:** Meme retirado do Google com a pesquisa “what are memes”. Na imagem, uma montagem com a foto de Richard Dawkins, criador do termo, e a inserção do texto (em inglês). “Você continua utilizando a palavra (meme). Não acho que ela significa o que você pensa que ela significa”.

A expressão ‘meme’ tem origem no livro *O Gene Egoísta* (1976) de Richard Dawkins, dentro de uma discussão sobre a transmissão cultural. Num amplo estudo a respeito da evolução, o autor argumenta que as ideias produzidas na sociedade funcionam como a propagação dos genes humanos, que se reproduzem e se organizam com o objetivo de manter o organismo funcionando. Em outros termos, ele busca com a expressão meme criar o mesmo sentido que a palavra gene para descrever como ideias, conceitos e comportamentos se propagam na sociedade. O conceito vem do grego *mimeme* (que significa imitação) e foi reduzido justamente para ser semelhante à palavra gene. Por meio de cópias e imitações, explica Dawkins, pequenas unidades da cultura passam de pessoa para pessoa, carregando em seu interior percepções gerais da sociedade.

Os genes são responsáveis pela formação de nossas características físicas, como a cor de pele e olhos, nossa aparência, o tamanho de nossos pés e braços, e assim por diante. No entanto, são incapazes de determinar aspectos culturais da convivência humana, como nossas preferências, produções artísticas, gostos e desejos. Este é o papel que os memes

desempenham na evolução humana: a transmissão cultural. Por isso, para ter sucesso e avançar dentro das sociedades, há necessidade de atributos gerais a essas unidades da cultura, como longevidade, fecundidade e fidelidade de cópia.

O autor também discute a importância dos replicadores à evolução, destacando que nenhum meme consegue atingir alta-fidelidade de cópia, afinal, ao passar de cabeça a cabeça, modifica-se constantemente. Se o gene é uma unidade de reprodução biológica, o meme desenvolve-se no campo cultural, reproduzindo sentimentos, slogans publicitários, ideias, melodias, moda, teorias e artes (DAWKINS, 1976).

Para pesquisadores de memética, que seguem a linha apresentada por Dawkins, aspectos humanos que não são replicáveis pelos genes e pertencem ao âmbito cultural, como o cinema, o design e a literatura, por exemplo, podem ser classificados como memes. Essa abordagem – discutida, na maioria, por geneticistas e biólogos – afirma que os produtos culturais funcionam em certo nível como vírus, sendo transmitidos por contágio. Durante a argumentação, o autor chega a classificar os memes como os vírus da mente, que influenciam e determinam as percepções que os indivíduos têm sobre a realidade.

Estudos de memética afirmam que essas percepções, assim como a cultura em si, são definidas pela seleção natural, ou seja, só sucedem aqueles que conseguem se adaptar às condições e evoluir da mesma forma que os genes. Logo, ao estudar as razões para determinadas ideias e gostos se proliferarem de cabeça a cabeça, é possível compreender como a cultura e as preferências da sociedade são moldadas.

Blackmore (2008), expoente pesquisadora da memética, argumenta que o princípio do darwinismo universal é decisivo para compreender a ideia de proliferação de memes. Se existem criaturas que variam dentro de uma disputa para sobreviver, o resultado é que quase todas as criaturas morrem. Ora, se aqueles poucos que sobreviveram transmitirem aos filhotes as informações sobre o que os ajudou a sobreviver, então essas novas criaturas devem ser melhor adaptadas que os pais para as circunstâncias de disputa e sobrevivência. Em suma, diversidade, seleção e hereditariedade são os elementos fundamentais para a evolução.

Este princípio se aplica aos memes: com o darwinismo universal, qualquer informação que é variada e selecionada irá produzir design. Informação que copiamos de pessoa para pessoa por imitação, pela linguagem, falando, contando histórias, vestindo roupas. Isso é informação copiada com variação e seleção. Meme, portanto, é aquilo que é imitado a fim de se reproduzir e proliferar. (BLACKMORE, 2008).

Shifman (2014), ao retomar as discussões de *O Gene Egoísta* e a proposta da memética, afirma que a perspectiva de trabalho de Dawkins para explicar a circulação da cultura na sociedade é insuficiente, pois considera os indivíduos como recipientes passivos, servindo apenas de abrigo para os memes. Blackmore (2008), por exemplo, afirma que nós, os seres humanos, somos as máquinas dos memes, servindo como substrato para a circulação deles na sociedade. Ou seja, os memes seriam, nesse sentido, por eles mesmos responsáveis pela produção simbólica e imaterial das sociedades, restando aos homens a condição de “hospedeiro”. Num sentido mais amplo, a proposta da memética se torna limitada quando pensamos na complexidade de fatores que compõem a cultura humana e, principalmente, quando refletimos uma proposta que parte de uma premissa de “transmissão passiva”.

Reportagem publicada pela revista Super Interessante, em agosto de 2003, apresentava os preceitos da memética, inspiradas pelo trabalho de Dawkins, muito antes das ressignificações contemporâneas da linguagem digital. O artigo nos dá um indicativo da perspectiva análitica apresentada pelos seus teóricos, que defendem a circulação viral da cultura dentro da sociedade. [...] "do mesmo modo como os genes buscam produzir cópias de si mesmos de uma geração para a outra, as idéias competem entre si para dominar o maior número possível de cérebros. Sejam grandes convicções ou pequenos caprichos, as idéias, segundo esse ponto de vista, não são objeto de sua escolha consciente. São transmitidas por contágio" (TEIXEIRA, 2003).

A concepção de contágio viral não atende a abrangência do que os memes se tornaram na contemporaneidade. Não é nossa pretensão estender a discussão sobre genética e reprodução cultural. Nem desejamos reduzir a importância desses estudos. No entanto, entender as origens do termo e, sobretudo, como o conceito passou a designar o produto cultural que circula no ciberespaço é imperiosa para compreendermos o que são memes na atualidade. É inevitável a comparação da definição proposta por Dawkins com as teorias funcionalistas da comunicação — já apresentados neste trabalho ao discutirmos o caminho teórico da Educomunicação. Como buscamos posicionar nossa pesquisa dentro de uma abordagem sistêmica, dentro da categorização de ecossistema comunicativo, precisamos superar as ideias de “propagação” e “contágio”.

Com estudos recentes da cibercultura, a concepção teve ressignificações e ressemantizações. Antes entendidos como unidades propagadoras da cultura, os memes passaram a ser classificados como expressões narrativas construídas em formas de montagens,

compartilhadas on-line e que, rapidamente, se difundem nas redes sociais. Produzidos por usuários da internet, os memes podem ser compreendidos como produtos culturais, constituídos de imagens, vídeos e montagens com fotos e GIFs²⁸. Assim como apresentado de forma ilustrativa nas **Imagens 1 e 2**, são enunciados em forma de fotografias, imagens remodeladas pelos usuários da internet, textos e vídeos compostos por inúmeras linguagens que objetivam parodiar, satirizar, criticar ou refletir sobre situações do cotidiano.

Outro atributo fundamental dos memes é a intertextualidade, pois se relacionam de forma complexa com as linguagens audiovisuais, referenciando temas da atualidade ou acontecimentos marcantes. São diálogos, no geral, com diversos campos de construção de sentido que se inspiram em músicas, novelas e outras manifestações que não necessariamente habitam a internet. Já é comum, por exemplo, que internautas produzam memes ao mesmo tempo em que assistem a um programa na televisão, referenciando e parodiando o *live streaming*. Em cada deboche, brincadeira, metáfora e provocação, os memes ressignificam enunciados verbais, gerando novos sentidos às narrativas que circulam no ciberespaço. O conceito também é utilizado para descrever diversos produtos culturais feitos a partir de paródias e montagens de piadas, boatos e vídeos.

Em termos de linguagem, os memes são composições híbridas entre elementos visuais e verbais, feitos a partir de montagens e recortes. Com a característica de velocidade de reprodução, têm alta capacidade sintética, ou seja, funcionam como micronarrativas, carregando em seu interior os discursos e ideais que circulam no interior da trama cultural. Isso significa que os memes têm como característica fundamental a capacidade de sintetizar e referenciar os conteúdos e os discursos que circulam na sociedade, constituindo, portanto, um elemento aglutinador das dinâmicas do ciberespaço.

Nos capítulos 8 e 9 voltaremos a tratar dos elementos e as funções que organizam as montagens dos memes. Por ora, ressaltamos que, com a presença do usuário comum enquanto protagonista, esses produtos culturais contêm na maioria elemento típicos da oralidade, como jargões e expressões do cotidiano. Shifman (2014) descreve três atributos gerais que caracterizam os memes:

²⁸ GIF (Na sigla em Inglês, Graphics Interchange Format) é um formato de imagem muito usado na internet, constituído de imagens em movimentos (como pequenos vídeos) e arquivo com baixo tamanho, o que permite a rápida reprodução e compartilhamento nos sites de rede social.

(a) produtos digitais com características comuns de conteúdo, forma e/ou posição;

(b) criados conscientemente pelos usuários da internet;

(c) e que circulam em forma de imitações/paródias/transformações através de múltiplos usuários na Internet.

Esta definição nos permite classificar os memes como artefatos que surgem dentro de um contexto de representações e narrativas construídas socialmente no ciberespaço. São discursos e enunciados que se manifestam em diversas vozes, multiplicando-se através dos usuários da internet. E, por isso, surgem as frequentes remissões aos trabalhos feitos pela memética, que discutem contágio viral, proliferações e replicadores.

No entanto, para compreender o fenômeno, propomos ter em vista o protagonismo dos indivíduos no processo comunicativo, pois eles negociam e produzem sentido. Não há meme que não seja feito dentro de um contexto de compartilhamento de sentidos. Ora, a decisão de compartilhar ou produzir um meme pertence ao indivíduo. Logo, a cada viralização de conteúdo e por mais que se perca de vista as singularidades quando tratamos de cifras na casa dos milhões, há sempre decisões individuais que permitem a proliferação nas redes.

A ideia de contágio ou proliferação automática tem pouco sentido quando pensamos que, ao se defrontar com um meme em plataformas como Facebook, Twitter ou Whatsapp, os indivíduos tomam uma iniciativa, como mencionado na obra de Thompson (2009), empregando várias formas de conhecimento e suposições que fazem parte dos códigos culturais que eles compartilham. É no intercâmbio simbólico que um meme circula nas redes digitais. Não em um contágio, esse é o nosso argumento.

Outro aspecto fundamental a ser destacado é que, inscritos no ciberespaço, os memes são frequentemente vistos como artefatos rasos e sem sentido. Todavia, em certo nível, representam e metaforizam essa nova expressão comunicativa da contemporaneidade, marcada pela participação intensa e horizontal dos indivíduos. "Os memes da internet podem ser tratados como um folclore moderno, no qual normas e valores compartilhados são

construídos através de artefatos culturais como imagens *photoshopadas*²⁹ ou lendas urbanas" (SHIFMAN, 2014, p. 17).

Para Recuero (2014), a circulação de memes — assim como outros produtos feitos no ciberespaço — está associada ao capital social. Este conceito significa o valor desenvolvido e compartilhado pelos indivíduos a partir das interações em grupo. Ou seja, as razões que levam os interagentes a produzir e circular memes passam pela soma de fatores envolvidos na relação entre eles. O comportamento nas redes é negociado e faz parte de uma troca complexa de valores, transitando entre os âmbitos pessoal e coletivo.

A pesquisadora apresenta uma análise ampla das origens do termo, na obra de Pierre Bourdieu, James Foleman e outros autores que discutem a temática, concluindo que não há consenso teórico sobre o significado. Ela categoriza capital social, portanto, como “um conjunto de recursos” (RECUERO, 2014, p. 50) que podem ser utilizados pelos membros de um determinado grupo para a construção social.

A partir das categorias criadas pelo sociólogo James Coleman no livro *Social Capital in the Creation of Human Capital*, Recuero apresenta o conceito em turnos, sendo, (1º) a soma das relações, laços e trocas “que conectam os indivíduos de uma determinada rede” (p. 50), (2º) as normas de comportamento, (3º) conhecimento e informações compartilhadas pelos integrantes desse grupo, (4º) a confiança compartilhada pelos membros e (5º) as instituições – formais e não formais – que agrupam os indivíduos em torno de regras e normas.

Para o nosso trabalho, numa síntese da complexa reflexão proposta por Recuero sobre o assunto, salientamos que nas apropriações de sistemas técnicos, os valores entre os interagentes são negociados incessantemente no plano individual e coletivo, dando significados à produção simbólica. Logo, um meme só é meme a partir do compartilhamento de códigos e valores estabelecidos na interação mediada pelo computador. Essa é a perspectiva que enfatizamos quando usamos a expressão **trama cultural**.

Frequentemente, pessoas não habituadas com esse tipo de expressão na internet têm dificuldade em compreender as mensagens e a “zoeira” embutida nos memes. Ao primeiro olhar, parecem montagens sem qualquer tipo de nexos ou sentido. É o capital social estabelecido entre os atores sociais o responsável por fazer os conteúdos das interações se

²⁹ Tradução livre do termo “Photoshopped”, utilizado pela autora, para se referir ao software de edição de fotos Photoshop, largamente utilizado para recortes e montagens na web. Em português, o termo photoshopado já faz parte da linguagem dos usuários de internet.

constituírem em laços sociais, dando significados, "que pode ser acumulado, aprofundando um determinado laço e aumentando o sentimento de grupo" (RECUERO, 2014a).

Para Lemos (2015b), com as inovações tecnológicas, a circulação simbólica nas redes digitais, como no caso dos memes, faz parte de um processo típico da contemporaneidade: o compartilhamento de elementos da cultura. Participar nas redes exige que os indivíduos façam intercâmbios e atuem com os conteúdos que eles trocam e (res)significam. Ou seja, com os mecanismos técnicos que permitem alta velocidade de reprodução e circulação simbólica, explica o autor, faz parte da cultura contemporânea o impulso por socialização de aspectos da vida cotidiana e pequenas unidades da cultura. Os memes funcionam como elemento sintetizador desses intercâmbios e compartilhamento de afetos, desejos e críticas à vida social.

Para Recuero (2006), tais produtos culturais devem ser entendidos primeiramente como unidades semânticas de representação que se difundem através das pessoas nas redes sociais na Internet. Ou ainda:

O estudo dos memes é frequentemente relacionado com o estudo dos sistemas complexos, e percebidos por muitos como uma ordem emergente desses sistemas. Dentro dessa perspectiva, os memes são compreendidos como potencializados pela rede e parte da dinâmica social desses ambientes. Entre os vários exemplos está a propagação de informações como jogos vídeos, imagens e etc. (RECUERO, 2014a, pg. 122)

Na última década, estudos vêm tentando classificar as categorias dos memes na internet. São diversas denominações que buscam sistematizar a capacidade de reprodução, difusão, reinterpretação, duração e viralização. Para este trabalho, vamos explorar inicialmente duas categorias gerais desenvolvidas por Recuero (2011): (1) Meme de Identificação e (2) Meme de Sociabilidade. O primeiro é utilizado para construir traços identitários, ou seja, quando a construção discursiva objetiva formar um perfil na rede. Por exemplo, a utilização de filtros em fotos para marcar um posicionamento sobre um determinado assunto. O segundo – mais interessante a este trabalho – é utilizado como expressão de coletividade. Nessa perspectiva, o objetivo é construir um convite à interação social, fazendo com que o meme seja um meio para que as pessoas conectadas às redes sociais interajam com a publicação. Nos capítulos 8 e 9 voltaremos a discutir categorias e gêneros para os memes, resultantes da nossa pesquisa de campo. Por ora, os atributos gerais

estabelecidos por Recuero nos ajudam na compreensão e descrição do que entendemos por memes. Vamos aos exemplos.

Durante as entrevistas iniciais, realizadas em caráter experimental no decorrer de 2015, a fim de encontrar elementos de análise para este trabalho, observamos os perfis de rede social de um grupo de alunos da EMEF Julio Marcondes Salgado para buscar memes e expressões da interação social na Internet. Nossa intenção era ter parâmetros sobre que tipo de conteúdo os jovens costumavam a compartilhar e referenciar. As imagens coletadas³⁰ apontam que, na maioria das vezes, eles compartilham memes de sociabilidade, na definição de Recuero, com traços de deboche, indiretas, provocações e, claro, o que aqui estamos classificando como zoeira.

A **Imagem 4** foi compartilhada por uma das alunas que participaram dessa etapa de nossa pesquisa. A imagem que dá origem ao meme é o quadro “Amor Desarmado”, (**Imagem 3**) datado de 1885, feito pelo francês William-Adolphe Bouguereau. A montagem feita na internet altera o rosto original da criança de “Amor Desarmado” por um extraterrestre, adicionando o texto “MEU DEUS. UMA VIDA ALHEIA. ME SOLTA QUE EU PRECISO CUIDAR”. A zoeira desenvolvida na montagem coloca a imagem na categoria de meme de sociabilidade, pois como afirma Recuero, “esses memes de humor convidam a interação e aos comentários. Têm, assim, uma função específica de manter e construir laços sociais. Ou seja, seu foco, em última análise é mais social” (RECUERO, 2011).

³⁰ Na ocasião das entrevistas iniciais, ao identificar memes interessantes ao nosso estudo, pedimos aos estudantes para salvarem no computador o meme. Na sequência, com um pen-drive, recolhemos o material.

Imagem 3 - Quadro Amor Desarmado

Fonte: Google (2015). **Legenda:** Quadro “Amor Desarmado” de William-Adolphe Bouguereau, imagem que deu origem ao meme da Imagem 4.

Imagem 4 - Meme “Meu Deus, me solta”

Fonte: Facebook (2015). **Legenda:** Meme retirado de um dos perfis de rede social dos alunos que participaram das entrevistas iniciais

Na **Imagem 5**, também compartilhada nas redes sociais na internet por um aluno que participou das entrevistas iniciais, exemplifica as sátiras que permeiam o dia a dia dos discentes. Nesse caso, o elemento gerador é cotidiano escolar e a dificuldade com a disciplina de matemática. Já a **Imagem 6** evidencia uma estética particular dos memes produzidos pelos adolescentes, representada por uma frase um tanto desconexa, somada a figura de um cachorro.

Imagem 5 - Meme “Fazendo prova de matemática”

Fonte: Facebook (2015). **Legenda 5:** Meme compartilhado por aluno que participou das entrevistas iniciais; aluno parece fazer intensamente a avaliação de matemática.

Imagem 6 - Meme “Quantos dedos eu tenho”

Fonte: Facebook (2015). **Legenda:** Meme compartilhado por aluno que participou das entrevistas iniciais; Na linguagem das redes sociais, animais são frequentes personagens de paródias.

Os exemplos apresentados são um indicativo de como os estudantes interagem com esse tipo de conteúdo. O que demonstramos, a partir da identificação desses memes de sociabilidade nas entrevistas iniciais, é que os compartilhamentos feitos pelos estudantes entram, na maioria das vezes, no âmbito das relações, dos afetos e dos sentimentos. Com as montagens na web e as intervenções cômicas do cotidiano, os jovens estão compartilhando elementos da cultura que eles próprios criam e ressignificam, indicando a pertinência do nosso referencial teórico sobre como os memes estão inscritos num contexto geral da comunicação, que deve ser entendida a partir da ideia de ecossistema comunicativo. Afinal são novas sociabilidades marcadas pela alta intensidade de participação e interação. São na maioria mensagens trocadas inicialmente entre pessoas que mantêm convívio off-line, que, num segundo momento, disparam e alcançam números expressivos de compartilhamento chegando a milhares e, em certas circunstâncias, a milhões de pessoas. Não tratamos, portanto, da perspectiva de “contágio viral”.

“A internet não perdoa” e a zoeira são elementos que tornam as mensagens genéricas e compartilháveis, pois geram empatia entre os interagentes. Num sentido mais amplo, o fenômeno dos memes está associado a uma mudança significativa nos processos comunicativos. Trata-se de uma nova cultura – ou cibercultura, como será explicado adiante –, em que o usuário comum se torna protagonista das ações, utilizando as plataformas on-line para trocar mensagens e informações. A produção simbólica e a linguagem são feitas de forma horizontal, rompendo com o eixo emissor-receptor. Assim, emerge uma nova forma de consumo midiático entre os indivíduos que não se encaixam na condição de espectador.

O desenvolvimento das tecnologias digitais cumpre papel fundamental para a ascensão desse cenário. A configuração técnica do ciberespaço, produto de uma série de mudanças históricas no campo das telecomunicações e da informática, oferece possibilidades para que as mensagens sejam reproduzidas em alta velocidade, atualização em tempo real de conteúdos e, sobretudo, uma cultura horizontal de participação.

Não é atoa que os memes contêm características que sintetizam essas mudanças: velocidade, múltiplas interações entre os indivíduos, alta capacidade de síntese, produção coletiva e linguagem popular. No entanto, a mola propulsora dessa nova forma de comunicação não é simplesmente resultado de avanços tecnológicos. Ela nasce dentro de uma realidade social, a cibercultura, responsável por oferecer uma nova forma de ser e estar no mundo. Passamos, agora, a entender esse contexto emergente.

4.1 Memes são virtuais? O ciberespaço e a cibercultura

Para Lévy (2010), não há um mundo paralelo, desconectado da realidade ou do espaço físico. O ciberespaço é um lugar constituído pela interação dos atores sociais numa relação híbrida com sistemas técnicos e fluxos de informação das redes digitais. Portanto, não podemos conceber as redes sociais na internet como um espaço desconectado do “mundo real”, aquele onde vivemos. Não é possível também separar o que acontece on-line do que chamamos de convívio off-line: as relações estão interconectadas e são construídas mutuamente, mesmo que haja um imperativo contemporâneo de tratar o ciberespaço como “a realidade virtual”, onde as relações sociais são uma espécie de peça de ficção.

No senso comum, a palavra virtual é frequentemente utilizada para designar o que não é real. O termo “realidade virtual” – difundido em larga escala na imprensa e na web – pressupõe um universo paralelo, com uma conotação de ficção, que pertence ao plano da irrealidade. Nessa perspectiva, não seria possível ser real e virtual ao mesmo tempo, pois são posições naturalmente excludentes. No entanto, virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual (LÉVY, 1996). Virtualidade e atualidade são “apenas dois modos diferentes de realidade” (LÉVY, 2010, p. 49). Isso significa, para nos atermos a um exemplo filosófico apresentado pelo autor, que toda semente é virtualmente uma árvore. Ou seja, não lidamos com ficção, pois há realidade de árvore em uma semente, pois ela tem a potencialidade de germinar e crescer. Portanto, ela não é irreal. Na verdade, ela não é atual, pois ainda não se manifestou.

Quando Lévy (1996) responde *O que é Virtual?* busca justamente explicar que a virtualização é um processo que acompanha o desenvolvimento da humanidade. Virtual não surge com a popularização de computadores ou com as redes sociais, mas sim com desenvolvimento simbólico e da linguagem. Nossa relação com o mundo é mediada, portanto, os códigos e as significações, que pertencem ao âmbito do virtual, dão sentido às interações no cotidiano. Quando falamos, por exemplo, emitimos por meio de nossas cordas vocais uma onda sonora, física, que chega aos ouvidos do interlocutor. Virtual, explica Levy, é o jogo de significados e abstrações que transformam o som produzido em um código simbólico. Ou seja, o real – a onda sonora produzida pela boca – acompanha e coexiste com o virtual – as significações e os sentidos atribuídos pela linguagem –, numa relação híbrida e incessante.

Concluimos, então, que o mundo digital integra totalmente a realidade, afinal os sistemas técnicos que organizam as redes digitais são físicos. Os códigos binários de

digitalização, assim como as telas e os computadores e as redes *WiFi*, são também elementos reais. Memes são, portanto, absolutamente reais e, ao mesmo tempo, virtuais.

Uma das razões históricas para a percepção de separação entre real e virtual é uma característica fundamental deste: a desterritorialização. O virtual tem a capacidade de não estar presente em um determinado local e, mesmo assim, ser real. Manifestar-se em lugares e em temporalidades diferentes são os traços que condicionam o que é ser virtual, ou seja, o fato de não estar presente, naturalmente, confunde, pois a imaterialidade e a não-presença soam como irreal. Exemplo: quando conversamos no telefone ou transferimos um arquivo via *bluetooth*, não podemos afirmar que se trata de fenômeno irreal ou ficcional pelo simples fato da não-presença e da imaterialidade. Afinal, ouvimos a voz do interlocutor e recebemos em nosso celular o arquivo transferido. O que podemos afirmar é que não sabemos onde está a presença de nossa voz, ou os *bites* transferidos pelo arquivo. “Ainda que não possamos fixá-lo em nenhuma coordenada espaçotemporal, o virtual é real” (LÉVY, 2010, p. 50).

Essa diferenciação sobre o que é virtual nos permite uma perspectiva mais abrangente sobre o ciberespaço, pois supera dicotomias entre os convívios on-line e off-line. Ou seja, a vida social acontece e coexiste entre a conexão e a desconexão, não havendo separação entre elas. Local de circulação de memes, o ciberespaço deve ser, portanto, entendido como um conjunto de sistemas técnicos apropriado pelos sujeitos interagentes, configurando-se como um ambiente social. Isso significa que as relações e a produção simbólica nesses espaços constituem a própria vida social. Podemos compreendê-los não apenas como artefatos digitais, mas sim como apropriações que se transformam em produtos culturais.

O que enfatizamos é que não há possibilidade de compreender as dinâmicas nas redes sem levar em consideração as relações híbridas entre humanos e não-humanos, sistemas técnicos e fluxos de informações. É na interação mútua entre esses agentes, em constante transformação, que emergem as redes sociais na internet (RECUERO, 2014a). Os memes que circulam nesses espaços são parte integrante da cultura contemporânea, que podemos designar como cibercultura.

Superar as dicotomias que insistem em dissociar real e virtual é passo importante para compreender a abrangência dessas novas expressões comunicativas. Quando investigamos a percepção dos jovens sobre as dinâmicas do ciberespaço, temos um universo específico de análise, pois estamos dentro da trama cultural que envolve o cotidiano dos estudantes.

Nesse sentido, podemos nos ater a como as configurações técnicas do ciberespaço

permitem possibilidades comunicacionais que outras mídias não alcançaram. Nos dias atuais, há novas modalidades de cooperação e coordenação, sem a necessidade de presença geográfica e temporal. Os fluxos de informação circulam de maneira descentralizada e desterritorializada, e a ação dos indivíduos ressignifica os sentidos de forma conjunta. É a inteligência coletiva proposta por Lévy que surge em um lugar propício ao seu desenvolvimento: o ciberespaço.

Ubiquidade da informação, documentos interativos interconectados, telecomunicação recíproca e assíncrona em grupo e entre grupos: as características virtualizante e desterritorializante do ciberespaço fazem dele o vetor de um universo aberto. Simetricamente, a extensão de um novo espaço universal dilata o campo de ação dos processos de virtualização (LÉVY, 2010, p. 51).

A marca histórica para a ascensão do ciberespaço como local de expressão comunicativa é a transição dos computadores, durante os anos 80, do âmbito industrial às telecomunicações. Com o microcomputador, foi possível a apropriação no âmbito doméstico de redes e sistemas técnicos produzidos originalmente à indústria e aos militares. Na esteira da popularização das redes digitais e da interconexão de computadores, o cinema, a imprensa e outras agências socializadoras também passaram a organizar conteúdo a partir da nova configuração não-hierárquica e descentralizada.

O resultado foi a criação de redes complexas e rizomáticas, interligando cidades, estados e países sem depender de transmissões verticais ou do eixo emissor-receptor. As informações passaram a circular em velocidade jamais experimentada pela humanidade, e a digitalização se transformou em prática cotidiana das relações produtivas. Foi essa configuração histórica da internet, em redes horizontais, ligadas a milhões de computadores, que potencializou o aspecto colaborativo do ciberespaço. “As tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento”, (LÉVY, 2010, p. 32).

Para essa mudança histórica, Costa (2012) propõe um modelo metafórico que nos ajuda entender as diferenças entre a organização das redes no período de transmissões verticais para o atual de transmissões rizomáticas. Para isso, a autora apresenta:

Imagem 7 - Esquema de uma Raiz, metáfora das Redes de Comunicação Radiculares

Fonte: Costa (2012). **Legenda:** Com o esquema metafórico de uma raiz, a autora exemplifica o funcionamento das redes de telecomunicações que serviram de suporte para os meios de comunicação como TV e Rádio, no século XX.

Imagem 8 - Esquema de um Rizoma, metáfora das Redes de Comunicação por Computador

Fonte: Costa (2012). **Legenda:** Rizoma é um esquema metafórico para explicar as redes contemporâneas, descentralizadas e horizontais.

Os desdobramentos dos fluxos organizados em redes rizomáticas e descentralizadas, que se iniciaram de forma mais intensa nos anos de 1980, são as novas possibilidades de ser e estar no mundo, assim como de pensar, aprender e conceber as relações sociais. No próximo capítulo iremos ampliar a discussão sobre a inserção dos memes na sociedade contemporânea. Mas, para a definição momentânea, passando pelo trabalho de Dawkins até chegar a contemporaneidade, partimos da premissa que não é obra do acaso que a cibercultura – aqui entendida como a produção cultural contemporânea que se desenvolve a partir das interações produzidas no ciberespaço – é uma realidade concreta para investigar o objeto de pesquisa, no nosso caso, a percepção de jovens estudantes sobre esses processos, sob a perspectiva da Educomunicação.

Neste ponto, uma categorização importante da investigação: na esteira do esforço em superar dicotomias e falsas separações, sobretudo entre virtual e real, devemos afirmar que a cibercultura não pode ser entendida como uma cultura menor, ou pior, uma cultura marginal. Da mesma forma que real e virtual mantém uma relação híbrida, a cibercultura coexiste com as outras culturas existentes na contemporaneidade. Ela é um produto dos novos arranjos que emergem a partir da ascensão do ciberespaço na vida social. Nem exaltar e nem criticar: compreendê-la e analisar seus possíveis desdobramentos para nosso objeto de pesquisa é o desafio, por isso a categorização do nosso entendimento sobre esses processos.

Evidentemente que há competências para navegar na internet e isso exige um certo grau de compreensão das ferramentas, porém, o caráter descentralizado e de fácil acesso impulsiona a multiplicidade de vozes e interações entre iguais. As redes sociais são, portanto, o espaço privilegiado e destinado ao usuário comum. Por isso, as questões do cotidiano, a estética amadora de opiniões (LIMA, 2014) do senso comum, deboches são elementos constantes nos memes. Historicamente, subvertendo a atividade-fim entre indústria e exército, a apropriação da internet se tornou um elemento de compartilhamento cultural entre os indivíduos. Com a ascensão do hipertexto e das possibilidades colaborativas, as estruturas verticais de comunicação foram dando espaço à inteligência coletiva.

A resultante é que as redes passaram a ter como característica fundamental a ausência de hierarquia. De emissão-recepção, com as redes digitais, passamos a ter “nós” como conceitos chaves para discutir comunicação. Claro, não estamos considerando formas contemporâneas de hierarquia, sobretudo econômicas, ligadas ao mercado financeiro e às gigantes da internet, como Google e Facebook que ditam o funcionamento dos sistemas

técnicos. Para a contextualização histórica, quando falamos em hierarquia, tratamos da concentração da informação e da dependência de um emissor para os processos comunicativos em larga escala. Esse é o rompimento do qual tratamos aqui. Ou ainda:

O computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. Suas funções pulverizadas infiltram cada elemento do tecnocosmos. No limite, há apenas um único computador, mas é impossível traçar seus limites, definir seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si. (LÉVY, 2010, p. 45)

No decorrer da história, as relações sociais foram estruturadas em nós e redes. Porém, não há comparação, afinal são inéditas a velocidade e a intensidade que se experimenta no ciberespaço. Agora, os conteúdos nascem de um contexto de compartilhamento e estímulo à participação, resultantes da estrutura horizontal e descentralizada dos sistemas técnicos. A socialização é o principal impulso das redes, pois não participar é quase sinônimo de invisibilidade em meio à cultura do compartilhamento. Lidamos com aparato complexo, desenvolvido em sites e aplicativos digitais, com inúmeras possibilidades comunicacionais, horizontais, marcadas pelo amplo poder de socialização.

Os interagentes têm voz ativa e podem desenvolver capital social sem depender de uma rede hierárquica. Como explica Lemos (2015a), a cibercultura não resulta apenas de avanços tecnológicos e sistemas técnicos, mas sim da inter-relação entre as mudanças em trânsito na sociedade e na cultura contemporânea. De um para um, a comunicação passou a ser construída de um para muitos e de muitos para muitos, funcionando em redes rizomáticas. Os usuários da internet podem participar do processo comunicativo em diversos papéis, como de criadores ou reprodutores. Nas redes sociais, os indivíduos encontram novas formas de conversação, com humor, deboche e a chamada zoeira, para subverter códigos matemáticos e o funcionamento pré-estabelecido das máquinas — computadores, smartphones etc. Dessa forma, as redes digitais se tornaram uma extensão das dinâmicas feitas nos espaços públicos, constituindo-se, pelo menos em tese, em novo local para o exercício da cidadania.

Uma das consequências é o declínio da estabilidade das identidades. No convívio off-line, você acaba escolhendo os discursos conforme sua posição social. Há diferentes formas de se manifestar e representações a depender do local onde você se insere. O diálogo,

por exemplo, feito entre familiares não é o mesmo entre amigos em um bar. Essa adequação do discurso acompanha as transições de identidade conforme o local de enunciação. Nas redes sociais, em contrapartida, há apenas um perfil. As mesmas publicações aparecem para o círculo social familiar, do trabalho e de amigos. Essa situação gera impasses: uma foto, por exemplo, num bar ou numa festa pode causar constrangimentos ao círculo de colegas do trabalho. Mensagens familiares podem embaraçar os indivíduos frente aos amigos. Como será apresentado no capítulo 8, a nossa pesquisa constatou justamente que os jovens criam perfis *fake* e preferem conversar em plataformas digitais em que não há a presença dos pais, justamente para evitar o embaraço de lidar com os responsáveis concomitantemente aos amigos.

Outra característica marcantes das redes sociais é a alta capacidade de mobilização. Com a comunicação assíncrona e com o deslocamento do eixo espaço-tempo, atores de diferentes regiões, sem vínculos próximos, são capazes de se organizar em torno de um objeto comum. A configuração dos principais sites de rede social permite trocas de mensagens instantâneas, mecanismos de busca e, sobretudo, ferramentas para localizar pessoas com os mesmos interesses. No últimos anos, uma série de eventos sociais foi organizado a partir da mobilização em rede. A Primavera Árabe³¹, no âmbito internacional, e o Churrascão da Gente Diferenciada³², no Brasil, são exemplos de conexão que levaram interações feitas on-line à manifestações políticas e culturais no convívio off-line.

Como explica Recuero (2014b), uma das características fundamentais da conversação em rede é o fato desta deixar rastros de interação. Ou seja, as conversações realizadas entre interagentes permanecem na internet por tempo indeterminável, oferecendo a pesquisadores a

³¹ A série de eventos políticos e sociais que, a partir de 2011, aconteceu em países localizados entre o Norte da África e Oriente Médio, depondo políticos e derrubando governos ditatoriais, ficou conhecida como Primavera Árabe. O ponto de comunhão entre os manifestantes dos vários países, sobretudo Tunísia e Egito, foi a mobilização e articulação do movimento via redes sociais. Para os estudos de cibercultura, esse é um momento de afirmação dessas tecnologias para a realidade social, política e econômica. Desde as eleições de Barack Obama em 2008, ainda havia reticências sobre a abrangência e o potencial das redes. A Primavera, afirma pesquisadores, confirmou que se tratava de uma realidade que viria para ficar.

³² Em maio de 2011, usuários da internet no Brasil resolveram protestar contra moradores da região de Higienópolis, na capital paulista, após reportagem da *Folha de S.Paulo* relatar que esses moradores se mobilizavam contra a construção de uma nova estação de metrô sob a justificativa de temer a presença de “uma gente diferenciada” no nobre bairro paulistano. Foi uma das primeiras vezes que a mobilização feitas nas redes sociais no Brasil tomou conta do convívio off-line, surpreendendo o poder público e a imprensa. Cerca de mil pessoas compareceram ao evento articulado no Facebook. A TV Folha registrou o momento histórico, que ficou conhecido como o “Churrascão da Gente Diferenciada”. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=LOMXV0UIeUc>> Acesso em 29 de Dezembro de 2016.

oportunidade de coletar e analisar dados de grupos sociais. São informações públicas de interações realizadas em plataformas digitais. Uma diferenciação é importante em Recuero: Facebook, Whatsapp, Instagram e tantos outros são, na verdade, sites que abrigam redes sociais. Eles por si próprios não se configuram como redes sociais, embora a linguagem do cotidiano faça essa associação. A apropriação dos sistemas técnicos organizados pelas empresas e pelos indivíduos para construir as dinâmicas sociais é o que configura o que chamamos aqui de rede social. Recuero alerta que a expressão mais precisa é **redes sociais na internet**, justamente para não naturalizar o termo, que, historicamente, é objeto de estudo da antropologia e nada tem a ver, pelo menos no primeiro momento, com os sites Facebook, Twitter e assim por diante. No decorrer de nossa argumentação, usamos o termo rede social, partindo da premissa que estamos lidando com o conceito emergente do ciberespaço. Da mesma forma, evitamos a utilização do termo mídia social.

Ao responder **O Que Há de Social Nas Mídias Sociais** e propor uma genealogia da palavra, Primo (2012) afirma que não devemos naturalizar o conceito, primeiro, pois qualquer tipo de produto midiático é resultado das relações sociais. Ou seja, da pintura em cavernas, passando pela TV e o rádio, até o novíssimo modelo de celular, há relações entre humanos se apropriando da linguagem e dos substratos materiais para desenvolver a produção simbólica. Segundo, social não deve ser visto como um denominativo, pois as relações são híbridas entre meios técnicos e humanos. Mesmo atrelando as dinâmicas feitas no ciberespaço, como comentar, curtir, postar, fazer uma *selfie*, compartilhar, ao atribuir o denominativo "social" a palavra "mídia" pressupõe-se, portanto, que há uma mídia que não é social, fato que demonstramos não ser possível.

Como tratamos inicialmente de “social” e “sociedade”, apresentamos agora a associação dos memes em relação à sociedade contemporânea e ao contexto juvenil. Nosso objetivo é, sem pretensões generalizantes, estabelecer os memes como um prisma para entender alguns aspectos da cultura contemporânea até chegar propriamente à pesquisa de campo.

5. Memes e sociedade contemporânea

Imagem 9 - True to Size, Heather Phillipson.

Fonte: Autor (2016). **Legenda:** Imagem da peça TRUE TO SIZE (FIEL AO TAMANHO), foto registrada com celular na 32ª Bienal de SP.

Exposta na 32ª Bienal de São Paulo, a imagem TRUE TO SIZE (FIEL AO TAMANHO, 2015 & 2016) integra a coleção da artista britânica Heather Phillipson. A autora utiliza material publicitário, brinquedos e emojis de redes sociais na internet para compor – em forma de montagens – o trabalho. Na descrição, Phillipson aponta que a obra resulta de preocupações com a sociedade do consumo e, sobretudo, como objetos físicos e digitais constroem as percepções do imaginário da sociedade. “Suas instalações revelam uma investigação sobre como emoções, afetos e desejos são construídos e manipulados no interior desse conjunto heterogêneo de referências culturais”³³.

A partir de conflitos e paradoxos que vivemos, o trabalho de Phillipson propõe refletir sobre a multiplicidade cultural e as sociabilidades contemporâneas. O *ursinho* de pelúcia, crucificado e amarrado em meio ao turbilhão de cores e linguagens, na verdade, direciona o

³³ As obras expostas na 32ª Bienal de São Paulo, A Incerteza Viva, apresentavam aos visitantes descrições dos trabalhos e informações sobre os autores. A citação se refere, portanto, ao texto de descrição de TRUE SIZE, colada na parede ao lado da peça. A visita foi realizada às 14 horas do dia 04 de dezembro de 2016.

nosso olhar a uma perspectiva de complexidade. É como se fosse possível sentir o sufoco provocado pela labareda no chão e pela fumaça dos cigarros. Seríamos nós na cruz?

Não desejamos entrar no mérito da composição artística, pois nos faltam critérios para uma discussão aprofundada. Todavia, um elemento nos chama atenção e tem dimensão ilustrativa para a análise que propomos: assim como os memes na internet, a peça é feita de montagens que remontam o momento histórico em que vivemos. Dialogando com diversos campos da construção de sentido, com recortes de objetos físicos e digitais, TRUE TO SIZE reúne elementos semelhantes aos memes, pois dão sentido aos desejos e às angústias. Nas redes sociais na internet, criar e socializar memes exige montagens e remodelagens, articulando linguagens e referências da atualidade. A obra de Heather Phillipson, arriscamos dizer, parece um meme gigante posto no terceiro andar da 32ª Bienal de SP.

De caráter ilustrativo, a referência ao trabalho da artista britânica busca nos posicionar sobre tema que trazemos neste capítulo: a inscrição de produtos culturais (no nosso caso, os memes) na sociedade contemporânea. Como eles são construídos? Que tipo de características apresentam? E como sintetizam uma nova cultura de participação (SHIFMAN, 2014)?

A partir dessas indagações, discutiremos como os memes não são obra do acaso ou da mera criatividade de usuários da internet. Pelo contrário, essa linguagem da web está inscrita num cenário complexo e heterogêneo de mudanças, metaforizando os tempos atuais. Os memes são sucesso de compartilhamento, pois traduzem anseios, desejos e afetos construídos no contexto atual, multiplicando-se numa lógica de redes rizomáticas. É fundamental, portanto, definir como eles se reproduzem e de qual referência utilizamos quando falamos em “sociedade”.

Com essa abordagem, o objetivo é evitar explicações naturalizadas sobre a produção cultural nas redes sociais. Como propõe Lipovetsky (2004), a proposta não é celebrar ou detestar a contemporaneidade, mas sim compreender como a circulação dos memes está associada ao momento histórico em que vivemos. Essa é a razão de discutir como o consumo caracteriza a sociedade contemporânea e, conseqüentemente, as dinâmicas desenvolvidas em seu interior. Para tanto, propomos a seguinte organização: (5.1) Capitalismo artista: sedução, afetos e neoliberalismo e (5.2) Aceleração temporal: o terreno de circulação dos memes.

5.1 Capitalismo artista: sedução, afetos e neoliberalismo

Lipovsky e Serroy (2015) propõem um modelo explicativo para a produção simbólica. Para os autores, uma das marcas dos tempos atuais é o hibridismo entre mercados, afetos e sensibilidades. O capitalismo contemporâneo “explora racionalmente e de maneira generalizada as dimensões estético-imaginárias-emocionais tendo em vista o lucro e a conquista de mercados” (LIPOVETSKY & SERROY, 2015, p. 14).

O resultado das relações construídas a partir de padrões e exigências mercadológicas é uma forma inédita dos sistemas produtivos se organizarem: o capitalismo artista. O termo empregado por Lipovsky e Serroy (2015) indica que a produção e o consumo são desenvolvidos por parâmetros de estilo, beleza e mobilização de gostos, “remodelados por operações de natureza fundamentalmente estética” (2015, p. 13). A inter-relação dos afetos com a economia caracteriza o capitalismo artista, pois não há separações entre os sistemas produtivos e a produção simbólica. “O estilo, a beleza, a mobilização dos gostos e das sensibilidades se impõem cada dia mais como imperativos estratégicos das marcas: é um modo de produção estético que define o capitalismo do hiperconsumo” (2015, p. 13).

Com a exploração das estéticas, circulam novos valores econômicos que nascem das experiências sociais. Ou seja, ao aglutinar as emoções e fazer destas o impulso central do consumo, o capitalismo engendra novos parâmetros de prazer e de como se relacionar com a realidade. O sistema produtivo não se limita mais aos bens materiais e, a fim de mobilizar afetos, estimula prazeres estéticos e lúdicos dos consumidores, desenvolvendo estilos, imagens e entretenimento. Nesse sentido, chegamos ao momento que a comercialização dos modos de vida fazem parte das dinâmicas produtivas. A vida social – e também no plano individual – é configurada a partir da lógica de consumo. Em *Os Tempos Hipermodernos*, Lipovsky indica:

Chegamos ao momento em que a comercialização dos modos de vida não mais encontra resistências estruturais, culturais nem ideológicas; e em que as esferas da vida social e individual se reorganizaram em função da lógica do consumo. A primeira e segunda fase do consumo haviam tido como consequência a criação do consumidor moderno, arrancando-o às tradições e arruinando o ideal de poupança; a última fase estendeu ao infinito o domínio do consumo. (LIPOVETSKY, 2004, p. 31)

No decorrer da história, a fim de produzir e socializar sentidos e afetos, as sociedades desenvolveram parâmetros de produção e circulação simbólica. Lipovetsky e Serroy (2015) explicam que não há organização social que não seja influenciada pela estética, como forma de singularizar e diferenciar uma época. Para chegar ao capitalismo artista – o tempo que vivemos atualmente –, os autores apresentam um modelo explicativo da estetização do mundo – dividido em quatro fases na história.

Na primeira fase, chamada de *artealização ritual*, os padrões estéticos estavam ligados ao universo dos ritos religiosos. Ou seja, os mitos e as convenções obedeciam funções e parâmetros ditados pela religião. Esta época é marcada pela tradição, os cânones e ações essencialmente voltadas às funções culturais. No segundo momento, emerge a *estetização aristocrática*, quando os artistas escapam de amarras religiosas para se interligar com os desejos das cortes e das elites. Esta é a fase do início da autonomização da estética, quando, sem ter que responder às exigências da Igreja, os artistas buscam a perfeição tentando seduzir o olhar. A terceira fase está associada ao momento que o capitalismo assume a condição de principal sistema econômico do mundo ocidental, entre os séculos XVIII e XIX. É a ascensão de uma esfera artística mais complexa e sem ligação direta com a religião ou a aristocracia. Passa a existir, portanto, uma arte comercial, chamada de *a moderna estetização do mundo*.

O quarto momento é o atual, a era dos memes, chamado de *a era transestética*, quando o capitalismo, além de um sistema econômico, funciona como produtor e distribuidor de afetos. Isso significa que as emoções e prazeres estéticos passam a ser interligados aos mercados de consumo. Ou ainda:

No tempo da estetização dos mercados de consumo, o capitalismo artista multiplica os estilos, as tendências, os espetáculos, os locais de arte; lança continuamente novas modas em todos os setores e cria em grande escala o sonho, o imaginário, as emoções; artealiza o domínio da vida cotidiana no exato momento em que a arte contemporânea, por sua vez, está empenhada num vasto processo de “desdefinição” (SERROY & LIPOVETSKY, 2015, p. 27).

Na atualidade, portanto, os processos de estetização não se limitam mais à produção artística. Pelo contrário, a vida social passou a ser influenciada pela estética do consumo, nas aspirações e nos afetos. O capitalismo artista expandiu (ou, podemos dizer, até mesmo extinguiu) as fronteiras entre as emoções e o consumo. “O que importa agora é sentir, viver

momentos de prazer, de descoberta ou de evasão, não estar em conformidade com códigos de representação social” (2015, p. 30). O capitalismo artista articula o mercado financeiro às sensibilidades. ao imaginário, ao racional e ao emocional, oferecendo ofertas intermináveis de consumo, presentes em todas as camadas sociais: do turismo de luxo³⁴ ao funk ostentação nas periferias de São Paulo³⁵, os parâmetros de consumo estético se fazem valer na construção social.

O consumo com componente estético adquiriu uma relevância tal que constitui um vetor importante para a afirmação identitária dos indivíduos. Coisa cotidiana, o consumo transestético atinge em nossos dias quase todos os aspectos da vida social e individual: à medida que recua a ascendência dos imperativos de classe, comer, beber, vestir-se, viajar, morar, ouvir música, tudo isso se torna uma questão de gostos subjetivos, de emoções pessoais, de opções individuais, de preferências mais ou menos heterogêneas: é uma estética autorreflexiva que estrutura o consumo hiperindividualista. (LIPOVETSKY & SERROY, 2015, p. 31)

Não pretendemos explorar o funcionamento estético das quatro fases, porém a diferenciação é fundamental para entendermos como a circulação dos produtos culturais sempre esteve inscrita em determinados contextos socioculturais, como parte integrante da cultura e do desenvolvimento. Nessa perspectiva, Dantas (2002) explica como, a partir da segunda metade do século XX, a produção imaterial e simbólica passou a caracterizar os fluxos econômicos do capital. Nos relatórios, painéis, nas fábricas, escritórios e todos os locais de trabalho, a informação passou a ocupar papel central dos sistemas produtivos. Como resultado, “para articular essa produção social geral, o capital tende a investir cada vez mais na indústria da informação” (2002, p. 118).

Trata-se de organizar a sociedade tanto para produzir como para consumir bens materiais cada vez mais distanciados das necessidades humanas básicas (comer, dormir, vestir-se) e cada vez mais carregados de valores simbólicos,

³⁴ Com o título *Turismo de luxo se consolida no Brasil valorizando experiências exclusivas*, reportagem publicada pelo O Globo em maio de 2016 aponta como, mesmo com a crise econômica, exclusividade de hotéis e altos padrões de consumo são as novas tendências dos milionários brasileiros. Acesso em 10 de dezembro 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/dPaBKX>>

³⁵ O gênero musical extremamente popular nas regiões periféricas de São Paulo enaltece altos padrões de consumo, com a vida regrada a uísques, carros importados, mansões e prostitutas de luxo. O Funk carioca dos anos 1990, marcado pela batida eletrônica e as rimas, ficou conhecido pela crítica social e, mais tarde, pela liberalização sexual. O funk ostentação, impulsionado em São Paulo, cria uma nova perspectiva: culto ao acúmulo de capital, ao hedonismo e aos prazeres proporcionados pelo dinheiro. Podemos considerá-lo uma metáfora importante para pensar o que é capitalismo artista.

transformados em necessidades indispensáveis à vida social dita moderna. O processo de produção deixou de ser apenas aquilo que se realiza dentro das fábricas, seja no “escritório”, seja na “oficina”, conforme o entende uma tradição que remonta a Smith e Marx. Realiza-se também nos lares, nas ruas, nos espaços públicos de entretenimento, nas escolas, em todo lugar onde o indivíduo social é adestrado para se incorporar a uma rotina produtiva qualquer e, ao mesmo tempo, dialeticamente, é “construído” para desejar usar o produto que, socialmente, ajudou a fabricar. Esta construção é, numa palavra, cultural. Razão por que, nestes tempos contemporâneos, cultura é economia. (DANTAS, 2002, p 118).

Dantas explica como as redes telemáticas e os sistemas de informação foram construídos em comunhão com o desenvolvimento do capital. Logo, não há sentido criar dicotomias entre produção cultural e capitalismo. É a partir da inter-relação entre estes que as dinâmicas sociais foram construídas: cultura é economia e esse é o *locus* do capitalismo artista, descrito por Lipovetsky e Serroy (2015).

Na definição que apresentamos sobre o que é um meme, quando mencionamos o termo “estética amadora”, enfatizamos a característica geral dos usuários da internet, ou seja, indivíduos que produzem de forma descentralizada, num contexto em que produção simbólica está altamente influenciada pelos parâmetros e percepções do senso comum. Nesse sentido, os memes são o que são pois acompanham essa fase da sociedade em que o efêmero e as remodelagens cumprem papel fundamental nos processos comunicativos, como exemplifica a obra de Heather Phillipson, na 32ª Bienal de SP.

5.2 Aceleração temporal: o terreno de circulação dos memes

Na contemporaneidade, ou hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2004), cria-se um processo inédito de personalização das relações produtivas. Diferente de outras fases da modernidade, os comportamentos não são orientados pela tirania ou pela disciplina, mas sim pelo "mínimo de sujeição possível e o máximo de escolhas privadas possíveis, com o mínimo de austeridade e o máximo de desejo possível, com o mínimo de coerção e o máximo de compreensão possível" (2004, p. 21). As grandes estruturas sociais não conseguem desenvolver barreiras à emancipação individual. Em termos gerais, religião, Estado e família não são capazes de moldar subjetividades, pois a identidade cultural contemporânea é

marcada pela fluidez e pela fragmentação.

Sem grandes modelos a seguir, os atores sociais enfrentam o paradoxo de, ao mesmo tempo que crescem as alternativas individuais, socializar se torna uma tarefa árdua, uma vez que falta proteção das instituições estruturantes. O resultado é o crescimento de um contexto social conturbado em que nenhum discurso generalizante faz sentido e a "desintegração do social está no auge" (2004, p. 36).

Nas sociedades tradicionais, a identidade religiosa e cultural era vivida como coisa natural, recebida e inatingível, excluindo as escolhas individuais. Isso acabou. Na presente situação, a filiação identitária é tudo menos instantânea ou dada em definitivo; ela é, isto sim, um problema, uma reivindicação, um objeto de apropriação dos indivíduos. Meio de construir-se e dizer o que se é, maneira de afirmar-se e fazer-se reconhecer, a filiação comunitária vem acompanhada de autodefinição e autoquestionamento (LIPOVETSKY, 2004, p. 95).

Neste cenário de transformações, criam-se processos generalizados de desregulamentação em favor de mercados. Ao refletir sobre a moda e a estética, o trabalho de Lipovetsky (2004) aponta para a globalização neoliberal, constituída pela pressão permanente por eficiência, lucro e competitividade. Para o autor, uma das diferenças entre os dias atuais e outras fases da modernidade é a ausência de limites, o que significa uma escalada aos extremos. A proliferação da crise nas democracias liberais, ataques terroristas, escândalos de corrupção, fluxos migratórios incessantes, ódio e violência, assim como a sensação de impotência frente à realidade, podem ser entendidos como desdobramentos da hipermodernidade. Até mesmo os comportamentos individuais são determinados a viver no limite, como nos casos de acúmulo de funções, doenças psicossociais, consumismo e vícios.

Inscrito na hipermodernidade, o neoliberalismo pode ser compreendido, para além do âmbito econômico, como o sistema contemporâneo de normas e afetos que está profundamente arraigado nas práticas governamentais, nas políticas institucionais, nos estilos gerenciais e nas condutas das empresas (DARDOT ; LAVAL, 2016). Isso significa que o sistema extrapola os limites econômicos, produzindo “uma subjetividade contábil pela concorrência sistemática entre os indivíduos” (2016, p. 30). Em grande parte, a escalada aos extremos e a ausência de limites propostas por Lipovetsky são resultantes da lógica neoliberal. Ora, com as propostas de superávit primário, eficiência e corte de gastos públicos, os Estados não prestam mais contas ao cidadão, mas sim ao que se convém chamar de

“humor do mercado”.

No neoliberalismo, a avaliação de um governo não é mais feita a partir de parâmetros de bem-estar e cidadania, pelo contrário, passa a responder aos interesses financeiros. Wolfgang Streeck (2014) classifica esse movimento como o divórcio definitivo da democracia e do capitalismo. Com a globalização e a concorrência de mercados, não há convívio simultâneo possível entre *Wall Street*³⁶ e o Estado em papel protagonista de desenvolvimento social. Avaliados pela pressão de corresponder aos anseios do mercado financeiro, os sistemas políticos não conseguem mais lidar com as contradições entre capital e social. Pulsões e rebeliões ao redor do planeta contra as medidas de austeridade – planos essencialmente em prol do mercado, cortando gastos sociais – evidenciam a crise de representatividade de parlamentos e governos. Emerge, então, o estado-empresa e o sujeito-empresendedor, incompatíveis com o Estado de bem-estar social.

A eleição de Donald Trump nos EUA, assim como a disputa das primárias do Partido Democrata entre Hillary Clinton e Bernie Sanders no ano de 2016, evidenciam que a narrativa do “fim da política” tem alta amplitude de penetração. No pleito da capital paulista, em 2016, também venceu a narrativa do “empresário/empresendedor” contra o “político tradicional”. Ou seja, em termos sintéticos para a nossa discussão, vale dizer que cresce cada vez mais o impulso de transformar o Estado em empresa, e o cidadão em consumidor.

Não pretendemos fazer uma discussão ampla na perspectiva da Sociologia sobre a conjuntura que condiciona a realidade contemporânea. Mas, para pensar o que é ser/estar nos dias atuais, num mundo de memes e redes digitais, é necessário ter em vista que uma das resultantes desses processos apresentados até aqui é o novo arranjo do tempo em que estamos inseridos, altamente marcado pela lógica neoliberal. Para Citelli (2017) a aceleração social do tempo confere à atualidade uma marca estrutural. Ou seja, com o efêmero, a conectividade incessante, a alta velocidade e a sedução pelo consumo, essa nova percepção temporal penetra o cotidiano, tornando cada vez mais difícil o espaço para intervalos e pausas. É necessário produzir, consumir e viver no ritmo 24/7, ou seja, vinte e quatro horas por sete dias da semana (CRARY, 2014).

Autores como Jonathan Crary (2014) e Dardot e Laval (2016) indicam que o tempo acelerado resulta de fatores socioeconômicos que produzem uma percepção de distensão e

³⁶ Adotamos a expressão *Wall Street* no mesmo sentido que o jornalismo econômico e os especialistas adotam: sinônimo de mercado financeiro.

expansão temporal. Numa conjuntura em que se exige máxima capacitação profissional e intelectual, organização da agenda sob rígido sistema de controle e expectativa por resultados, os indivíduos são pressionados a viver em ritmo alucinante, realizando multitarefas sob multirresponsabilidades. Entre outros desdobramentos, processos de aceleração resultam em um crescimento exponencial das possibilidades de escolha e, conseqüentemente, da exigência por decisões.

Por exemplo, em alguns minutos conectados às redes sociais na internet, interagimos com centenas de informações, conversas, notícias e, claro, memes. Com a velocidade da *timeline* do Facebook ou dos inúmeros grupos de Whatsapp, há uma pressão para acompanhar tudo e, conseqüentemente, uma frustração por não conseguir absorver todo o conteúdo. Sobre esses processos de aceleração social, proliferação e multiplicação de informações, Jonathan Crary indica que cresce a exigência pelo funcionamento em alta velocidade e a vigília permanente, o que remete a uma incapacidade de organizações sociais duradouras e estabilidade social. Há, portanto, um tempo de transformação contínua em conjunto com uma pressão para que a produção seja desenvolvida ininterruptamente, sem desligamentos e pausas. Com as redes digitais, que permitem a conectividade instantânea e o deslocamento do espaço físico, a hipótese ganha forma, pois é possível ser e estar em qualquer lugar a qualquer tempo:

No entanto, em setores afluentes do planeta, o que era consumismo se expandiu em direção à atividade 24/7, baseada em técnicas de personalização, de individualização, de interações com máquinas e de comunicação obrigatória. Modelar-se a si mesmo é o trabalho a que todos somos obrigados, e com diligência aprovamos a prescrição de continuamente nos reinventarmos a nós mesmos e administrar nossas identidades intrincadas. (CRARY, 2014, pg. 82).

Crary alerta que a “quantidade inimaginável de informação” (2014, p. 62) pode ser utilizada para fins do consumo e do esgotamento da dimensão humana. Isso significa que, dentro de uma lógica consumista do neoliberalismo, com as possibilidades de personalização, segmentação e velocidade das redes digitais, os fluxos de informação podem corromper as sociabilidades se não forem implementadas considerando as necessidades e os interesses dos sujeitos sociais. Iremos tratar no próximo capítulo dos desafios postos à educação frente a

esse cenário, mas aqui vale uma breve consideração: reflexão, compreensão e construção do conhecimento exigem tempo. Ora, a quantidade quase inesgotável de informação ao qual somos submetidos dificulta o espaço e o tempo necessário para aprofundar e discernir sobre um determinado acontecimento ou fato. O efêmero e o bombardeio de memes nas redes sociais não condizem com as pausas e intervalos necessários para o desenvolvimento do conhecimento. Durante a análise sobre o capitalismo tardio, Crary (2014) não enfatiza os desafios postos aos sistemas de ensino, mas podemos aferir que, ao tratar do possível “esgotamento da dimensão humana”, é inegável as interferências ao cotidiano escolar — em tese, responsáveis por promover a capacidade de discernimento frente ao mundaréu de aplicativos e celulares.

Nesta linha, Dardot e Laval (2016) argumentam que está em curso “um arranjo de processos de normatização e técnicas disciplinares que constituem o que podemos chamar de dispositivos de eficácia” (2016, p. 324). Portanto, a configuração 24/7 produz “os recursos humanos” necessários para a construção de um círculo de produção e consumo para atender as demandas de mercado. O resultado é a constituição de um sujeito da modernidade, neoliberal, marcado pela competitividade e “por uma normatização subjetiva” (2016, p. 322).

Para Lipovetsky (2004), há uma nova cultura que exige as satisfações imediatas, a urgência de prazeres individuais e celeridade das relações. “Na hipermodernidade, não há escolha, não há alternativas, senão evoluir, acelerar para não ser ultrapassado pela evolução” (2004, p. 57). O culto à novidade e aos afetos é o imperativo central que move o mercado do consumo e do entretenimento. E esse é o cenário da proliferação de memes nas redes sociais.

Saflate (2015), ao discutir filosofia política e processos de transformação social, aponta a centralidade dos afetos na construção social. Para o autor, as sociedades são constituídas de circuitos de afetos, e a vida social se organiza a partir das afecções. “Enquanto sistema de reprodução material de formas hegemônicas de vida, sociedades dotam tais formas de forças de adesão ao produzir continuamente afetos que nos fazem assumir certas possibilidades de vida a despeito de outras” (2015, p. 17). Para a compreensão dos vínculos sociais e “para descrever o funcionamento estrutural da sociedade e de suas esferas de valores” (2015, p. 47), propõe Saflate, devemos posicionar as emoções e as sensibilidades como uma variável central de análise. Em outros termos, devemos superar a ideia de que as sociedades são constituídas simplesmente de normas e regras: a mobilização de afetos tem papel decisivo para transformar uma determinada realidade social.

Ao suscitar as ideias do filósofo brasileiro, tentamos demonstrar como emoções e sensibilidades são fundamentais ao ser/estar contemporâneo. O assunto voltará a ter destaque quando apresentarmos uma das categoria de análise da investigação de campo, ao qual designamos como “afetos”. Por ora, nosso objetivo neste capítulo é categorizar que uma sociedade não se limita à produção material e às trocas econômicas. Não há existência sem a produção simbólica e sem circulação de ideias, assim como a coletividade só existe no sentir e vibrar juntos frente à realidade e, conseqüentemente, ao mobilizar afetos dos sujeitos. Essa é a razão de apresentarmos autores que trabalham em diferentes perspectiva teóricas, mas, em nível semelhante, discutem a centralidade do neoliberalismo no mundo atual.

Nesse sentido, como já destacado no item anterior, compreendemos as relações sociais na contemporaneidade como um sistema híbrido de produções materiais e imateriais, consumos e afetos, marcados pela celeridade e pelos divertimentos fáceis. Este é o universo de propagação e circulação dos memes: prazeres efêmeros, imagens rápidas que desaparecem em segundos da *timeline*.

No capitalismo artista, os sistemas de representação são objetos de consumo intercambiáveis. Ou seja, da mesma forma que se vendem casas, apartamentos e viagens de luxo, é possível “consumir afetos”. Discutir memes é, portanto, ter em vista a dimensão do simbólico frente aos impulsos do consumo e da mercantilização das relações humanas.

No entanto, é imperioso pontuar – e por isso a obra de Lipovetsky é seminal –, o que buscamos é uma perspectiva da complexidade. Pois, da mesma forma que crescem as tensões sociais e as menções à distopia, há o exponencial aumento da criatividade e ações de transformação social. Mesmo inscritos numa lógica de capital e redes mercadológicas, os memes são espaço de expressão, sátiras e deboches da realidade social. Este é o paradoxo que se apresenta: ao passo que vivemos na época da mercantilização das relações sociais, também vivemos uma era colaborativa e de pulsões solidárias. As mesmas redes que abrigam ódio abrigam as brincadeiras e o divertimento dos memes.

Discutimos os conceitos de hipermodernidade, capitalismo artista e aceleração temporal com o intuito de evidenciar como o sucesso dos memes na internet convergem para as características da sociedade contemporânea, marcada pelo neoliberalismo e a globalização. Foram as transformações econômicas e sociais e também as inovações tecnológicas que permitiram a atual produção material e simbólica da atualidade. Com o neoliberalismo e as redes digitais, temos uma nova forma de produzir e comunicar com implicações diretas no

consumo e na vida social.

Os memes são uma das principais expressões narrativas dos dias atuais justamente por sintetizarem esse movimento. Não é necessário aglutinar padrões estéticos complexos ou grandes produções artísticas: com montagens simples, recortes, em certo nível até bizarros, os memes produzem sentidos rápidos e dinâmicos, prontos para serem esquecidos em poucos minutos. Feitos por usuários comuns da internet, esses produtos não exigem revisões ou avaliações de qualidade. Basta que traduzam os anseios e os gostos efêmeros que gostaríamos de compartilhar.

A partir da contextualização com a sociedade contemporânea, buscamos compreender as dinâmicas sociais representadas por esses objetos. Como no exemplo TRUE TO SIZE, são também constituídos de intertextualidades. Logo, os memes resultam de uma época em que crescem as mensagens instantâneas, compartilhadas milhares de vezes em poucos segundos, sob as exigências da temporalidade neoliberal.

Como diz o verso dos Racionais MC's — expoente grupo do rap nacional, que consegue, com uma percepção ímpar, traduzir as dinâmicas que envolvem o cotidiano das cidades —, o imperativo “quem não é visto não é lembrado”³⁷ se tornou um aspecto decisivo da existência em redes. Ou seja, as ideias que circulam nos memes visam produzir efeito viral, pois não parece possível produzir um meme que não objetive ser visto e lembrado pelos outros usuários. É preciso circular e, se possível, viralizar na internet. Para Costa (2012), o sucesso de redes sociais na internet pode ser compreendido pelas experiências inéditas ao qual somos submetidos.

As redes são criadas para diversas finalidades concretas, como circulação financeira e investimento de capitais, gestão política, sistemas de comunicação midiática, como rádio e televisão, formação de arquivos e acervos públicos e, também, tráfico de drogas e outras formas de organização social, como rebeliões e ativismo político. Como toda a sociedade se organiza através dessas redes, elas interferem diretamente na atuação e na ação concreta de toda a sociedade. Mas as chamadas redes sociais são redes especialmente criadas para a sociabilidade, para a interação entre pessoas nelas conectadas. (COSTA, 2012, p. 97)

³⁷ Verso retirado da música *Artigo 157*, que integra o álbum *Nada como um Dia após o Outro Dia*, lançado em 2002, pelo referido grupo.

A autora explica que as transformações das redes sociais acompanham as operações da economia, da globalização industrial e da revolução tecnológica. Plataformas como Facebook e Twitter, na verdade, não nasceram exclusivamente graças à genialidade de criadores: elas acompanham e metaforizam toda uma época. No caso, a sociedade marcada pelos fluxos neoliberais. As **Imagens 10 e 11**, extraídas dos perfis de rede social de professores entrevistados durante o processo de investigação do presente estudo³⁸, ilustram como os memes dialogam com situações que remetem ao momento em que vivemos.

Imagem 10 - Meme debocha do ex-deputado federal Eduardo Cunha

Fonte: Facebook (2015). **Legenda:** sátira com o deputado Eduardo Cunha em alusão ao mosquito chikungunya, transmissor de doenças virais.

³⁸ As imagens foram coletadas em uma das etapas do nosso trabalho, durante a realização do curso Redes Sociais na Escola, realizado entre os dias 14 e 15 de julho de 2015 pelo Núcleo 'Nas Ondas do Rádio', da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. 68 docentes participaram das atividades, nas Diretorias Regionais de Educação (DREs) de Santo Amaro, Ipiranga e São Mateus. A nossa pesquisa foi realizada com 20 professores que compareceram ao curso na DRE de São Mateus, zona leste da capital. Em atividade monitorada em computadores, estimulamos os docentes a nos apresentarem nas redes sociais memes que eles costumam compartilhar. As análises desta investigação compõem uma das etapas da presente pesquisa.

Imagem 11- Meme com o personagem “professor Girafales”

Fonte: Facebook (2015). **Legenda:** Personagem do seriado 'Chávez', professor Girafales, ironiza pergunta corriqueira de estudantes sobre avaliações na escola

Embora as **Imagens 10 e 11** nos direcionem ao universo do humor, não podemos classificar os memes apenas como unidades engraçadas e provocativas, que se disseminam nas redes sociais. Esta é a percepção do senso comum que tenta naturalizar as explicações sobre a presença das tecnologias na vida social. Memes configuram e refletem percepções da sociedade e remetem à produção de montagens e imitações que são atividades essenciais para compreender a cibercultura. Nesse sentido, as colagens em memes não são apenas práticas da linguagem digital: são também pilares de “uma nova cultura de participação” (SHIFMAN, 2014, pg. 17).

Prova de que esses produtos culturais já fazem parte da dinâmica do cotidiano, é a nova tendência de ilustrar as repercussões das principais notícias — no jargão do jornalismo, as chamadas suítes — com memes. As manchetes geralmente são acompanhadas da suíte

“confira os principais memes de”. Exemplos como “Confira os principais memes da prisão de Eduardo Cunha”, “Confira os principais memes de mais uma derrota do Palmeiras”, “Confira os principais memes do Impeachment” e assim por diante. Essa produção descentralizada e feita por milhares de pessoas ao mesmo tempo, desloca as mediações de jornalistas e empresas de comunicação. Ou seja, compartilhar um meme na internet independe da ação de um concentrador comercial.

Os indivíduos se assumem como produtores de conteúdos e desenvolvem ações protagonicas na produção de sentido. “Essa percepção de que a mídia somos nós, esse conjunto de singularidades que podemos acessar, com quem podemos interagir e trocar realmente é uma mutação antropológica. E, mais do que isso, não é o jornalismo que se tornou o modelo das trocas nas redes.” (BENTES, 2016).

Para Ivana Bentes (2016), rápidas e dinâmicas, a existência dos memes depende do compartilhamento e da sua proliferação nas redes digitais, pois a memética — num sentido que difere da perspectiva de Dawkins, pois se estabelece de forma complexa na trama cultural — é sinônimo de evidência instantânea. Isso significa que há nas redes sempre algum discurso ou ideia pronta para comprovar algum desejo ou opinião.

Uma das resultantes da velocidade da circulação simbólica é o que se convencionou chamar, pelo menos na linguagem digital, de a era dos pós-fatos e pós-verdades. Esta significa que não importa mais a correspondência dos fatos, se é boato ou mentira. A verdade agora assume importância secundária, pois o que vale é a satisfação de anseios e emoções ao compartilhar uma informação. Com os memes, temos a proliferação de enunciados curtos e rápidos que muitas vezes não exigem espaço para reflexão ou posicionamento crítico. É nesse processo que há a legitimação do que foi compartilhado. A veracidade do fato fica em segundo plano, pois “a simples enunciação e circulação massiva produz um efeito de verdade” (Bentes, 2016). Logo, “verdade” é aquilo com o qual concordamos e “mentira” é aquilo do qual discordamos.

Na perspectiva dos estudos de redes sociais na internet, o ano de 2016 ficará marcado justamente pelo fenômeno da circulação de mentiras e boatos em forma de memes. Alguns exemplos emblemáticos desse processo foram (1) as dez principais notícias falsas sobre a operação Lava Jato mais compartilhadas no Facebook superaram o número de compartilhamento das dez notícias verdadeiras³⁹, (2) na semana em que o processo do

³⁹ Notícia publicada pelo portal BuzzFeed em 22 de novembro. Disponível em: <<https://goo.gl/omMofZ>>

impeachment da presidente Dilma Rousseff foi votado, três das cinco notícias mais compartilhadas no Facebook eram falsas⁴⁰ e (3) memes com legendas e enunciados falsos foram criados para hostilizar jornalistas⁴¹.

Multiplicam-se os casos de disseminação de mentiras e boatos em grupos de Whatsapp e nas *timelines* do Facebook, pois, explica Bentes, há uma nova forma de reprodução e circulação da informação, descentralizada e sem a domesticação de centralizadores. A imprevisibilidade é a marca principal da circulação memética nas redes sociais.

A discussão que interessa é como as redes sociais, com sua miríade de singularidades e processos de subjetivação rompem com a lógica da reprodução através da informação e da comunicação que neutraliza e domestica os acontecimentos, reduzindo a imprevisibilidade, conformando ao já sabido. Essa proliferação e disseminação pós-mídias de massa já está acontecendo e criando uma nova ecologia midialivista, uma quantidade muito de grande de coletivos, redes, grupos e também de “perfis”(BENTES, 2016).

Na redes sociais, curtimos e comentamos emocionalmente aquilo que nos é mais próximo. O afeto central que mobiliza a lógica de compartilhamento dos memes é o desejo de ser reconhecido pelo outro, como demonstramos com o conceito de capital social em Recuero e com a música *Artigo 157*, dos Racionais MC's. Vibrar e sentir em comum são marcas da vida social no ciberespaço: só há meme na interação com o outro.

Existem diversas variáveis para analisar a circulação dos memes na contemporaneidade. Poderíamos, por exemplo, investigar a produção de sentidos sob a ótica dos estudos de linguagem e análise do discurso. No entanto, este item teve como objetivo uma contextualização específica do fenômeno dos memes na perspectiva das mudanças experimentadas pela sociedade. Ao propor uma contextualização nessa categoria, discutimos como o capitalismo artista influencia o tipo de relação que construímos com a realidade.

Acesso em 11 de dezembro de 2016.

⁴⁰ Notícia publicada pela BBC Brasil em 17 de abril de 2016. Acesso em 11 de dezembro de 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/iCvJQ6>>

⁴¹ Uma notícia falsa sobre uma suposta declaração do jornalista Leonardo Sakamoto sobre os aposentados se tornou viral nas redes sociais no mês de agosto de 2016. Na ocasião, uma série de ofensas e xingamentos foi desferida contra Sakamoto. O registro do episódio está no portal UOL. Acesso em 10 de dezembro de 2016. Disponível em <<https://goo.gl/cjG9of>>

Mostramos como os fluxos neoliberais passam valorizar a centralidade da produção imaterial, resultando em uma estética do consumo, que molda os interesses e os afetos que circulam em nosso cotidiano.

Explicações generalizantes não dão conta das relações paradoxais construídas e mediadas nas redes digitais. Visto que a pluralidade dos interagentes — humanos e não-humanos — gera tensões que só se manifestam no universo específico e particular. Ou seja, memes compartilhados milhares de vezes podem gerar representações distintas, a depender dos locais de circulação. Lipovetsky (2004) nos indica que uma das marcas dos tempos atuais é exatamente o paradoxo constante das relações, a coexistência de contrários e os movimentos híbridos. Qualquer tipo de análise que não leve em conta essa característica, corre risco de formular hipóteses vazias. Assumimos: corremos o risco de formular hipóteses sem consistência.

No entanto, fizemos da angústia em entender o que são os memes na cultura contemporânea o combustível para prosseguir a investigação. Negamo-nos a acreditar que o consumo e aceleração social condicionam passivamente a ação dos indivíduos. Basta observar os relacionamentos amorosos que nascem do encontro nas redes sociais e as manifestações solidárias, como na recente tragédia do voo da Chapecoense. Nas manifestações na Colômbia e também ao redor do planeta, além dos milhares de memes compartilhados reverenciando os jogadores de Chapecó, não foram os critérios da publicidade ou os algoritmos das redes digitais que conduziram as ações: é a solidariedade a mola propulsora destes afetos. Compreender as molas propulsoras e como essas transformações discutidas até aqui têm desdobramentos diretos ao contexto juvenil é o nosso próximo objetivo.

6. Polegarzinhas: a cultura juvenil no contexto contemporâneo

Imagem 12 - Declaração da Primeira Guerra Memeal

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** Meme produzido durante a Primeira Guerra Memeal, em julho de 2016.

Além de boatos e a ascensão da já referida pós-verdade, o ano de 2016 ficará marcado como o da *Primeira Guerra Mundial de Memes*. Protagonizado por crianças e adolescentes de Brasil e Portugal, o *conflito* foi deflagrado em 13 de junho, após a denúncia de que portugueses estariam furtando memes brasileiros e transportando para a Europa. Insatisfeitos com o movimento *sorratoeiro*, milhares se mobilizaram nas redes sociais na internet para provocar e atacar os portugueses. “Roubaram nosso ouro, pau-brasil e até Fafá de Belém, mas nossos memes jamais”¹, bradaram os brasileiros. A zoeira se estendeu por dois dias e ficou entre os assuntos mais comentados no Twitter com a hashtag *#PrimeraGuerraMemeal*. Foram também milhares de compartilhamentos no Facebook, o que significa que pelos menos 100 mil pessoas interagiram sobre o assunto.

Dias depois, usuários da internet na Argentina resolveram se solidarizar com os amigos lusitanos. Juntos, declararam revanche aos brasileiros e, com centenas de memes, sobretudo em alusão à derrota de 7x1 para Alemanha na Copa do Mundo de 2014, anunciaram o início da Segunda Guerra. A hashtag *#SegundaGuerraMemeal* também despontou como um dos assuntos mais comentados das redes sociais em junho de 2016.

Desde então, uma série de disputas, entre diversos atores, faz parte do cotidiano na internet. O objetivo, no geral, é sempre provar quem faz o melhor meme ou quem é capaz de agudizar a zoeira.

Os episódios ilustram como a circulação de memes é um universo complexo, sobretudo quando pensamos na intensa participação de jovens no ciberespaço. Publicada em novembro de 2016, a pesquisa TIC Kids Online confirma a alta intensidade de utilização das redes sociais entre indivíduos entre 9 e 17 anos. Destes, 79% são usuários da internet, valor que corresponde à 23,4 milhões de brasileiros (CGI, 2016). 84% dos jovens afirmam usar a rede diariamente, enquanto 11% pelo menos uma vez por semana. A pesquisa também indica que o “fator idade” representa uma importante variável: quanto mais próximo dos 18 anos, maior a frequência de uso. Dos 9 aos 10 anos, 55% utilizam mais de uma vez por dia. Entre 11 e 12 anos, 58%. 70% dos 13 aos 14 anos e 78% dos 15 aos 17 anos.

Comparado com as publicações anteriores, o estudo mostra que fatores socioeconômicos continuam a determinar desigualdades no acesso à internet. (a) Classes sociais, (b) instrução de pais e (c) diferenças entre áreas urbanas e rurais são os principais elementos de exclusão digital. No entanto, desde 2012, como mostra o **Gráfico I** há diminuição expressiva da diferença de acesso diário a partir da variável “Classe Social” (CGI, 2016, p.161). Ou seja, mesmo em condições econômicas e sociais desfavoráveis, o acesso à rede passou a configurar uma realidade concreta para a maioria de jovens brasileiros.

Gráfico I - Proporção de acesso à internet entre jovens

PROPORÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE ACESSAM A INTERNET DIARIAMENTE,
POR CLASSE SOCIAL (2012 – 2015)
Percentual sobre o total de usuários de Internet de 9 a 17 anos

Fonte: CGI (2016). **Legenda:** Gráfico mostra que há diferença de acesso à internet a partir da variável "Classe Social" diminuiu nos últimos anos.

As redes sociais são um dos elementos centrais na inserção de jovens no ciberespaço. 79% dos indivíduos com acesso à internet interagem em sites como Facebook, Whatsapp e Instagram. Os termos “comunicação” e “entretenimento” são os mais citados para responder à pergunta *por que você acessa à internet?*. Sobre as interações feitas nesses espaços, a pesquisa mostra que os jovens se relacionam majoritariamente com aqueles que pertencem ao círculo de convívio off-line. Assim como os resultados publicados em anos anteriores, TIC Kids Online aponta que crianças e adolescentes têm uma postura ativa e intensa nas redes, compartilhando, curtindo e comentando múltiplos conteúdos.

Outra mudança histórica identificada em 2014 e confirmada em 2015 – ano base do estudo aqui apresentado – é a inversão do tipo de conexão à internet: pela primeira vez, a maioria dos acesso é feita através de aparelhos celulares. Agora, o *WiFi* substitui o computador *desktop* como principal opção de crianças e adolescentes para “entrar na internet” (CGI, 2016, p. 164). Isso significa que, com os dispositivos móveis presentes em qualquer

lugar, conectar-se se torna mais frequente. Os limites físicos impostos pelo computador *desktop* parecem diminuir, ao passo que a popularização dos planos de operadoras comerciais possibilita internet com baixo custo⁴².

Corroborando com as conclusões da TIC Kids Online, cresce nos últimos anos a oferta de acesso gratuito à rede desenvolvida pelos municípios. Em São Paulo⁴³, praças e parques, além de ônibus e prédios públicos, oferecem conexão gratuita. As políticas oferecidas pelo poder público somam-se a oferta de hotéis, rodoviárias, shopping centers, consultórios, academias de ginásticas, cafeterias, bibliotecas e diversas modalidades da iniciativa privada, tornando a malha de *WiFi* cada vez mais extensa. No âmbito internacional, os movimentos apontam no mesmo sentido. Criada no ano de 2015, a campanha Internet.Org⁴⁴ tem o objetivo de garantir o acesso de pelo menos 5 bilhões de pessoas no mundo.

Os números expressivos de usuários e possibilidades de acesso mostram como a internet e, conseqüentemente, as redes sociais fazem parte do cotidiano juvenil. Logo, as percepções apresentadas nos capítulos anteriores sobre as transformações decorrentes das seduções e multiplicações de escolhas de consumo têm desdobramentos nas sociabilidades desenvolvidas por crianças e adolescentes, pois são nessas plataformas, como aponta a TIC Kids Online, que eles estão construindo relações sociais.

⁴² No ano de 2010, no governo Lula, foi criado o Plano Nacional de Banda Larga, que tinha como objetivo popularizar o acesso à internet no Brasil. Nos anos seguintes, já com a administração de Dilma Rousseff, o plano passou por uma série de transformações com o objetivo de baixar as tarifas cobradas pelas operadoras de telecomunicação. Mesmo com o *lobby* das gigantes da telecomunicação, o plano obteve êxito em ampliar a distribuição de internet no Brasil. Atualmente, pelo menos 100 milhões de brasileiros, de todas as classes sociais, acessam regularmente à internet, de acordo com o estudo TIC Domicílios, também feito pelo CGI. Essa é uma consequência evidente da popularização dos planos de internet, sobretudo para celulares que, no ano de 2016, tiveram um preço médio entre R\$29 e R\$35.

⁴³ O relatório 'WiFi Pública no Brasil e no Mundo', parte da pesquisa Conectividade e Inclusão Digital para São Paulo – parceria entre a Prefeitura de SP e UFABC -, desenvolve análise comparativa entre políticas públicas de sinal de internet em grandes cidades do Brasil e do mundo. O estudo aponta preliminarmente que a cidade de São Paulo atende o padrão médio mundial de oferta de WiFi gratuito ao cidadãos. Com o projeto WIFI LIVRE SP, a São Paulo implantou durante os anos de 2014 e 2015 120 pontos de acesso gratuito à internet na cidade. Esse tipo de iniciativa, somada a oferta de WiFi aberto por empresas privadas, ilustra o que trazemos no texto sobre a expansão do acesso à rede via aparelho celular. Esse é um movimento disseminado ao redor do Brasil. O relatório está disponível em: <<https://goo.gl/X3ZZxl>>. Acesso: 10 de janeiro de 2017.

⁴⁴ Reportagem publicada na Revista Galileu mostra a intenção de Mark Zuckerberg, criador do Facebook, em ampliar a oferta de internet ao redor do mundo. Atualmente, pelo menos 1 bilhão de pessoas têm acesso regular às redes. A proposta visa chegar ao número de 5 bilhões, nos próximos anos. Em parceria com gigantes das telecomunicações, como Ericsson, Media Tek, Nokia, Opera e Samsung, o objetivo da campanha Internet.Org é promover, em nível global, a redução de preços e a ampliação das redes digitais onde a internet ainda não encontra fácil acesso. "Todos merecem o direito de estar conectados", afirma Zuckerberg em reportagem disponível em: <<https://goo.gl/FGDNV5>> Acesso em 10 de fevereiro de 2017.

Nascidos já sob o contexto de intensa presença da internet, os estudantes do ensino fundamental têm novas demandas e novos parâmetros de exigência sobre os processos comunicativos. Ser e estar no mundo se manifesta de forma diferente para quem nasceu numa sociedade altamente influenciada pelas interações nas redes sociais, pois não aceitam a condição passiva em termos de produção midiática. Na verdade, o desejo, como na guerra de memes, é protagonizar ações.

Serres (2015) explica que os jovens contemporâneos vivem uma "outra história" (2015, p. 17). Com a mídia quase que onipresente no cotidiano, crianças e adolescentes passaram a ter as sociabilidades altamente influenciadas pelo poder de sedução da internet e outros meios de comunicação. "Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integralizam nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados. Não têm mais a mesma cabeça" (2015, p. 19).

Uma das expressões da geração atual de crianças e adolescentes é a utilização do dedo polegar para mexer no celular. Com essa parte da mão, podem acessar o mundo e a qualquer tipo de informação em poucos segundos, o que difere, argumenta Serres (2015), de outras épocas da humanidade. Por isso, o autor designa o termo "Polegarzinha" para se referir às crianças e adolescentes contemporâneos. A opção pelo artigo feminino é também uma referência ao momento marcante em que vivemos, protagonizado por mulheres, de contestação sobre as desigualdades de gênero e, também, de reivindicação pelo fim de velhas estruturas de dominação, exclusão e violência.

Devemos categorizar: nossa investigação não pretende apresentar discussões generalizantes sobre a relação entre jovens e internet, no Brasil. Todavia, em termos de referencial teórico para analisar a cultura juvenil, é fundamental destacar, a partir dos dados oferecidos pela TIC Kids Online, que as redes sociais integram a totalidade das relações experimentadas por boa parte da juventude brasileira. Esta é razão de posicionar os principais dados coletados no ano de 2015 pelo CGI dentro de nosso trabalho. Afinal, dissociar sites como Facebook, Instagram e Whatsapp da vida social não parece ser opção para a grande maioria.

Na contemporaneidade, as linguagens digitais passam a ser decisivas às interações on-line tal quanto no convívio off-line. Agora, a predominância é verbal, pois as conversações reúnem elemento típicos das expressões, jargões e neologismos que surgem do ciberespaço.

Ou seja, mesmo que escrita, utilizando os códigos formais da língua, no digital há apropriações de diversos campos da construção de sentidos, narrativas e criações livres.

Aos poucos, parece que outros elementos, outros sentidos de construção de discursos, outras ofertas de lidar com sentidos ficam possíveis como aquilo que esta "era" digital está chamando de cultura de convergência: vários formatos, várias linguagens no mesmo lugar, na mesma mídia; e, vários lugares, várias mídias para a mesma linguagem, para o mesmo formato. Ou seja, podemos, hoje, em nosso computador pessoal, produzir e assistir vídeos, produzir e editar textos, sons, fotografias e produzir desenhos; por outro lado, um texto, um filme, pode ser visto numa tv, num mp4, num celular etc (FILÉ, 2011, p. 115).

Para além de questões quantitativas relacionadas ao acesso, é fundamental, portanto, pensar o contexto juvenil não apenas no viés da frequência e do consumo, mas pela perspectiva de crianças e adolescentes como produtores de cultura. O que classificamos como linguagem digital – com a circulação de memes, emojis, selfies, etc., no ciberespaço – faz parte do cotidiano de produção de cultura dos jovens. Isso significa afastar-se da abordagem – geralmente conservadora, que se nega a reconhecer o protagonismo infanto-juvenil – de que infância e juventude se restringem a fase de ‘adultos-não-feitos’, ou seja, indivíduos incompletos, que um dia “virão-a-ser”.

Essa ideia, largamente difundida, afirma que a missão da sociedade é proteger e preparar os “indefesos”. Com as reconfigurações proporcionadas pelo acesso à internet, pelo contrário, estudantes são protagonistas majoritariamente das ações e desafiam a condição de inferioridade frente aos adultos. Confrontá-los nessa perspectiva é passível de ser declarada uma nova Guerra Memeal.

A linguagem digital cumpre papel decisivo nesse sentido, pois proporciona possibilidades colaborativas e de protagonismo, como já referido em nossa argumentação. As Polegarzinhas já nascem, por exemplo, sem a necessidade de esperar o lançamento de um determinado conteúdo ou horário de transmissão de algum programa na TV. Está tudo on-line, disponível em tempo real no computador.

Com o acesso predominantemente feito pelo celular, um mundo de opções está ao alcance do bolso. Alguns cliques são o suficiente para levar os jovens para onde quiserem. Essa é uma mudança substancial, como apontam autores como Sodré (2012) e Lemos (2015a) ao discutir as transformações dos fluxos comunicacionais na contemporaneidade, pois, agora

conectados em redes, os chamados 'receptores' podem negociar, produzir e compartilhar conteúdo. A suposta passividade – que, na verdade, nunca existiu, pois não há recepção passiva – se torna recepção-ação, constituída de movimentos híbridos e inesgotáveis negociações de sentido.

Nos dias atuais, há poucas chances para a recepção de um conteúdo não desejado ou não personificado. Na web, notícias, promoções e informações que não girem em torno de um interesse específico são geralmente repelidas, desaparecendo na *timeline*. A tensão gerada por esses fluxos explica, pelo menos no âmbito da comunicação, grandes impasses que vivemos. Chegar a consensos é uma tarefa improvável quando qualquer tipo de informação é negociada, personificada, ressemantizada e compartilhada milhões de vezes – em poucos minutos.

A proliferação de narrativas e circulação de sentidos impede acepções absolutas sobre a realidade. Assim, nas redes sociais, se é golpe de estado ou impeachment constitucional⁴⁵, dependerá das negociações de sentido entre os indivíduos. Na #PrimeiraGuerraMemeal e na #SegundaGuerraMemeal, os “adversários” se autoproclamaram vencedores. Ou seja, a vitória e a verdade estão sempre do lado de quem conta a história. Eis a questão: nas redes sociais, todos têm direito à sua história, sem depender de relações hierárquicas para contá-las.

Nesse contexto, a produção de cultura é altamente influenciada pela lógica de negociações de sentido, processos marcados pela liberdade de escolhas dos indivíduos e, como já mencionado, as múltiplas possibilidades narrativas. Os jovens se autonomizam nas relações comunicacionais, pois, as percepções de emissão e recepção são diminuídas, uma vez que eles criam e recriam conteúdos, distribuem e ressemantizam ideias, sem depender de transmissões verticais. Este é o universo de circulação de memes entre crianças e adolescentes: as brincadeiras e a ‘zoeira’ mobilizam desejos e afetos, experimentando outras sensibilidades que escapam ao mundo físico. O lúdico e as sensações de magia despertam

⁴⁵ O ano de 2016 ficará marcado na história brasileira pela polarização nas redes sociais em torno do processo de impeachment de Dilma Rousseff. Marcado por agressões e manifestações de intolerância, o debate sobre o suposto crime de responsabilidade fiscal da ex-presidente evidenciou como as dinâmicas sociais na internet configuram um ambiente paradoxal. Acreditamos que esse fenômeno tem um aspecto precioso para ilustrar e sintetizar o que neste capítulo tratamos de ‘improbabilidade de consensos’. Uma série de reportagens foi produzida sobre o assunto em diferentes meios de comunicação para explicar a impossibilidade de consenso e o esgotamento do diálogo em meio aos processos de personificação de conteúdos nas redes sociais. Com o título “Brasil cultiva discurso de ódio nas redes sociais, mostra pesquisa”, artigo publicado no portal Artigo 19, especializado em liberdade de expressão. Disponível em: <<https://goo.gl/UaNexC>>. Acesso em: 20 de novembro de 2016.

outras formas de se relacionar com o mundo.

Não é obra do acaso a intensa interação de estudantes com os memes, pois, produzindo e circulando esses produtos culturais na web, eles constroem relações e representações, sem depender da tutela de adultos. É o espaço de criatividade e expressão feitas e desenvolvidas pelos próprios jovens. As Guerras Memeais são expressão máxima desse movimento – quase incompreensível aos adultos –, pois mobilizam o lúdico (de lutar uma ‘guerra’) e o desejo de vibrar em comum (de se transformar em soldado ao lado dos pares).

Os sistemas de ensino, responsáveis majoritariamente pela formação dos indivíduos, experimentam tensões frequentes em relação a essas transformações. Na atualidade, o Google e outras ferramentas de pesquisa dão conta do armazenamento de dados. São bilhões de dólares investidos anualmente em concentrar informação e disponibilizá-las aos usuários da rede. Logo, não há sentido em competir com a internet no acúmulo de conteúdos. Sentar à cadeira e aguardar o “depósito de conhecimento” aflige e gera crises insuperáveis entre estudantes e sistemas de ensino. Não há necessidade de memorizar lugares e pontos de referência, o sistema GPS resolve o problema. Decorar fórmulas e teorias é cansativo quando pode-se *googlear* disciplinas, matérias e fórmulas em frações de segundos. Para qualquer seminário ou apresentação, há incontáveis resenhas e resumos disponíveis. Dicionários trabalham em tempo real enquanto se escreve textos.

A escola, portanto, deveria concentrar-se no estímulo à vivacidade e à criatividade. E também aos encantos e à mobilização de afetos. À valorização das sociabilidades e da diversidade. À intuição inovadora e vivaz que abre espaço para o aprendizado alegre e inventivo (SERRES, 2015). As estruturas da modernidade — marcadas pela disciplina e pelo controle —, como as salas de aula, lousas, sinal de intervalo e castigos por má conduta, fazem pouco sentido para jovens acostumados com as múltiplas possibilidades de interação e comunicação em redes.

Os próprios laços sociais construídos pelos estudantes não são sólidos e fechados, assim como a identidade cultural passa a ser cambiante. Partidos políticos, igrejas, governos e outras estruturas gerais, que marcaram o período anterior ao contemporâneo, são insuficientes para estabelecer ou moldar comportamentos e identidades. Mobilizar multidões em torno de uma crença comum torna-se tarefa árdua. Lutar em guerras de memes geram muito mais

engajamento do que partidos políticos ou exércitos “reais”. Ou ainda:

Pertencíamos a regiões, a religiões, a culturas, aos mundo rural ou urbano, a times, a comunidades, a um sexo, um sotaque, um partido, uma Pátria. Pelas viagens, pelas imagens, pela internet e por guerras abomináveis, quase todas essas coletividades explodiram. As que restam se desintegram. (SERRES, 2015, p. 22)

Com o acesso à internet disponível em qualquer lugar, torna-se fundamental deslocar o esforço para decorar conteúdos à criatividade inventiva e à valorização das construções coletivas. Podemos compreender os tempos atuais como "o fim da era do saber" (SERRES, 2015, p. 45.), afinal, para decorar a matéria, não é mais necessária a presença de um mestre, detentor do saber. Claro, ao suscitar “o fim da era do saber”, o autor desenvolve uma alegoria capaz de sintetizar os desafios postos ao sistema de ensino: está tudo à disposição na web em forma de gráficos, desenhos e ilustrações. Além disso, enquanto interage com o conteúdo, é possível ouvir música no Spotify, ver vídeos no Youtube ou trocar mensagens no Whatsapp, o que torna a tarefa sensivelmente mais divertida que numa sala de aula. “Ensinar outrora era uma oferta, sem preocupações em ouvir a demanda” (SERRES, 2015, p 45.).

Agora, os estudantes têm novos parâmetros de participação e engajamento, e o frequente desinteresse com os conteúdos e com as dinâmicas da sala de aula pode ser compreendido pela atual forma de circulação de conhecimento: com tablets e celulares, a informação necessária à construção do conhecimento está a poucos cliques, afinal circula nas redes de forma descentralizada e veloz. Serres (2015) explica que, nos dias atuais, não há oferta sem demanda, e a sala de aula baseada em um modelo transmissão-recepção está em crise. Todavia, uma diferenciação substancial é necessária para contextualizar a temática da inserção dos jovens em rede: estar conectado e interagir com conteúdos e outros indivíduos não significa que haja automaticamente uma apropriação crítica e contextualizada das tecnologias. Competências técnicas para acessar à rede, curtir fotos, compartilhar posts ou participar da guerra memeeal não garantem que os estudantes compreendam a dimensão cultural e social das plataformas digitais (VIANA ; MELLO, 2013).

Há um impulso mercadológico no sentido de naturalizar a presença das tecnologias com um fato dado e imutável. Nesse sentido, restaria aos indivíduos se adaptar à lógica do consumo sob o risco de rápida obsolescência frente ao desenvolvimento digital.

Inevitavelmente, como já demonstramos nos capítulos anteriores, sobretudo em Lipovetsky (2004) e Dantas (2002), é na interação desenvolvida em plataformas digitais que atendem à lógica de mercado, em movimentos híbridos entre indivíduos e tecnologias, que os jovens constroem sua cultura.

De um lado, está o consumo do que as redes sociais oferecem. Por outro, há uma multiplicidade de opções criativas e expressivas, informações a serem descobertas, vídeos, documentários, tutoriais, podcasts e infinitos sites de conversação. A própria configuração dos sites é feita como um convite à interação, estimulando os usuários a participarem (ou consumirem) cada vez mais. Um exemplo da importância do assunto nos dias atuais é que, no Brasil, se popularizou nos últimos anos o curso de Design de Interação, responsável por formar profissionais para organizar e planejar interfaces digitais capazes de gerar engajamento e interação entre os indivíduos. A PUC-SP, inclusive, é uma das pioneiras no país a desenvolver o Bacharelado em Design de Interação⁴⁶.

O paradoxo que se impõe é que, ao mesmo tempo que se constitui como espaço de liberdade de expressão, sem hierarquias e com descentralização de vozes, as redes sociais atendem demandas de mercado e o seu próprio funcionamento direciona as interações para padrões de consumo, como discutimos anteriormente no conceito de capitalismo artista. Logo, mesmo que as Polegarzinhas não aceitem a condição de espectadores e tenham postura protagonista nas produções de sentido, elas estão imersas na lógica de mercado. Como já mencionado, historicamente, desde o telégrafo até o telefone móvel (DANTAS, 2002), o desenvolvimento das redes acompanha os fluxos do capital, atendendo demandas econômicas. Ou seja, a mola propulsora de plataformas como Facebook, Google e Whatsapp é no sentido do consumo, buscando assíduos usuários da internet que, além de se expressar e comunicar, também comprem e compartilhem os valores de mercado. Compreender a dinâmica social e cultura infanto-juvenil exige, portanto, considerar a centralidade da dialética entre os impulsos de mercado e as apropriações desenvolvidas pelos jovens.

Em termos de cultura infanto-juvenil, Perrotti (1991) explica que o consumo meramente mercadológico e totalmente desprovido de crítica não pode substituir a participação ativa e criadora, pois isso remete a um "vácuo significativo, do não-sentido, do

⁴⁶ "O profissional formado pela PUC-SP estará capacitado a trabalhar em empresas de tecnologia, estúdios de criação digital, agências de publicidade, estúdios de animação, cinema e televisão, assim como na indústria de desenvolvimento de jogos digitais". Esta é descrição inicial do Bacharelado em Design de Interação. Disponível em <<http://www.pucsp.br/graduacao/design-de-interacao>> Acesso em 11 de janeiro de 2017.

vazio de referências, da negação da cultura” (PERROTTI, 1991, p. 23). Evidentemente o consumo integra nossas relações, porém reduzir a existência humana à aquisição de bens materiais e imateriais constitui uma redução clara da constituição do sujeito. Para o autor, não importa a amplitude e as seduções oferecidas pelo mercado: a expressão coletiva e a invenção criativa são insubstituíveis ao “florescimento humano” (1991, p. 24).

Os memes são uma espécie de transgressão aos padrões de mercado. Eles se configuram como uma expressão criativa em meio às imposições pelo consumo e pela entrega de dados às empresas privadas. Os sites de redes sociais constroem diariamente ferramentas cada vez mais sofisticadas para mapear comportamentos. O objetivo é personalizar cada vez mais conteúdos e opções de consumo, a partir dos parâmetros de Design de Interação. Mas a criatividade, as metáforas e sátiras embutidas nos memes escapam (pelo menos, até o momento de escrita presente dissertação) do poder de algoritmos. Isso significa que as apropriações de sistemas técnicos se tornam possibilidades comunicacionais preciosas, de expressão e interação social. Como os sistemas técnicos e computadores poderiam traduzir o que é a “zoeira sem limites” empregada nas guerras memeais?

O fundamental é não permitir a naturalização dos padrões de hiperconsumo e mercantilização das relações sociais. Viver sob paradoxos e tensões parece ser uma das marcas da contemporaneidade, porém, a inserção de jovens nesses espaços amplamente globalizados, acelerados e impulsionados pelo ritmo 24/7 exige uma postura crítica e regida por parâmetros de cidadania. Como propõe Perroti (1991), seja qual for a mediação, essas interações devem servir para trocas simbólicas, diferenciações e assimilações a fim de integrar a “diversidade cultural que nos caracteriza, preparando os futuros adultos para a convivência com a diferença, a aceitação do outro, condição fundamental à constituição de uma sociedade democrática” (1991, p. 27).

O autor propõe que os sujeitos sociais vivem a partir da relação dialógica eu-outro. Na infância, brincando e se expressando, os jovens “são capazes de atuar socialmente e influenciar os rumos das transformações das sociedades em que vivem, enquanto aprendem a apreender o mundo”. As trocas simbólicas entre crianças, a partir da apropriação das palavras, do códigos e das brincadeiras possibilitam os processos de identificação, projeção e diferenciação, processos fundamentais à constituição do sujeito (PACHECO; TASSARA, 2001).

No momento histórico em que vivemos, as interações e trocas simbólicas ganham

novos contornos. Com memes e ampliação de acesso às redes, atuar e interagir passam por reconfigurações: das brincadeiras de rua, contos e experimentações sensoriais, as crianças passaram a vivenciar o lúdico a partir de outras mediações, como a TV, o vídeo e, nos últimos anos, as redes sociais. Compreender o alcance das novas formas de interação social mediadas pelas redes sociais e os possíveis desdobramentos à cultura juvenil se constitui como um passo importante para uma análise sobre as percepções de jovens sobre memes.

6.1 Sociabilidades na internet

As redes sociais, além de proporcionar novas formas de relação com as mídias, ampliou as possibilidades de conexão à internet, o que significa leques de interação cada vez mais amplos (RECUERO, 2014a). Os sujeitos estão, portanto, expostos a inúmeras formas – on-line e off-line – de associações e conversações, organizadas em uma gama quase inesgotável de linguagens e formatos.

Cutucar, fazer uma selfie, classificar conteúdos com estrelas ou até mesmo promover vomitações⁴⁷ em páginas políticas fazem parte de uma nova forma de sociabilidade. Esses processos se intensificam a partir da intensa presença de jovens no ciberespaço: a apropriação de sistemas técnicos pelos indivíduos passa a influenciar as interações e as vivências em grupo — fundamentais para a constituição do sujeito, conforme referenciado no capítulo anterior.

Para compreender a amplitude e o alcance das mudanças, retomamos conceitos das obras de Lev Vygotsky e Henri Wallon quanto à importância da interação social e da sociabilidade para o desenvolvimento humano. Pode soar descabida a remissão de autores que trabalharam num período (muito) anterior à popularização da internet. No entanto, a perspectiva teórica deles nos alicerça de forma atual, pois enfatiza a centralidade do coletivo na construção dos sujeitos, haja vista que colocamos os memes como parte integrante da trama cultural contemporânea.

Para Wallon (1979), o contato com o outro é fundamental, pois relacionar-se em grupo oferece referências – impossíveis de serem encontradas no plano individual – para o desenvolvimento da personalidade e, sobretudo, para os processos de identificação e

⁴⁷ Aos que não estão habituados com a linguagem das redes sociais, as devidas explicações sobre as expressões “cutucar”, “fazer uma selfie” e “promover um vomitação” constam no glossário comentado, parte dos elementos pós-textuais da presente dissertação.

diferenciação. Evidentemente que, quando escreveu sobre a evolução do psiquismo, a origem do caráter e a importância do coletivo, o autor não visava discutir relações sociais mediadas pelas tecnologias. Todavia, destaca um aspecto relevante quando pensamos na forma como os jovens se relacionam no ciberespaço: a interação como mola propulsora do desenvolvimento. Ou seja, independente da mediação, digital ou analógica, o que importa é a troca de significados, conhecimentos, valores e o contexto sociocultural em que se estabelece a vivência em grupo. Na perspectiva walloniana, o indivíduo é um ser em constante transformação, jamais fechado, que se constrói a partir da diferenciação em relação ao outro.

A vida social, nesse sentido, só é possível por meio da reciprocidade entre individual e coletivo. Ora, na inserção em grupo, há o impulso de se integrar ao todo, sentir-se parte de um grupo, compreendendo os códigos e a produção cultural dos interlocutores. Logo, somente no coletivo é possível assumir uma identidade e cumprir determinado papel, tornando-se também produtor de cultura. A concepção de Wallon enfatiza que o social é determinante à evolução humana, pois, as interações entre meio e indivíduos geram transformações mútuas, sendo, dialeticamente, decisivas ao desenvolvimento das sociedades. Portanto, não há existência humana sem a inserção no social.

Wallon defende o estudo contextualizado da criança, pois as diferentes relações que ela vai estabelecer com o seu ambiente, de acordo com suas possibilidades e com o momento específico de seu desenvolvimento. Ele acredita que o meio pode apresentar diferentes possibilidades de evolução e de diferenciação individual e que as circunstâncias sociais são fundamentais para isso. (BASTOS, 2015, p. 19)

Bastos (2014) explica as relações entre psiquismo, linguagem e psicologia na educação na perspectiva de Wallon e Vygostky. A autora, a partir dos pontos de convergência entre os referidos autores, analisa a importância da interação social à contemporaneidade. “As relações do homem com o meio são de transformações mútuas e que as circunstâncias sociais de sua existência influenciam fortemente a evolução humana” (2014, pg. 48):

É justamente a partir dessas interações que o sujeito pode referenciar-se no outro, diferenciar-se no outro, opor-se ao outro e, assim, transformar-se e ser transformado por ele. A palavra interação nos remete a uma ação recíproca e também pressupõe a ação que se exerce entre duas ou mais pessoas. Nesse sentido, pode-se dizer que as ações são reciprocamente orientadas e dependentes de si (BASTOS, 2014, pg. 48).

Há pontos convergentes de Wallon e Vygostky. Embora apresentem diferenças metodológicas frente à definição de Psicologia, explica Bastos (2014), os autores definem, cada um ao seu modo, a interação social como imprescindível, pois permite que o sujeito possa referenciar-se na cultura e a linguagem do outro para se desenvolver. De um lado, os indivíduos se identificam com os interesses e os objetivos do coletivo. De outro, se diferenciam, buscando posicionar-se em relação ao mundo. Isso significa que o movimento de assimilação do *eu ao outro* se dá a partir das mediações vivenciadas em grupo. É no coletivo que o sujeito toma consciência da realidade, passa a internalizar as diferentes situações de sua vida e se constitui enquanto ser.

Em *A formação Social da Mente*, Vygostky (1999) mostra a importância da interação entre sujeitos e como a formação e o desenvolvimento humano passam invariavelmente pelo social. Para esta conclusão, o autor investiga a importância sociocultural na formação da mente e na relação entre pensamento e fala. O sujeito se constrói comunicando no meio ao qual ele pertence. Ou seja, para ele as interações sociais e a fala são decisivas, pois inter-relacionam a experiência individual dentro do coletivo. “O ser humano, diferente dos animais, está inserido no meio sócio-histórico e cultural, interage com ele, é transformado por ele e o transforma” (1999, p. 30). Nessa perspectiva, a formação dos indivíduos realiza-se através da dialética entre interior e exterior da mente humana. Ou seja, o crescimento surge através da relação com o mundo e as interações sociais, sendo internalizadas por meio da linguagem. Na interação com o ambiente e pela dialética entre referência e diferenciação, que o ser, enfim, se torna humano. Ou ainda:

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VYGOSTKY, 1999, pg. 24).

O funcionamento psicológico não é inato ao ser humano, da mesma forma que não é recebido automaticamente pelo indivíduo através do meio onde vive, como se fosse um “pacote pronto” (OLIVEIRA, 2015). A perspectiva interacionista de Vygotsky enfatiza que é

na reciprocidade, dialética, entre indivíduo e social, que há o desenvolvimento dos seres humanos. Nesse sentido, quanto mais rica e abrangente for a interação com o meio social e cultural, maior a chance de aprendizagem. Portanto, a produção cultural e simbólica de jovens, fundamental ao nosso estudo, passa por um constante – e jamais encerrado – processo de apropriação, identificação e ressignificação do eu dentro de um coletivo.

Logo, a partir das relações de uma criança com as outras, no ciberespaço ou no convívio off-line, com os objetos e com o meio onde está inserida, ela se constrói, partilhando experiências e afetos. Assim como Wallon, Vygotsky obviamente não escreveu pensando na interação em redes digitais, todavia as reflexões sobre a importância de um sujeito interagir com outro para o desenvolvimento no período da infância nos dá elementos para analisar a qualidade dos ambientes virtuais contemporâneos.

Assumindo que a importância da vivência em grupo, com referências do pensamento de Vygotsky e Wallon, voltamos o nosso olhar à qualidade e ao tipo de experiências em grupo que são feitas nas redes. Afinal, o nosso argumento pressupõe que os grupos são imprescindíveis na aprendizagem social, assim como ao desenvolvimento da personalidade, uma vez que é por meio deles que os jovens podem encontrar diferentes referências (BASTOS, 2014). Se a constituição dos sujeitos e das personalidades passam pelas diferenciações e pelos movimentos dialéticos que apresentamos, como esses processos estão sendo feitos em meio ao crescimento das redes digitais na contemporaneidade?

As redes sociais influenciam a forma e a intensidade como as interações acontecem. Das rodas de conversa, do face a face, do contato visual, do afeto, entre outras interações presenciais, passamos também a nos relacionar em grupos no Facebook, Whatsapp, conversas e experiências mediadas pelo computador. É nesse contexto, marcado pela velocidade de fluxos de informações, que os jovens interagem, construindo-se socialmente. Embora o discurso – amplamente divulgado – de que “as redes sociais sempre existiram, agora só estão no computador” tenha alta adesão, estamos diante de novas modalidades de relacionar-se com o outro, marcadas por ritmos acelerados de conversação, mediadores diversos e por um rompimento total dos eixos emissão-recepção e escritor-leitor.

Há uma percepção do senso comum que, com os celulares em mãos no regime 24/7, os jovens não se encontram mais e o convívio off-line é marcado pela mudez e pela timidez na “olho no olho”, o que supõe que as tecnologias digitais estão corroendo as sociabilidades e que os indivíduos caminham para o total isolamento. Assim, cresce um discurso de que as

redes sociais estão substituindo o convívio off-line nos bairros e nas cidades. Na esteira desse pensamento, surgem movimentos para demonizar as tecnologias e os possíveis efeitos corrosivos da internet.

André Lemos (2015c) explica que o problema é exatamente o oposto: com o impulso das redes sociais, cresce a dificuldade em se desconectar e experimentar a solidão. A conexão e as interações acontecem num ritmo acelerado e frequente, o que torna rarefeita as oportunidades de isolamento, silêncio e autorreflexão. Possíveis vazios em relação ao espaço-tempo são preenchidos com acesso ao Facebook, ao Whatsapp e na interação com as redes. Na perspectiva de Lemos, a ideia do isolamento se torna uma falsa premissa, pois a questão central que se apresenta é a qualidade do estar junto e como o fazer coletivo das redes digitais podem ter relevância social.

Também para refutar as ideias de corrosão da vida social, Lévy (1996) explica que, na verdade, uma série de pesquisas aponta que geralmente as pessoas que mais interagem nas plataformas digitais são as que também mais o fazem no convívio off-line. Parques e espaços públicos continuam lotados⁴⁸ de jovens, praticando esportes, namorando e produzindo cultura. O diferencial é que agora as redes sociais se tornaram um novo elemento de socialização, híbrido e integrado ao que é produzido fora das redes. Portanto, dissociar ou criar dicotomias maniqueístas sobre a interação dos jovens no ciberespaço parece outra falsa premissa. É necessário um olhar ecossistêmico que compreenda a dimensão e as transformações em trânsito com essa nova realidade. Determinismos tecnológicos, que anunciam a catástrofe da infância e juventude, nos impedem de uma compreensão mais abrangente sobre as redes sociais.

O fenômeno recente dos rolezinhos⁴⁹ evidencia como as interações sociais desenvolvidas pelos jovens são compostas de forma híbrida e complexa. Mobilizados e articulados em redes sociais, os encontros culminam em interações no convívio off-line. Não há isolamento ou substituição de um pelo outro, muito menos polarizações generalizantes: o

⁴⁸ Na esteira da proposta de privatização dos parques paulistanos pela gestão do prefeito João Dória, pesquisa Datafolha - publicada em abril de 2017 - realizou um estudo sobre a relação dos moradores da cidade com as áreas verdes municipais. 55% dos paulistanos afirmam frequentar parques. Os locais, conclui o Datafolha, são mais procurados por pessoas com idade de 16 a 34 anos. O estudo completo está disponível em: <<https://goo.gl/u5nLTP>> Acesso em 10 de junho de 2017.

⁴⁹ Encontros massivos de jovens em shopping centers na cidade de São Paulo, embalados pelo som de funk ostentação, culto ao acúmulo de capital e manifestações diversas.

que há é uma multiplicidade de fatores que criam novas sociabilidades, reconfigurando o que é ser e estar no mundo contemporâneo.

A referência à obra de Wallon e Vygotsky posiciona a centralidade dessa dialética entre as trocas entre particular e coletivo. Com as redes sociais, sistemas técnicos, construídos pela perspectiva de mercado, têm criado novas modalidades de interação on-line, com mediadores inéditos que reconfiguram as relações desenvolvidas no ciberespaço. Discutiremos algumas dessas variáveis que consideramos fundamentais para compreender o contexto em que memes circulam e fazem parte do cotidiano juvenil: (a) filtro-bolha, (b) paradoxo da escolha e (c) Alone Together.

6.2 Filtro bolha e esgotamento do plural

Para uma análise das dinâmicas dentro de redes sociais na internet precisamos compreender o que é a configuração dos algoritmos. Esta é uma ferramenta utilizada pelos principais sites e mecanismos de busca da internet para determinar o que é ou não é relevante a ser apresentado aos usuários da rede. Basta imaginar que a produção e a circulação de conteúdo no ciberespaço são inesgotáveis, sendo praticamente impossível acessar tudo o que é produzido. Logo, há a necessidade de um sistema selecionar e ordenar o que será mostrado. O algoritmo, cálculo matemático que personaliza as configurações dos sites, funciona como ferramenta que executa o trabalho de “filtrar” e “determinar” o que será apresentado aos indivíduos. Facebook, Google e muitos outros portais trabalham sob essa dinâmica, estabelecendo critérios de relevância para categorizar o que aparece (ou não) durante a navegação on-line.

Eli Pariser (2011) analisou esse funcionamento da circulação de informações na lógica do algoritmo. O pesquisador explica que cada usuário da internet tem o seu perfil personificado de acordo com as suas preferências – ideológicas, econômicas e sociais –, afetando o tipo de conteúdo que com ele interage. Por exemplo, o Google utiliza o histórico dos navegadores (Explorer, Firefox ou Chrome, entre outros) para determinar o conteúdo que será apresentado ao utilizar o mecanismos de busca. Como exemplifica Pariser, se você se interessa por questões políticas, quando escrever a palavra *Egito* no Google terá como resultado principal informações sobre a Primavera Árabe ou sobre notícias de ordem econômica e social em torno do Norte da África e Oriente Médio. Se o interesse for por

viagens e turismo, o resultado seria, por exemplo, onde ficam as pirâmides e os principais destinos para lazer e entretenimento no país.

O Facebook, por sua vez, determina o que será apresentado por meio dos critérios de interação dos usuários. Quanto mais vezes você curte, compartilha, cutuca ou comenta o conteúdo de uma determinada pessoa ou página, o algoritmo determina que você receberá mais informações sobre essa pessoa em sua *timeline*. Se você é corintiano, provavelmente poucas informações sobre outros clubes de futebol que não sejam o Corinthians aparecerão em suas redes.

Para os efeitos desse fenômeno de relevância sob dependência de um *gatekeeper* digital para o conteúdo ser apresentado aos usuários, Eli Pariser classifica como filtro-bolha⁵⁰. O pesquisador aponta que o problema decorrente dessa situação é que, como as principais relações nas redes são com pessoas de maior afinidade e de alinhamento ideológico, a tendência é um afastamento do que é plural e diferente ao seu universo particular. Ou seja, a personificação de conteúdos e interações torna-se o imperativo central, pois o que é produzido on-line é filtrado e categorizado a partir dos padrões estabelecidos pelos algoritmos.

Os sistemas técnicos passam a organizar a disposição da informação conforme os desejos e as preferências manifestadas durante a navegação na internet. Se você realiza uma busca, por exemplo, sobre preços de sapatos, os algoritmos identificam que você está procurando um determinado serviço e passam a exibir na *timeline* sistematicamente possibilidades de marcas, preços e locais de compra para o sapato pesquisado. Se você curte, compartilha e interage com alguém, automaticamente terá mais informação sobre esse interlocutor em comparação com um outrem que interaja pouco.

Não apenas para os bens de consumo, no capitalismo artista, há sempre conteúdos ou produtos prontos para atender as expectativas, as emoções e os anseios do público. É possível afirmar que o algoritmo funciona como filtro para atender desejos que você tenha em frente à tela do computador ou do celular.

O resultado dessas configurações é que os interagentes da internet podem ter uma percepção pouco plural e diversificada da realidade. O risco que se corre é de ter a informação – tão importante para o desenvolvimento e a interação social – cada vez mais concentrada em torno de nichos, já que o filtro (ou critério) do que é e o que não é relevante ficará nas mãos

⁵⁰ PARISIER, E. Tenha cuidado com os "filtros-bolha" online. TED Talks: EUA, 2011 Disponível em <https://www.ted.com/talks/eli_pariser_beware_online_filter_bubbles?language=pt-br> Acesso em 29 de maio 2015.

das empresas de internet, especificamente do cálculo produzido pelos algoritmos. Dentro do fenômeno de filtro-bolha, as pessoas tendem a compartilhar as mesmas opiniões, polarizando e afastando de sua linha do tempo quem pensa de forma diferente (PARISIER, 2011).

Quando surge algo distinto da sua forma de ver o mundo, a tendência também é buscar nos pares argumentos para rechaçar imediatamente a opinião contrária. Impulsionados pela lógica neoliberal, somos direcionados cada vez mais a agrupar-se em grupos homogêneos. Em outros termos, as redes digitais criam filtros-bolhas que nos colocam dentro de esquemas generalizantes onde a singularidade é evidenciada apenas por padrões e preferências de consumo.

Tratamos, portanto, da sedução e do capitalismo artista discutidos em Lipovetsky e Serroy (2015) em seu auge, pois, com a personalização dos conteúdos em bolhas, a produção imaterial atende a nichos específicos de desejos e emoções. A personalização é tamanha na atualidade, para nos atermos a dois exemplos do cotidiano das cidades, que os algoritmos são capazes de detectar em qual restaurante você almoçou, apresentando nos dias seguintes propagandas específicas da culinária que te agrada; ou o aplicativo Uber pode alterar o preço das corridas de acordo com a demanda ou oferecer descontos caso consiga detectar, por meio de um sensor eletrônico, que a bateria do celular de um possível passageiro está acabando.

Outra variável importante para as sociabilidades contemporâneas, marcadas pela interação no ciberespaço, é o crescimento exponencial das possibilidades de escolha e, conseqüentemente, da exigência por decisões. Em alguns minutos conectados às redes sociais na internet, interagimos com centenas de informações, conversas, notícias e, claro, memes. Com a velocidade da *timeline* do Facebook ou dos inúmeros grupos de WhatsApp, há uma pressão para acompanhar tudo e, conseqüentemente, uma frustração por não conseguir absorver todo o conteúdo. As abas dos navegadores de internet, também conhecidas como guias, proliferam a cada acesso, com dezenas de páginas abertas.

Schwartz (2012) classifica esse fenômeno como o paradoxo da escolha. Ou seja, quanto mais opções temos, mais somos pressionados a tomar decisões, o que nos leva muitas vezes à sensação de paralisia, depressão e impotência frente à necessidade de escolher a todo momento com quem interagir, o que comprar, o que compartilhar, o que ler e assim por diante. O excesso de informação nos remete à sensação de estar perdendo algo e, paradoxalmente, ao fazer escolhas, temos a sensação de não termos tomado a melhor decisão. Escolher um filme em plataformas on-line, como Netflix, se torna um fardo a cada acesso.

São tantas opções que indivíduos acabam escolhendo nenhuma, ou frustrados após poucos minutos do início da película.

Pesquisadores da área de neurociência também discutem os efeitos das sociabilidades contemporâneas sob a preocupação central do uso exagerado da internet. Uma série de estudos na área investiga as consequências físicas e cognitivas da utilização das redes digitais sem intervalos e por períodos incessantes de conexão.

Se qualquer intervalo de tempo livre de outras obrigações é imediatamente preenchido pela interação com aparelhos eletrônicos, a solidão deixa de ser uma oportunidade para reflexão ou introspecção. Ela passa a ser um estado de desconforto, tal como a fome, a sede ou o sono, que requerem alívio rápido. Nossa especulação – que também já é defendida por outros autores – é que, à medida que o exercício da autorreflexão é diminuído, o mesmo possa acontecer com a capacidade de inferir os estados mentais dos que nos rodeiam (LOUZADA ; PEREIRA ; ANACLETO 2015).

O aspecto enfatizado pelos neurocientistas é a relação entre ‘conexão’ e ‘estar sozinho’. A conectividade incessante proporcionada pelos dispositivos móveis dificulta que as pessoas vivenciem a experiência da solidão, pois, ao se sentir sós, buscam se conectar em alguma rede, seja no Facebook, Twitter, ou enviar mensagens no Whatsapp. Nessa perspectiva, as tecnologias digitais podem cumprir um papel de 'companheiro' para os momentos em que nos sentimos sós (TURKLE, 2011). O risco que se corre é a dificuldade de estar só, que representa, na perspectiva dos estudos em neurociência, um encontro com você mesmo e autorreflexão. Sem a frustração e a angústia da solidão, não é possível formular, compreender e lidar com os afetos mobilizados na subjetividade.

Logo, a conexão instantânea e incessante com as redes digitais pode criar dificuldades em lidar com os conflitos, pois negamos a vivenciá-los, buscando nos conectar a outras pessoas nos momentos de vazio, como já explicado em Lemos (2015b).

Sherry Turkle (2011) classifica esse fenômeno como *Alone Together* (em português, 'Sós, Mas Juntos'), que as pessoas querem estar com as outras, mas em lugares diferentes. Isso cria a sensação de estar presente fisicamente, mas conectado a outro lugar, gerando um segundo reflexo: só prestar atenção para aquilo que lhe é de interesse. Essa experiência de controle sobre a atenção, ou seja, de se concentrar apenas ao objeto de interesse, reflete em como nos relacionamos com o outro, pois evitamos, por meio da personalização, o que não nos interessa.

A resultante é que possivelmente os indivíduos deixam de lidar com o diferente, rechaçando o que é plural e contraditório. Ou seja, conectado ao celular, estar em contato com o que não é necessariamente de interesse se torna um problema. Isso pode ter diversos desdobramentos à cultura juvenil, afinal a conversação face a face exige que ela seja realizada em tempo real, não sendo possível editar e nem colocar filtros sobre aquilo que será dito; muito menos apagar ou reescrever o que já foi postado/enviado. Quando estamos produzindo um e-mail, postando no Facebook, twittando, mandando mensagem no Whatsapp nos apresentamos como queremos ser. Então, retocamos a voz, o texto e a foto, exibindo a melhor versão de nós.

Diferente do perfil construído nas redes sociais, as relações humanas são complexas e conflituosas, não se limitando a uma versão editada. Assim, supõe a perspectiva apresentada por Turkle (2011), sacrificamos essas relações sociais por simples conexões. Logo, não seria suficiente apenas as conexões estabelecidas nas redes digitais para entendermos a complexidade do outro, as expectativas do outro, viver trocas simbólicas e de experiências coletivas.

Em termos da relação de jovens com o ciberespaço, precisamos compreender de forma mais abrangente os limites da questão de estar sozinho, não conectado, off-line, pois a experiência da solidão nada mais é que o exercício da reflexão, da retomada de tempo para o desenvolvimento pessoal. São nos erros, deslizos e frustrações que vivenciamos processos de descoberta enquanto atores sociais.

Todavia, é importante categorizar: como marca do nosso referencial teórico, adotamos a perspectiva da complexidade, o que nos impede de assumir posições dicotômicas em relação jovens e as novas sociabilidades. Evidentemente, que os fenômenos filtro-bolha, paradoxo da escolha e o *Alone Together* não existem por si mesmos e as interações no ciberespaço não são condicionadas passivamente a essas variáveis. Isso não significa que as questões levantadas pelos estudos da neurociência, a proposta de Sherry Turkle e possíveis desdobramentos dos referidos fenômenos não sejam levados em consideração, afinal, embora apresentem uma perspectiva de corrosão das sociabilidades, exploram consequências importantes para a vida social em tempos de redes. O que buscamos é compreender quais fatores influenciam a inserção dos jovens na internet por uma razão evidente: **são nesses espaços, no contexto que descrevemos, que eles interagem com os memes.**

É fundamental também pontuar que as variáveis atuantes nos processos de socialização contemporâneo são múltiplas. Poderíamos discutir questões relacionadas à privacidade, à segurança, à vigilância, à análise do discurso, porém, acreditamos que a perspectiva teórica apresentada neste capítulo nos posiciona sobre aspectos substanciais aos fatores que influenciam a inserção de jovens no ciberespaço.

Com o recorte de nossa pesquisa, buscamos respostas sobre a importância do coletivo à constituição do sujeito, assim como aspectos técnicos que influenciam a relação de jovens com as tecnologias. O objetivo é ter referencial para o desenvolvimento do nosso objeto de pesquisa: a percepção de jovens estudantes sobre os memes na internet. Partimos da premissa de que o que nos constitui enquanto espécie é sermos híbridos, ou seja, formados a partir da relação de transformação mútua com objetos, sistemas técnicos e o meio social onde vivemos. Não há separações entre humanos, de um lado, e técnica, do outro.

A referência a autores que criticam possíveis influências das redes sociais para as sociabilidades associados a outros que relativizam esses processos têm como objetivo politizar nossa abordagem para além de otimismo e pessimismo. É um dever nos questionar sobre que tipo de relação estamos estabelecendo com as plataformas digitais, a fim de compreender a realidade e trabalharmos pela qualidade do estar junto.

Com as discussões sobre o contexto em que as sociabilidades contemporâneas são forjadas, encerramos os tópicos que responderam às questões fundamentais para analisar a inserção dos memes no cotidiano dos jovens. Foi na inter-relação dos capítulos anteriores que conseguimos elementos capazes de orientar a investigação de campo. Evidentemente, com o intuito de melhor estruturar nossa argumentação, ainda serão apresentadas novas referências necessárias à categorização do nosso assunto. No entanto, acreditamos que, com o marco teórico apresentado até aqui, seja possível avançar às questões metodológicas e aos processos de coleta e interpretação de dados.

7. Metodologia

Imagem 13 - Estudante em interação com os memes no Encontro I

Fonte: Autor (2016) **Legenda:** Gilberto Aparecido, um dos participantes da pesquisa na EMEF Julio Marcondes Salgado, interage com os memes durante a execução do Encontro II.

A presente pesquisa assume o modelo proposto por Lopes (2005). Essa opção tem como objetivo desenvolver uma construção metodológica constante que, a partir do referencial teórico, orienta as estratégias conforme a construção do objeto. Como, em termos de coleta de dados, as pesquisas sobre memes ainda são recentes, carecendo de reflexões críticas no âmbito da Comunicação, com Lopes (2005), tivemos instrumentos de pesquisa sempre abertos para adequações, permitindo que colocássemos à prova nossas hipóteses. A proposta é realizar um estudo sistêmico, logo, buscamos uma abordagem transdisciplinar, necessária para integrar os postulados teóricos com os procedimentos metodológicos.

Desde hipóteses, formulação de problema, objetivos e argumentação teórica — apresentados anteriormente — até a amostragem e as técnicas de coleta de dados — que serão discutidos a seguir —, a decisão pelo referido modelo permitiu recorrer a diferentes métodos a fim de encontrar soluções, pois "a Ciência não lida com um objeto percebido, mas com um objeto construído" (LOPES, 2005, pg. 104). Da mesma forma que "a metodologia

não é dada; ela é construída pelo pesquisador” (BARRETO, 2008, p. 56). Ou seja, com o objetivo de encontrar respostas para o que os memes significam aos estudantes, fizemos opções que atendiam às demandas para coleta dos dados empíricos conforme o referencial teórico. Tomamos essa decisão, pois

abre-se com isso a possibilidade de combinar diferentes metodologias, sem abandonar determinado marco teórico e sem que isso redunde num ecletismo infundado. A teoria é que dota de rigor lógico a seleção e a combinação dos métodos. Também se torna evidente o caráter estratégico dessa combinação feita em função de uma problemática teórica, o que reafirma o caráter superável e aberto da metodologia dentro de uma pesquisa (LOPES, 2005, pg. 104).

Ao inter-relacionar as estratégias de investigação com as formulações teóricas sobre ecossistemas comunicativos, cibercultura e sociedade contemporânea, a abordagem da pesquisa assume o caráter qualitativo. Acreditamos que a opção garante elementos para uma discussão que é própria das ciências humanas, constituindo um eixo norteador para estudar o que são os memes na internet e o que eles significam aos estudantes entrevistados. Buscamos adentrar ao território de hibridismos entre humanos e não-humanos, que, de um lado, é dificilmente traduzido em números, mas, por outro lado, oferece oportunidades para análise, observação e interpretação. Essa é a razão para a escolha do método qualitativo.

Poderíamos, por exemplo, calcular quantas vezes os estudantes compartilharam algum meme ou a incidência de curtis e comentários nas redes sociais. Nesse sentido, haveria possibilidade de estudar que tipo de conteúdo é mais popular ou viraliza entre os jovens. No entanto, concluímos que apenas em um universo delimitado e com análises e descrições qualitativas seria possível sintonizar as técnicas de coleta de dados aos objetivos da pesquisa.

Muito se fala, como apontamos na argumentação teórica, que as novas tecnologias criam impactos no cotidiano dos jovens. "Eles não conversam mais", "só pensam em celular" entre outras afirmações suscitam um problema: é possível mensurar ou analisar a relação de estudantes a partir de uma categoria geral chamada novas tecnologias? Essa abordagem, preocupada com impactos e efeitos, calculando métricas de desempenho nas redes sociais, poderia ser um caminho possível. Todavia, ao optar pela abordagem qualitativa sobre os memes, apostamos em uma dimensão particular e específica, onde a realidade não pode ser

quantificada. Os jogos de linguagem da “zoeira”, na verdade, extrapolam a generalização de “novas tecnologias” ou “redes sociais”.

Mesmo que partam de um sentido próximo, ou seja, interações no ciberespaço, resultantes das possibilidades comunicacionais contemporâneas, as relações desenvolvidas com os memes são consideravelmente diferentes da interação em plataformas como Youtube, BuzzFeed e Tinder — para nos atermos a três de tantos exemplos possíveis. Não nos parece correto, pelo menos na dimensão científica, colocar tudo numa mesma categoria, como costuma fazer o discurso do senso comum ao tratar das “novas tecnologias”. Até porque, no geral, as Polegarzinhas sabem diferenciar, classificar e ordenar precisamente as modalidades que existem em cada aplicativo de celular, *game* ou rede social. Não é à toa, portanto, que propomos a categorização de memes: queremos expor que há diferentes formas e manifestações desses produtos culturais na rede, o que exige conhecimento e postura crítica. Nesse sentido, achar que memes, emojis ou Youtube são a mesma coisa e pertencem passivamente a uma categoria geral — chamada novas tecnologias — é subestimar as relações e apropriações que os jovens criam (e recriam) dentro da trama cultural contemporânea. Para esclarecer nosso ponto, fazemos um paralelo radical: confundir memes com outros produtos das redes sociais ou simplesmente com o conceito de “novas tecnologias” seria semelhante a confundir uma novela com uma partida de futebol, pelo simples fato de pertencerem a categoria “TV”. A especificidade é tão importante que, no capítulo 9, voltaremos a tratar do “gênero meme” e, conseqüentemente, dos seus subgêneros.

Outra diferenciação é imperiosa para descrever a estratégia adotada: o modelo de Análise de Redes Sociais e Conversação em Rede proposto por Recuero (2014b) se constituiu nos últimos anos como um importante método de investigação nas redes sociais. Com essa opção, poderíamos nos concentrar no tipo de interação e na intensidade dos laços sociais estabelecidos entre os nossos entrevistados. A opção chegou a ser ventilada no decorrer do trabalho, todavia, percebemos que não atenderia os propósitos da pesquisa, haja vista que nosso objetivo primordial não era estudar o funcionamento dos sites de rede social ou investigar as mensagens que os jovens trocam quando mediados pelo computador. Além de explorar o conceito pela perspectiva da Antropologia, essa abordagem exigiria um amplo plano para coleta de dados nos sites Facebook, Twitter, Instagram ou, no mínimo, a opção por apenas um destes para delimitar o trabalho. Ou seja, exigiria-se explorar em demasia os aspectos técnicos das redes, por exemplo, como funciona a construção de perfis e avatares

dos referidos sites, como mapear e criar grafos de interação em redes e assim por diante. Corremos o risco de não aproveitar o instrumento — reconhecidamente valioso nos estudos de cibercultura — para que o objeto fosse construído conforme a demanda pela coleta de dados significativos aos nossos propósitos.

Preferimos focalizar os depoimentos e a observação dos jovens interagindo com os memes. Afinal, constatamos nas etapas iniciais do trabalho que os estudantes têm alta familiaridade com a linguagem, o que garantiu densidade na interlocução com os entrevistados. O foco esteve, portanto, em sistematizar as recorrência e os fatores que condicionam as interações entre os discentes, os conteúdos e os jogos de linguagem dos memes.

É nesta inter-relação que apostamos para coletar dados capazes de fornecer elementos para nossa análise. Recuero sintetiza a perspectiva metodológica adotada:

Não é suficiente falar em redes sociais na internet levando em conta apenas os fatores estritamente tecnológicos da questão, ou seja, esquecendo as pessoas que interagem uma com as outras para concentrar-se sobre a mediação tecnológica. Do mesmo modo, recusar-se a considerar especificidades do suporte tecnológico é jogar fora a criança com a água do banho. As peculiaridades da sociabilidade mediada se constituem na intersecção entre os aspectos humanos e os tecnológicos, de modo que só podemos enxergá-las e compreendê-las se formos capazes de reconhecer o conjunto complexo e múltiplo de fatores que está em jogo (RECUERO, 2014a, pg. 13)

Ao retornar às indagações que construímos na formulação do nosso problema, assim como as postulações teóricas sobre Educomunicação, memes e sociedade contemporânea, concluímos que a observação direta seria a melhor escolha para cumprir a etapa de coleta de dados. O objetivo principal era criar condições para que observássemos como os participantes da pesquisa interagiam com os memes. Para isso, partimos da premissa que os dados empíricos devem reconstituir a dimensão vivencial e sensível, e não apenas servirem de instrumentos para comprovar os argumentos e as hipóteses que propomos (MALDONADO, 2008). Logo, conjugar diferentes técnicas de coletas de dados exige combinação dos procedimentos metodológicos a fim de construir dados significativos à análise qualitativa, sobretudo quando somos orientados por postulados teóricos que tratam da comunicação dentro da trama cultural, onde, reiteramos, a realidade é dificilmente traduzida em números.

Complementaridade e adequações requerem vigilância epistemológica para a reconstituição da dimensão vivencial, no nosso caso, as interferências dos memes no cotidiano dos jovens. Como resolvemos isso na pesquisa de campo?

Cruzamos três instrumentos para levantar os dados capazes de nos oferecer elementos para discutir a relação entre estudantes entrevistados e os memes na internet, a saber:

(a) **a observação direta**, realizada na sala de informática da EMEF Julio Marcondes Salgado, com dois grupos de alunos — como apresentado nos objetivos —, traduzida nas fichas de observação dos encontros realizados com os estudantes e com gravações feitas em vídeo. Além disso, também como parte da observação, aplicamos roteiros de perguntas enquanto os estudantes interagiram com os memes — também registradas nas fichas de observação e nos vídeos;

(b) **sistematização dos memes** coletados pelos estudantes durante a realização da pesquisa na sala de informática;

(c) e, como forma de encerramento dos encontros feitos com os estudantes, realizamos uma **Roda de Conversa** com o objetivo de discutir com os estudantes os possíveis desdobramentos das dinâmicas dos memes para o convívio off-line;

Como explica Lopes (2005), a etapa de observação tem como objetivo a "reconstrução empírica da realidade" (2005, p.142). Ou seja, reunir dados e evidências "capazes de reproduzir os fenômenos em estudo no que eles têm de essencial" (2005, p. 142). Foi na integração dos procedimentos (a, b e c) que coletamos os dados para realizar sistematizações, comentários e interpretações, ou seja, reconstruir o fenômeno. Consequentemente, na etapa posterior já com os dados sistematizados e com as análises sobre as funções dos memes, propor a categorização de gêneros e subgêneros para esses produtos culturais. Com a ficha de observação — apoiada com a gravação em vídeo, que serviu para complementar as anotações feitas nas fichas — registramos os depoimentos significativos aos nossos objetivos, as questões mais recorrentes e que tipo de interação é feita com esses produtos culturais.

Com o material colhido, pudemos considerar as relações, as ocorrências mais importantes e, claro, estudar os depoimentos capazes de fornecer dados para as análises que

propomos. Após discutir a amostragem, iremos detalhar no item 7.2 os procedimentos metodológicos e como organizamos os instrumentos a, b e c durante os encontros realizados na EMEF Julio Marcondes Salgado.

7.1 Amostragem

Nosso objetivo não é propor generalizações a partir da interpretação dos dados coletados. Portanto, a amostragem é de representatividade social (não-estatística) (LOPES, 2005). Nesse sentido, as tabelas e os gráficos que apresentaremos servem para contextualizar as análises sobre os sujeitos da pesquisa. O grupo reduzido de estudantes, que remete automaticamente a um micro estudo, focaliza detalhes das interações que registramos durante a observação.

Como já mencionado, organizamos dois grupos de estudantes. A proposta era analisar possíveis diferenças, dentro da mesma unidade de ensino, entre as percepções de estudantes que (a) participam de projeto educ comunicativo e (b) não participam diretamente de projeto educ comunicativo. A separação, no entanto, **não intenta transformar nosso trabalho em estudo comparativo entre o que é e o que não é educ comunicativo**. O foco está nos memes na internet e o significado destes para os estudantes, sejam eles da Rádio JMS ou não. A proposta é apontar durante as análises as possíveis diferenças nas percepções e representações entre os dois grupos. Será que de alguma forma os trabalhos desenvolvidos pelo Imprensa Jovem sob parâmetros educ comunicativos se manifesta nos depoimentos sobre os memes? Há uma apropriação mais crítica de um grupo em relação ao outro sobre a inserção nas redes sociais?

Em atividade desde o ano de 2001 na cidade de São Paulo, o Programa Nas Ondas do Rádio, construído sob os preceitos da Educomunicação — dentro das sistematizações acadêmicas da ECA-USP que influenciaram altamente as dinâmicas de Comunicação e Educação nas escolas municipais de São Paulo —, é uma proposta pedagógica que regulamenta as linguagens midiáticas no processo ensino-aprendizagem. Em 2004, três anos após o desenvolvimento do programa, foi criada no município a Lei nº 13.941, reconhecidamente um marco importante para regulamentar os projetos educ comunicativos da cidade. Conhecida como "A Lei Educom", a medida acompanhou o movimento já existente — como o exemplo do Nas Ondas do Rádio — para empoderar jovens estudantes frente aos

desafios da contemporaneidade, sobretudo os ligados às tecnologias digitais, reunindo dezenas de professores e alunos para a criação de rádios, blogs e jornais escolares.

Em síntese, como parte dos desdobramentos da Lei Educom e da atuação do Imprensa Jovem na cidade de São Paulo, a Rádio JMS foi criada no ano de 2012 quando alunos fizeram pela primeira vez gravações radiofônicas para serem exibidas no intervalo das aulas. Desde então, os participantes aprendem e desenvolvem técnicas de filmagem e fotografia, montagem de equipamentos de áudio, além de gravação e edição de material audiovisual.

Em atividade desde 2013 nas redes sociais, como Facebook e Blogspot, a Rádio JMS é composta por 20 alunos do 5º ao 9º ano. No início de cada ano letivo os professores responsáveis pela mediação do projeto, André Jonathas Barbosa e Ana Carolina Cuófono, abrem inscrição para novos ingressantes. Desde a definição da programação musical da rádio — tocada por amplificadores no pátio central da escola — até a definição de pautas, entrevistas e reportagens, as atividades do projeto são definidas em comum acordo entre os participantes. Todos podem integrar as atividades, orientados por interesse específico ou por uma demanda.

Essa contextualização busca enfatizar que gostaríamos de observar diferenças entre os depoimentos dos estudantes que integram esse contexto de participação no Imprensa Jovem daqueles que não o fazem. Ou seja, jovens que estão diretamente ligados às ideias educacionais, afinal os programas da Prefeitura de São Paulo reúnem elementos que visam uma abordagem que busca superar o viés tecnicista da mídia em favor de movimentos de transformação social.

A proposta inicial de pesquisa era trabalhar com 20 estudantes, divididos em dois grupos de 10. Os critérios de escolha para os estudantes foram (1) disponibilidade de horário para participar dos encontros, uma vez que não utilizamos o horário de aula para realizar a pesquisa, (2) ser usuário frequente de redes sociais na internet e (3) ter autorização dos responsáveis para participar da pesquisa.

No primeiro momento, consideramos convidar apenas estudantes do 9º ano do ensino fundamental. Como aponta a pesquisa TIC Kids Online (2016), quanto mais próximo dos 18 anos de idade, maior a intensidade de utilização das redes sociais, o que significa, pelo menos no campo hipotético, maior familiaridade com a linguagem digital e, conseqüentemente, dos memes. No entanto, os professores André Barbosa e Carolina Cuófono nos alertaram sobre a dificuldade de, fora do horário de aula (não tínhamos autorização para realizar a pesquisa

dentro do horário de aula), conseguir 20 estudantes do 9º ano comprometidos a realizar a atividade por três semanas. Então, ao me certificar com os professores que alunos que não pertenciam ao 9º ano teriam competências e um bom grau de interlocução sobre o tema dos memes, decidimos abrir a inscrição para estudantes do 6º, 7º e 8º ano. Com o propósito de conseguir o número desejado, a composição da amostra também não restringiu idade e gênero.

Com o auxílio dos professores André Barbosa e Carolina Cuófono, estudantes de todos os períodos foram convidados a participar do encontro. Ainda em agosto de 2016, depois de duas semanas da primeira rodada de avisos em sala de aula, conseguimos fechar os dois grupos de alunos interessados em participar da pesquisa.

Um estudante do grupo A e outra aluna do grupo do B não compareceram ao encontro introdutório e, posteriormente, avisaram que não poderiam participar das demais atividades. Portanto, passamos a trabalhar com dois grupos de nove estudantes, o que em nada prejudicou nossa amostragem.

Na sequência, iremos apresentar a identidade dos estudantes que participaram da pesquisa. Os dados e as informações que iremos apresentar foram colhidos mediante a assinatura de pais e responsáveis do **Termo de Autorização** de participação na pesquisa e também do uso de imagem e vídeo. O documento segue em anexo da presente dissertação. Além disso, tomamos os devidos cuidados para que nenhum dado pudesse prejudicar ou expor os jovens estudantes, conforme as normas do PPGCOM, ECA-USP. Chegamos então à seguinte lista:

(a) Entre os estudantes do projeto Rádio JMS:

1. Iasmin dos Santos Reis, 13 anos, 8º ano

2. Lorena Lopes, 14 anos, 9º ano

3. Marcos Cipriano Moreno da Silva, 12 anos, 6º ano

4. Maria Eduarda da Silva Carlos, 12 anos, 6° ano

5. Marina Rosa de Sousa, 13 anos, 8° ano

6. Beatriz Maria dos Santos, 12 anos, 6° ano

7. Beatriz Rocha de Oliveira, 12 anos, 6º ano

8. Lucas Martins Ribeiro, 14 anos, 8º ano

9. Maria Rita Teixeira, 14 anos, 9º ano

(b) Dos estudantes que não participam do projeto Rádio JMS

1. Joyce Cristina Silva Santos, 14 anos, 9º ano

2. Gabriel Damasceno Novaes, 15 anos, 9º ano

3. Hellena Duarte, 14 anos, 8º ano

4. Letícia Almeida, 14 anos, 9º ano

5. Lucas Uno, 14 anos, 9º ano

6. Weiny Kimberly de Macedo, 13 anos, 8º ano

7. Leonardo Mendes da Silveira, 14 anos, 9º ano C

8. Beatriz Pereira da Silva, 14 anos, 9º ano

9. Gilberto Aparecido Alves Junior, 14 anos, 9º ano

Sob exigência da coordenação da EMEF Julio Marcondes Salgado, foi realizada uma atividade anterior aos encontros na sala de informática, ao qual denominamos **Encontro Introdutório**. Fomos solicitados a apresentar aos estudantes os propósitos e os objetivos da pesquisa, assim como entregar o termo de autorização do uso de imagem na pesquisa. Aproveitamos a ocasião para aplicar um questionário⁵¹ para identificar hábitos relacionados à interação com as redes sociais dos sujeitos de nossa pesquisa. Iríamos utilizar o primeiro dia na sala de informática para realizar essa etapa, mas, com a solicitação de um encontro extra, antecipamos para abrir mais espaço para que os estudantes interagissem com os memes no **Encontro I**.

Como já mencionado, não temos pretensões estatísticas, senão compor um contexto que nos ajuda compreender quem são os sujeitos da amostragem. Junto com os dados sobre os hábitos de mídia, faremos alguns comentários que ajudam a localizar os dados recolhidos.

O **Gráfico I** indica a frequência de utilização das redes sociais entre os 18 estudantes que participaram da pesquisa. Perguntamos **quantas vezes ao dia usam as redes**. Como o **Encontro Introdutório** reuniu todos os participantes, sem distinções entre alunos da Rádio JMS, não realizamos nessa etapa diferenciações em relação aos grupos. Respostas:

⁵¹ O roteiro de pergunta do questionário segue em anexo

Gráfico 2 - Frequência de uso das redes sociais

Frequência de uso das redes sociais

Fonte: Autor (2016). **Legenda:** números demonstram com qual frequência acessam às redes sociais.

Manifesta nas respostas, a frequência de utilização está de acordo com os resultados da pesquisa TIC Kids Online (2016), que indica que os jovens brasileiros usam de forma intensa as redes sociais no cotidiano. Com esses números, podemos afirmar que, entre os participantes de nossa pesquisa, as interações feitas no ciberespaço constituem uma rotina efetiva. Ou seja, eles estão em contato constante com as linguagens digitais.

Nenhum depoente afirmou ficar mais de uma hora sem se conectar às redes sociais, confirmando uma hipótese ventilada: estar desconectado se tornou uma opção cada vez menor, o que, conseqüentemente, significa que devemos considerar a alta influência das redes sociais na vida dos estudantes. Durante todo o processo de investigação também podemos confirmar esse dado, uma vez que era possível ver os discentes frequentemente olhando para o celular.

Assim como a EMEF Julio Marcondes Salgado, localizada na Avenida Edu Chaves,

número 1289, os participantes da pesquisa pertencem à região do Parque Edu Chaves, distrito de Jaçanã, zona norte da cidade de São Paulo. O bairro integra a região nordeste da cidade de São Paulo, à margem da Rodovia Fernão Dias, na divisa com o município de Guarulhos. Parque Edu Chaves ficou conhecido por muitos anos pelo alto índice de enchentes, o que desvalorizou por décadas o bairro. De acordo com a Prefeitura de São Paulo⁵², com a canalização do rio Cabuçu de Cima — local dos alagamentos —, nos últimos 20 anos, a região voltou a ser valorizada e registrar crescimento econômico e populacional, aumentando os índices sociais e deixando de ser um bairro pobre para se converter em bairro de classe média. O perfil dos estudantes da EMEF Julio Marcondes Salgado corresponde a esse dado, sendo, portanto, majoritariamente formado por jovens da classe média e classe média baixa.

Isso significa que os discentes estão em um contexto de acesso à internet e aos recursos disponíveis pela interação on-line. Com base nas informações colhidas na escola⁵³ sobre o perfil socioeconômico dos discentes, podemos assegurar que os participantes de nossa pesquisa integram os 79% dos jovens brasileiros que atuam intensamente nas redes sociais (CETIC, 2016). Nesse sentido, fizemos uma questão aberta para tentar explorar **a importância de estar conectado** a eles. Questionamos:

Como você se sente quando fica sem acessar às redes sociais por muito tempo?

Depoente 1:

Parece que eu não tenho vida kkk

Depoente 2:

Sinto um vazio ao não entrar nas redes e conversar com pessoas que não vejo no dia a dia.

Depoente 3:

⁵² Informação sobre o bairro Parque Edu Chaves estão disponíveis na biblioteca digital da Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <<https://goo.gl/NN12gd>> Acesso em: 15 de maio de 2017.

⁵³ Depoimento verbal colhido juntos aos professores responsáveis pelo projeto Rádio JMS e funcionários da secretaria da escola

Eu me sinto desinformada como se eu estivesse no bbb⁵⁴ confinada sem informações do mundo. Sinto como se estivesse faltando alguma coisa, como se o meu dia estivesse incompleto.

Depoente 4:

Algo triste e chato. Isso porque hoje em dias as pessoas não se juntam, conversam e brincam como antes.

Depoente 5:

Devastador, pra mim uma hora já é muito tempo, ficar longe da internet é chato, pode estar acontecendo milhares de coisas e você desligado das coisas que estão acontecendo.

Depoente 6:

Me sinto fora da órbita da Terra. Ficar 3 semanas já é o suficiente para eu me sentir um ET.

Depoente 7:

Eu fico muito estressada e acabo descontando em todo mundo.

Além destas respostas, outras seis estiveram no mesmo sentido de insatisfação ou irritação pela falta de acesso à internet, porém os estudantes pouco disseram. Apenas escreveram expressões como “horrível”, “triste”, “o pior possível”, “sem o que fazer” e “lamentável”.

Outro grupo, num total de cinco alunos, mostraram lidar de forma diferente com a ausência de conexão às redes sociais.

Depoente 8:

Eu nao ligo pq eu arrumo outra coisa para fazer. Ficar muito tempo sem internet é ficar uma semana sem.

⁵⁴ BBB parece ser uma alusão ao programa Big Brother Brasil, da Rede Globo.

Depoente 9:

Nada, tanto é que eu tenho coisas melhores para fazer.

Depoente 10:

Eu não sou viciado em internet e não acho ela essencial para minha sobrevivência, e por isso me sinto estranho, mas acho que aguento ficar sem internet por muito tempo.

Desse grupo, um estudante respondeu que não sente “nada” e outro respondeu “me sinto bem”.

Outro aspecto importante sobre os hábitos dos estudantes nas redes sociais é saber quais são os sites e os aplicativos de redes sociais que eles mais costumam utilizar. Afinal, são nesses espaços que circulam os memes e a produção simbólica do ciberespaço se manifesta de fato. Perguntamos:

Quais sites de redes sociais vocês costumam acessar? Respostas:

Tabela 1 - Sites de redes sociais que costumam acessar

Rede Social	Quantos (em % entre os 18 entrevistados) utilizam
Facebook	94,44%
Twitter	16,67%
Instagram	61,11%
Youtube	94,44%
Snapchat	27,78%
Google+	27,78%
Whats App	83,33%

Fonte: Autor (2016).

O Facebook é o maior site de rede social do mundo, reunindo cerca de 1,86 bilhões de usuários. No Brasil, são aproximadamente 102 milhões de pessoas conectadas à rede. Embora

haja exigência de, no mínimo, 13 anos para criar um perfil no site, não há fiscalização rígida e muitas crianças e adolescentes burlam a idade para entrar no Facebook. Reportagem publicada em novembro de 2016 pelo portal *Olhar Digital*, do UOL, relata que, no Reino Unido, cresce a cobrança aos pais e responsáveis para que eles impeçam que os filhos tenham contas e perfis no site Facebook⁵⁵. Mesmo sob o prisma de restrição ao acesso, a plataforma é o principal ponto de encontro de jovens no ciberespaço, onde eles trocam informações e interagem com os conteúdos que circulam na *timeline*. Portanto, como indicam números da Tabela I, os estudantes de nossa pesquisa estão sintonizados a esse contexto geral.

Outro aspecto a ser ressaltado sobre os hábitos dos participantes da pesquisa é a alta adesão ao Youtube, na mesma proporção (94,44%) que o Facebook. Na última década, a plataforma de vídeos passou a ser entendida também como rede social (RECUERO, 2014c), ou seja, antes feita apenas para publicação e armazenamento de vídeos, o site começou a ser apropriado — por meio da seção de comentários — para as interações e trocas entre os usuários. Com a proliferação de canais, há uma gama quase inesgotável de oferta de vídeos sobre temas variados, sobretudo ao universo juvenil. Os Youtubers, como são chamados os criadores de canais, são na maioria usuários comuns que passam a produzir conteúdos de vídeo, arrebatando milhares ou milhões de seguidores a depender da segmentação do canal.

Consideramos essa informação relevante para o nosso estudo por dois motivos: (1) os vídeos publicados no Youtube têm uma característica semelhante aos memes: o sucesso é estrondoso em razão de produzirem mensagens descentralizadas e horizontais, sem depender de redes hierárquicas, como mostramos com o exemplo do caso *Perdi meu amor na balada*. Em termos de cultura juvenil, pesquisa encomendada pelo Google⁵⁶ em 2016, indica que metade das personalidades mais influentes entre adolescentes brasileiros já são Youtubers.

Em comparação com personagens da televisão e o outros meios de radiodifusão, o sucesso destes está relacionado, afirma o estudo, à maior familiaridade com a linguagem digital — ou seja, com os memes, com a zoeira e aquilo que chamamos de estética amadora; (2) podemos afirmar que, em consonância com crescimento dos memes, os Youtubers também

⁵⁵ Com o título "Pais ajudam filhos a criar perfis, diz Facebook sobre contas de Criança", a reportagem publicada em 23 de novembro de 2016 mostra o embate entre uma comissão parlamentar no Reino Unido e a gigante da internet Facebook sobre a presença de crianças com menos de 13 anos no site. Disponível em: <https://goo.gl/inEcuK>. Acesso em 05 de março de 2017.

⁵⁶ Instituto de Pesquisa Provokers realizou a pesquisa quantitativa em relação ao perfil dos usuários do Youtube no Brasil. 2016)

têm alta circulação entre os jovens e o sucesso não é obra do acaso: eles, na verdade, sintetizam uma forma de se relacionar com as redes digitais. Sem pretensões generalizantes, podemos dizer que memes e Youtubers compartilham parâmetros comuns, sobretudo em termos de personalização, efemeridade e seduções, resultantes das dinâmicas do capitalismo artista, referidos em Lipovetsky e Serroy.

Na mesma fase de registro de hábitos de mídia, fizemos uma questão (aberta) sobre **o que gostam de assistir e o porquê**. As respostas indicam como o Youtube e também o Netflix, duas plataformas on-line, são as preferidas dos entrevistados:

Depoente 1:

Prefiro o Youtube, pois é bem mais rápido, tem mais opções de vídeo das coisas que eu gosto.

Depoente 2:

Netflix e Youtube, pois tem mais variedade e a qualquer hora posso ver os filme que eu quero.

Depoente 3:

Netflix, por conta da praticidade de poder entrar a qualquer momento.

Depoente 4:

Youtube porque acho mais legal e tem vídeos que eu gosto.

Depoente 5:

Youtube, porque TV é muito chata.

Depoente 6:

Netflix porque tem muitas séries legais e Youtube porque tem música também.

Depoente 7:

Youtube é muito melhor.

Os outros 11 estudantes depoentes não responderam no formulário as razões pela escolha. Entre estes, sete afirmaram usar mais Netflix e Youtube e quatro preferem apenas

Youtube.

O **Encontro Introdutório** serviu para compor o quadro sobre os hábitos de mídia entre os estudantes. São informações relevantes para comprovar que, de fato, os jovens têm alta familiaridade com a linguagem digital e interação de forma intensa com as redes sociais. O objetivo foi contextualizar quem são os sujeitos da pesquisa a fim de, mais tarde, cruzar com os dados colhidos nos procedimentos metodológicos — que apresentamos a seguir.

7.2 Procedimentos metodológicos

Imagem 14 - Estudantes durante execução do Encontro I, na sala de informática

Fonte: Autor (2016). **Legenda:** alunas Lorena Lopes e Maria Rita interagem com os memes durante o Encontro I.

A realidade não é suscetível de apreensão imediata, e sua reprodução exige atividades intelectuais complexas; o importante não é o que se vê, mas o que se vê com método, pois o investigador pode ver muito e identificar pouco e pode ver apenas o que confirma suas concepções (LOPES, 2005, p. 125).

Com o intuito de gerar dados significativos aos nossos objetivos, desenvolvemos um plano de pesquisa de campo para criar dinâmicas dos estudantes com os memes.

Aproveitamos o desenrolar das ações — no qual usamos fichas de observação e uma câmera de vídeo para fazer os registros —, para aplicar roteiros de perguntas à medida que os alunos interagiam nas redes sociais.

Além do Encontro Introdutório, no total, foram realizados seis encontros (três com cada grupo) entre setembro e outubro do ano de 2016. Às segundas-feiras (Grupo A) e às terças-feiras (Grupo B) entre 12h e 12h45. Ou seja, os encontros tiveram duração de 45 minutos, sendo realizados na sala de informática da EMEF Julio Marcondes Salgado. Os estudantes participaram das atividades no período em que não estavam no horário de aula. Dessa forma, não tivemos que interromper ou retirá-los de nenhum horário destinado às disciplinas.

Seguimos a seguinte agenda:

26 e 27 de setembro de 2016: **Encontro I**

03 e 04 de outubro de 2016: **Encontro II**

17 e 18 de outubro de 2016: **Encontro III**

Em todas as atividades de campo, utilizamos material específico para coletar as informações. Gravamos com uma câmera de vídeo: Nikon D5000, focalizada na interação dos jovens com os memes e, nas ocasiões do roteiro de perguntas, focalizada nos depoimentos dos estudantes. Também usamos fichas de observação, com um suporte de pranchetas, para registrar as ações dos estudantes. Por último, levamos um pen-drive, a fim de coletar nos computadores da sala de informática os memes selecionados pelos estudantes.

Passamos a detalhar como cada encontro foi organizado:

7.2.1 Encontro I: o que são os memes?

Nessa fase, nos dias 26 (Grupo A) e 27 (Grupo B) de setembro após uma recepção inicial, os estudantes acessaram as redes sociais pelos computadores. Enfatizamos que eles podiam, no primeiro momento, navegar livremente pelos sites de rede social. Logo depois, quando constatado que todos estavam conectados, solicitei que procurassem e me apresentassem memes que eles compartilharam nas redes ou que gostariam de compartilhar.

Nesse período, enquanto passava de computador a computador entre os estudantes, fizemos a entrevista informal (aberta e direcionada) para registrar os depoimentos mais significativos sobre os memes. Seguimos o seguinte roteiro:

-Vocês sabem me dizer o que é um meme?

-Que tipo de meme você costuma compartilhar, curtir ou comentar?

-Qual página ou perfil de rede social tem os memes que você mais gosta?

Depois, pedimos para que os entrevistados selecionassem e salvassem os memes favoritos em uma pasta na área de trabalho dos computadores. No decorrer dos trabalhos, também pedimos para que os discentes salvassem na pasta memes que, na minha avaliação, eram significativos aos propósitos da pesquisa. Explicamos para todos como fazer o processo. Encerrado o encontro, com o pen-drive, coletamos os memes selecionados por cada estudante.

Com a dinâmica acima proposta, os objetivos do **Encontro I** foram:

- (1) Compreender quais são as percepções dos estudantes em relação aos memes;
- (2) Quais são os tipos de memes que mais circulam entre os estudantes;
- (3) Identificar os propósitos e como os estudantes costumam utilizar os memes;

7.2.2 Encontro II: as diferenças entre os memes

Entre a realização do Encontro I e do Encontro II, organizamos os memes selecionados pelos alunos e as ocorrências mais frequentes. Identificamos e nomeamos três categorias em que os depoimentos, as páginas mencionadas e os memes mais citados estavam em algum nível inter-relacionados. **Voltaremos a detalhar e explicar as razões de cada categoria.** Por ora, apenas apresentamos para continuar a descrever a dinâmica dos encontros. As categorias são:

1. **Memes do cotidiano** montagens que remetem às dinâmicas do dia-dia, da escola, dos

amigos, da família e assim por diante;

2. **Memes de afetos:** Memes que aglutinam sentimentos e percepções afetivas sobre algum assunto, dinamizando a relação entre os pares

3. **Memes de zoeira:** Brincadeiras, provocações e indiretas

Assim como na semana anterior, os encontros com cada grupo foram realizados na sala de informática da EMEF Julio Marcondes Salgado. Propusemos aos estudantes, então, uma brincadeira: **caça aos memes**⁵⁷. Explicamos cada uma das três categorias e, na sequência, solicitamos que eles encontrassem nas redes sociais pelo menos um meme relacionado a cada categoria. Enquanto faziam a brincadeira — na verdade, uma estratégia para tornar a atividade mais atrativa e, conseqüentemente, registrar ocorrências espontâneas —, fizemos uma nova rodada de perguntas (abertas e direcionadas) a fim de registrar depoimentos significativos ao encontro. Seguimos o seguinte roteiro de perguntas:

-Você consegue me dizer as diferenças que existem entre os memes?

- Existe algum tipo de meme que você gosta mais?

-Existe algum meme que diz algo que você gostaria de dizer?

Com a dinâmica acima proposta, os objetivos do Encontro II foram, a saber:

- (1) Identificar possíveis diferenças entre os memes em termos de conteúdo e formato;
- (2) Aproveitar de uma proposta mais lúdica, para identificar, em forma de brincadeira, como os estudantes se relacionam com os memes na vida cotidiana;
- (3) Verificar se havia procedência nas categorias identificadas a partir do primeiro encontro;

⁵⁷ Devemos mencionar que a ideia foi inspirada na ação da disciplina Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais (AACC I), coordenada pelo prof. Dr. Claudemir Viana, no curso de Educomunicação da ECA-USP. Durante o período de mestrado, auxiliamos na execução da tarefa “Caça aos Tesouros do NCE”, que, por meio de uma atividade lúdica, convidava os estudantes a “caçarem” livros, teses e materiais audiovisuais no acervo do NCE. O objetivo era, após encontrar o “tesouro”, construir um artigo para publicar no blog do NCE. Como a atividade foi exitosa e participei por três anos, tive essa inspiração para criar a dinâmica com os discentes da EMEF Julio Marcondes Salgado.

7.2.3 Encontro III: memes na Roda de Conversa;

Nessa etapa, como forma de encerramento dos encontros, realizamos uma Roda de Conversa. A opção teve como objetivo obter dados que remontam as percepções e as representações sobre os memes a partir dos próprios estudantes. Eles falam, discutem e interagem entre eles, num círculo que montamos na sala de informática. Os diálogos foram direcionadas no sentido de compreender, a partir das falas dos participantes, como os memes podem ter desdobramentos para o convívio que eles mantêm off-line. Para incentivar a conversa, organizamos aspectos recorrentes e significativos dos Encontros I e II. Nesse momento, tivemos uma abordagem diferente da observação feita até então: participei ativamente do diálogo com os estudantes, mediando a conversa e trazendo elementos para a discussão. Moura e Lima (2014) destacam que a Roda de Conversa é uma opção metodológica em que o “pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão” (2014, pg. 99). Com isso, é possível ter reflexões entre os atores pesquisados a partir da troca de experiências, “em um processo mediado pela interação com os pares, através de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo” (MOURA ; LIMA, 2014, pg. 99). Fizemos essa decisão para encerrar os encontros e obter dados qualitativos para a investigação. Ou seja, queríamos dar voz aos discentes para que eles próprios analisassem e problematizassem o que os memes significam. Não gravamos essa etapa em vídeo, pois nos concentramos em participar ativamente das discussões. Registramos os relatos nas fichas de observação.

Com a dinâmica acima proposta, os objetivos do Encontro III foram:

- (1) Criar uma dinâmica para que os estudantes discutissem o que os memes na internet significam para vida deles;
- (2) Cruzar os dados recolhidos nos Encontros I e II com a Roda de Conversa;
- (3) Encerrar os encontros e agradecer a participação dos estudantes;

8. Descrição e Interpretação dos dados

Imagem 15 - Meme “Willy Wonka Irônico”

Fonte: Facebook (2017). **Legenda:** Meme retirado da página de pós-graduandos da USP. Na imagem, aparece o ator Gene Wilder na interpretação Willy Wonka no filme “A Fantástica Fábrica de Chocolate”, de 1971. Esse tipo de imagem, que explora ironias do cotidiano, é um dos mais famosos das redes sociais. Como iremos a partir de agora, adentrar nas dinâmicas e nas funções dos memes, achamos pertinente ilustrar o capítulo com uma imagem típica das redes sociais.

Explicado os procedimentos metodológicos, passamos a etapa de descrição e interpretação dos dados. Com o objetivo de dinamizar a apresentação do trabalho, organizamos o seguinte roteiro:

- 1º- Descrever a execução de cada encontro realizado com os estudantes;
- 2º- Descrever e fazer os comentários e análises referentes aos dados organizados e sistematizados dos encontros a partir das categorias de análise;
- 3º- Apresentar as conclusões referentes à pesquisa de campo para, enfim, discutir as propostas de gênero e subgênero de memes.

Antecipando os resultados da pesquisa, podemos dizer que não foi possível durante os Encontros I e II observar diferenças significativas entre os depoimentos e interações entre os grupos A e B. Portanto, apenas no último item deste capítulo, direcionado a analisar a Roda de Conversa, faremos comentários sobre as diferenças que notamos nos grupos.

8.1 Descrição dos Encontros com os estudantes

Encontro I - Grupo A (Integrantes da Rádio JMS) - Dia 28 de setembro de 2016.

No dia agendado, chegamos a EMEF Julio Marcondes Salgado com uma hora de antecedência. Além de preparar a câmera de vídeo e os papéis com suporte de prancheta — que serviram para registrar as observações —, o objetivo era preparar uma pasta na área de trabalho dos computadores destinados à nossa pesquisa. Havia preocupação com a impossibilidade de acessar o sistema dos computadores e criar uma nova pasta, o que dificultaria a seleção dos memes pelos estudantes.

Fui recebido pelo professor André Jonatas, que me tranquilizou e disse que era possível fazer o processo sem grandes problemas. Neste local, após o encontro, recolheríamos os memes que os estudantes selecionaram.

No horário marcado, sete estudantes se apresentaram na sala de informática. Outras duas chegaram logo depois, já com a atividade em andamento. Após a saudação, iniciamos o plano de trabalho, pedindo para que os discentes acessassem as redes sociais, no computador. Um fato chamou a atenção: a estudante Iasmin Reis me perguntou “se eles podiam **mesmo** entrar nas redes sociais”. Ao responder que “sim, claro”, houve uma rápida euforia entre os jovens. Em conversa posterior com o professor André, constatamos que acessar as redes sociais na sala de informática não costuma ser habitual. E, quando permitido, faz parte de alguma atividade programada pelos docentes. Quando dito “sim, claro”, que, de certa forma, representava um livre acesso, sem qualquer tipo de tutela, os gritos evidenciaram que os estudantes estavam entusiasmados para interagir com os memes.

Observamos que os nove estudantes acessaram o Facebook sem qualquer tipo de dificuldade poucos segundos depois, confirmando que o site é a principal plataforma de interação. Todos demonstraram competências e habilidades para acessar o site e navegar pela

timeline. Alguns minutos depois do livre acesso, os estudantes começaram a se organizar em duplas e trios. Em meio a risos e a conversas em voz (muito) alta — em certos momentos, o professor André precisou solicitar calma aos estudantes —, os entrevistados começaram a sair do lugar e ir até o computador ao lado para ver ou interagir com determinado conteúdo apresentado pelo colega. Em poucos minutos, ao invés de uso individual do computador — o plano original do trabalho —, os estudantes se organizaram em grupos para conversar e mostrar memes e vídeos no Facebook.

Percebemos que tínhamos uma rica troca de diálogos sobre mensagens e conteúdos das redes sociais. Então, decidimos por, ao invés de organizar observações individuais, fazer os registros a partir dos grupos que, espontaneamente, se organizaram. E, só depois na sistematização dos dados, separar individualmente os depoimentos no Google Drive. Como explica Lopes, “estratégia aberta e adequações” (LOPES, 2005, p. 129) são necessárias para atender os propósitos da pesquisa. Mesmo que fosse para retomar o plano de trabalho (fazer observações individuais), romper essa dinâmica de diálogos em grupo que eles automaticamente criaram causaria um desconforto e, possivelmente, perderíamos a chance de observar ações espontâneas — fundamentais para reconstruir o fenômeno. Portanto, durante os comentários e as interpretações, quando mencionarmos os estudantes, devemos levar em consideração que, embora os depoimentos que iremos apresentar sejam materializados individualmente na dissertação, eles foram resultados das interações em grupo. E também que alguns estudantes não presentes nas listas de depoimentos, participaram dos diálogos e das atividades em grupo.

Voltando às ações durante o encontro: alguns minutos após o início da atividade, passamos entre os computadores para aplicar o roteiro de perguntas. Posicionamos a câmera e, com as fichas, fizemos as questões programadas:

-Vocês sabem me dizer o que é um meme?

-Que tipo de meme você costuma compartilhar, curtir ou comentar?

-Qual página ou perfil de rede social tem os memes que você mais gosta?

Ao terminar a aplicação das perguntas, o encontro já estava próximo do horário determinado para o fim da atividade. Despedimo-nos, agradecemos os estudantes, reforçando a importância da participação no Encontro II, a ser realizado na semana seguinte.

Com a dinâmica acima apresentada, preenchemos três fichas de observação. Feitas a mão durante os Encontros, transcrevemos as anotações para o computador a fim de, na etapa de descrição e interpretação, selecionar as mais significativas ao trabalho. Os vídeos, assim como os memes selecionados pelos estudantes, foram salvos no Google Drive. Esse procedimento para registrar os dados foi repetido nos demais encontros, por isso não iremos mais mencioná-lo nas descrições das atividades.

Encontro I - Grupo B (Alunos que não fazem parte do projeto Rádio JMS) - Dia 28 de setembro de 2016.

Os mesmos procedimentos adotados no Encontro I com o Grupo A foram feitos com o Grupo B. Nesse período, no entanto, quem me acompanhou foi a professora Carol Cuófono. Os nove participantes chegaram pontualmente à atividade na sala de informática e, logo após a recepção inicial, sentaram frente aos computadores.

O início foi um pouco conturbado, talvez pelo mesmo efeito de “sim, claro” do Grupo A. Ou seja, ao serem informados que poderiam acessar às redes sociais sem nenhum tipo de restrição, os estudantes ficaram animados, e o controle só foi retomado após a professora Carol intervir — com muito rigor — e pedir calma.

Passada a tensão inicial, a atividade fluiu normalmente e, da mesma forma que no encontro com o Grupo A, os estudantes passaram — espontaneamente — a se organizar em duplas e trios para conversar sobre memes e outros conteúdos das redes sociais. Nenhum estudante mostrou qualquer tipo de dificuldade para acessar as redes e, novamente, todos automaticamente conectaram-se ao site Facebook. As alunas Beatriz do Pereira e Hellena Duarte foram as únicas a conectarem o site Twitter, em uma janela diferente do navegador. Na sequência, dando seguimento a proposta, aplicamos o roteiro de perguntas — o mesmo utilizado com o Grupo A, no Encontro I.

Encerramos a atividade e também nos despedimos agradecendo pela participação e reforçando que, na semana seguinte, retomaremos a pesquisa.

Encontro II - Grupo A - Dia 03 de outubro de 2016.

Uma semana após o **Encontro I**, iniciamos as atividades pontualmente conforme o

combinado. O professor André acompanhou o trabalho. Logo no começo, percebemos que a aluna Geovanna Vitória dos Santos e o aluno Lucas Ribeiro não estavam presentes. Os demais estudantes explicaram que eles não poderiam participar por razões particulares. Portanto, essa etapa **foi realizada apenas com sete estudantes do Grupo A.**

Após a saudação inicial, expliquei que, desde a semana passada, estava estudando os memes que eles me apresentaram no Encontro I e que, no Encontro II, faríamos uma brincadeira para caçar memes. Expliquei as três categorias (cotidiano, afetos e zoeira) e pedi para que, como “caçadores”, eles deveriam procurar memes relacionados para cada categoria.

Novamente, iniciadas as atividades, os estudantes passaram a transitar entre eles para mostrar e conversar com os colegas sobre os memes que encontravam. No entanto, diferentemente do Encontro I, os ânimos se mantiveram numa certa normalidade e, em nenhum momento, foi necessário pedir silêncio ou calma aos estudantes.

Com o clima mais tranquilo, foi possível conduzir — sem as interrupções e a tensão do Encontro I — uma nova rodada de perguntas (abertas e direcionadas). O objetivo foi de registrar depoimentos sobre as diferenças entre os memes. Seguimos o roteiro:

-Você consegue me dizer as diferenças que existem entre os memes?

- Existe algum tipo de meme que você gosta mais?

-Existe algum meme que diz algo que você gostaria de dizer?

Durante o processo de perguntas, um fato me despertou a curiosidade. As estudantes Iasmin e Maria Eduarda repetiram algumas vezes que “amaram um meme” e que “o guardariam para depois”. Perguntei a elas o que isso significava. Elas responderam que tinham o hábito de, ao navegar nas redes sociais, salvarem no computador pessoal os memes que gostavam ou que poderiam usar depois para enviar alguma “indireta” para alguém. Perguntei aos demais estudantes se eles também costumavam guardar memes. Para minha surpresa, unanimemente responderam que **sim**.

A surpresa se deve ao fato de, na minha experiência como jornalista e pesquisador, nunca ter ouvido qualquer relato ou estudo que descreva tal prática: colecionar memes favoritos no computador que, porventura, possam servir para alguma mensagem no futuro.

Já no fim da atividade, depois de realizar as perguntas e observar os memes que eles estavam procurando, pedi que selecionassem o meme favorito de cada categoria na pasta

criada no desktop do computador. Nesse momento, foi possível constatar que os estudantes, ao invés de acessar aos sites de rede social, estavam procurando os memes nos mecanismos de busca do Google. Todos realizaram a atividade sem nenhum tipo de dificuldade.

Expliquei que, em razão do feriado da semana seguinte, só nos encontraríamos depois de duas semanas para o último encontro.

Encontro II - Grupo B - Dia 04 de outubro de 2016.

No início da atividade, percebemos que Letícia Almeida e Leonardo Mendes não compareceram. Nenhum dos demais estudantes sabia dos motivos. Ou seja, realizamos o Encontro II (Grupo B) também com sete discentes.

Da mesma maneira feita com o Grupo A, explicamos aos estudantes sobre as categorias dos memes. No entanto, antes de iniciar a brincadeira de caça aos memes, perguntei se eles tinham o hábito de salvar os memes no computador para usar depois. Diferente da unanimidade do Grupo A, as alunas Beatriz da Silva e Hellen Caparros disseram não conhecer a prática. Mesmo assim, constatamos que se trata de um hábito rotineiro entre os estudantes: entre 14 participantes dos Grupos A e B, apenas as duas não costumavam salvar os memes no computador. O fato é realmente surpreendente, comprovando que a linguagem dos memes faz parte das relações que os jovens constroem no dia a dia, a ponto de serem armazenados e colecionados de acordo com o interesse de cada um.

Em seguida, dando continuidade, iniciamos as atividades e os discentes passaram a procurar os memes nas redes sociais. O clima também foi mais tranquilo no decorrer do Encontro II com o Grupo B, o que facilitou a aplicação do roteiro de perguntas.

Constatamos que os estudantes também utilizavam os mecanismos de busca do Google para caçar os memes — sem nenhum tipo de dificuldade para executar a tarefa. Uma vez aplicado o roteiro de perguntas programado, já estávamos perto do fim da atividade. Nos despedimos e reforçamos a importância do último encontro.

Encontro III: Roda de Conversa com Grupo A - dia 17 de outubro de 2016.

Duas semanas após o Encontro II — tivemos uma semana de feriado entre as

atividades da pesquisa —, nos reunimos novamente para o Encontro III. Os estudantes Marcos Cipriano, Maria Eduarda, Marina Souza, Iasmin Reis, Beatriz Maria e Beatriz Rocha participaram da atividade. Os demais não compareceram. Desde as ausências do segundo encontro, estávamos preocupados com o quórum da pesquisa. Durante os dias que antecederam as atividades — com o grupo A e B —, solicitamos ajuda aos professores André e Carol para reforçar aos participantes a importância de não faltar, afinal, desde a seleção dos estudantes, sabíamos dos riscos de fazer a pesquisa fora do horário de aula.

No entanto, resolvemos assumir que as possíveis ausências eram um fator não controlável do trabalho. Ora, não seria possível substituir os participantes pois, além da dificuldade de conseguir novos estudantes dispostos a ir à escola fora do horário de aula, teríamos que explicar todo o processo a eles. Logo, a decisão foi de assumir a redução do número de participantes e descrever os dados da mesma forma, salientando a mudança na amostragem de um encontro para o outro. Esse foi o nosso critério.

Diferente dos outros encontros, organizamos as cadeiras da sala de informática em forma de círculo. Sem a câmera de vídeo, comecei o diálogo agradecendo a presença de todos e perguntando se eles tinham gostado da brincadeira de caça aos memes no encontro anterior. Expliquei também que eles podiam fazer perguntas entre eles e também podiam me perguntar.

Logo depois, citando exemplos de páginas e memes coletados nos encontros anteriores, incentivamos o diálogo sobre questões relacionadas a (1) cotidiano, (2) afetos e (3) zoeira. Além disso, estabeleci um roteiro de perguntas a fim de dinamizar o diálogo em torno das categorias de análise.

-Vocês acham que os memes falam de coisas que acontecem no dia a dia?

- Quando vocês querem falar ou se expressar sobre algum sentimento, como alegria, tristeza ou raiva, vocês acham que os memes ajudam com isso?

- Vocês podem me explicar o que é a zoeira? Vocês costumam zuar com amigos e com a família?

Enquanto conversávamos, usei folhas de sulfite para registrar os depoimentos. Concentrado em participar e mediar a conversa, fiz anotações gerais sobre as falas dos estudantes. Ou seja, não foi feito o registro na íntegra dos depoimentos.

A atividade foi conduzida sem nenhum problema. A única ponderação a ser destacada

é que os estudantes não estavam tão entusiasmados com a conversa o quanto estiveram na interação com os memes nos computadores. Embora todos tenham contribuído com algum tipo de comentário sobre as questões discutidas, percebi que não havia o mesmo ânimo comparado aos depoimentos realizados nos encontro anteriores enquanto navegavam nas redes sociais.

Cerca de 15 minutos depois do início, percebi que os estudantes não tinham mais o que dizer. Também estava satisfeito com as observações e os depoimentos relacionados aos memes. Portanto, resolvemos encerrar o encontro. Agradei a ajuda deles durante as três semanas de atividade. Despedimo-nos fazendo uma selfie.

Encontro III: Roda de Conversa com o Grupo B - dia 18 de outubro.

Tivemos o mesmo problema em relação ao quórum. Participaram desse encontro Lucas Uno, Joyce Santos, Gabriel Dama, Hellena Caparros, Letícia Almeida e Gilberto Alves. Ou seja, três estudantes não compareceram. Segui os mesmos procedimentos adotados com o Grupo A, incluindo o roteiro de perguntas sobre as categorias que gostaria de explorar.

Constatamos que os estudantes não estavam dispostos a dialogar entre eles e, com esse grupo, tive que mediar a conversa de forma mais intensa a fim de conseguir dados mais significativos para a nossa pesquisa. Os discentes, inclusive, não fizeram nenhuma pergunta aos colegas, o que prejudicou bastante o objetivo de ouvir os estudantes a partir da própria interação entre eles. Em alguns momentos, diferentemente do Grupo A, tivemos um embaraço pelo silêncio e as seguidas respostas de “não sei”. As exceções, sem dúvida, foram as estudantes Letícia Almeida e Joyce Santos, que protagonizaram os 15 minutos de conversa, fazendo, inclusive, perguntas a mim sobre o meu interesse sobre memes.

Aliás, a atividade terminou com uma espécie de sabatina dos estudantes comigo, com perguntas sobre jornalismo, redes sociais e algumas de cunho pessoal, afinal os encaminhamentos da conversa não eram um fator facilmente controlável. Ao perceber que já não era possível retornar ao assunto dos memes e que os estudantes já não estavam interessados, resolvi encerrar a atividade. Também agradei a participação dos estudantes e nos despedimos. Depois, fiquei chateado por ter esquecido de pedir uma selfie⁵⁸.

⁵⁸ A selfie, no caso, representava um momento de cunho pessoal, sem qualquer tipo de ligação direta com os objetivos da pesquisa. Resolvi mencionar, pois a despedida dos alunos simbolizava o momento de conclusão dos trabalhos e estava particularmente sensibilizado com a participação de todos e o encerramento das atividades.

8.2 Análise dos dados coletados nos Encontros

Após a realização dos Encontros I, II e III, passamos a sistematizar os depoimentos e os registros mais importantes de acordo com as concentrações e as ocorrências mais relevantes para nossa pesquisa. Para isso, utilizamos a plataforma Google Drive para (1) organizar os depoimentos dos estudantes, (2) separar em pastas os memes recolhidos durante os encontros e (3) armazenar os vídeos feitos na investigação. Com um formulário (Google Forms), criamos uma planilha capaz de agrupar os depoimentos individualmente por estudante. Fomos preenchendo as tabelas da planilha conforme transcrevíamos para o computador as anotações registradas nas ficha de observação e também nos vídeos. Com esse processo, conseguimos compor um quadro geral de depoimentos ao mesmo tempo que construímos uma pasta individual por estudante, onde salvamos os memes selecionados. Também no Drive, separamos as anotações e registros mais importantes por Encontros, facilitando a organização do material.

O roteiro de perguntas também nos possibilitou organizar as respostas de acordo com as categorias que criamos para a análise. Como já dito, os encontros foram gravados para auxiliar o registro e a classificação das falas dos estudantes que eram representativas para o nosso tema. As fichas de observação também cumpriram o propósito de promover o levantamento das recorrências de páginas, perfis e memes destacados pelos alunos durante os encontros. Assim, organizamos os conteúdos dos memes que os alunos costumam compartilhar e interagir em seus perfis de rede social. Constam no Anexo III da presente dissertação imagens que ilustram e ajudam na compreensão de como foi feita essa organização e sistematização do material no Google Drive.

Entre a realização do Encontro I e do Encontro II, classificamos os memes selecionados pelos alunos e os depoimentos que, em algum nível, tinham proximidade em termos de significado. Com os dados sistematizados, chegamos às três categorias já mencionadas. No nosso entendimento, em torno delas concentravam-se os fatos e as ocorrências mais importantes aos problemas, às hipóteses e aos objetivos da pesquisa.

Não há como dissociar o envolvimento com os estudantes na atividade de pesquisador. Depois de seis encontros - três com cada grupo -, era possível chamar cada um pelo nome e, da mesma forma, eles manifestavam atenção e carinho comigo. Há 15 anos, fui estudante de escola pública e também interessado em comunicação, como os participantes da pesquisa. É inevitável o jogo de projeção e identificação com cada um. Sem a selfie, perdi a oportunidade de registrar esse elo com o Grupo B.

Trata-se das categorias (1) Memes do cotidiano, (2) Memes de afetos e (3) Memes da zoeira.

Deparamo-nos, então, com um desafio: não encontramos nos estudos sobre os memes categorias capazes de fornecer elementos de análises para os problemas que ventilamos no decorrer da pesquisa, sobretudo na perspectiva no qual posicionamos o trabalho. Ora, como todo assunto recente, ainda faltam investigações sobre a inserção dos memes no cotidiano juvenil e quais são os possíveis desdobramentos para o universo escolar. Não consideramos apropriado recorrer a outras pesquisas que tratam de assuntos semelhantes como “redes sociais na internet” ou “games” para organizar as análises. Também consideramos insuficientes as categorias “identificação” e “sociabilidade” — propostas de Recuero no capítulo 4 — para definir como os jovens se inter-relacionam com os memes. Portanto, resolvemos criar a partir da nossa pesquisa — e consequentemente do referencial teórico — as categorias de análise. Sabíamos os riscos de, em nível de mestrado, avançar a tal ponto, mas, pela novidade do tema, resolvemos seguir em frente e colocar nossos esforços à prova da banca examinadora.

Para criar as três categorias partimos da premissa que recorrências, concentrações e similaridades podem ser entendidas como um critério. Entre os dados coletados, não buscamos sistematizações numéricas — como, por exemplo, quantas vezes um meme foi mencionado —, mas sim os fatos de significação, ou seja, ocorrências capazes de nos dar elementos de análises sobre Educomunicação, cibercultura e o cotidiano juvenil.

Com os vídeos, as fichas de observação e os memes recolhidos com o pen-drive, reunimos uma alta quantidade de dados. Logo, não faria sentido apresentar nas próximas páginas a íntegra de tudo o que foi colhido. O que iremos apresentar e interpretar é, portanto, resultado da classificação, da sistematização e, evidentemente, do descarte de depoimentos e observações em torno das três categorias em que organizamos o trabalho. Como foi feita a análise das três categorias?

8.2.1 Categorias de análise e as representações

Conforme argumentamos em nosso referencial teórico, os memes nunca se apresentam de forma isolada, pois se inter-relacionam com o contexto em que se reproduzem, ou seja, o atual momento histórico, dentro da trama cultural contemporânea — marcada pela interação entre humanos e não-humanos no ciberespaço. Devemos considerar a centralidade da

cibercultura nas percepções e na construção de sentido desses jovens. Ao tensionar os memes dentro da cultura em que discentes pertencem, tratamos, portanto, do jogo de significados e das representações sociais que circulam entre eles. Nesse sentido, é imperioso categorizar qual é o nosso entendimento sobre o assunto.

As Representações Sociais constituem, em diversos níveis, a maneira como pensamos e interpretamos a realidade. Numa relação dialógica entre individual e social, as representações funcionam para fixar o conhecimento dos grupos sociais frente aos acontecimentos, aos eventos e ao cotidiano (SÊGA, 2001). Ou seja, elas se manifestam como a atribuição e a posição que os sujeitos ocupam na sociedade. "Toda representação social é uma representação de alguma coisa ou de alguém" (SÊGA, 2001, p. 27).

Quando expusemos no capítulo 6 as ideias de Vygostky e Wallon, chamamos atenção à importância do coletivo frente ao individual. Nesta etapa do trabalho, retomamos esse pensamento para definir: os depoimentos só podem ser vistos dentro de um contexto de representações e da trama cultural que os envolve. Dessa forma, as dinâmicas em grupo condicionam qual é a apreensão de realidade feita pelos sujeitos, pois o contexto da vida cotidiana, as comunicações entre os pares, a bagagem cultural, os códigos simbólicos e os valores se manifestam na construção da realidade. E, conseqüentemente, a realidade e os códigos simbólicos se materializam nos memes.

As representações pertencem aos grupos sociais, e os memes cumprem o papel de traduzi-las nas montagens e recortes que circulam no ciberespaço. Para assumir essa abordagem, devemos negar a perspectiva de trabalho de contágio viral e replicação (DAWKINS, 1976; BLACKMORE, 2008), pois tratamos de um fenômeno comunicacional, ou seja, desenvolvido a partir de trocas e negociações entre os sujeitos, dentro do categorizamos como ecossistema comunicativo. O argumento é: as ideias e as percepções passam a circular de forma rápida e fragmentada, nas ações comunicativas dos sujeitos, atingindo em poucos segundos milhares de compartilhamentos nas redes sociais. Ou ainda:

Os sistemas simbólicos têm uma função de mediação entre o indivíduo e o seu meio social. Capaz de resolver e exprimir problemas comuns, torna-se código, linguagem comum, servindo para classificar os indivíduos e eventos, construir tipos nos quais os outros indivíduos e os outros grupos serão avaliados e posicionados. A representação social se torna um instrumento referencial que permite a comunicação em uma mesma linguagem (SÊGA, 2000, p. 130).

As ideias presentes nos memes carregam símbolos e metáforas que, por meio das remodelagens, sintetizam sentimentos, fatos e ocorrências do cotidiano dos entrevistados. Pudemos constatar nos encontros que expressões típicas da linguagem digital como, por exemplo, "miga, sua loca", "como cê é burro, cara", "falsiane" remetem às relações que os jovens constroem entre si a partir das experiências com os memes.

Moscovici (2010) argumenta que as Representações Sociais permitem aos sujeitos compartilharem códigos comuns, fazendo que a comunicação e as trocas simbólicas sejam possíveis. Portanto, ao tratar dessa perspectiva, o objetivo é observar e operacionalizar as ideias e significados e os discursos do senso comum que circulam entre os grupos. É com esse prisma teórico que interpretamos os depoimentos relacionados aos memes, afinal

foi fundamental, desde o início, estabelecer a relação entre comunicação e representações sociais. Uma condiciona a outra, porque nós não podemos comunicar, sem que partilhemos determinadas representações, e uma representação é compartilhada e entra na nossa herança social quando ela se torna um objeto de interesse e de comunicação. Sem isso, seríamos levados à atrofia e, no final, tudo desapareceria (MOSCOVICI, 2010, p. 372).

Em *Representações Sociais — investigações em psicologia social*, Moscovici (2010) explica que

o status dos fenômenos da representação social é o de um status simbólico: estabelecendo um vínculo, construindo uma imagem, evocando, dizendo e fazendo com que se fale, partilhando um significado através de algumas proposições transmissíveis e, no melhor dos casos, sintetizando em um clichê que se torna um emblema. (MOSCOVICI, 2010, p. 210).

Logo, são nos clichês, nas montagens e remodelagem dos memes, que os jovens estabelecem vínculos e partilham significados. Nessa perspectiva, pudemos identificar e fazer comentários sobre os significados que os participantes de nossa pesquisa atribuíram aos memes. Chegamos à conclusão que a dinâmica da linguagem digital permite aos discentes construir (1) (micro)narrativas que tratam de questões relacionadas ao cotidiano, metaforizando as tensões, as brincadeiras, as provocações e outros aspectos do grupo ao qual pertencem; (2) dinamizar as relações e os afetos que circulam entre os jovens; e (3) ser o espaço da zoeira, traço fundamental dos memes na internet. A capacidade de sintetizar

discursos e percepções em montagens rápidas e dinâmicas é um elemento central dos memes, como uma capacidade de traduzir a realidade em micronarrativas, assunto que iremos tratar na categoria de ‘Cotidiano’. Portanto, devemos considerar que os depoimentos, os memes e a interação entre os estudantes nos Encontros I, II e III se entrelaçam com a perspectiva das representações sociais, pois

a presença social da representação, que passa a ter um conjunto de valores onde essas categorias estabelecidas adquirem um caráter simbólico e acabam por remeter diretamente a uma realidade. O indivíduo é observado e compreendido através de traços próprios da tipologia dominante, exercendo-se por vezes uma pressão coletiva para fazer coincidir o comportamento real com as categorias geralmente admitidas. (MOSCOVICI, 2010, p. 48)

Seja nos depoimentos seja nas interações e diálogos que os estudantes fizeram entre si durante a observação, as categorias criadas nos permitiram organizar e analisar as representações construídas em torno dos memes. Com intuito de melhor organizar a interpretação dos dados e dar fluidez à dissertação, iremos apresentar separadamente por categoria depoimentos, observações e interpretações mais significativas à pesquisa.

Antes de prosseguir, um esclarecimento metodológico: as categorias **Cotidiano**, **Afetos** e **Zoeira** são formas discursiva dominantes, isto é, o mecanismo identificado como zoeira, por exemplo, pode apresentar — e apresenta, de fato — elementos das outras categorias. Não há uma espécie de fórmula fechada e imutável capaz de designar automaticamente se um meme pertence a uma categoria ou a outra. O que existe é uma relação de predominância, ou seja, a depender do meme selecionado, uma categoria se sobressai ou mostra mais relevo em relação às outras. Isso significa que há, em última instância, fios dialógicos entre os memes. Nesse sentido, no decorrer da apresentação das análises, será possível ver elementos de Afetos e Zoeira nos memes do Cotidiano e assim por diante.

8.2.1.1 Memes do cotidiano

Durante os encontros, pudemos identificar que os estudantes utilizam expressões típicas da linguagem dos memes para dialogar entre os pares sobre situações do cotidiano.

Uma expressão muito utilizada chamou à atenção: “esse meme é muito a minha vida”. Nos dois grupos, menções semelhantes a esta também foram recorrentes, como, por exemplo, “isso já aconteceu comigo”, “isso acontece o tempo todo na escola”, “minha mãe, irmã, pai, irmão fazem isso”. Os memes associados a essas expressões remetiam às dinâmicas do dia-dia, da escola, dos amigos, da família e assim por diante. Como explica Shifman (2014), os memes podem ser vistos como uma espécie de folclore moderno, justamente por sintetizar acontecimentos e dinâmicas das cidades e do cotidiano. Muitos dos memes apontados pelos estudantes se inter-relacionavam com essa perspectiva. Seleccionamos quatro, acompanhados de falas dos estudantes que evidenciam o assunto:

Imagem 16 - Meme selecionado pela aluna Iasmin Reis.

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** Meme retirado da página “Chapolin Sincero” pela aluna Iasmin Reis. Na montagem, o personagem Chapolin — que é muito popular na linguagem dos memes — ironiza as frequentes cobranças das mães para que tarefas sejam realizadas.

Imagem 17 - Meme selecionado pela estudante Maria Eduarda

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** O personagem Pablo Escobar, interpretado pelo ator Wagner Moura na série “Narcos”, serve de pano de fundo para a montagem.

Imagem 18 - Meme selecionado por Letícia Almeida

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** O meme refere-se a uma série muito famosa nas redes sociais: os personagens “LE”. Com feições bizarras, da já mencionada estética amadora, a página é especializada em retratar, de forma peculiar, situações do cotidiano.

Imagem 19 - Meme selecionado pela estudante Maria Rita.

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** A página “Escola da Depressão”, muito popular entre os jovens, voltará a ser discutida nas próximas páginas.

Vejamos os **depoimentos** que foram registrados no momento em que os memes apresentados acima foram referenciados nos Encontros:

Esse meme é muito a minha vida. Minha mãe olha pra mim e já me manda trabalhar, Iasmin Reis (Grupo A) ao nos mostrar a imagem 17, meme do Chapolin.

Essa página (Escola da Depressão) é muito boa. Porque tudo o que eles postam acontece aqui (na escola) também. Olha esse meme. Isso sempre acontece, Maria Rita (Grupo A) ao mostrar o meme do lápis roubado.

Vou mandar (esse meme) para minha mãe. Eu não posso fazer barulho, mas meus pais fazem toda hora, Letícia Almeida (Grupo B) ao mostrar o meme “Feel like a Ninja”.

Nossa, isso acontece todo dia. Vou beber água e como tudo que tiver na geladeira. Pra que que eu vou beber água se tem sorvete, Maria Eduarda (Grupo A) ao mostrar o meme “Pablo Escobar Reflexivo”.

Os memes e os consequentes depoimentos evidenciam como as dinâmicas do dia-a-dia são expressas nas montagens. Ora, devemos considerar que a linguagem cumpre certas funções. Logo, assume-se que “uma série de mecanismos é acionada — de forma mais ou menos consciente — pelos usuários, com a finalidade de construir teses, elaborar ideias, assumir pontos de vista e rechaçar preconceitos (CITELLI, 1994, p. 8). Nesse sentido, podemos definir que uma das funções dos memes é **elaborar e narrar relações e peripécias do cotidiano**. Essa é a razão para termos criado essa categoria de análise.

Ou seja, é por meio das montagens e remodelagens que os memes constituem micronarrativas que operam as representações e as produções de sentido sobre o desenrolar das atividades cotidianas. Devemos pontuar, em contrapartida, que os memes não servem apenas para transmitir pensamentos ou para se reproduzir através dos seus replicadores, como o discurso do senso comum postula ao tratar da assertiva “viralizou nas redes”. Pelo contrário: é na dialética entre pensamento e linguagem, como uma unidade híbrida, que a produção de sentido é acionada.

A ideia de que pensamento e linguagem constituem uma unidade e se transformam mutuamente nos ajuda a compreender porque há tantos memes que circulam nas redes sociais sobre questões — certas vezes banais — do dia-a-dia. Tal fato se manifestou repetidamente durante os depoimentos dos estudantes: incontáveis vezes nos Encontros I e II pudemos registrar que os estudantes faziam referência a assuntos da escola e de questões sobre amigos e familiares, enquanto interagiam com os memes. Vejamos alguns dos depoimentos do Encontro I que evidenciam essa perspectiva:

Grupo A:

Sempre tem um meme para falar dessas coisas que acontecem na escola. Intervalo, professor bravo, gente colando na prova. Maria Rita.

*É os memes da vida real. Tem uma página só sobre isso. Só de zoeira que acontece na vida. Quando você tá em casa, tá jogando video-game, quer falar com os amigos. **Marcos Cipriano.***

*Minha mãe sempre publica alguma coisa e me marca no Facebook dela. É sempre para dar alguma indireta de alguma coisa que eu não fiz em casa ou alguma coisa que eu peguei dela, esmalte ou brinco. **Iasmin Reis.***

*Os memes que eu mais gosto é quando serve para mandar para alguém da escola. Para alguém que precisa ver umas verdades. **Maria Eduarda.***

Grupo B

*Eu gosto de mandar esses memes para minha mãe porque é exatamente assim que ela faz comigo. Eu publico e marco ela. Sempre tem memes de alguma coisa que acontece entre a gente. **Letícia Almeida.***

*Esse meme é a minha cara. Tem dia que você não quer sorrir para ninguém. O povo pensa que você é mau educada. Mas não é. Eu sou sincera. **Joyce Cristina.***

*Tem memes que o pessoal da Igreja compartilha. Minha mãe compartilha. Mas o que eu mais gosto são esses da escola. **Weny Macedo.***

No Encontro II, ao serem solicitados a “caçarem” as imagens das categorias, uma das páginas que os entrevistados demonstraram ter alta familiaridade e mencionaram diversas vezes como página favorita nos ajuda a compreender a dimensão sintetizadora dos memes sobre o cotidiano: **a Escola da Depressão**. Com mais de dois milhões de seguidores no site Facebook, a página produz várias publicações sobre o dia a dia da escola. São, no geral, montagens sobre a rotina escolar, como mostra os memes selecionados pelos estudantes

Marcos Cipriano (Grupo A) e Joyce Cristina (Grupo B), no Encontro I:

Imagem 20 - Meme selecionado pelo aluno Marco Cipriano

Quase reprovado na matéria / Tiro 10 na
recuperação

Fonte: Facebook (2016) **Legenda:** Não é possível dizer ao certo quem é a personagem, mas podemos deduzir pela emoção da jovem frente ao portão que se trata de uma montagem super popular da linguagem digital: “os atrasados do Enem”. Para construir sentido, o meme vale-se da expressão “antes e depois”. Explicaremos nos próximos parágrafos como isso funciona.

Imagem 21 - Meme selecionado pela estudante Joyce Cristina

Prova individual / Prova em dupla

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** Da mesma forma que a Imagem 20, o meme é criado a partir do jogo de linguagem entre antes e depois. Também não é possível certificar quem é a personagem em questão, mas podemos deduzir que trata-se de algum vídeo que viralizou nas redes sociais.

Os memes das imagens 20 e 21 fazem referência a uma modalidade recorrente da linguagem dos memes: recortes de pessoas que “mudam de humor”. Essa forma de produzir a partir da alternância da expressão facial se tornou famosa e, na ocasião de nossa pesquisa, estava no ponto auge entre os estudantes, sendo mencionada por diversas vezes como “eu amo esse meme”, “adoro esse meme” e similares. As montagens se tornaram populares após sistemáticas publicações nos últimos anos de paródias com a capa do álbum “Chico Buarque de Hollanda”, de 1966⁵⁹. Na capa do disco — o primeiro da carreira do ícone da música brasileira —, o poeta muda de expressão nas fotos, servindo de matéria-prima para os memes. Vejamos como funciona:

⁵⁹ O sucesso dos memes que se aproveitam da imagem do álbum de Chico Buarque é tamanho que alguns sites criaram páginas especializadas em fazer “memes do Chico”. Ou seja, ao entrar no sítio eletrônico, é possível criar memes já com a imagem de “Chico Sério” e “Chico Sorridente”. Um dos sites é o Gerador de Memes. Disponível em: <<https://www.gerarmemes.com.br/criar-meme-galeria/420-chico-buarque>>. Acesso em 4 de junho de 2017.

Imagem 22 - Capa do álbum “Chico Buarque de Hollanda”

Fonte: Google (2016). **Legenda:** Não é possível afirmar precisamente quando o álbum de 1966 como a expressão de Chico Buarque se tornou meme pela primeira vez.

Imagem 23 - Meme selecionado pelo estudante Marco Cipriano

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** A paródia, publicada na página Escola da Depressão, mostra a mudança de humor ao saber que a prova não será dissertativa, mas sim de múltipla escolha, manifesta pela expressão “xizinho”.

Imagem 24 - Meme selecionado pela estudante Marina Rosa

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** Mudança de humor ao saber que o feriado não será aproveitado durante algum dia da semana.

Com a observação que, na época da investigação na EMEF Julio Marcondes Salgado, as imagens de “mudança de humor” de Chico Buarque estavam no auge, podemos destacar outra característica dos memes: a intrínseca associação com as dinâmicas diárias nas redes sociais. Fenômenos como *Perdi meu amor na balada*, *Internet não Perdoa*, *Guerra Memeal* entre outros que destacamos estão sintonizados com as interações cotidianas do ciberespaço. Elas acontecem a partir de eventos momentâneos, fatos que, por vezes, iniciam e encerram em questão de horas. Ou seja, se a investigação com os estudantes fosse feita em outro mês — ou mesmo dias depois — os exemplos de Chico Buarque e da “Atrasada do Enem”, provavelmente, seriam outros. Diariamente, os fluxos de informação e o foco de atenção passam por mudanças, sendo improvável estabelecer padrões sólidos. Por exemplo, nos dias de execução dos Encontros I e II, havia um alto interesse pelos memes de mudança de humor, como os acima demonstrados. Na ocasião da escrita dessas páginas, quase não se nota mais memes com alterações faciais, mas há um *frisson* em torno do suposto fim de relacionamento da atriz Bruna Marquezine com o jogador do Barcelona, Neymar. Essa dinâmica instável — que vai de Chico a Neymar — é a razão para, ao estipular critérios de sistematização aos dados, nos concentramos nas funções dos memes e nas ocorrências mais significativas, a despeito de padrões numéricos ou de Análise de Redes Sociais.

Voltando às imagens acima apresentadas: os exemplos colhidos durante a pesquisa indicam a função de **narrar o cotidiano** que buscamos evidenciar. Seja na mudança de humor de Chico Buarque seja nas imagens de pessoas aleatórias nas redes sociais, os memes passam a construir sentido a partir da dinâmica que os sujeitos atribuem a elas, ressignificando o conteúdo através das paródias. O intuito é, em última instância, acionar e materializar representações sobre situações corriqueiras da realidade que os jovens experimentam. Nesse sentido, notamos nos depoimentos as recorrências de expressões como “tem memes de alguma coisa que acontece entre a gente” (Letícia Almeida), “esse meme é a minha cara, pois tem dia que você não quer sorrir para ninguém” (Joyce Cristina), “tem memes que o pessoal da Igreja compartilha. Minha mãe compartilha” (Weiny Macedo).

Também é possível notar que a construção da linguagem dos memes se vale de recortes simples, daquilo que referimos como estética amadora, para traduzir sentimentos e situações que permeiam as representações e os discursos dos estudantes. Quando os entrevistados dizem “esse meme é muito a minha vida” ou “isso acontece comigo”, na verdade, trata-se de uma maneira de se relacionar com o mundo e com a realidade onde

vivem.

Ao dizer que as montagens e os jogos de linguagem integram a cultura, devemos considerar, como indicam as imagens coletadas nos Encontros I e II, que é a partir das modelagens e recortes que circulam no ciberespaço que as representações desses jovens se manifestam. Ou seja, na função de cotidiano, os memes podem ser vistos como a **própria ação do pensamento**. Explica Citelli:

O pensamento só se manifesta através da linguagem (inclusive a não-verbal, como os gestos, as cores, as imagens) e a linguagem só se manifesta pelo pensamento. Pode-se afirmar que a linguagem é o próprio pensamento em ação, ou ainda, o pensamento que só se materializa na linguagem. Quando falamos ou escrevemos, agimos verbalmente, vale dizer, produzimos sentidos. Daí construirmos, muitas vezes, realidades que só existem enquanto prospecções do nosso imaginário. (CITELLI, 1994, p. 10).

São os mecanismos de organização na linguagem (CITELLI, 1994) que fazem com que um meme seja reconhecido e interpretado, não sendo apenas montagens sem qualquer tipo de nexos — como certas vezes parece aos adultos. Ao tratar dos memes como uma linguagem e não apenas como unidades que viralizam nas redes por meio de contágio, assume-se que esses produtos culturais são manifestações — ou materializações — das representações que circulam na sociedade. Todavia, a configuração de micronarrativa confere aos memes uma peculiaridade em termos de traduzir essas representações: o efêmero e a capacidade de se reproduzir rapidamente.

Em poucos segundos, ao navegar nas redes sociais, nos deparamos com dezenas de memes. Não é obra do acaso que as mensagens e os jogos de linguagem nas montagens intentem estabelecer vínculos diretos, de rápida assimilação, “micros” e autoexplicativos. Nos depoimentos dos estudantes podemos notar em “quase reprovei na matéria, tirei 10 na prova”, “hoje tem prova, mas é de xizinho”, “prova individual, prova em dupla” evidenciam que a construção dos memes permitem aos estudantes rápidas associações à realidade.

Partindo do pressuposto daquilo que chamamos de partilha de códigos comuns, faz-se necessário **dizer pouco e rápido** a fim de efetivar brevemente as intenções comunicativas. Quem produz ou quem compartilha um meme o faz com a intenção de interagir nas redes sociais, como explica André Lemos (2015b), ao afirmar que um dos traços marcantes da contemporaneidade é a cultura do compartilhamento. Por isso, as mensagens dos memes

adquirem características das redes digitais: são rápidas, dinâmicas e feitas para serem compartilhadas junto aos pares. Faz pouco ou nenhum sentido produzir um meme para você mesmo ou um meme recheado de informações ou acompanhado dos *textões*⁶⁰.

Antes de prosseguir para definição do que é “micro”, devemos categorizar o que é propriamente uma “narrativa”:

As tipologia textual narrativa relata situações, fatos, acontecimentos, reais ou imaginários, e envolve personagens, situadas em um tempo e espaço. De acordo com Bronckart (1999), a sequência narrativa é sustentada por um processo de intriga, de modo a formar um todo, uma história ou ação completa, com início meio e fim. Nesse tipo de sequência, ocorre a mudança de um estado para outro; Há, portanto, uma relação de anterioridade e posterioridade. Essa tipologia se faz presente em gêneros textuais como o romance, a novela, o conto a fábula e o mito. (KÖCHE & MARINELLO, 2015, p. 10)

Essa tipologia também se faz presente nos memes. Todavia, com uma característica específica: eles são (micro)narrados. Ao pensar nos aspectos ressaltados pelas autoras, como início, meio e fim, mudança de um estado para outro, anterioridade e posteridade, é possível identificar esse funcionamento nos memes, porém com reduções e efemeridades. No capítulo 9, voltaremos à operação da linguagem dos memes, por ora, devemos ressaltar a natureza do que classificamos como “micro”.

Lipovetsky (2004) explica que as grandes estruturas não encontram aderência nos tempos atuais. Ou seja, as grandes narrativas que conferiam à sociedade marcas estruturais, tais como igreja, estado, partidos políticos, passaram por um processo radical de fragmentação e velocidade no decorrer do século XX, como explicamos no capítulo 5.

Num mundo marcado pelo efêmero, as estruturas generalizantes — que podemos classificar como “macros” — estão em processo acelerado de degradação (LIPOVETSKY, 2004), o que significa que as narrativas capazes de dar ordem e sustentação aos mitos, as crenças e aos heróis se tornaram menos frequentes ao se deparar com a velocidade e a

⁶⁰ A expressão *textão* remete aos enunciados produzidos nas redes sociais que ultrapassam um limite de caracteres “tolerados” pelos usuários da internet. Ou seja, quando um texto excede um padrão de rapidez e alta síntese, ele é classificado como “textão”. Tanto é que algumas publicações das redes sociais, antes mesmo do título, vem acompanhadas da expressão “Alerta de Textão” para que todos saibam que alguém está irrompendo com as tradicionais publicações e irá apresentar algo de maior extensão. Os *textões*, na linguagem digital, geralmente são associados às narrativas chatas ou que exigem um grau de atenção mais alto que a efemeridade dos memes.

personalização das dinâmicas de rede. As grandes histórias, que forjavam comportamentos e adesão social, tem, cada vez menos, espaço no cotidiano. Em seu lugar, há a ascensão do "micro", das personalizações resultantes do capitalismo artista, capazes de colocar em evidência os desejos e os impulsos individuais. Memes que retratam e narram o cotidiano escolar são uma evidência importante da ascensão do "micro", pois é o sujeito como o centro da produção de sentido, em torno de seus próprios anseios e desejos. São as peripécias como, por exemplo, das “provas individuais *versus* provas em dupla”, “provas de xizinho” e as montagens a partir da expressão de Chico Buarque que ganham papel protagônico nas manifestações dos sujeitos sociais.

Não queremos provar que os memes sobre Bruna Marquezine e Neymar ou as mudanças de humor de Chico Buarque competem com as narrativas estruturantes, como da Igreja, do Estado, da Pátria, mas sim salientar que as condições atuais, com as redes rizomáticas e descentralizadas, são propícias para o desenvolvimento do “micro”, dos interesses individuais e personalizados, capazes de mobilizar afetos de multidões. O argumento é: as macronarrativas e as micronarrativas coabitam na sociedade contemporânea, todavia o ciberespaço cria as condições necessárias para que a linguagem dos memes, feita nas interações em rede, sejam predominantes. Talvez essa seja a resposta para a pergunta feita ainda nas páginas iniciais da presente dissertação sobre por que um amor perdido na balada (realizado na dimensão do micro) se torna mais relevante que os fatos importantes para a compreensão da realidade (realizado na dimensão do macro).

Frente ao ritmo acelerado do ciberespaço e das tensões entre humanos e não-humanos, são as micronarrativas que também passaram a materializar e enunciar os discursos. São, portanto, pequenas unidades que carregam em si as estruturas e as formações discursivas da sociedade.

Neste ponto, para aprofundarmos nas representações que os estudantes criam sobre memes, temos dados significativos colhidos a partir das respostas que recebemos pelo roteiro de perguntas feitas no **Encontro I**: (1) vocês sabem diferenciar o que são e o que não são memes? (2) que tipo de meme você costuma compartilhar, curtir ou comentar? e (3) qual página ou perfil de rede social tem os memes que você mais gosta. As respostas, acreditamos, se inter-relacionam com a categoria de análise memes do cotidiano exatamente por sintetizarem o tipo de relação que os estudantes fazem com as dinâmicas discursivas e com os pontos que elencamos sobre o conceito de micronarrativa. Vejamos as respostas:

(1) **Vocês sabem me dizer o que é um meme?**

Grupo A:

Memes são tipo essas imagens engraçadas que têm no Facebook. Tem montagem da escola, dos amigos. Você pega uma foto e escreve alguma coisa engraçada. **Lorena Lopes.**

São as montagens pra zoar com alguém ou com alguma coisa engraçada que aconteceu. **Maria Rita.**

Memes são as imagens das redes sociais. Quando alguém faz um montagem de alguma coisa que está acontecendo ou alguma zoeira. **Maria Eduarda.**

São as montagens que as pessoas fazem para brincar com o que está acontecendo na escola, na família. **Marco Cipriano.**

É quando alguém faz uma montagem na internet para zoar ou mandar indireta para alguém. **Beatriz dos Santos.**

É quando tem foto na internet, montagem sobre alguém famoso, celebridade. E o pessoal faz alguma zoeira. **Iasmin Reis.**

Grupo B:

São as montagens da internet. Dá para fazer várias. Você pega a foto de alguém e faz uma

*montagem para zoar. Ou para fazer de algum jogo ou novela. **Gilberto Aparecido.***

*É para fazer zoeira, piada ou provocar alguém. **Hellena Caparros.***

*A gente mesmo faz. Pega uma foto e faz montagens. **Gabriel Novaes.***

*Memes são as montagens sobre pessoas famosas, filmes. Também tem de coisas que acontecem na escola, com o namoro, casamento. **Joyce Santos.***

*É quando tem uma imagem, montagem de alguma coisa engraçada. **Weiny Macedo.***

*Memes são pra fazer uma zoeira, para mandar algum recado. Mandar indireta. **Lucas Uno.***

(2) Que tipo de meme você costuma compartilhar, curtir ou comentar?

Grupo A:

*A página Girls in the House é muito engraçada. De coisas que acontecem com a gente. Por exemplo, essa aqui que a mulher ficou careca. E perguntaram se ela teve câncer. Mas ela não teve câncer. Ela teve Irene. Irene é uma cabelereira que destroi, corta muito mal o cabelo de todo mundo. É muito engraçado. **Lorena Alves.***

*Os melhores memes são os que dão para mandar indireta. Tem vários assim, miga sua loca, falsiane. É assim, você não pode dizer na cara da pessoa, mas o meme diz o que precisa ser dito. **Marina Rosa.***

Escola da Depressão, Otariano, Falsiane. Mas a página da Falsiane é a melhor. Eu amo. Porque é muito bom para mandar uma mensagem para quem precisa ouvir. Porque é isso. Miga, sua loca, quando a gente se encontra a fofoca rola solta e a gente começa detonar as falsianes. **Maria Eduarda.**

Tem a Escola da Depressão, a Falsiane, Otariano. Inês Brasil é a que eu mais gosto porque ela é muito engraçada, e as montagens são muito boas. Não dá para explicar o que ela faz de engraçado, mas é a melhor personagem que existe. **Beatriz Santos.**

Eu gosto muito do Otariano. Eu posso ficar o dia inteiro só vendo os memes do otariano. Tem os memes que falam de escola também que são muito bons. **Beatriz Rocha.**

Nossa, como você é burro, cara. Eu amo esses memes que mostram para alguém que ela precisar parar porque está ficando feio. Porque é isso. Não, cara, não cara. Você é burro. Melhor você parar. **Iasmin Reis.**

Grupo B:

Eu gosto muito dos memes sobre as séries que eu assisto. Eu entro na internet só para ver se já fizeram algum meme sobre o capítulo que eu estou. **Lucas Uno.**

Têm vários memes que eu compartilho. A falsiane e a escola da depressão são as melhores porque eles fazem memes sobre a vida real. E aí é sempre tem alguma zoeira que acontece na escola. **Joyce Santos.**

Eu gosto muito da cultura japonesa, de desenhos japoneses. Então a maioria dos memes que eu pego são sobre o Japão. Eu não gosto muito desses de Inês Brasil, falsiane. Prefiro esses

de desenho. **Gilberto Rodrigues.**

*É legal quando tem um meme de uma coisa que acontece de verdade. Tem aquele o site dos Menes. É bom porque posso mandar pra minha mãe ou para alguma amiga. **Letícia Almeida.***

Sobre a questão (3) **qual página ou perfil de rede social tem os memes que você mais gosta**, registramos inúmeras respostas, chegando a conclusão que não é factível tratar do conceito “página favorita” ou algum tipo de conteúdo favorito em detrimento de (tantos) outros. Tal constatação não é obra do acaso quando pensamos na enormidade de memes e páginas que circulam nas redes sociais. Os estudantes gostam de vários memes, de segmentos diferentes, com uma velocidade impressionante. Eles vão de Chico a Neymar ou da Falsine a Otariano em poucos segundos, sendo quase que impossível registrar a mudança.

Enquanto fazíamos a referida questão durante o Encontro I, foi possível notar a multiplicação de abas no navegador, com diversas páginas destacadas pelos estudantes. Portanto, são muitas razões que condicionam o sucesso de um meme em relação ao nossos grupos de entrevistados. Tal fato não excluiu a possibilidade de observar as páginas que, de alguma forma, funcionam como síntese das questões mais citadas pelos estudantes. Foi o que fizemos com os exemplos postos anteriormente, sobretudo com a Escola da Depressão.

Sobre os depoimentos, podemos considerar dois fatos relevantes: (1) a alta frequência de menções ao universo do humor e da brincadeira, manifesta, sobretudo, em torno das ideias de “falsiane”, “otariano”, “miga sua, loca”, “cara como você é burro” entre outras que aparecem nos depoimentos dos estudantes. Iremos tratar do assunto na categoria Memes da Zoeira. (2) As menções dos estudantes dos dois grupos sobre como os memes manifestam algo que “acontece” ou “está acontecendo”. Essa ocorrência nos permite concluir que a nossa hipótese de que os memes se tornaram uma das principais expressões narrativas das redes sociais e têm alta influência sobre os jovens é procedente. Além de constatar a competência e a desenvoltura para interagir com os memes, nos dois grupos, é possível dizer que o cotidiano dos estudantes é permeado pelas mensagens e as zoeiras que cumprem essa função

materializar e operacionalizar pensamentos. Da mesma forma que pensamento e linguagem constituem uma unidade, os memes são tão bem sucedidos justamente por, numa relação mútua, tratarem de questões referentes ao dia a dia dos entrevistados.

Encerrando as análises da categoria de Cotidiano, um ponto deve ser destacado: como explicamos em nosso referencial teórico, com a agudização dos processos de personalização nas redes sociais, há conteúdos sob medida para todos os gostos. Com as “fábricas de memes” e a proliferação de usuários de internet que produzem conteúdo especializado, é sempre possível encontrar produtos prontos para atender anseios e desejos. No caso de um aluno de pós-graduação, existem memes sobre as tensões e paixões do mundo acadêmico, como apresentamos nas **Imagens 1 e 15**, da mesma forma que estudantes do ensino fundamental encontram montagens sobre as “provas de xizinho”. Dizemos isso, pois na observação constatamos que os jovens não faziam buscas aleatórias ou procuravam memes na *timeline*, pelo contrário, procuravam diretamente em páginas que eles seguiam ou que conheciam muito bem. Isso significa que os exemplos selecionados são conteúdos que retratam e metaforizam a realidade que esses jovens experimentam. Concluímos, portanto, que essa é a explicação para tamanha aderência e sucesso que os memes têm entre eles.

Passamos agora a explorar a segunda categoria de análise.

8.2.1.2 Memes dos afetos

Sem dúvida, as principais ocorrências da investigação de campo estão relacionadas às categorias de Cotidiano (discutida anteriormente) e Zoeira (que vem na sequência). Podemos dizer que a de Afetos funciona como uma intermediária, traduzindo questões relacionadas aos depoimentos e aos registros sobre aspectos emocionais, se assim podemos dizer.

Vamos categorizar de forma mais precisa: constatamos que os memes cumpriam uma função de dinamizar as relações estabelecidas entre os pares. Jogos de paquera, amizades e inimizades com colegas, tensões e paixões com a família e outras manifestações do gênero ocorreram na investigação.

Os memes carregam não apenas junções de textos, vídeos e imagens, mas sim sistemas imagéticos, montagens que unem movimentos, sons, cores e assim por diante. Memes fazem referência a programas de TV, seriados da internet, partidas de futebol, *games*, a vida das celebridades, sucessos e fracassos da vida cotidiana e uma série de outras expressões. Logo,

podemos dizer, são diversos elementos afetivos, jogos de projeção e identificação e emoções associadas ao dia a dia que circulam nas mensagens. Ou seja, é na integração de movimentos, cores, imagens e sons que as ideias e as representações que circulam pelos memes são dinamizadas. Como consequência, existe uma dimensão afetiva acionada pelos estudantes ao interagir com os memes.

Safatle (2015) indica que há uma potência nas imagens que circulam na sociedade em termos de tradução e mobilização de afetos. O exemplo apresentado pelo filósofo para discutir tal perspectiva é a tragédia humanitária vivida pelos imigrantes que tentam chegar à Europa pelo Mediterrâneo. Desde 2013, com a explosão do número de mortes de pessoas do Norte da África e Oriente Médio ao tentar adentrar no velho continente, dirigentes europeus buscam saídas para o impasse civilizatório. Foram dezenas de reuniões e rodadas de negociações, porém, sem nenhum avanço significativo. Depois de meses (e anos) de seguidas mortes, as primeiras medidas efetivas de países da União Europeia para o desenvolvimento de planos para abrigo e acolhida de imigrantes veio após uma foto de uma criança síria — morta e estendida na areia de uma praia — circular massivamente nas redes sociais, causando comoção e fúria em milhões de pessoas ao redor do planeta. A imagem conseguiu mobilizar afetos que resultaram em processos de transformação social que nenhum sistema de normas e regras dos parlamentos europeus conseguiu.

Em síntese — para nos atermos na função que queremos explorar nesta categoria —, a circulação da imagem com uma criança, vítima das mazelas e do desrespeito sistemático aos direitos humanos, acionou sentidos (SAFATLE, 2015) que surgem a partir da interação na internet, dinamizando as relações desenvolvidas no convívio off-line. Essa potencialidade das imagens é um aspecto decisivo, explica o autor, para compreender as dinâmicas sociais contemporâneas.

Guerreiro e Soares (2016) discutem a dimensão afetiva e imagética dos memes, que são, para os autores, capazes de aglutinar sentimentos e traduzi-los nas montagens. Ou seja, há nas comunicações contemporâneas “elementos formidáveis” para influenciar a imaginação popular e as relações — coletivas e individuais — a partir de imagens com o poder de serem mais reais que a própria realidade (GUERREIRO ; SOARES, 2016).

Claro, que “ser mais real que a própria realidade” é uma hipérbole empregada pelos autores para iluminar o aspecto central do argumento: as imagens que circulam no ciberespaço se tornaram parte integral da vida social contemporânea, reunindo elementos e

dinamizando as relações tão quanto se faz no convívio off-line. Por “elementos formidáveis” podemos considerar a capacidade dos memes em aglutinar sentimentos e expressões sobre os relacionamentos que os indivíduos desenvolvem entre si. Nas cores, nas referências às personagens e aos ídolos, ao provocar o riso e o divertimento, os memes acionam os processos constituidores de sentido, como destacamos no capítulo 3.

Elementos capazes de mobilizar afetos perpassam todos os memes e, por isso, tratamos como uma categoria intermediária. No entanto, o que gostaríamos de enfatizar é como os estudantes se valem dessa característica para se relacionar com os pares, haja vista que essa ocorrência foi frequente nos encontros. Usamos o termo “dinamizar” para designar justamente esse movimento de troca e negociação de sentimentos entre os pares. Vejamos como isso se manifestou nos encontros. Abaixo, alguns memes e, logo depois, os correspondentes depoimentos dos discentes:

Imagem 25 - Meme selecionado pela estudante Beatriz Santos

Fonte: Facebook (2016): **Legenda:** Não conseguimos identificar quem é a personagem da foto, provavelmente alguma subcelebridade.

Imagem 26 - Meme selecionado pela estudante Iasmin Reis

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** A imagem remete à personagem Carminha, interpretada por Adriana Esteves na novela da Rede Globo “Avenida Brasil”. Carminha é popular na linguagem dos memes e frequentemente utilizada para montagens na internet.

Imagem 27 - Meme selecionado pela estudante Letícia Almeida

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** Assim como Carminha, a personagem Nazaré Tedesco, interpretada pela atriz Renata Sorrah na novela “Senhora do Destino”, é muito popular na linguagem digital.

Imagem 28 - Meme selecionado pela estudante Weiny Macedo

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** Na foto aparece o ator Robert Downey Jr. com olhar voltado para cima. Esse tipo de expressão, com olhos como neste caso de Robert Downey Jr., é muito utilizado também em outros personagens, sobretudo celebridades, para fazer sátiras e deboches sobre as mais diversas situações.

Vejamos os depoimentos que correspondem às imagens acima:

Falsiane é aquela que fala uma coisa para você, mas faz outra coisa pelas costas. Depois manda recadinho no Facebook. **Beatriz Santos (Grupo A) ao se referir à Imagem 25.**

A vida tá assim agora, tem muitas falsianes, mas crush que é bom, nada. **Iasmin Reis ao se referir à Imagem 26.**

Isso acontece muito. Tenho ciúmes das minhas amigas. Não quero dividir com ninguém. Mas é brincadeira. Não precisa de violência. **Letícia Almeida ao se referir à Imagem 27.**

Tem gente que gosta de fofoca, tipo assim, falar da vida dos outros. Eu não gosto de gente assim. Por isso, esse meme diz tudo. **Weiny Macedo ao se referir à Imagem 28.**

Podemos notar que os depoimentos referem-se aos atritos, às emoções e às tensões que compõem o cotidiano dos jovens. Quando pensamos na alta intensidade de utilização das redes sociais pelos entrevistados, não é obra do acaso que as relações entre eles sejam dinamizadas pelas mensagens e provocações dos memes. Entre os 18 estudantes de nossa amostragem, 7 declararam usar as redes sociais a cada 10 minutos. Outros 8 pelo menos uma vez a cada hora. Logo, devemos levar em consideração que se relacionar nas redes sociais é uma constante. Como consequência, a dimensão afetiva, de interação com amigos e amigas, é feita de forma híbrida com a linguagem digital. Muitas vezes, mesmo que estejam próximos fisicamente, é nas redes sociais que eles se comunicam, trocam mensagens e vivenciam as experiências cotidianas, como, por exemplo, indiretas no Facebook, ciúmes da melhor amiga, predominância de falsianes⁶¹ em detrimento dos crushes⁶² e assim por diante.

É imperioso considerar que os discentes nasceram num mundo em que a internet é uma realidade concreta. Os jovens já crescem interagindo com a dinâmica de blogs, curtidas, comentários, compartilhamentos de fotos e vídeos, publicações no Youtube e tanto outros em que se incluem os memes. Aqui é importante ressaltar um problema: com a lógica de condomínio (SAFATLE, 2016; DUNKER, 2017) e com a presença constante da violência urbana, cresce o discurso que preconiza que as interações com games e redes sociais são mais seguras que o convívio nas ruas, haja vista os altos índices de criminalidade nas cidades brasileiras. Logo, há pressão de vários setores — sobretudo nos programas “policiais”, que ocupam as tardes na imprensa televisiva — para que crianças e adolescentes convivam na “segurança do lar” em detrimento das brincadeiras nas ruas.

Como consequência, as interações em redes digitais se tornaram um aspecto relevante da vida nas cidades, pois, como mostram os dados do Cetic apresentados no capítulo 6, os jovens passaram a se relacionar de forma intensa no ciberespaço. Evidentemente não há substituição do convívio off-line pelo convívio on-line, como também destacamos em nosso referencial teórico. Estamos enfatizando que devemos considerar a centralidade da

⁶¹ Extremamente popular nas redes sociais, o termo falsiane é empregado para se referir às pessoas que são falsas ou têm uma conduta duvidosa. Como demonstram os depoimentos dos entrevistados de nossa pesquisa, falsianes são geralmente identificados como pessoas que costumam “falar nas costas” e terem atitudes dúbias e, sobretudo, mentirosas. Assim como falsiane, escrotiane, otariane, obesiane e outros designativos terminados em “iane” fazem parte do vocabulário de criações livres das redes sociais.

⁶² Nas redes sociais, crush é uma pessoa que se deseja paquerar ou que já se esteja paquerando. No caso da paquera se converter em encontro, beijo ou algo do gênero, não trata-se mais de crush, mas sim “date”, na acepção semelhante à língua inglesa.

cibercultura aos afetos dos sujeitos contemporâneos. Isso significa, em última instância, que utilizar os memes para dialogar, trocar mensagens no Whatspp entre outros são processos corriqueiros entre os jovens.

Observámos nos Encontros I e II que os entrevistados — respeitada, claramente, a singularidade de cada um — compartilhavam e curtiam memes com o intuito de provocar, paquerar ou simplesmente mandar uma indireta aos colegas. Esses relacionamentos se tornaram comuns entre crianças e adolescentes e remetem às novas formas de ser e de se relacionar com o tempo/espço. É uma nova dimensão emocional entre os sujeitos sociais que surge a partir das interações no ciberespaço e, conseqüentemente, com os memes.

No capítulo 4, quando discutimos “o que é virtual”, tentamos evidenciar justamente essa perspectiva: não há separação entre real e uma suposta “realidade virtual”, mas sim uma relação híbrida entre on-line e off-line. Como constatamos no Encontro II, o hábito de armazenar memes para utilizar numa ocasião futura evidencia como os estudantes se apropriam dessa linguagem para se expressar sobre as emoções cotidianas. Também durante diálogo no Encontro II, Letícia Almeida, Joyce Santos e Hellena Duarte disseram — de maneiras diferentes — que os memes serviam para “dizer algo que elas gostariam de dizer, mas não sabiam como”. Ou seja, as alunas se apropriam dos memes com o intuito de representar algum sentimento ou de expressar algo que elas estão a sentir. Algumas falas registradas que apontam nesse sentido:

Vejamos os depoimentos:

Olha só o que ele compartilhou. Tenho certeza que é para mim. **Beatriz Santos**

Às vezes não quer falar na cara, então é melhor compartilhar um meme pra mandar uma indireta. **Gilberto Rodrigues.**

Eu não gosto quando a pessoa não fala nada, mas fica compartilhando no Facebook. **Lucas Uno**

Minha mãe sempre manda indireta pra mim no Facebook. **Gabriel Novaes.**

Quando você vai curtir uma foto da pessoa e a pessoa curte uma foto sua logo em seguida. Ai fica nessa lenga lenga e já dá pra ver que é falsiane. **Letícia Almeida.**

Odeio quando alguém curte ou visualiza e não responde. **Weiny Macedo.**

Como já categorizado, os memes são compostos por códigos imagéticos, que acionam sentidos que ultrapassam a linearidade dos textos escritos, explorando outros sentidos. Devemos considerar, portanto, que, com a ampliação da oferta de aplicativos para celular e sites de rede social, os jovens agora podem executar multitarefas, trocar mensagens e memes no Whatsapp, e explorar o mundo através da *timeline* do Facebook. Logo, a visão de mundo, ou seja, essas representações, que compõem o que o Moscovici (2010) identifica como a produção simbólica que dá sentido à realidade, são construídas desse contexto, onde os memes cumprem a função de mobilizar afetos. É nesse sentido que devemos interpretar as expressões “indiretas”, “falar na cara”, “não falar nada” e similares. Durante a execução do Encontro II, percebemos que, ao procurar imagens sobre a categoria de Afetos, os estudantes buscavam imagens sobre esse universos de provocações e situações que se desenrolam no cotidiano. Alguns⁶³ chegaram a mencionar, inclusive, que mantêm dois perfis nas redes sociais. O primeiro serve como oficial, onde mantêm interações com familiares. E o segundo, geralmente acompanhado de um nome fake⁶⁴, serve para compartilhar conteúdos, jogos de paquera, e fazer interações que, provavelmente seriam reprimidas pela família. Alguns estudantes também explicaram que utilizam outros artifícios para burlar a supervisão dos pais nos conteúdos que publicam nas redes sociais, como, por exemplo, a ferramenta do Facebook que impede que determinados usuários — no caso, pais e mães — tenham acesso às publicações que eles fazem.

O depoimento da estudante Weiny Macedo (Grupo B) também é significativo. Percebemos que há uma espécie de código de conduta ou, digamos assim, um “padrão ético”

⁶³ Anotamos os nomes dos estudantes que fazem essa prática, mas achamos prudente não mencionar pessoalmente na dissertação para evitar problemas entre os depoentes e os familiares que não conhecem a prática.

⁶⁴ Perfil fake nas redes sociais é a construção de um avatar, com nome e fotos não verdadeiras. Serve, na maioria das vezes, para esconder ações que o perfil verdadeiro não pode assumir nas redes sociais.

para as interações entre os estudantes — e, verdade seja dita, o mesmo acontece entre adultos. Quando alguém não curte algum determinado conteúdo ou não responde alguma publicação nas redes sociais, isso desencadeia uma série de reações, certas vezes agressivas. Esse é um fenômeno que podemos classificar como generalizado. Ou seja, ao compartilhar um meme, há expectativa de respostas correspondentes a ele, como curtir, classificar, comentar ou compartilhar o conteúdo. A própria configuração dos sites de rede social já permite possibilidades de diferentes reações⁶⁵ aos estudantes. Tal fato mostra como as sociabilidades desenvolvidas entre os jovens são altamente influenciadas por esse códigos que memes, emojis, Youtubers e outras manifestações do ciberespaço acionam. Abaixo, o meme selecionado pela estudante Weiny Macedo e o respectivo depoimento.

Imagem 29 - Meme selecionado pela estudante Weiny Macedo

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** A montagem provoca pessoas que demoram para responder mensagens nas redes sociais. Não é possível identificar o que a cabeça de cavalo significa, provavelmente algum tipo de zoeira, como iremos explorar na próxima categoria.

Vejamos o depoimento da aluna que se inter-relaciona com a imagem:

⁶⁵ No glossário comentado, nos anexo, explicamos como o processo de reação se manifesta nas redes sociais.

As pessoas, tipo assim, você manda mensagem para ela. Ela fica on-line, visualiza, ela sai (desconecta), mas não responde rápido. E isso dá muita raiva. Weiny Macedo.

Da mesma forma que o exemplo acima, tanto no Grupo A quanto no Grupo B, os discentes, por diversas vezes, se valeram do assunto dos memes para comentar sobre os jogos de paquera e os “códigos” que envolvem a interação nas redes, como a suposta demora de alguém que está on-line e não responde rapidamente.

Antes de seguir para a próxima categoria de análise, devemos mencionar que o nosso método de coleta de dados não abarcou as interações feitas no aplicativo Whatsapp, que, junto com Facebook e Youtube, é muito popular entre os estudantes. Isso significa que não foi possível adentrar no território de trocas e negociações que os discentes fazem no âmbito privado, o que, consequentemente, traria mais registros sobre questões afetivas. De qualquer forma, não teríamos tempo e espaço na presente dissertação para discutir as questões de privacidade e sigilo que integram o universo das redes sociais e o cotidiano juvenil. Para melhor ilustrar a amplitude do problema que envolve os afetos que circulam de forma privada — e que não abordamos em nosso estudo —, podemos citar pelo menos três variáveis: (1) a circulação de “nudes”, (2) o acesso irrestrito à pornografia e (3) cyberbullying.

Prática cada vez mais comum nas internet, as nudes — fotos íntimas que são compartilhadas entre amigos, paqueras e namorados por meio de Whatsapp ou outros aplicativos de rede social — se tornaram objeto de preocupação para educadores, pois há indícios que os estudantes fazem uso do mecanismo muito antes dos 18 anos. No Brasil, há poucos dados e informações a respeito do assunto, mas reportagem publicada pelo portal *Independent*⁶⁶ mostra como a prática de *sexting* está se tornando habitual entre crianças e adolescentes, no Reino Unido.

Por sua vez, a pornografia pela rede é acessível a todos os usuários da internet sem

⁶⁶ Com o título "Children as young as seven are sexting, research finds", reportagem discute como a prática de circular nudes - que na língua inglesa é designada pelo termo sexting - se tornou rotina entre os jovens britânicos. A partir de pesquisa encomendada pelo Sindicato dos professores (Nasuw, The Teachers' Union, tradução nossa), os dados mostram que mesmo crianças de 7 anos de idade já tiram fotos íntimas e compartilham com amigos e amigas. Disponível em <<https://goo.gl/5huPRs>>. Acesso em 22 de junho de 2017.

qualquer tipo de restrição. Uma série de pesquisas⁶⁷ indica que, na esteira da popularização da internet, o acesso à pornografia se tornou trivial entre os mais jovens, ou seja, é possível assistir e se relacionar com conteúdos pornográficos a qualquer momento do dia. A preocupação é que, sem a devida mediação de educadores, os vídeos e as narrativas do pornô — geralmente calcadas na dominação masculina frente à mulher e de culto ao prazer do homem — possam influenciar como adolescentes se relacionam sexualmente. No Brasil, um estudo significativo sobre o assunto da pornografia foi apresentado na Universidade Federal do Ceará pela pesquisadora Bruna Germana Nunes Mota⁶⁸.

Outra possibilidade não explorada em nossa pesquisa é questão da violência e da desqualificação nas redes sociais. Não criamos métodos capazes de investigar possíveis ataques e *cyberbullies* no decorrer dos Encontros. No entanto, pensando no contexto das interações em rede, sobretudo pela alta frequência da utilização da internet, é possível afirmar que os discentes também estão em contato com esse tipo de prática. De acordo com pesquisa publicada no 37º Congresso Brasileiro de Pediatria⁶⁹, crianças e adolescentes são as que mais sofrem com bullying digital, ou seja, vazamentos de fotos íntimas, boatos disseminados nas redes sociais e, ocasionalmente, memes feitos com o objetivo de humilhar ou assediar moralmente os jovens.

Não temos a intenção de aprofundar essas variáveis relacionadas ao tipo de interação que os jovens desenvolvem no ciberespaço. O que tentamos demonstrar, mesmo que brevemente, é que há diversas frentes de entrada para discutir os afetos na interação em redes.

Como discutiremos a seguir na categoria de Zoeira, os memes suscitam o universo do humor e do entretenimento. No entanto, eles fazem parte de um contexto mais amplo, das interações em plataformas digitais, que ainda carecem de investigações mais sólidas. Os

⁶⁷ De acordo com pesquisa encomendada pelo instituto The Week, 12% dos sites na internet são pornográficos, o que corresponde ao assombroso número de 76,2 milhões de sites no mundo. Reportagem do UOL também explica como o livre acesso preocupa pais e educadores de todo o Brasil. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/sexo-internet/>>

⁶⁸ *Pornografia de vingança em redes sociais: perspectiva de jovens vitimadas e as práticas educativas digitais*. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Ceará, na linha de pesquisa Núcleo de História e Memória da Educação. Disponível em: <<https://goo.gl/En5uT9>>. Acesso em 22 de junho de 2017.

⁶⁹ Com o título "Crianças e jovens são principais vítimas do cyberbullying, segundo médicos", reportagem apresenta resultados de pesquisas sobre assédio e violência entre jovens nas redes sociais. Os dados foram apresentados no 37º Congresso Brasileiro de Pediatria, no RioCentro. Disponível em: <<https://goo.gl/MRqtDy>>. Acesso em 31 de jul. de 2017.

exemplos acima sobre as possíveis consequências das nudes e do acesso irrestrito à pornografia evidenciam que tratamos de apenas uma faceta específica da linguagem digital frente aos desafios contemporâneos. Antes de investigar o universo de risos e brincadeiras, achamos pertinente pontuar que, em se tratando de relações sociais, os memes coabitam o mesmo espaço de nudes, pornografias, *cyberbullying* e diversas outras modalidades de crimes digitais. Esse contexto não pode se perder de vista quando tratamos da nova realidade comunicacional que permeia o cotidiano dos discentes.

8.2.1.3 Memes da Zoeira

“A zoeira não tem limites”. Esta é uma das expressões mais conhecidas nas redes sociais. Milhares de jovens no Brasil se ocupam diariamente em produzir montagens, paródias e piadas relacionadas aos mais diversos assuntos. Não é obra do acaso que, durante a pesquisa, as menções às brincadeiras memeais tenham sido constantes. Como consequência, podemos asseverar: os estudantes reconhecem nos memes o principal produto daquilo que eles classificam como zoeira. Vejamos algumas imagens e depoimentos que nos permitem compreender as representações que circundam o assunto. Foram várias destacadas pelos discentes nos Encontros I e II, todavia apresentaremos apenas algumas que nos dão elementos de análise para esta categoria:

Imagem 29 - Meme selecionado por Maria Eduarda

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** Montagens com cachorros e outros animais de estimação, sobretudo em situações engraçadas, são matéria prima recorrentes de memes.

Imagem 30 - Meme selecionado por Marcos Cipriano

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** Assim como os memes de mudança de humor, na ocasião de nossa pesquisa, os memes com o personagem Aaron Bailey, interpretado pelo ator mirim Miko Hughes no seriado de TV 'Três é Demais', estavam no ponto auge. Com a expressão de deboche do ator, milhares de memes foram feitos para zoar com situações do cotidiano.

Imagem 31 - Meme selecionado por Joyce Cristina

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** A expressão “miga, sua loca” é extremamente popular nas redes sociais. Na imagem, ao usar a expressão “siacalme”, é possível notar uma prática comum na rede: criação de neologismos e criações livres.

Imagem 32 - Meme selecionado pelo aluno Gilberto Rodrigues

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** A imagem parece ser retirada de algum tipo de fábrica de papel.

Imagem 33 - Meme selecionado por Beatriz Santos.

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** O vídeo de Caetano Veloso em programa da TV Cultura em 1978 é matéria prima de muitos memes. Voltaremos a tratar do assunto.

Vejamos os depoimentos que se articulam com as imagens apresentadas:

Tem muita gente que faz coisa desnecessária. Ai é bom o meme pra ver se ela se toca. Stop, né miga. **Maria Eduarda ao se referir à Imagem 29.**

Olha essa zoeira que tão fazendo de mimimimi⁷⁰. Esse aqui eu não dá pra compartilhar porque minha mãe tem Facebook. **Marcos Cipriano. ao se referir à Imagem 30.**

Miga, sua loca, se acalme. Não precisa ficar estressada. É muito engraçado. **Iasmin Reis ao se referir à Imagem 31.**

Esse aqui sou eu. **Gilberto Rodrigues ao se referir à Imagem 32**

Não é para falar mal de ninguém. É só pra zoar. Às vezes você faz alguma coisa idiota e diz "nossa, como você é burro". **Beatriz Santos ao se referir à Imagem 33.**

Em termos de linguagem, Possenti (2014) explica que há diversas formas de acionar o humor. Repetições, exageros e, sobretudo, surpresas sequenciais, ou seja, fatos que desestabilizam um final esperado ou tenham capacidade de romper com a lógica, são típicos das narrativas cômicas.

Para o autor de *Humor, língua e discurso*, é possível provocar o riso tanto pela técnica quanto pelo sentido, o que significa que, a depender da intenção, vários elementos podem desencadear os efeitos necessários para ativar o cômico. No entanto, é nas referências aos paradoxos e às controvérsias da vida que o humor geralmente acontece. Os temas que causam desconforto ou surpresa, sobretudo se “as controvérsias que se tornaram mais ou menos populares e algum dos aspectos relacionados ao tema foi estereotipado” (POSSENTI, 2014, p. 51), são fontes inesgotáveis de piada, pois podem produzir sentido a partir de polêmicas e tabus. No livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, Freud (2017) analisa como o humor se inter-relaciona com as necessidades humanas em lidar com a tragédia e o mal-estar. O autor — amplamente citado por Possenti — demonstra como piadas e trocadilhos acionam prazeres reprimidos e, em diversos níveis, são materializações do inconsciente. Os chistes

⁷⁰ Mimimimi, na linguagem digital, se refere ao modo de falar e se comportar de pessoas que se fazem de vítima e se lamentam constantemente das situações cotidianas.

permitem uma certa liberação de exigências intelectuais complexas, o que remete, muitas vezes, ao deleite de poder lidar com assuntos proibidos. Ou seja, o riso ao se deparar com assuntos controversos, a diminuição/desqualificação de pessoas, situações condenáveis, explica Freud (2017), pode ser resultado dessa ligação do inconsciente com os assuntos reprimidos. A redução é outro processo importante para provocar o riso. Quando se faz muito esforço para explicar uma determinada situação, perde-se o *timing* para que os ouvintes, leitores ou usuários da internet — no caso dos memes — consigam assimilar os jogos de linguagem da piada. Por isso, discursos bem instituídos, assuntos controversos (como traições, embriaguez, palavrões e tamanho de órgãos genitais) e fatos populares (como a vida das celebridades) são temas frequentes dos chistes, pois dispensam detalhamentos, possibilitando uma fácil cooperação dos leitores nos jogos de linguagem. No entanto, não é apenas a redução — ou rebaixamento, como propõe Possenti (2014) — responsável pelo humor.

Sabe-se que o mero rebaixamento não produz humor. Se o produzisse, bastaria proferir um desses enunciados e o riso ocorreria. Mas, para que ele ocorra, é necessário que tal traço seja apresentado por meio de uma forma engenhosa, que, em geral de modo indireto, permite a apreensão de um sentido que a sociedade controla, relegando-o a situações privadas de interlocução ou, se públicas, circunscritas a espaços destinados a isso, como teatros e casas de show, horários específicos de rádio e de TV etc. (POSSENTI, 2014. p. 51).

Podemos classificar as montagens, colagens e jogos de linguagem que circulam no ciberespaço como a "forma engenhosa" ao qual Possenti se refere. Como consequência, os memes são enunciados que circulam entre os indivíduos na internet numa perspectiva próxima do que o autor designa como "apreensão de um sentido que a sociedade controla".

Para Citelli (1994), a produção de sentidos ocorre pois os sujeitos buscam construir cadeias comunicativas. “Para isso, é necessário a criação de códigos linguísticos próprios que expressam maneiras particulares de conceber os significados, as formas de uso, os mecanismos de elaboração do universo de palavras. A isso atribuímos o sentido de "código comum" (1994, p. 23). Ora, esse código não é fechado e imutável, sendo transformado continuamente pela ação dos indivíduos. Logo, quando pensamos num “código comum”, capaz de acionar as brincadeiras e piadas nos memes, é necessário considerar como e em quais condições esses processos se dão no ciberespaço. Ou seja, devemos levar em

consideração essas variáveis para compreender como os indivíduos elaboram as cadeias comunicativas, que fazem dos memes o elemento gerador da “zoeira sem limites”. A indagação que surge, portanto, é: o que há nos memes, em termos de funções da linguagem, que provocam o humor?

Nas imagens que apresentamos anteriormente, há adição de textos em imagens com o objetivo de alterar o sentido, provocando surpresa ou ruptura de uma sequência lógica. “Gente, qual é necessidade disso” somada à imagem engraçada de um cachorrinho, por exemplo, mostra como é possível criar uma (micro)narrativa a partir do inesperado. Assim como “miga sua loca”, “para que tá feio”, “close errado, migan”. “cê é burro cara” entre outras que já mencionamos no estudo, “qual a necessidade disso” é uma expressão corriqueira entre os jovens — fato que registramos nos encontros com os estudantes.

Há também o exagero, como no caso de “desenrolar o papel de trouxa”, fazendo referência a uma linha industrial de papel. É possível deduzir que o jovem, ao dizer “esse aí sou eu”, considera que *faz* largamente — num nível industrial — o papel de trouxa. MUITOS USUÁRIOS DA INTERNET TAMBÉM SE VALEM DA ESCRITA EM CAIXA ALTA (como, aqui, experimentalmente mostramos) para exagerar, surpreender e criar os efeitos do humor. Também é próprio da linguagem dos memes as criações livres e os neologismos que, por eles próprios, já provocam o riso. Podemos notar essa acepção nos exemplos de “siacalme”, “falsiane”, “miga” e tantas outras expressões que surgem nas montagens memeais.

Outro aspecto central é a referência constante aos elementos audiovisuais que circulam nas redes sociais. No caso da imagem 30, o meme foi feito a partir de um frame retirado do seriado de TV “Três é Demais”. É possível conferir o vídeo em:

Link de acesso: <https://goo.gl/XnBABA>

No caso da imagem 33, o meme é formado com um frame de Caetano Veloso respondendo rudemente o jornalista Geraldo do programa Vox Populi, da TV Cultura, em gravação publicada originalmente em 1978. Vejamos:

Link: <https://goo.gl/vuZWk7>

Nas imagens 30 e 33 podemos compreender a característica intertextual dos memes. As duas referenciam elementos externos para produzir sentido. Para Valente (2007), os jovens contemporâneos convivem intensamente com os produtos audiovisuais, logo, as intertextualidades são identificadas de forma mais fácil quando referenciadas em vídeos e podcasts da internet. A série de TV "Três é Demais" é do ano de 1995, mas, com as possibilidades de remodelagens e referências externas que circulam nas redes sociais, se tornou um meme extremamente popular. O mesmo acontece com o "como você é burro, cara", de Caetano Veloso, que, quando publicado pela primeira vez, os pais dos participantes da pesquisa eram provavelmente crianças — ou sequer nascidos. É comum que nas redes sociais um meme se torne muito mais famoso que o vídeo, foto, música, celebridade etc. Muitas vezes, as montagens memeais chegam ao público na frente produto midiático ao qual faz referência intertextual.

No ano de 2016, "Três é Demais", por exemplo, era um seriado pouco lembrado e sequer disponível nas grades da TV aberta ou fechada. Bastou que o meme fosse compartilhado de forma massiva para que pessoas que não conheciam a série passassem a

conhecer, a ponto de o ator Miko Hughes, hoje com trinta anos e vivendo nos EUA, agradecer publicamente a internet brasileira pelo retorno do sucesso⁷¹.

Intertextualidade, explica Valente (2007), não é apenas a soma ou a sobreposição de influências, mas sim um conjunto de relações explícitas e implícitas num "trabalho de transformação e assimilação de vários textos" (2007, p. 79). No caso dos memes, a intertextualidade é um requisito fundamental para a produção de sentido, pois a essência das montagens é, por meio de paródias, paráfrases e alusões, interferir na realidade, fazendo referência a elementos externos. Como já mencionado, nos dias atuais, é prática comum entre os usuários da internet produzir uma série de memes enquanto assistem à programas televisivos, fazendo menções — geralmente piadas — aos personagens e às narrativas de novelas, seriados e assim por diante.

Há diversas formas de caracterizar a intertextualidade. Ela pode ser interna (quando faz referência ao próprio autor ou à própria obra) ou externa (quando cita autores que não têm ligação direta com a obra). Pode se manifestar de forma explícita (quando faz referência direta, claramente identificada pelos leitores, ouvintes etc) ou implícita (quando a referência se encontra sobreposta, não sendo de fácil identificação). Nos memes, é possível notar hibridismos na composição das imagens quando a finalidade é provocar o riso. Em certas ocasiões, há predominância de elementos intertextuais, em outros, interdiscursivos.

Não podemos confundir intertextualidade e interdiscursividade. Este termo designa as conexões que os discursos estabelecem uns com os outros. Um discurso, materializado em textos, músicas ou memes, é tecido por outros que circulam em determinado momento histórico e social. Ao publicar o meme, as montagens e as zoeiras se entrelaçam com outras fontes e enunciados de múltiplos discursos. “O que se está dizendo, numa dada interação social, situa-se em uma rede interdiscursiva, toca em inúmeros fios dialógicos, impregnados de valores, de crenças, carregados de sentidos” (SILVA, 2014). Ou ainda:

Considerada uma propriedade constitutiva da existência do discurso, a interdiscursividade está diretamente implicada com a leitura e a produção de textos, práticas sociais que põem em funcionamento os discursos. Entender o encontro e/ou confronto de vozes é experimentar, como leitor, um trabalho de significar os já ditos, tomá-los numa rede de sentidos, situá-los à luz de suas condições de produção. Esse jogo, na produção de textos, pode

⁷¹ Com o título, "Miko Hughes, ator que inspirou meme, agradece fãs brasileiros" reportagem de novembro do portal Atores da Depressão narram como o norte-americano comemorou o fato de ter virado meme no Brasil. Disponível em: <<https://goo.gl/dvY6Uj>>. Acesso em 18 de junho de 2017.

demandar do enunciador uma negociação com as vozes, registradas, explicitamente ou não, na materialidade do texto. Nesse trabalho linguístico e discursivo, o enunciador constrói, a partir de uma posição enunciativa, um diálogo com o outro. (SILVA, 2014)

Intertextualidade e interdiscursividade estabelecem entre si relações dialógicas e, nos enunciados dos memes, podemos aferir predominância de um para o outro. Poderíamos discutir, por meio da Análise do Discurso, como cada meme selecionado pelos estudantes foi construído — com início, meio e fim — com o objetivo de "praticar a zoeira". No entanto, nosso objetivo é ponderar acerca das funções, sobretudo, como o humor é acionado naquilo que se convém chamar de zoeira. Além dos jogos intertextuais, interdiscursivos, repetições, exageros — para nos atermos nos pontos que destacamos —, nosso argumento é que os memes sintetizam o novo cenário de comunicações digitais e o cômico não aparece ao acaso, mas sim em decorrência do contexto em que surge.

No capitalismo artista, a busca é pelos prazeres imediatos, pela sedução e o divertimento. Em detrimento dos textões e de expressões narrativas que exigem maior elaboração, o humor emerge como potência de circulação nas redes: eles atendem rapidamente os anseios dos usuários da internet. A desobrigação com certos "esforços" intelectuais, como explica Possenti (2014), é elemento fundamental para o cômico. A velocidade de compartilhamentos e a própria configuração das redes, conforme categorizamos no capítulo 5, propiciam as condições necessárias para as mensagens rápidas e divertidas.

As redes sociais são sistemas técnicos apropriados para práticas sociais (RECUERO, 2014a). Em razão da configuração da interação em rede, que permitem a circulação de todo tipo de conteúdo, a ligação entre entretenimento e os sites de rede social é extremamente forte, tendo consequências diretas às práticas sociais desenvolvidas no ciberespaço. Há uma oferta quase inesgotável de vídeos, páginas e sites especializados em provocar o riso. Ao conectar-se à internet, é inevitável o contato com algum tipo de conteúdo que cumpra a função de entreter. Portanto, há uma predisposição ao humor nas produções que surgem no ciberespaço.

Os indivíduos se conectam à internet não apenas para trabalhar, fazer pesquisas ou estudar, mas também para se divertir, afinal são nesses espaços que círculos de amigos e os círculos de interesse se concentram na maioria. Com as narrativas cômicas, as provocações e as sátiras sobre a realidade social é que os indivíduos constroem a visão de mundo. Em outros

termos, os memes possibilitam interferir e participar do cotidiano, conforme referido anteriormente.

Ou seja, comentando, parodiando e praticando a zoeira, os sujeitos se manifestam a respeito da realidade e do mundo onde vivem. O caráter descentralizado das redes permite que haja postura ativa, que geralmente se manifesta nas piadas e deboches sobre o cotidiano. A adição de textos e montagens em fotos de celebridades, personagens políticos e de diversas situações no cotidiano é uma forma de marcar posição e opinar sobre o dia a dia. Tal fato é relevante ao ponto de reverberar para o convívio off-line: Michel Temer, por exemplo, tentou proibir que internautas fizessem memes com imagens oficiais da presidência⁷².

A resultante desses processos é que memes e zoeira se confundam e se entrelaçam como parte da mesma unidade. Nas outras categorias, com os exemplos que apresentamos, é possível observar o elemento do humor, seja para narrar um fato cotidiano seja para dinamizar relações afetivas.

Durante a investigação na EMEF Julio Marcondes Salgado era evidente a empolgação dos estudantes para "praticar a zoeira". Ao suscitar — no título da dissertação — *a zoeira dos estudantes nas redes sociais*, chamamos atenção a uma das facetas dessa nova forma de se relacionar no mundo, onde o humor permite intervenções sobre o cotidiano. Exemplo disso é que registramos que os estudantes estavam envolvidos em uma Guerra Memeal, semelhante àquela entre Brasil e Portugal, narrada no capítulo 6. A disputa, na ocasião da investigação de campo, era sobre o que é melhor: Toddy ou Nescau. Vejamos o meme selecionado pela aluna Letícia Almeida:

⁷² Com o título "Fora Meme? Como o governo Temer virou inimigo da indústria das piadas na Internet", reportagem publicada no portal El País, em junho de 2017, mostra como as montagens dos memes irritaram Michel Temer. Disponível em: <<https://goo.gl/oRGbWm>>. Acesso em 10 de julho de 2017.

Imagem 34: Meme selecionado pela estudante Letícia Almeida

Fonte: Facebook (2016). **Legenda:** Não é possível concluir qual é a referência do lobo (ou cachorro).

Vejamos o depoimento de Letícia Almeida sobre o meme acima:

Está tendo essa treta do Nescau com Toddy. Não sei o que está acontecendo, mas já vi vários memes disso hoje. E sempre tem um meme, uma alfinetando o outro. Esse lobo é só uma careta do lobo que é engraçada. Usam a careta pra zuar mesmo. Mas não tem nada a ver com Nescau ou Toddy. **Letícia Almeida.**

A música ao qual o meme faz referência direta é a “Borboletinha”, especificamente ao trecho:

*Poti Poti
Perna de Pau
Olho de Vidro
E nariz de pica-pau*

A zoeira, no exemplo apresentado por Letícia, é provocada pela substituição de “nariz de pica-pau” por “Toddy é melhor que Nescau”, além da troca de “Pau” por “Pal”. As transgressões ortográficas e gramaticais, na linguagem dos memes, são feitas de forma deliberada com a intenção de acionar o humor. Em larga medida, a explicação se deve ao que classificamos de estética amadora: é necessário escrachar e subverter qualquer seriedade, tornando tudo, inclusive a norma culta, em objeto de chistes.

A imagem do lobo (cachorro?), tendo o foco aumentado em cada trecho da canção, é outra modalidade corriqueira das brincadeiras em rede. No depoimento, a estudante reconhece que não há vínculos diretos entre o lobo e a guerra entre Toddy e Nescau: “Usam a careta pra zuar mesmo. Mas não tem nada a ver com Nescau ou Toddy”. No Encontro II, enquanto Letícia Almeida interagiu com o meme, Joyce e Hellena também participaram do debate sobre qual achocolatado é mais saboroso. Em poucos segundos, a discussão se estendeu aos demais discentes, que passaram também a buscar memes sobre a disputa memeval.

Podemos concluir, como havíamos ventilado em nosso quadro teórico, que as guerras memevals — também chamadas de “tretas” — são uma forma dos jovens experimentarem o lúdico nas redes sociais. Os códigos imagéticos, de imagens e sons que circulam nas redes sociais, possibilitam brigas, discussões e conflitos que não seriam possíveis no convívio off-line. Toddy x Nescau, assim como Brasil x Portugal, na verdade, é um pano de fundo para que os jovens possam vivenciar experiências lúdicas. Com as restrições às brincadeiras na rua no contexto urbano, os jovens se apropriam das tecnologias para construir sua visão de mundo e atender as necessidades comunicativas e, claro, as necessidades de brincar e se divertir. Ora, são cada vez menores as opções de parques de diversão, brincadeiras de roda, circos e áreas verdes onde crianças e adolescentes possam manifestar o lúdico e se divertir. Logo, não é obra do acaso que o ciberespaço se constitui como um ambiente para as práticas sociais das Polegarzinhas, sendo, nesse sentido, local de experimentação e desenvolvimento do lúdico. “Praticar a zoeira”, podemos dizer, é uma forma de entretenimento e risos que os discentes ativam ao interagir com os memes. As piadas, as provocações e assim por diante permitem que os jovens estabeleçam relações com o grupo ao qual pertencem, tendo sua identidade transformada e, conseqüentemente, transformando a dos interlocutores, dentro contexto histórico-social ao qual fazem parte (VIANA, 2005).

Em termos gerais, os estudantes se divertiram muito durante os Encontros I e II. O riso, as provocações e o humor foram, sem dúvida, o fio condutor das atividades. Poderíamos apresentar outros exemplos de memes selecionados e depoimentos, mas acreditamos não ser necessário, haja vista que a essência da zoeira e as funções dos memes em relação aos discentes foram apresentadas nos tópicos anteriores.

Para encerrar as análises aqui propostas, categorizamos: ao pensar nos memes a partir do conceito de ecossistema comunicativo, assumimos que os sentidos e as montagens memeais estão interligados à trama cultural e ao contexto de recepção desses produtos. Ou seja, os memes não existem em si próprio e se articulam com os jogos de linguagem e com o contexto ao qual pertencem. A conclusão que tiramos é que o riso e a zoeira sem limites fazem parte da nova realidade cultural no qual os jovens estão imersos. São as interações em rede, com todas as suas potencialidades em termos de narrar o cotidiano, dinamizar relações e acionar o humor, que permitem aos participantes de nossa pesquisa dar significados à realidade, interpretá-la e, consequentemente, ocupar lugar no mundo.

8.2.1.4 Rodas de conversa: as diferenças entre os grupos

Nos Encontros I e II, não foi possível concluir se há diferenças entre os Grupos A e B em relação aos sentidos atribuídos aos memes. Com os métodos utilizados para coleta de dados, não registramos variações entre os dois grupos de referência. Ambos apresentaram sentidos semelhantes nos depoimentos, no comportamento, e nos memes selecionados. Ou seja, na fase de organização e sistematização dos dados no Google Drive, não encontramos recorrências ou fatos significativos para desenvolver as análises sobre como compreendem os memes, primeiro, um grupo feito por jovens que integram um projeto de Educomunicação e, segundo, outro que não integra. Nas análises apresentadas até aqui, não foi feita nenhuma menção direta às diferenças dos grupos, pois não conseguimos encontrá-las claramente.

No entanto, ao chegar no Encontro III, verificamos diferenças importantes, o que nos leva a deduzir que não utilizamos os procedimentos adequados nos Encontros I e II para estudar as diferenças entre os grupos de referência. Talvez, combinando outros métodos, conseguiríamos melhor explorar a questão.

A mudança veio no Encontro III, quando, com os computadores desligados, numa Roda de Conversa, passamos a discutir e analisar as percepções dos estudantes sobre os

memes. Fizemos o papel de mediação da conversa com três perguntas chaves para ativar o diálogo:

-Vocês acham que os memes falam de coisas que acontecem no dia a dia?

- Quando vocês querem falar ou se expressar sobre algum sentimento, como alegria, tristeza ou raiva, vocês acham que os memes ajudam com isso?

- Vocês podem me explicar o que é a zoeira? Vocês costumam zuar com amigos e com a família?

Retomando, participaram da atividade:

Pelo Grupo A, Marcos Cipriano, Maria Eduarda, Marina Souza, Iasmin Reis, Beatriz Maria e Beatriz Rocha;

Pelo Grupo B, Lucas Uno, Joyce Santos, Gabriel Dama, Hellena Caparros, Leticia Almeida e Gilberto Alves.

No Grupo A, observamos que os estudantes faziam ponderações em relação às redes sociais, sobretudo ao responder a primeira pergunta. Eles apresentaram um senso crítico aprimorado sobre como funcionam plataformas como Facebook e Twitter e, conseqüentemente, o que os memes significam. Respostas como “os memes são aquilo que a gente quiser que eles sejam” “podemos usar para o bem e para o mal” foram alguns dos depoimentos apresentados. Entendemos por “senso crítico aprimorado” a capacidade de compreensão que as redes digitais são espaços de relações sociais e não apenas instrumentos para brincadeiras e zoeira, como se manifestou claramente no Grupo B.

O Grupo B mostrou ter uma apropriação mais instrumental em relação aos memes. Ou seja, não realizaram associações mais críticas sobre como as montagens memeais fazem parte do cotidiano, limitando-se a dizer — em poucas palavras — como os memes são engraçados. Talvez seja precipitado dizer com exatidão os sentidos que os estudantes do Grupo B produziram, uma vez que eles pouco falaram durante a Roda de Conversa. Joyce e Leticia protagonizaram as ações, e diferentemente da dinâmica do Grupo A, pouco conversaram entre eles.

Outro possível erro nos procedimentos metodológicos: os integrantes do Grupo A, mesmo de turmas e anos diferentes, **participam juntos** do projeto Rádio JMS. Logo, podemos deduzir que são mais próximos e, conseqüentemente, interagem com mais frequência um com os outros. De um lado, tal característica pode ter facilitado o diálogo na Roda de Conversa. Por outro lado, o Grupo B foi formado por alunos que não participam obrigatoriamente de atividades conjuntas, o que pode explicar em partes porque pouco discutiram entre eles durante a atividade. Ao desenvolver o plano de pesquisa de campo, não consideramos essa variável, e devemos assumi-la neste ponto.

Outro fato que nos chamou atenção em relação ao Grupo A foi em relação à zoeira. Eles afirmaram por diversas vezes que as brincadeiras exigem respeito e não podem agredir ninguém. Iasmin Reis, uma das mais participativas em todos os encontros, fez uma afirmação que mereceu registro: “Os memes só são engraçados se for engraçado para o outro também”. A palavra “respeito” foi mencionada por diversas vezes.

Assim como nos Encontros I e II, todos discentes demonstraram ter amplo conhecimento sobre o funcionamento das redes sociais. Ao responder se sabiam diferenciar os tipos e as categorias de meme, as respostas indicaram que há variações, primeiro, no formato das montagens e, segundo, para o que elas servem. No Grupo A, além das brincadeiras, os estudantes citaram que os memes servem para se expressar sobre “coisas que acontecem”. Discutiram e debateram entre eles os memes que mais gostavam, que, no geral, eram semelhantes às selecionadas nos encontros anteriores. Devemos pontuar: é impressionante o conhecimento e alta capacidade de interlocução dos estudantes em relação às páginas no Facebook e os conteúdos que elas produzem.

Sobre diferenças de categorias, o Grupo B — especificamente Letícia e Joyce — tratou dos formatos dos memes, ou seja, se são vídeos, montagens, GIFs etc. Realizamos indagações e provocações para estimular respostas sobre como os memes servem para expressão ou narram questões cotidianas, mas com pouco sucesso. Letícia apenas mencionou, como já havia feitos nos encontros anteriores, que “às vezes não sabe o que dizer e manda um meme”.

Para concluir essa etapa, é possível afirmar que participar de um projeto educ comunicativo faz diferença na compreensão sobre o que são as redes sociais e, conseqüentemente, os memes. Na comparação com o Grupo B, os estudantes do Grupo A mostraram mais competências para discutir (criticamente) o assunto e fizeram

questionamentos sobre as relações que são feitas no ciberespaço. Quando afirmamos no capítulo 6 que competências técnicas para acessar à rede, curtir fotos, compartilhar posts ou participar da guerra memeal não garantem que os estudantes compreendam automaticamente a dimensão cultural e social das plataformas digitais (VIANA ; MELLO, 2013), pudemos verificar isso de forma clara no Grupo B. Os estudantes sabem precisamente como funcionam os memes e mostraram as mesmas habilidades do Grupo A para mencionar páginas e brincadeiras memeais, todavia, ao serem interpelados para problematizarem o assunto, não conseguiram ir adiante, apontando a zoeira como o único elemento central para discutir o assunto.

Como resultado da nossa pesquisa, nos indagamos se seria possível ter explorado melhor a capacidade de crítica dos estudantes nos Encontros I e II, pois a Roda de Conversa revelou que, talvez, os procedimentos adotados se concentraram em demasia nas funções dos memes. Seja como for, chegamos ao final das análises. Acreditamos ter colocado nossas hipóteses à prova com métodos rigorosos e vigilância epistemológica. Portanto, no nosso entendimento, os dados que expusemos sobre os depoimentos e as funções dos memes cumpriram o papel de estudar como as novas modalidades comunicacionais adentram o cotidiano dos jovens. Tentamos problematizar as questões mais recorrentes a partir do nosso referencial e, quando necessários, categorizamos novos elementos teóricos no decorrer da interpretação de dados.

Seguimos agora, como parte dos nossos objetivos, para a apresentação de uma proposta de categorização de gênero e subgêneros dos memes a partir do estudo feito na EMEF Julio Marcondes Salgado Filho.

9. Proposta de categorização do gênero (e subgêneros) meme

Uma das ações mais relevantes sobre redes sociais no âmbito nacional, o Museu dos Memes, projeto da Universidade Federal Fluminense⁷³, realiza no ambiente digital um trabalho de sistematização e catalogação de práticas midiáticas relacionadas aos memes. Com pesquisas acadêmicas, o espaço se tornou um terreno fértil para o compartilhamento de dados e análises sobre as montagens e paródias memeais, também fazendo — de forma experimental — a curadoria das obras (memes) mais emblemáticas e significativas aos estudos em cibercultura. Durante a construção do nosso objeto de pesquisa, em diálogo estabelecido com o coordenador do projeto, prof. Dr. Viktor Chagas, da Universidade Federal Fluminense, ficou acertado a possibilidade da presente dissertação integrar o acervo do museu. Nesse sentido, a partir dos registros analíticos desenvolvidos no decorrer do trabalho, achamos pertinente fazer uma proposta do **gênero meme**.

Entendemos que, além de concluir e sintetizar as discussões que propomos nos capítulos anteriores, é possível oferecer um contributo para que os leitores interessados nas discussões entre Comunicação e Educação possam refletir sobre o funcionamento da linguagem dos memes a partir de sua tipologia textual. Sem pretensões generalizantes, o objetivo é trazer à tona algumas das características que nos possibilitam categorizar os memes enquanto gênero.

Buscamos construir uma perspectiva comunicacional para analisar o fenômeno, afinal, como demonstrado no capítulo 4, o discurso de “replicadores da cultura propagando-se de forma viral” ainda é muito recorrente. Há um número elevado de estudos que propõem — sob a égide das ideias de Dawkins e Blackmore — análises dos memes em torno das características de longevidade, fecundidade e fidelidade. Ou seja, pesquisas sobre causas e efeitos, capacidade de difusão e propagação nas redes e, sobretudo, os jogos de imitação nas montagens memeais.

As próximas páginas articulam uma abordagem diferente, capaz de abranger as implicações dos memes na cultura contemporânea a partir da sua inserção nos ecossistemas comunicativos. Para isso, em alguns momentos, teremos que reiterar pontos já discutidos na presente dissertação, porém essenciais para, em termos sintéticos, esclarecer o nosso

⁷³ O Museu dos Memes é um dos únicos do mundo a funcionar no ciberespaço. Além do catálogo de memes que se tornaram importantes para o estudo de cibercultura, o local aglutina estudos, artigos e entrevistas e referências teóricas sobre memes. Disponível em: <<http://www.museudememes.com.br>>. Acesso, 6 de maio de 2017.

argumento.

Como artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano (MARCUSCHI, 2009), os gêneros surgem em razão das necessidades comunicativas dos indivíduos dentro da vida social. Ora, as redes digitais e as interações desenvolvidas no ciberespaço passaram a ocupar lugar central no cotidiano. Logo, e-mails, chats on-line, mensagens no celular, fotos no Instagram, seções de comentários, emojis entre outros enunciados também são considerados gêneros discursivos. Vamos nos ater aos memes, nosso objeto de estudo: quais características e qual a definição do gênero meme? Para responder a indagação, é imperioso expandir nossa compreensão sobre assunto.

Os gêneros textuais são produtos das interações que os indivíduos estabelecem no interior da trama cultural. Para Köche e Marinello (2015), eles permitem que os usuários da língua possam construir relações, funcionando de acordo com os contextos e as necessidades de operar a linguagem. Nesse sentido, os gêneros textuais são "ilimitados" (2015, p. 9), pois os indivíduos se deparam com diversas situações comunicativas, exigindo adaptações e transições. Ou ainda:

Os diferentes enunciados orais ou escritos, produzidos pelos usuários da língua, constituem gêneros textuais. Exemplifica-se: telefonema, discurso, palestra, piada, bate-papo, romance, conto, crônica, artigo de opinião, reportagem, editorial, conto popular, lenda, apólogo e artigo de divulgação científica. Bakhtin coloca que "a diversidade desses gêneros deve-se ao fato de eles variarem conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento pessoal dos parceiros (KÖCHE & MARINELLO, 2015, p.9)

Operar a linguagem exige a escolha de gêneros para interação com os pares. Por exemplo, nas redes sociais, os jovens parecem ter percebido que os textões não acionam os efeitos necessários para que haja comunicação. Textões não servem para praticar a zoeira — uma das características internas dos memes. Rápidos, dinâmicos e produzidos a partir de jogos de intertextualidade com celebridades e outras peripécias do cotidiano, os memes materializam as necessidades comunicativas do contexto histórico-social ao qual pertencem. Ou seja, “a opção por um gênero está intimamente ligada ao objetivo do sujeito e à situação sociocomunicativa em que está incluído: quem é ele, para que interlocutor escreve ou fala,

com que objetivo e em que momento histórico se dá o ato comunicativo” (KÖCHE & MARINELLO, 2015, p.9). Ou ainda:

Já se tornou trivial a idéia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2009).

Com a internet, emergem novos gêneros na esteira da multiplicação de possibilidades comunicacionais, tanto no âmbito visual quanto no verbal. Isso não é obra do acaso pois, como discutimos no capítulo *Memes e sociedade contemporânea*, os "gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem" (MARCUSCHI, 2009). Eles também

caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sociopragmáticos caracterizados como práticas sociodiscursivas. Quase inúmeros em diversidade de formas, obtêm denominações nem sempre unívocas e, assim como surgem, podem desaparecer (MARCUSCHI, 2009).

Essa definição nos permite adentrar ao território do gênero meme. Vamos nos ater, portanto, as peculiaridades organizacionais e funcionais, aproveitando dos elementos que investigamos na pesquisa realizada na EMEF Julio Marcondes Salgado. O objetivo é ressaltar aspectos que diferenciam os memes de outros gêneros discursivos que circulam no

ciberespaço, como vídeos, emojis, correntes de Whatsapp, e-mails, e-mail marketing, chats, hangout, ligações no Skype e tantos outros.

É difícil fazer uma genealogia, ou seja, identificar a origem e evolução das montagens até chegarmos aos enunciados atuais, como os exemplos apresentados nos capítulos anteriores. Todavia, podemos ressaltar um trajeto das construções visuais-verbais que circulam no ciberespaço nas últimas décadas.

Desde que a computação deixou o âmbito militar e se popularizou no uso doméstico, diversos pesquisadores tentam desenvolver métodos para representar visualmente as expressões comunicativas. Scott Fahlmann, por exemplo⁷⁴, sugeriu terminar uma piada com a construção :) a fim de acionar o humor. Em 1998, surgiram os primeiros pictogramas para celulares japoneses, que, nos dias atuais, são apontados como a origem dos emojis⁷⁵. A penetração é tão alta no ciberespaço que o dicionário Oxford considerou o emoji ⁷⁶ a palavra do ano em 2015, numa clara demonstração que os novos enunciados em formas visuais se tornaram uma realidade constante nas conversações entre indivíduos.

Com a possibilidade de construções híbridas entre elementos visuais e verbais, além do fácil acesso aos programas de edição de fotos, sobretudo o Photoshop e o Paint, os usuários da internet começaram a se valer de imagens para construir sentido nas redes sociais. Um ponto histórico para esse tipo de representação é o que alguns autores classificaram como Web 2.0. Ou seja, o momento em que os sistemas técnicos que operam na rede permitiram que os usuários comentassem e interagissem nas plataformas digitais. O resultado desse processo foi a ascensão de blogs, sites de rede social, aplicativos para compartilhamento de fotos e, sobretudo, as seções de comentários. Essas modalidades permitiram que os interagentes da web pudessem intervir e participar dos diálogos na internet. Com esse movimento, paródias, alusões e montagens, rapidamente, se tornaram populares.

A estética dos memes exige composições curtas, sem grandes esforços, pois os

⁷⁴ Com o título "Você sabe qual é a história da invenção do emoticon? Aqui está ela ;-)", reportagem do portal Nexa explica a origem das expressões visuais nas conversações em rede. Disponível em: <<https://goo.gl/oAPyeH>>. Acesso em 29 de junho de 2017.

⁷⁵ No livro *Comunicação e Educação em tempos de aceleração social* (CITELLI, 2017), a pesquisadora Eliana Nagamini explica as funções e a operação dos emojis a partir de análise que articula Comunicação e Educação.

⁷⁶ Até o momento da escrita da presente dissertação, não foi possível encontrar nenhuma normativa da ABNT que esclareça como um emoji deva ser citado dentro de um trabalho acadêmico. O mesmo acontece em relação aos direitos autorais de memes.

usuários da internet sabem que as publicações estão sujeitas ao efêmero. Em outros termos, pouco ou nada importa fazer uma produção complexa e detalhista do ponto de vista estético se ela, em poucos segundos, desaparece da *timeline*. Esse é um pressuposto importante compreender a origem do gênero meme. Vejamos como isso funciona:

Imagem 35 - A origem da linguagem dos memes

Fonte: Google (2017). **Legenda:** Do lado esquerdo, o astrofísico Neil DeGrasse Tyson durante entrevista sobre Isaac Newton. Na direita, o meme que ficou conhecido como “ui”, produzido a partir da expressão do cientista.

Imagem 36: Origem da linguagem dos memes, exemplo 2.

Fonte: Google (2017). **Legenda:** Da mesma forma que na Imagem 35, usuários da internet utilizaram expressão do ex-jogador da NBA Yao Ming para fazer o meme.

Publicado pelo canal Big Think, em 3 de junho de 2011, uma entrevista de Neil DeGrasse Tyson sobre Isaac Newton se tornou um dos memes mais compartilhados do mundo. Diversos usuários da internet⁷⁷, que discutem o assunto em fóruns e blogs, classificam que a fórmula de transformar — com a ferramenta Paint — uma imagem engraçada de alguma personalidade famosa em desenho preto em branco foi o embrião, já nos anos 2010, para que as montagens se tornassem populares nas redes sociais. A prática se tornou tão recorrente que, atualmente, diversas personalidades fazem *media training* especializada em evitar expressões e movimentos que permitam aos usuários da internet fazer memes. Foi no aprimoramento desse processo, de aproveitamento e referência intertextual às diversas situações do cotidiano, que os memes passaram a ocupar as *timelines* das redes sociais.

Antes de seguir com a nossa proposta, devemos fazer remissão a alguns estudos importantes citados ao longo da dissertação, para, enfim, definirmos o gênero. Na categoria geral, chamada de sociabilidade, Recuero (2011) explica que a intenção dos memes é, senão, um convite à interação social. Essa concepção é fundamental uma vez que as montagens e paródias buscam construir cadeias comunicativas. Shifman, por sua vez, define três atributos gerais: (1) produtos digitais com características comuns de conteúdo, forma e/ou posição; (2) criados conscientemente pelos usuários da internet; e (3) que circulem em forma de imitações/paródias/transformações através de múltiplos usuários na Internet. No artigo, *Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos*, Guerreiro e Soares (2016) apontam como as configurações técnicas do ciberespaço permitiram que códigos imagéticos dessem aos memes uma "organização multimodal" (2016, p. 186). Esse assunto foi debatido especificamente na categoria de Afetos, no capítulo anterior.

A tese de doutorado da pesquisadora Ana Cristina Paula Lima também nos permite discutir os memes a partir da inter-relação de elementos visuais e verbais. Num amplo estudo sobre o uso da expressão gráfica na conversação, o estudo propõe modelos explicativos para análise das composições dos memes enquanto linguagem híbrida. No entanto, nossa proposta é diferente no que concerne à acepção dos memes enquanto manifestação cultural. A autora

⁷⁷ Os inúmeros fóruns de discussão e debate nas redes sociais foram um importante instrumento de pesquisa no período de mestrado. Embora não frequentem o ambiente acadêmico, muitos usuários da internet produzem análises consistentes sobre os produtos culturais que circulam no ciberespaço. No caso específico da origem dos primeiros memes, citamos dois artigos interessantes: (1) A origem dos memes, disponível no blog "A vida que levo", link: <<https://goo.gl/NbnyrY>>. Acesso em 15 de maio de 2017; (2) Origem dos memes mais conhecidos baseados em imagem, disponível no blog Tutoriart, link <<https://goo.gl/NwMqAo>>. Acesso em 15 de maio de 2017.

discute características de fecundidade, longevidade e imitação dos memes (LIMA, 2014). Na nossa compreensão, para além de imitações, os memes devem ser vistos a partir dos códigos comuns e dos enunciados que permitem aos usuários da internet materializarem expressões e representações que circulam no interior da vida social. Discutimos essa perspectiva amplamente na categoria Afetos.

"Virar meme", aliás, é um conceito chave para compreendermos o gênero. Em termos de tipologia textual, memes relatam situações, fatos e expressões a partir de montagens e jogos de linguagem construídos nas redes sociais. Com referências intertextuais e interdiscursivas aos produtos midiáticos que circulam no ciberespaço, os memes são narrativas que materializam — em micronarrativas — os enunciados formados por composições visuais-verbais, cuja finalidade é a interação com os pares. Nesse sentido, com personagens reais (como celebridades e atletas profissionais) ou imaginários (como animais de estimação que dialogam com humanos), os memes ocorrem de acordo com as cadeias comunicativas que os usuários da internet buscam ativar.

Esta é a definição que sintetiza como classificamos o gênero meme. Ela nos permite apresentar exemplos sobre o funcionamento e os mecanismos que organizam as montagens memeais, assim como compreender os subgêneros. No primeiro exemplo, apresentamos aquilo que os usuários da internet rapidamente compreendem por meme:

Imagem 37 - Meme selecionado no Encontro II. **Fonte:** Google (2016).

Com o exagero — o longo tempo de espera que levou o personagem à morte —, o meme aciona o humor a partir de uma referência ao cotidiano, que, podemos deduzir, narra as tensões entre mães e filhos. Essa é a tipologia clássica dos memes: adiciona-se, por meio das montagens, elementos verbais e visuais para construir sentido. No entanto, há outras formas de produção que não exigem a inter-relação de texto e imagem. Vejamos:

Imagem 38 - Meme “Neymar e a Efigie representativa da República”

Fonte: Facebook (2017). Legenda: Meme retirado do site Facebook em junho de 2017. A montagem debocha do visual do jogador do Barcelona, Neymar, que, causou alvoroço nas redes com o corte de cabelo parecido com o da efigie representativa da República.

É possível notar que, diferente da imagem 37, não há texto, mas a semelhança do atleta com a moeda permite que a montagem estabeleça vínculos entre os dois. Nesse sentido, ao comparar as imagens 37 e 38, concluímos que há subgêneros de memes que operam de forma diferente de acordo com conteúdo e formato. Ou seja, sob uma característica geral (as montagens feitas pelos usuários a fim de construir cadeias comunicativas), as variações ocorrem a partir de alternâncias em relação a forma como a narrativa é desenvolvida e o seu respectivo conteúdo. Essa definição, embora pareça óbvia num primeiro momento, nos

permite expandir a compreensão sobre os tipos de memes que circulam na rede. Por exemplo, é prática comum entre os usuários da internet fazerem paródias de vídeos para escrachar ou ironizar algum acontecimento. No entanto, não é comum categorizar esse tipo de montagem como um meme. Apresentamos abaixo, uma peça recorrente nas redes sociais. Trata-se das montagens sobre "A Queda", filme dirigido por Oliver Hirschbiegel, que narra as últimas horas de vida de Adolph Hitler. Lançado em 2004, o longa se tornou mais famoso, na verdade, a partir da zoeira que muitos usuários das redes sociais criaram com algumas cenas em que o protagonista da película mostra total descontrole emocional. Aproveitando-se de legendas em português para construir remixagens, foram realizadas paródias de Hitler, por exemplo, inconformado com o impeachment de Dilma Rousseff ou irritado com mais um rebaixamento do clube de futebol Palmeiras à série B. Abaixo, apresentamos um dos clássicos da internet brasileira: a paródia de "A Queda", quando Hitler é informado que a seleção brasileira perdeu de 7x1 para seleção da Alemanha.

Link: <https://goo.gl/GYAYVK>

Outra forma de circular memes nas redes sociais são os GIFs. Estes são pequenas animações que se repetem em poucos segundos a fim de provocar o humor. A seguir, um exemplo de como essas composições funcionam:

Imagem 39: Frame retirado do meme “Michel Treme”.

Fonte: Google (2017)

Nas folhas impressas da dissertação, não é possível visualizar o efeito “treme” dos GIF, ou seja, os movimentos que acionam os sentidos da linguagem. Por isso, para melhor compreender como funciona esse subgênero, é necessário acessar o código:

Link: <https://goo.gl/CWYkfo>

Entre as imagem “Esperando minha mãe terminar de falar”, “Neymar com cara de um real”, o vídeo “Hitler descobre que Brasil perdeu de 7x1” e, por fim, “Michel Treme” há um ponto convergente: são composições feitas por usuários da internet, que, com diferentes

formatos e conteúdos, constroem narrativas a fim de circular no ciberespaço. Esse é o aspecto decisivo que queremos ressaltar ao tratar do gênero meme, pois é a definição que nos permite classificar vídeos, GIFs e outras manifestações que circulam nas redes enquanto memes.

Podemos definir como subgêneros, portanto, as diferenças em termos de forma e conteúdo. O próprio Museu dos Memes criou diversos catálogos com diferentes exemplos do que, em nossa proposta, tratamos como subgêneros. É possível acessar o site e explorar diversas modalidades de memes, enquanto vídeos, GIFs, montagens e, muitas vezes, mesmo uma foto com uma legenda que acione sentidos. Exemplo:

Imagem 40 - Meme “minha cara de Anitta”

Fonte: Facebook (2017). **Legenda:** Anitta é personagem frequente de memes. Essa foto é um frame retirado de entrevista da cantora no programa Altas Horas, da TV Globo.

A imagem de Anitta foi amplamente difundida nas redes sociais sem nenhum tipo de adição de texto. No entanto, usuários da internet utilizaram as legendas ou o espaço das publicações para construir sentido. Alguns exemplos que acompanhavam a Imagem 40:

“Minha cara quando alguém me conhece há dias e já diz que me ama”

“Quando alguém vem de intimidade comigo, stop migan”

“Apenas pare, por favor”

Enfim, ressaltamos algumas modalidades daquilo que classificamos como os subgêneros dos memes. Em termos teóricos, com as categorias de Cotidiano, Afetos e Zoeira, criamos possibilidades analíticas capazes de explorar as funcionalidades internas do gênero meme. Nesse sentido, discutimos possibilidades comunicacionais e de funções de linguagem, elementos que permitem que analisemos o fenômeno a partir da trama cultural e da sua inserção em ecossistemas comunicativos. Encerramos essa etapa do trabalho, reiterando que, com as sistematizações e categorizações que fizemos até aqui, o objetivo não é desenvolver generalizações. O intuito é oferecer contributos para os interessados em discutir os memes numa perspectiva comunicacional, e consequentemente os seus desdobramentos no âmbito da Educomunicação.

Conclusão

Para encerrar o trabalho, retomamos um conceito explorado amplamente no decorrer da investigação: os memes na internet constituem uma das principais expressões do que Citelli (2004) classifica como processos constituidores de sentido. Com os argumentos e as formulações realizadas, discutimos as funções e os jogos de linguagem da “zoeira” a fim de compreender como os jovens interagem *com* e *nas* redes sociais.

Apropriados em larga escala, os memes sintetizam o momento histórico-social em que a comunicação passou a ocupar papel decisivo em termos de produção, circulação e recepção dos bens simbólicos. Nesse aspecto, há uma nova dimensão da ação comunicativa — organizada em redes rizomáticas —, que impõe desafios a diversos setores da sociedade. A presente dissertação se concentrou em um *locus* específico: o universo da escola, a partir do olhar de estudantes do ensino fundamental.

Como resultado da investigação, apresentamos aos leitores análises e discussões sobre o complexo território de transformações que marcam o cotidiano juvenil. Nos entrelaçamentos entre Educomunicação, cibercultura e a “zoeira”, procuramos mostrar como novas modalidades de comunicação fazem parte da rotina dos discentes, forjando sociabilidades e os modos de compreensão da realidade. Foi possível deduzir que há nos memes funções que se articulam com o intuito de narrar e representar o cotidiano, assim como dinamizar jogos de paquera, amizades e inimizades entre outras possibilidades. Verificamos também que a zoeira é um dos elementos centrais nas brincadeiras e nas experiências lúdicas — a exemplo das Guerras Memeais entre Brasil x Portugal e Toddy x Nescäu.

É possível dizer que os memes — para destacar os resultados de nosso estudo — acionam uma dimensão singularizadora das formas de ser e estar mundo. Ora, os espaços educativos são permeados pelas mensagens, os jogos de linguagem e, por mais estarrecedor que pareça num primeiro momento, pela zoeira. Logo, mesmo que proibidos na escola, a cultura que crianças e adolescentes estão desenvolvendo é marcada pelos fluxos comunicacionais, descentralizados, com linguagens híbridas e intertextuais. Os memes na internet, concluímos, sintetizam esse turbilhão de movimentos que integram as relações sociais organizadas em “rede”. Compreendê-los é, em última instância, um passo importante para construir pontes e interlocuções com os discentes.

Para chegar a esta conclusão, intentamos, primeiro, localizar a inserção dos memes dentro de uma perspectiva sistêmica e afastada de determinismos tecnológicos. Ou seja, era necessário pensar a amplitude desse produto cultural dentro do contexto mais amplo das mudanças em trânsito na sociedade, pois, como asseverado no decorrer do trabalho, os memes carregam em seu interior elementos da cultura coetânea, altamente marcada pelo efêmero e pelas redes rizomáticas.

Sob esse prisma teórico criamos, já na pesquisa de campo, categorias de análise que garantissem aporte conceitual à interpretação dos dados. Foi nessa perspectiva que a articulação entre Afetos, Cotidiano e Zoeira se tornou um mecanismo decisivo o desenvolvimento do trabalho: as categorias permitiram que organizássemos e sistematizássemos as informações colhidas em campo de acordo com o nosso referencial teórico.

Alguns esclarecimentos, todavia, são necessários. Primeiro, ressaltamos que “Afetos, Cotidiano e Zoeira” estabelecem entre si fios dialógicos e de transformação mútua. Logo, é possível encontrar nos memes elementos relacionados às três categorias que se cruzam e se complementam. Logo, não há uma fórmula fechada e imutável que cria categorias irreduzíveis, absolutas. Daí ser mais procedente falar em compósitos discursivos dominantes, isto é, na existência de estruturas que evidenciam determinadas formas sobre outras. Ou seja, a depender do meme, é possível observar alguma característica das categorias que criamos em maior (ou menor) relevo ou em maior (ou menor) destaque em relação às outras. Para realizar as análises dos dados colhidos na EMEF Julio Marcondes Salgado, achamos pertinente elaborar parâmetros que nos permitissem focalizar os problemas, as hipóteses e os objetivos da pesquisa. Foi nesse sentido que articulamos Afetos, Cotidiano e Zoeira.

A partir das categorias, consideramos um grupo de gêneros e subgêneros mais bem ajustados aos memes enquanto estratégia de produção discursiva posta em circulação na sociedade atual. Vale dizer, com o crescimento das interações no ciberespaço, e-mails, chats on-line, textões, emojis, vídeos no Youtube e outros gêneros passaram a atender as necessidades comunicativas dos indivíduos. Os memes, nesse sentido, também podem ser considerados um gênero discursivo, como apresentamos no capítulo 9.

O que difere um meme, por exemplo, de um vídeo no Youtube? GIFs são a mesma coisa que meme? Quais elementos são necessários para que um produto cultural seja classificado como meme e não como um emoji? Essas são perguntas que acreditamos ter

respondido ao articular o conceito de gênero. É importante esclarecer, todavia, que não existe uma fórmula fechada: entre memes, emojis e outros produtos culturais que circulam no ciberespaço também ocorrem relações de dominância, ou seja, é possível que um meme traga consigo elementos de emojis, vídeos do Youtube, GIFs e assim por diante.

Consideramos, portanto, Afetos, Cotidiano e Zoeira **categorias analíticas** capazes de explorar os elementos internos do gênero meme — e, conseqüentemente, dos subgêneros. Nessa perspectiva poderíamos investigar a relação dos usuários da internet com "Neymar e a Efigie Representativa da República", "Esperando minha mãe terminar de falar" "Quando eu fico igual a Anitta" e os outros exemplos apresentados a partir de (1) a capacidade do meme em sintetizar e narrar os acontecimentos cotidianos, (2) como o meme dinamiza as relações e os afetos entre os sujeitos e (3) como o meme aciona o humor e as provocações entre os pares. Em síntese, concluímos: o gênero meme e os seus respectivos subgêneros possuem funções e relações intrínsecas com a ação comunicativa dos usuários da internet e, acreditamos, ser factível explorar e analisar o funcionamento interno desses produtos culturais a partir das categorias que criamos.

Da construção de objeto de pesquisa até a última etapa — apresentar uma proposta de gênero —, o foco teórico-metodológico teve como intuito superar o viés instrumental que preconiza os memes como o "vírus da cultura". Não acreditamos ser viável tratar de um fenômeno complexo como a inserção das montagens e das paródias memeais a partir de uma abordagem que pressupõe — ainda que implicitamente — certa passividade dos humanos. Nosso argumento é: os memes viralizam e alcançam os expressivos números de compartilhamentos nas redes sociais, pois traduzem as necessidades comunicativas dos sujeitos e, também, sintetizam a trama cultural contemporânea, altamente marcada pelo que Lipovetsky e Serroy (2015) classificam como capitalismo artista.

Outro contributo importante em nosso entendimento: ouvir os estudantes. Muito se fala sobre os efeitos das “novas tecnologias” no contexto escolar. Todavia, quais são as representações e os significados que estudantes atribuem às tecnologias? Elas estão impactando os jovens? Memes, Spotify, Youtube, Tinder, Facebook são a mesma coisa? Mostramos que os discentes conseguem diferenciar facilmente os produtos que circulam no ciberespaço e também conhecem as dinâmicas que integram as montagens e a zoeira. Isso não significa, reafirmamos, que os jovens tenham amplo domínio crítico e consciente sobre as dinâmicas que circundam o ciberespaço. Em contrapartida, ao dar voz aos estudantes para

compreender os jogos de linguagem associados aos memes, abrimos uma janela para estudar o cotidiano juvenil a partir da própria visão de mundo dos discentes.

Vale dizer, analisar como os jovens se relacionam em um mundo marcado pelas redes digitais é um desafio posto à sociedade. São frequentes as reclamações de organizações sociais, sindicatos e partidos políticos — para nos atermos a algumas instituições — sobre o suposto desinteresse e falta de sintonia de estudantes com os processos de transformação da realidade. Ora, há nos dias atuais, como apresentamos no decorrer da pesquisa, novos códigos e formas de organização da linguagem, que, mesmo com uma estética amadora e trivial ao primeiro olhar, evidencia como alunos e alunas constroem expressões comunicativas sob sigla diferente das “tradicionais”. “Miga, sua loka”, “como você é burro, cara”, “crush”, “falsiane” e tantos outros exemplos mostram que há, de fato, uma nova maneira de se relacionar com o mundo pouco compreendida pelo universo adulto. Ora, como sintonizar, cativar e gerar engajamento das Polegarzinhas se não existe compreensão sobre as dinâmicas socioculturais que elas estão construindo? Sem pretensões generalizantes, entendemos que nossa pesquisa, mesmo que modestamente, buscou respostas para tal indagação.

Concluimos que o cotidiano juvenil é marcado pelos memes e pelo o que esses produtos culturais sintetizam: mensagens rápidas e efêmeras, feitas em micronarrativas, capazes de circular nas redes sociais numa velocidade alucinante. Logo, existe a necessidade de compreensão mais abrangente dos códigos e das representações que permeiam a trama cultural dos discentes — que, nos dias atuais, se relacionam intimamente com a “zoeira sem limites”.

Referências

APARICI, R. (org.). **Educomunicação, para além do 2.0**. Paulinas: São Paulo, 2014.

ARAÚJO, C. A pesquisa norte-americana. In: HOHLFELDT, A. ; MARTINO, L.; FRANÇA, V. (orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 13ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BACCEGA, M.; GUIMARÃES, M. Da comunicação à educação: a importância dos estudos de recepção. **Comunicação & Educação**, Brasil, v. 11, n. 3, p. 409-414, 2006. Acesso em 06 de abr. de 2017. Disponível em:
<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/7009/6320>>

BACCEGA, M. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. CITELLI, A. ; Costa, M. (org.). São Paulo: Paulinas, 2011.

BARRETO, V. S. Epistemologia & Transmetodologia em Comunicação. Um olhar nos espaços e tempos de uma experiência de tese. In: **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. MALDONADO, A. ; BONIN, J. ; ROSÁRIO, N. (org.) João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

BASTOS, A. **A construção da pessoa em Wallon e a constituição do sujeito em Lacan**. São Paulo: Escuta, 2015.

BASTOS, A. **Wallon e Vygostky: psicologia e educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

BENTES, I. **A Memética e a Era da Pós-Verdade**. São Paulo. Revista Cult, 31 de out. de 2016. Disponível em:
<<https://revistacult.uol.com.br/home/a-memetica-e-a-era-da-pos-verdade/>> Acesso em 30 de nov. de 2016.

BLACKMORE, S. Susan Blackmore sobre memes e "temes". **TEDTalks**, publicado em fev. de 2008. Disponível em:
<https://www.ted.com/talks/susan_blackmore_on_memes_and_temes?language=pt-br>. Acesso em 15 de dez. de 2016.

CITELLI, A. **O texto argumentativo**. São Paulo: Scipione, 1994.

CITELLI, A. **Comunicação e Educação: a linguagem em movimento**. 3ª edição, São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

CITELLI, A. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. In: **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. CITELLI, A. ; Costa, M. (org.). São Paulo: Paulinas, 2011.

CITELLI, A. Tecnocultura e educomunicação. **Rizoma**, v.3, n.2, p. 63-75, Santa Cruz do Sul, 2015.

CITELLI, A. (org.). **Comunicação e Educação: os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017. No prelo.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa TIC KIDS ONLINE 2016**. São Paulo: GCI.br, 2016. Disponível em: < <http://cetic.br/pesquisa/kids-online/>> Acesso em 19 de dezembro de 2016.

CRARY, J. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. 2ª edição, São Paulo: Cosac Naify, 2014.

COSTA, M. No que você está pensando? Redes sociais e sociedade contemporânea. **Dossiê Redes Sociais, Revista USP**, n. 92, v. 22, dez./fev., p. 86-99, 2011/2012.

DANTAS, M. **A lógica do capital-informação: a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

DARDOT, P. ; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAWKINS, R. O gene egoísta. **Le Livros, PDF Online**, 1976. Disponível em: <<https://goo.gl/PrJrb9>>. Acesso em 10 fev. 2016.

DUNKER, C. O que é a lógica do condomínio? | Christian Dunker | Falando nisso. **Youtube**, publicado em 24 de mai. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z3fvSg9_6Mo>. Acesso: 5 de jun. de 2017.

FACEBOOK (2016). Disponível em: <www.facebook.com.br> **Pesquisa nos mecanismos de busca**. Múltiplos acesso.

FACEBOOK (2017). Disponível em: <www.facebook.com.br> **Pesquisa nos mecanismos de busca**. Múltiplos acesso.

FILÉ, V. Fios da nossa navalha, dos nossos romances, das nossas redes: a escola os desafios da cultura digital. In: **Escola e Tecnologia: máquinas, sujeitos e conexões culturais**. FILÉ, V. (Org.). Rio de Janeiro: Rovel, 2011.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 17ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREUD, S. O Chiste e sua relação com o inconsciente. **Ler trecho PDF, Companhia das Letras**, 2017. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/14021.pdf>> Acesso em 31 de jul. de 2017

GOOGLE (2016). Disponível em: <www.google.com.br> **Pesquisa nos mecanismos de busca**. Múltiplos acesso.

GOOGLE (2017). Disponível em: <www.google.com.br> **Pesquisa nos mecanismos de busca**. Múltiplos acesso.

GUERREIRO, A. ; SOARES, N. M. M. Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 185-208, jul./dez, 2016.

OROZCO-GÓMEZ, G. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. In: **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. CITELLI, A. ; Costa, M. (org.). São Paulo: Paulinas, 2011.

KAPLÚN, M. Processos educativos e canais de comunicação. In: **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. CITELLI, A. ; Costa, M. (org.). São Paulo: Paulinas, 2011.

KÖCHE, V. S. ; MARINELLO, A. F. **Gêneros textuais: práticas de leitura escrita e análise linguística**. Petrópolis: Vozes, 2015.

LE MOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 7ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2015a.

LE MOS, A. A crítica da crítica essencialista da cibercultura. **Matrizes**, v. 9, n. 1, jan /jun., p. 29-51, 2015b. São Paulo, Brasil.

LE MOS, A. TV UFBA conecta - André Lemos discute internet, cibercultura e sociabilidade. **Youtube**, 26 de mai. de 2015c. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=D4x5tliWGpA>> Acesso em 30 de nov. de 2016.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIPOVETSKY, G. ; SERROY, J. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LIMA, A. C. P. **Visual, coloquial, virtual: o uso da expressão gráfica na conversação em redes sociais**. São Paulo: USP, 2014. 151 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

LOPES, M. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, Edições Loyola: São Paulo, 2005.

LOPES, M. Pesquisas de recepção e Educação para os meios. In: **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. CITELLI, A. ; Costa, M. (org.). São Paulo: Paulinas, 2011.

LOUZADA, F. M. ; PEREIRA, S. I; ANACLETO, T. S. A internet e o cérebro social.

Neuroeducação, publicada em 23 de nov. de 2015. Disponível em:
<<http://revistaneuroeducacao.com.br/a-internet-e-o-cerebro-social/>>. Acesso em 23 de mar. de 2017.

MALDONADO, A. E. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. MALDONADO, A. ; BONIN, J. ; ROSÁRIO, N. (org.) João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. In: **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. CITELLI, A. ; Costa, M. (org.). São Paulo: Paulinas, 2011.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade. In: Gêneros Textuais: Constituição e Práticas. **Cortez Online**, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/UsxD85>>. Acesso em 10 de jul. de 2017.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 11ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOURA, A. F ; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun, 2014.

OLIVEIRA, M. K. Coleção Grandes Educadores. **Youtube**, 17 de jun. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T1sDZNSTuyE>> Acesso em 15 de abr. de 2016.

PACHECO, E. D. ; TASSARA, H. Infância, imaginário e subjetividade: representação da morte dos "Mamonas Assassinas". In: **Crianças e jovens na construção da cultura**. CASTRO, L. R. (org.). Rio de Janeiro: NAU, 2001.

PARISER, E. **The Filter Bubble: What the Internet is Hiding from You**. Nova York: The Penguin Press, 2011.

PERROTTI, E. A cultura das ruas. In: PACHECO, E.D. (Org.) **Comunicação, educação e arte na cultura infanto-juvenil**. São Paulo: Loyola, 1991.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.

RECUERO, R. **Memes e dinâmicas sociais em weblogs: informação, capital social e interação em redes sociais na Internet**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 15, p. 1-16, jul./dez. 2006.

RECUERO, R. **Sobre Memes e Redes Sociais**. Porto Alegre, 05 set. 2011. Disponível em:

<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/sobre_memes_e_redes_sociais.html>. Acesso em 10 de jan. de 2016.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. 2ª edição, Porto Alegre: Sulina, 2014a

RECUERO, R. **A conversação em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2014b

RECUERO, R. Raquel Recuero e o futuro das conversações. **Youtube**, 26 de mar. de 2014c. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A2N2sBLcNWQ&t=1210s>>. Acesso em: 20 de jan. de 2017.

RÜDIGER, F. A Escola de Frankfurt. In: HOHLFELDT, A. ; MARTINO, L.; FRANÇA, V. (orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 13ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SAFATLE, S. A Lógica do Condomínio | Vladimir Safatle. **Youtube**, 30 de ago. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zWnD_FYolsQ&t=2152s>. Acesso em 5 de jun. de 2017.

SCHWARTZ, B. **O paradoxo da escolha: por que mais é menos**. São Paulo: Girafa, 2012.

SÊGA, R. A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. v.8, n.13. 2000.

SERRES, M. **Polegarzinha: Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SETTON, M. G.. **Mídia e Educação**. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, J. Q. Interdiscursividade. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Faculdade de Educação (FaE). Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale). **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte, 2014.

SHIFMAN, L. **Memes in Digital Culture**. Londres, Inglaterra: The MIT PRESS, 2014.

SHIRKY, C. **Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SODRÉ, M. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

STREECK, W. **Buying Time – The delayed crisis of democratic capitalism**. Londres, Inglaterra: New Left Books, 2014.

SOARES, I. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo, Paulinas, 2011.

SOARES, I. Educomunicação: um campo de mediações. In: **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. CITELLI, A. ; Costa, M. (org.). São Paulo: Paulinas, 2011b.

SOARES, I. O. Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação. **Comunicação & Educação**, Ano XIX, nº2, jul/dez, 2014, p. 135-142. São Paulo.

TEIXEIRA, J. O DNA das ideias. **Super Interessante**, 31 de ago. de 2013. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/o-dna-das-ideias/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 11ª Petrópolis: Vozes, 2009.

TURKLE, Sherry. Conectado, mas só? **TEDTalks**, publicado em fev. de 2012. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/sherry_turkle_alone_together?language=pt-br>. Acesso em: Mar. de 2016.

VALENTE, A. Intertextualidade e interdiscursividade nas linguagens midiática e literária: em encontro luso-brasileiro. In: **O Fascínio da Linguagem**. Homenagem a Fernanda Irene Fonseca. Porto: Universidade do Porto, 2008.

VIANA, C. **O lúdico e a aprendizagem na cibercultura: jogos digitais e internet no cotidiano juvenil**. São Paulo: USP, 2005, 275 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

VIANA, C. E. & MELLO, L. F. Cultura digital e a Educomunicação como novo paradigma educacional. **FGV Online**. v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/revfgvonline/article/view/19281/18555>> Acesso em 12 de fev. de 2016.

VYGOSTKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

WALLON, H. **Psicologia e educação na infância**. São Paulo, Nova Alexandria, 1979.

Glossário comentado (e ilustrado)

Algumas expressões utilizadas no decorrer da dissertação exigem esclarecimentos, sobretudo quando a classificação dicionarizada não abrange a totalidade do que elas significam ou por tratar-se de estrangeirismos e mesmo neologismos. Essa é razão de apresentarmos nosso entendimento sobre palavras que se inter-relacionam com o universo temático dos memes.

B

Bluetooth: O termo designa uma modalidade específica de redes sem fios para dispositivos digitais. A conexão bluetooth, como assim é chamada, permite que celulares e outros aparelhos criem vínculos para trocas de informações e dados. Antes da popularização dos planos de internet, essa rede era utilizada em larga escala pelos indivíduos para cambiar músicas, vídeos, fotos entre outras ações. Nos dias atuais, com o que Lemos (2015) classifica como *Comunicação das Coisas*, é possível conectar microondas, sistemas de luz e som, carros e até mesmo a descarga do sanitário ao sistema bluetooth.

Buzzfeed: Fundada em 2006 em Nova Iorque, o site BuzzFeed é especializado em notícias para internet. Todavia, o designativo transcendeu a remissão à empresa e também passou a ser utilizado pelos internautas como referência à “forma” como um conteúdo é publicado. O BuzzFeed se popularizou por trabalhar com informações e notícias em “listas”. Por exemplo, ocorre com frequência acessar às redes sociais e se deparar com expressões como “10 informações que você precisa saber sobre o FGTS”, “As 50 músicas inesquecíveis da MPB” ou “Os 20 cachorrinhos mais fofos do Brasil”. Com alto poder sintético e títulos sedutores, esse formato circula em larga escala nas redes sociais e fez com que, nos últimos anos, veículos tradicionais aderissem à moda. No âmbito acadêmico, pesquisadores já questionam a organização da informação “em listas”, rendendo críticas ao que se convencionou chamar de “a buzzfeedização do jornalismo”⁷⁸.

C

Curtir: Nos principais sites de rede social, os usuários têm a opção de se manifestar a respeito das publicações na *timeline* (Ver) com o clique no botão “curtir”. Traduzido do inglês *like*, este, em síntese, designa à ação de elogiar ou declarar que gostou de um determinado

⁷⁸ Pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul desenvolvem pesquisas sobre como o formato “Buzzfeed” está influenciando os veículos tradicionais de comunicação. Com o título, “A buzzfeedização do jornalismo”, o artigo publicado na revista Lumina, da Universidade Federal de Juiz de Fora, analisa como o jornalismo comercial está reagindo à nova tendência. Disponível em:

<<https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/419/422>>. Acesso em 30 de jul. de 2017.

conteúdo. Por exemplo, no Facebook, você pode curtir a foto de algum amigo ou familiar. O acúmulo de curtidas (plural do curtir) — que pode atingir centenas, milhares ou milhões a depender do assunto — indica que a publicação fez sucesso, uma vez que cada clique indica que algum indivíduo “gostou” do post. Aliás, entreveros entre casais e amigos são rotineiros quando um dos lados esquece de curtir a publicação do companheiro(a). O botão — representado graficamente pelo dedo polegar — também metaforiza o interesse dos usuários da internet em relação a algum tema, sendo objeto de preocupação de jornalistas e publicitários. O título da reportagem publicada no site UOL em 23 de maio de 2017 exemplifica essa perspectiva: *Não publicamos material para receber 'curtidas', diz Assange*⁷⁹. O sucesso do botão fez com que as gigantes da internet, como Google, Facebook e Windows, por exemplo, ampliassem a opção de curtir para também “descurtir”, “chorar” “risos”. Dessa forma, os indivíduos podem reagir (Ver) aos conteúdos conforme o humor ou interesse. Abaixo, o círculo em vermelho exemplifica onde se deve clicar para curtir:

Comentar: Da mesma forma que curtir, os internautas podem comentar as publicações que circulam nas redes sociais. A maioria dos blogs e sites noticiosos permite esse tipo de interação com a oferta de “balões de comentários” que acompanham textos, fotos e diversos conteúdos que aparecem nas timelines, incluindo memes. Aliás, não oferecer aos usuários da internet a possibilidade de comentar é mal visto entre os profissionais da comunicação digital,

⁷⁹Reportagem disponível em: <<https://goo.gl/JAjbFD>> Acesso em 30 de jul. de 2017.

sob a justificativa de “falta de interatividade”. E, de fato, a ferramenta é usada em larga escala pelos internautas para diversas finalidades. Vamos, a título de ilustração, nos concentrar em uma faceta: nos últimos anos, sobretudo depois das manifestações de junho de 2013, as seções de comentários se tornaram um território de conflitos e tensões. Para todo tipo de conteúdo, em especial em portais de veículos tradicionais — como Folha de S. Paulo e Estadão — há entraves entre diferentes grupos sociais, que digladiam sobre qualquer coisa — das (sub)celebridades à política em Brasília. Quando, portanto, se faz menção à polarização ideológica e o crescimento da violência nas redes sociais, devemos levar em consideração que essas manifestações ocorrem nos “comentários”. Abaixo, uma imagem retirada do site Facebook que demonstra o funcionamento do ódio e da intolerância nesses espaços:

Compartilhar: Geralmente, os posts (Ver) nas redes sociais permitem três possibilidades: reagir (Ver), comentar (Ver) ou compartilhar. Esta opção possibilita que os indivíduos divulguem textos, fotos e vídeos a partir do “botão compartilhar”. Por exemplo, se você vê uma imagem engraçada na timeline (Ver) de algum amigo, é possível compartilhar a publicação com os outros amigos de sua rede social. Sob o ponto de vista dos analistas da comunicação digital, o “compartilhamento” é o ponto auge das interações no ciberespaço, pois exige alto engajamento dos internautas e permite que o conteúdo seja difundido para novas pessoas. O conjunto de compartilhamentos nas redes sociais é o que se convém classificar como “viralização”, ou seja, quando algum produto midiático — como vídeos, memes, GIFs ou texto, por exemplo — alcança números expressivos de difusão. Empresas de marketing digital criam diariamente campanhas para potencializar os compartilhamentos e gerar mais engajamento junto aos clientes. Nos dias atuais, afirmam especialistas, vale mais

investir numa publicação com potencial alto de compartilhamento a gastar com comerciais no horário nobre da TV.

Cutucar: Traduzida da expressão *poke* em inglês, o designativo refere-se a uma função existente no site Facebook quando algum usuário da internet deseja chamar a atenção de alguém. Embora o botão cutucar tenha sido criado — de acordo com informações oficiais — para fins de entretenimento e brincadeira entre amigos, rapidamente, a opção foi apropriada para os jogos de paquera. Ora, quando você cutuca alguém, há, no geral, expectativas que você seja cutucado de volta. Logo, cutucar se tornou uma expressão popular nas redes sociais para manifestar interesse amoroso ou sexual. Inclusive, alguns meses após o lançamento do botão, algumas pessoas começaram a contestar a pertinência da palavra, sob a acusação de exacerbação da função sexual do verbo cutucar, afinal as notificações chegavam ao Facebook com a seguinte expressão: “Você foi cutucado por fulano”. Desde o ano de 2015, a utilização do botão vem diminuindo, sendo preterida por outros tipos de emojis. Abaixo uma imagem que mostra como cutucar:

Página: Nas redes sociais, além do perfil individual de cada usuário, é possível criar um espaço destinado a debater e concentrar interessados em um determinado assunto. Para esse tipo de ação, designa-se o termo página. Há uma gama quase inesgotável de nichos de interesses que concentram páginas - para nos atermos a poucos exemplos - sobre artistas, celebridades, clubes de futebol e personalidades políticas. Mesmo órgãos estatais, como o Palácio do Planalto e o Congresso Nacional, por exemplo, passaram a utilizar as redes sociais para interagir com o público. No mercado de trabalho, hoje é praticamente obrigatório a qualquer empresa manter esse tipo de espaço para interagir com fãs e clientes. Alguns estudos de marketing digital, inclusive, apontam que mais da metade da audiência das grandes empresas tem origem nas interações com as páginas no Facebook e Twitter. Cursos de Comunicação Social e Administração no Brasil já oferecem *workshops* para discutir estratégias e ações de marketing para páginas no Facebook. Lista publicada pelo portal UOL em 2016 aponta Neymar Jr, Paulo Coelho, Luciano Huck, Coca-Cola, Guaraná Antarctica e Ronaldinho Gaúcho entre as 10 páginas com o maior número fãs no Brasil, com pelo menos 15 milhões de seguidores cada. Outro segmento importante é a indústria dos memes e da zoeira, como já destacamos no decorrer da dissertação. A seguir, com finalidade ilustrativa, trazemos uma das páginas com o maior número de seguidores no país:

Perfil: O designativo refere-se ao cadastro que os usuários devem fazer para se conectar nas redes sociais. É necessário criar uma espécie de avatar, com foto, nome e informações capazes de descrever quem você é. Em síntese, sem um perfil, não há existência nas redes sociais, pois é a maneira como você se materializa no ciberespaço. Quem não deseja mostrar o rosto ou divulgar informações, costuma criar perfis "fakes", com fotos e descrições falsas. Tal fato se

tornou um problema nos principais sites de notícia do país: uma legião de fakes costuma invadir as seções de comentários para ofender e promover ações de ódio. Diversas cidades do Brasil já contam com delegacias especializadas em crimes cibernéticos, que, na maioria das vezes, são praticados por perfis fakes.

Post: Como a tradução do inglês sugere, o termo é sinônimo de “publicar”. No entanto, a expressão mais utilizada nas redes sociais é “postar”, quando há interesse em fazer uma publicação de foto, texto ou vídeo nas plataformas digitais. O termo “posts” também é uma forma genérica de se referir aos conteúdos que circulam na timeline. Em todas as redes sociais, há um espaço destinado a “postar” conteúdo. No Facebook, por exemplo, a frase “No que você está pensando” é utilizada para convidar os usuários da internet a compartilhar alguma informação, foto, vídeo e assim por diante.

R

Reagir: O sucesso do botão curtir nas redes sociais criou um problema às principais empresas da internet: usuários começaram a reclamar que “curtir” não era apropriado para todas as situações, sobretudo com possíveis más interpretações provocadas pela função da palavra curtir na classificação dicionarizada. Por exemplo: na impossibilidade de fazer ligações telefônicas, muitas pessoas anunciam dia, local e horário de velórios e enterros nas redes sociais. Ao ter que “curtir” tal informação, certos constrangimentos foram criados entre aqueles que queriam prestar condolências aos falecidos. Ou seja, com o crescimento das interações em rede, surgiram novas necessidades comunicativas que o botão curtir não dava mais conta de atender. Então, “reagir” veio para suprir a demanda: agora, para cada publicação, seja de fotos, memes ou textões, é possível manifestar-se de diferentes formas, com os botões “curtir, odiar, amar, triste e hahaha” — representados graficamente com emojis. A imagem abaixo ilustra como funciona a opção:

S

Selfie: A palavra inglesa se tornou o designativo de uma modalidade específica de fotografias: as que são feitas com a presença do próprio fotógrafo na imagem. Com o avanço dos celulares, há diversas possibilidades de “faça você mesmo” com as (micro)câmeras embutidas nos aparelhos móveis. A popularização é tamanha que a indústria audiovisual aposta anualmente milhões de dólares no desenvolvimento de tecnologias que potencializam a execução das selfies. O mais expressivo produto desse processo é o que se convencionou chamar de pau-de-selfie, uma comprida vareta de alumínio que permite aos fotógrafos ampliarem o campo de visão da imagem, abrindo espaço à inserção de mais cenários e mais pessoas num mesmo registro. Vale dizer, muitos pesquisadores buscam compreender as razões do sucesso estrondoso dessa modalidade de fotos. Na Psicologia, estudos associam a execução exacerbada de selfies a um tipo de comportamento egocêntrico, que pode agudizar doenças psicossociais. No campo da investigações criminais, há registros de mortes de pessoas que tentaram fotos em lugares não apropriados e acabaram escorregando ou mordidos por tubarões⁸⁰. Na contramão das tragédias, durante a premiação do Oscar em 2014, uma selfie “quebrou a internet” (outra expressão típica do ciberespaço para designar grandes acontecimentos): a humorista e apresentadora Ellen DeGeneres clicou a reunião histórica de grandes estrelas do cinema norte-americano, entre eles Kevin Space, Meryl Streep, Jennifer Lawrence, Brad Pitt, Julia Roberts e Angelina Jolie. Foram pelo menos 3,4 milhões de compartilhamentos no Twitter, estabelecendo um recorde mundial. A agência de publicidade Groups estima que a foto está avaliada em US\$1 bilhão de dólares. A título ilustrativo, reproduzimos abaixo a selfie (de US\$1 bilhão de dólares) tirada por Ellen DeGeneres.

⁸⁰ Com o título "Selfie com tubarão rende mordida e multa de R\$10 mil", reportagem da Folha de S. Paulo mostra o caso de turista que tentou tirar foto com o esqualo e foi abocanhada. Disponível em: <<https://goo.gl/6Q74kr>> Acesso em 30 de jun. de 2017.

S

Memeal: Com o sucesso dos memes, os usuários da internet criaram o adjetivo “memeal” para qualificar e caracterizar substantivos que tenham ligação com os memes. A palavra é utilizada em larga escala nos fóruns de discussão e também nas fábricas de memes. Pela novidade do tema na pesquisa acadêmica, também utilizamos o termo no decorrer da dissertação, pois não havia designativo semelhante ou sinônimo possível, por exemplo, para descrever uma Guerra Memeal.

T

Timeline: Também chamada de linha do tempo, a expressão se refere ao espaço destinado às publicações que circulam nas redes sociais. Na timeline circulam memes, fotos, vídeos, textões, GIFs e qualquer tipo de conteúdo publicado pelos internautas. O nome deriva da organização temporal do espaço. Ou seja, a timeline funciona como um “diário”, mostrando os conteúdos conforme a data e hora de sua publicação. Em síntese, o mais novo aparece primeiro e vai, em ordem cronológica, até o último post. Cada usuário de rede social tem a sua própria timeline, onde amigos e outros internautas podem interagir, cutucar, comentar etc. Esse espaço se tornou tão relevante que diversas empresas, antes de contratar um funcionário, investigam o “histórico” da timeline do candidato. Esse tipo de fenômeno gera incertezas e dúvidas sobre o poder e o controle que as empresas têm em relação aos usuários da internet. Alguns ativista - no âmbito da sociedade civil - e pesquisadores das Ciências Sociais - no âmbito acadêmico - afirmam que é necessária uma regulamentação sobre os dados fornecidos nas timelines e, sobretudo, uma lei capaz de garantir o Direito ao Esquecimento. Isso se deve ao fato das fotos e das publicações na timeline ficarem armazenadas por tempo indeterminado nas redes sociais, permitindo, por exemplo, que alguém use alguma informação passada para causar constrangimentos e ataques nos dias atuais. “Dar um up” é uma expressão típica dos internautas para resgatar algum conteúdo antigo a fim de trazer à tona fatos passados que têm implicações graves no contemporâneo, sobretudo nas relações entre casais.

V

Vomitações: Logo após o impeachment de Dilma Rousseff no ano de 2016, milhares de internautas se mobilizaram para promover vomitações nas páginas (Ver) de Michel Temer e do PMDB, no Facebook. Essa ação, em síntese, significa publicar uma série de emojis com uma expressão de vômito nos posts. Isso não permite que outros usuários possam comentar o assunto, pois os “vômitos” inundam a rede social. Abaixo, duas imagens que ilustram esse tipo de ação.

156 shares 10K comments

View previous comments 55 of 10,714

Carlos Murillo

Like · Reply · 3 mins

Nathalia Christian

Like · Reply · 3 mins

Edna Africano

Like · Reply · 3 mins

Renata Zanella

Like · Reply · 2 mins

Write a comment...

PMDB Nacional

Curta esta página · 1 h ·

#UnidosComBrasil com Edinho Araújo.

Curta · Comentar · Compartilhar

599 599 Ordem cronológica

44 compartilhamentos 4.5 mil comentários

Visualizar comentários anteriores 5 de 4.525

Curta · Responder · Agora mesmo

Curta · Responder · Agora mesmo

Escreva um comentário...

Anexos

Anexo I: Termo de autorização entregue aos responsáveis dos estudantes

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,

RG: _____,

responsável por _____,

aluno da EMEF Julio Marcondes Salgado, autorizo a participação da pesquisa "Redes Sociais e Educomunicação: dos memes na Internet aos processos de socialização na escola", realizada pelo pesquisador Douglas de Oliveira Calixto, aluno do Programa de Pós-Graduação da ECA-USP. Autorizo também a utilização de imagens e filmagens feitas durante a realização da pesquisa para produção de material audiovisual. As informações sobre as datas e horários da pesquisa podem ser consultados com o pesquisador no endereço eletrônico: dcalixto@usp.br. Também podem ser consultadas com a EMEF Julio Marcondes Salgado sob a coordenação dos professores Carolina Cuofano e André Jonatas.

São Paulo, _____ de _____ de 2016

ASSINATURA

Encontro Introdutório - Hábitos de mídia

1. Com qual frequência você acessa às redes sociais?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Uma vez por mês
- ☐ Uma vez por semana
- ☐ Uma vez por dia
- ☐ Uma vez a cada hora
- ☐ A cada 10 minutos
- ☐ Outro: _____

2. Como você se sente quando fica sem acessar às redes sociais por muito tempo?

3. Quais sites de redes sociais vocês costumam acessar?

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Facebook
- ☐ Whatsapp
- ☐ Youtube
- ☐ Google +
- ☐ Instagram
- ☐ Snapchat
- ☐ Outro: _____

4. O que você gosta de assistir e por que?

Anexo III: Imagens (PrintScreen) da organização do material no Google Drive

Imagem 1 - Registro da página no Google Drive com a organização (em pastas) de todo material colhido na pesquisa.

Imagem 2 - Registro dos vídeos na pasta no Google Drive

Imagem 3 - Registro do formulário (Planilha Forms) com o preenchimento conforme a transcrição dos vídeos e das fichas de observação

Encontro I			
Arquivo Editar Visualizar Inserir Formatar Dados Ferramentas Complementos Ajuda Todas as alterações foram salvas no Go			
Depoimentos			
	A	B	C
1	GRUPO A		
2			Depoimentos
3			Observações
4	Beatriz Rocha de Oliveira		Eu gosto muito do Otariano. Eu
5	Beatriz Maria dos Santos		Falou sobre a página Escola da Depressão
6	Iasmin dos Santos Reis		Não é para falar mal de ninguém. Fez par com Maria Eduarda e começaram
7	Maria Rita Teixeira		Nossa, como você é burro, car Perguntou algumas vezes se era possível
8	Lorena Lopes		São as montagens pra zoar co Costuma armazenar memes para mandar
9	Marina Rosa de Sousa		A página Girls in the House é r O meme da Irene careca está em baixa qua
10	Maria Eduarda da Silva		Os melhores memes são os qu Fez par com Iasmin, porem nao conversou
11	Marcos Cipriano Moreno da Silva		
12	Lucas Martins Ribeiro		
13			
14	GRUPO B		
15			
16	Gabriel Damasceno Novaes		A gente mesmo faz. Pega uma O mais velhos dos grupos, tinha outras pagi
17	Gilberto Alves		Eu gosto muito da cultura japon Memes agressivos, com conotação à viole
18	Joyce Cristina Silva Santos		Têm vários memes que eu con Diversas menções às indiretas e assuntos
19	Weiny Kimberly de Macedo		As pessoas, tipo assim, você n Memes sobre questões da igreja e da fami
20	Lucas Uno		Eu gosto muito dos memes sol Aluno com ótimas competências sobre os m
21	I etícia Almeida		É legal quando tem um meme de uma coisa que acontece de verdade.

Imagem 4 - Registro da pasta (Drive) com os memes, separados por grupos e por Encontro

Meu Drive > Mestrado > 2017 > Dissertação final > Dados da pesquisa > Mem